



J. C. REED

ENTREGA

*Uma mulher que se entregou ao amor.
Um homem que faria qualquer coisa para protegê-la.
Duas vidas que estão prestes a ser testadas...
e os últimos segredos a ser desnudados.*





J. C. REED

Entrega



Tradução

Júlio de Andrade Filho

ÚNICA
editora

Diretora
Rosely Boschini

Assistente Editorial Carolina Pereira da Rocha Produtora
Editorial Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa Controle
de Produção Fábio Esteves

Tradução

Júlio de Andrade Filho Preparação

Geisa Mathias de Oliveira Projeto gráfico e diagramação
Osmane Garcia Filho Revisão

Vero Verbo Serviços Editoriais Capa

Osmane Garcia Filho Fotos de capa

Studio 10 Artur/Sutterstock Produção do e-book

Schäffer Editorial

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *Treasure your love*

Copyright © 2013 by J. C. Reed.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora
Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114

São Paulo, SP – CEP 05029-030

Telefone: (11) 3670-2500

Site: <http://www.editoragente.com.br>

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reed, J. C.

Entrega / J. C. Reed ; tradução Júlio de Andrade Filho. — São Paulo : Única
Editora, 2014.

Título original: *Treasure your love*.

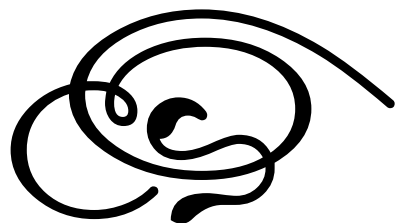
ISBN 978-85-67028-48-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

I4-I0202

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



A TODOS OS QUE ENCONTRAREM O AMOR

O amor é como um passeio selvagem. Sem a paixão, não nos entregaríamos e conquistaríamos aquilo que nunca julgamos ser nosso.

As verdadeiras histórias de amor não têm finais felizes. Para aqueles que o valorizam, o verdadeiro amor é infinito.



Sumário

Parte 1

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Parte 2

Prólogo

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Epílogo

Para meus leitores: uma carta de agradecimento

PARTE 1



Capítulo I

A MAYFIELD REALTIES situa-se no sexagésimo andar do Trump Tower, em um dos bairros comerciais mais populares de Nova York. Eu estava em pé diante das grandes janelas de meu novo escritório e observava a movimentada rua abaixo. Centenas de pessoas passavam, mal notando a presença umas das outras. E logo desapareciam. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, algo sempre acontecia. Era possível sentir uma onda de excitação, o medo, o estresse, a antecipação e a incerteza de aquele dia se transformar em um episódio de comédia, tragédia, ou qualquer coisa entre ambos. Agradava-me a ideia de perseguirem sonhos, histórias, do mesmo jeito que fiz uma vez. Desde que fui contratada por Jett Mayfield, penetrei em um caos. Havia conhecido o homem de meus sonhos na cidade de meus sonhos. Nova York, a cidade que nunca dorme, era meu lar; Jett era o homem com quem eu queria estar, e embora tudo parecesse perfeito, alguma coisa faltava: respostas sobre a propriedade de Lucazzone, que eu estava prestes a herdar. Prometi a Jett que ficaria em Nova York com ele, por ser a única maneira de me proteger *deles*, porém não me sentia tranquila com pessoas atrás de mim.

Uma batida suave na porta me fez estremecer. Um segundo depois, a cabeça de Emma apareceu. Seu olhar reservado revelava que ainda não tinha digerido o fato de que eu havia sido promovida de assistente para uma posição mais elevada do que a dela. Quando comecei a trabalhar na Mayfield Realities, tínhamos estado perto de nos tornar amigas. Agora, ela se distanciava de mim, o que atribuí à minha mudança de posição na empresa. Nas duas últimas semanas, Emma me olhava com desconfiança, sua cordialidade anterior fora substituída por uma arrogância mal disfarçada.

— Espero não estar interrompendo algo importante, Brooke.

Sua voz era fria e sarcástica, quando seu olhar chegou a mim, de pé, na janela. Ela segurava um enorme buquê de rosas vermelhas decorado com pérolas espalhadas entre as pétalas de veludo. Fiquei boquiaberta ao ver a rica cor púrpura e a perfeição requintada das pétalas.

Emma colocou o buquê de rosas na minha mesa.

— O senhor Mayfield me pediu que entregasse isto *pessoalmente* para você.

Havia ênfase no “pessoalmente”, como se a palavra em si transmitisse algum significado secreto.

Senti-me corar ao ouvir o nome de Jett.

Fiquei imaginando se ela sabia do meu namoro com o CEO da Mayfield Realities. Como se captasse meus pensamentos, ela se virou, com os olhos azuis que penetraram em mim com desdém e alguma coisa a mais.

Inveja.

Pura inveja, não dissimulada.

Do tipo que poderia transformar lava derretida em gelo.

Gemi por dentro. Claro que Emma sabia! Ela não era estúpida, assim como o restante da empresa na sede em Nova York. Nas últimas duas semanas, Jett e eu tínhamos tentado manter nosso contato no trabalho limitado ao nível profissional, mas, era evidente, havia diversos sinais sutis: a maneira como ele tocava minhas costas quando me levava para fora da sala ou o jeito como seus dedos roçavam meu braço por mais tempo que o normal, sempre que buscava chamar minha atenção durante uma reunião. Ou talvez a maneira como ficávamos sentados juntos, muito perto, muito íntimos, meu coração frenético que ameaçava explodir a cada batida. Certamente, se eu podia ouvi-lo, os outros também poderiam.

— Obrigada! — Agradei, e observei-a sair. A porta se fechou e fiquei sozinha novamente. Peguei o cartão escondido entre as rosas e o abri, meu olhar passando pela caligrafia apressada de Jett.

Para minha linda namorada, grávida.

Jett

P. S.: Obrigado por toda a excitação de ontem.

Sorri e girei o cartão.

Estou no escritório. Temos uma proposta para analisar.

Junte-se a mim, se não estiver muito ocupada.

Desde que assumi o novo cargo, Jett tem me envolvido em vários negócios da corporação e confiado em meu julgamento. Tenho aprendido os detalhes intrincados da empresa, os projetos em que trabalha, tratado com os principais clientes e buscado as propriedades mais desejáveis.

Assim, é evidente, quando me perguntou se eu gostaria de avaliar um novo negócio, senti-me pronta para aproveitar a oportunidade. Não apenas por apreciar trabalhar com ele, mas também como uma desculpa para vê-lo.

Horas se passaram desde a última vez que o vi, e sentia sua falta loucamente. O grande alerta de namorada carente, que eu não podia evitar. Peguei o espelho e o batom da minha bolsa para retocar a maquiagem, e preendi alguns fios soltos de cabelo. Satisfeita com o resultado, com o smartphone e a pasta de aquisições, saí de minha sala. A pasta continha todas as pesquisas, notas sobre negócios passados e atuais, minha agenda e a lista diária de tarefas, no caso de Jett precisar de alguma coisa. Carregava-a comigo em todos os momentos, até porque ele não era conhecido por sua paciência. Meu estômago se contraiu e meus joelhos começaram a tremer, quando bati à porta dele.

— Sim — respondeu ele, com a voz profunda, traindo sua irritação como sempre fazia no trabalho. Ainda precisava me acostumar com sua rispidez e as ordens monossilábicas.

Abri a porta e entrei, segurando a respiração. Ele estava sentado em sua cadeira de couro, o cabelo negro emoldurava o rosto, o jornal nas mãos escondia os olhos verdes. O paletó jogado descuidadamente em uma cadeira de visitas. As mangas da camisa estavam enroladas, expondo os braços fortes. A camisa branca, agarrada ao peito largo, deixava pouco para a imaginação.

Sexy.

Era o tipo de homem pelo qual se ficava obcecada, com facilidade. Não conheci o real significado da palavra *sexy* até conhecer Jett Mayfield.

Ao olhá-lo, precisei esforçar-me para não sorrir.

— Feche a porta.

Segui seu comando.

— Obrigada pelas flores. São lindas! — aproximei-me e coloquei a pasta sobre a mesa. Ele permaneceu em silêncio. Então, continuei. — Terminei a análise da propriedade Colton. Está tudo na pasta, pronto para sua assinatura.

Apontei para a pasta desnecessariamente, esperando que ele olhasse os papéis. Jett dobrou o jornal, colocou-o sobre a mesa e levantou-se, com o olhar intenso preso em mim. Sua expressão era ilegível, como de costume, mas havia algo em seus olhos. Ele estava me observando, analisando cada movimento, deixando-me nervosa.

Como conseguia ficar tão controlado, quando meu coração vibrava dentro do peito, e eu não sabia se deveria saltar para os braços dele ou sair pela porta afóra?

— Há algo específico que queira falar? — perguntei.

Seu olhar permaneceu colado a mim.

Ilegível.

Imperturbável.

Com muito vagar, ele deu a volta ao redor da mesa, sua altura intimidando e despertando excitação. Os lábios se curvaram em um sorriso deslumbrante. Os olhos verdes brilharam,

lembrando-me de uma floresta selvagem e escura. Poderia olhá-los para sempre e me perder em suas profundezas.

— O que mais você tem para mim? — A voz profunda era um sussurro, acariciando meus sentidos. Seus dedos seguraram meu queixo, levantando minha cabeça. Engoli a respiração e segurei-a, fascinada e aterrorizada com a proximidade desse homem. Seu polegar roçou meu queixo enquanto a outra mão puxou meus quadris, prendendo-me contra a porta fechada, tirando o ar de meus pulmões. — Espero que seja mais interessante do que os negócios de que preciso cuidar, quando tudo o que eu quero é pensar em todas as maneiras diferentes que gostaria de comer você.

Ele estava sendo sexy, sem sequer tentar.

— A pasta é tudo o que tenho para você — sussurrei, mortificada pela minha súbita excitação. Meu corpo era como um botão, ele apertava e o calor subia. Cada célula o desejava e protestava quando meu cérebro tentava manter a distância aquela cascata de luxúria, que causava destruição dentro de mim.

— Tem certeza? Acho que está faltando alguma coisa.

Sua mão deslizou, passando por meu abdômen.

— Lembro-me de um acordo — Jett sussurrou em meu ouvido, captando minha confusão. E, então, seus lábios estavam no meu pescoço, mordendo, puxando a pele, transformando milhões de células sensoriais em faíscas. E fechou as mãos em concha em meu traseiro. — Ou devo dizer uma aposta? Alguém está prestes a perder e reivindicarei meu prêmio.

Minhas bochechas inflamaram.

Oh, Deus!

Esqueci-me completamente daquilo.

Desde o desafio para um jogo de espadas na Itália, Jett vinha tentando adiar o inevitável. A explicação mais provável era que estivesse com medo de que eu ganhasse, porque eu era a melhor jogadora de espadas, e não fazia segredo disso.

— Você está se referindo ao acordo do jogo?

Eu o empurrei, mas ele não se mexeu. Seu toque tornou-se mais enfático, o hálito quente continuou a acariciar minha pele e uma mão traçou os contornos de meus seios sobre o tecido fino da blusa. Sua boca estava tão perto de meus lábios, que dava para sentir o aroma fraco do café, de hortelã e do perfume inebriante.

— Estou falando de nossa aposta, Brooke. Quem ganhar o jogo terá tudo o que quiser, e, neste momento, eu gostaria de domar você.

Uma onda de excitação tomou conta de mim.

— Você não pode me domar, porque dominação implicaria rendição e, até onde eu sei, você ainda não ganhou — sussurrei. — Se está pronto para perder, lanço um desafio para hoje depois do trabalho. Apesar de namorarmos e de as mulheres deixarem seus namorados com a vantagem, não permitirei que você ganhe.

— Não depois do trabalho... Eu quero agora! — Jett riu baixinho no meu ouvido. — E é por isso que montei uma mesa do lado de fora, ao ar livre. Assim me asseguro de não haver trapagens.

Bati no braço dele em aborrecimento simulado, ignorando a súbita vontade de correr meus dedos pela barba crescida.

— Eu nunca trapaceio.

— Isso eu sei — piscou ele. — Mas não tenho certeza quanto a mim.

Levantei minhas sobrancelhas, e seu sorriso se alargou. Jett sabia como eu me sentia sobre trapagens.

— Estou falando sobre o jogo, Brooke — Jett riu da minha careta, revelando seus dentes brancos e perfeitos. — Eu trapacearia... para deixá-la ganhar, querida.

Fiz outra carranca.

— Nada de trapagens, Jett.

Ignorando minha declaração, roçou o ponto mais sensível atrás da minha orelha com os dentes, e, em seguida, foi para baixo do meu pescoço. Sufocando um gemido, esperei alguns segundos e, então, acrescentei:

— Estou falando sério, Jett. Se você roubar, ficarei muito brava. Quero que você dê o máximo, porque não será suficiente. Vou ganhar.

— Claro — ele riu e puxou minha camisa para fora da saia.

— Você não está falando sério... — Detive seu movimento descarado antes que chegasse até meu sutiã e lancei um olhar ameaçador, esperando que minha respiração pesada não demonstrasse meu entusiasmo com a perspectiva de ter suas mãos passeando pelo meu corpo. — Você ainda não ganhou.

— Estava apenas lhe oferecendo uma amostra das preliminares. — Jett tirou a mão de debaixo da minha camisa e fez uma careta, demonstrando desapontamento. — Vamos ao jogo, então. Você está mesmo interessada nisso?

— Mais do que você pensa — respondi, atirando-lhe meu sorriso mais confiante. — Diga-me quando e onde e eu estarei lá.

— Então, pegue suas coisas, senhorita Stewart. Porque vamos fazer isso, agora.

Jett pegou o paletó da cadeira e uma mochila de couro preta do sofá, e conduziu-me para fora do escritório.

Dentro de minutos, estávamos na tarde fria. Os visitantes e os colegas de trabalho estavam reunidos em grupos, e se voltavam à medida que passávamos por eles. Sorri, mas não lhes dei muita atenção, porque não conseguia tirar os olhos da única pessoa que me importava.

— Para onde estamos indo? — perguntei a Jett, quando ele me conduziu a um táxi, que nos aguardava, e passou ao motorista um endereço desconhecido.

— É surpresa. Sempre é.

Sorri para o misterioso sorriso dele.

Oh, Deus. Eu detestava surpresas.

Jett conhecia esse fato e ainda assim tentava fazer as coisas à sua maneira. Eu só podia torcer para que ele não estivesse preparando loucuras.

Capítulo 2

— EU NÃO VOU ENTRAR nessa coisa. Desculpe-me!

Jett e eu estávamos em uma pista de pouso estreita, em frente ao menor helicóptero já visto por mim. Na verdade, eu nunca tinha estado frente a frente com um. Assim, não poderia julgá-lo pelo tamanho, mas ele parecia horrivelmente frágil, com apenas alguns centímetros de metal que separavam meu corpo de uma queda profunda para uma morte certa. Jett sabia quanto eu apreciava sentir a terra firme sob meus pés.

— Não quero cair e morrer.

— Ninguém vai morrer, Brooke.

As sobancelhas dele subiram, expressando divertimento. De fato, ele estava se segurando para não rir, o que era perceptível pela maneira como seus lábios se mantinham para cima nos cantos. Meu humor se alterou. Eu tinha medo de altura. Grande coisa! Um monte de gente também tem. Estava prestes a dizer isso quando ele me interrompeu.

— Será que preciso lembrar-lhe que você esteve a bordo comigo? Qual é a diferença?

— Aquilo era um barco, Jett. Havia água em torno de nós, e eu posso nadar. Aqui, entretanto, não sei voar. Não quero entrar em um helicóptero que voa a centenas de quilômetros acima, no ar, sem chão debaixo dos pés.

— Você vai gostar. Prometo.

Ele passou os braços em volta da minha cintura, aproximando-me dele. Nervosa, inalei seu cheiro, lutando contra a voz interna que dizia para tentar.

Experimente tudo ao menos uma vez.

Nem por todo o dinheiro do mundo.

— Já fiz isso milhares de vezes e, como vê, estou vivo. Basta fechar os olhos e segurar meu braço, enquanto chegamos em segurança ao nosso destino. Vou ajudá-la a superar seu medo de altura — disse Jett, acalmando-me com aquela voz profunda, que conseguiria convencer um urso a desistir de sua presa comida pela metade.

— Diga isso ao meu subconsciente. Mesmo que feche os olhos, ainda saberei que estamos voando. Seria capaz de sentir em meus ossos que estou no céu, e que tudo que sobe, desce! — Esse pensamento me fez tremer de pavor, e uma gota de suor percorreu minha espinha.

Jett recuou um pouco e olhou para mim.

— O que há de errado em eu pilotar?

Oh, Deus. Isso era a única coisa com a qual ele estava preocupado? Que eu estivesse questionando sua competência e habilidade? Gemi por dentro.

— Tenho certeza de que você é um piloto incrível.

Como eu poderia explicar para um homem que amava correr riscos, e que já estava viciado em adrenalina, que eu tinha medo de um monte de coisas, inclusive de voar, e que não desejava superar esse medo em particular, especialmente em um helicóptero, mais propenso a acidentes do que um avião?

— Mas... — Jett disse a palavra, provocando-me. Por que ele não podia apenas esquecer?

Está certo, talvez eu não lhe desse o mesmo nível de confiança que daria a um piloto profissional. Da maneira como eu enxergava as coisas: seria preferível ser operada na emergência de um hospital pela pessoa com quem eu fazia sexo, ou por uma pessoa imparcial, com muita experiência e um currículo que comprovava suas habilidades? Por mais que eu o amasse, a decisão não era tão difícil de tomar.

— Veja, posso até estar sendo irracional — soltei um suspiro exagerado. — Mas não sou como você.

Isso era verdade. O cara não tinha medo. Ele se jogava de cabeça em qualquer situação só para provar que não sentia medo.

— Não é tão diferente de um avião. Apenas parece mais real.

Os olhos de Jett brilhavam. Eu percebia orgulho em sua voz, na postura confiante, e me lembrei de que ele fazia todos os tipos de coisas loucas, graças à educação competitiva que recebeu do pai, e à robusta conta bancária dele... O que ele queria dizer com “real”?

Meu medo foi imediatamente amplificado com o pensamento de ter aquelas sensações intensificadas, no ar. Eu não queria sensações intensas. Queria chão, ou pelo menos, um paraquedas que funcionasse.

Dando um passo para trás, balancei a cabeça, negando, e cruzei os braços. Eu não entraria em um helicóptero, no qual sentiria cada solavanco, cada empuxo e cada estremecimento. Existia ainda a possibilidade ínfima de colisão com um pássaro, ou queda de algo do céu, que nos esmagasse. E Jett poderia se ver tentado a mostrar alguma manobra acrobática impressionante

no ar, como voltas e giros. Já havia visto na TV, e enquanto a multidão aplaudia, eu preferia olhar, horrorizada, e agradecer por haver escolhido minha profissão com sabedoria.

— O ponto é que não estou a fim de ficar amarrada a uma cadeira, sem opção para sair. Quero ser capaz de saltar dali.

O canto dos lábios dele tremeu com minha escolha de palavras. Saltar de um avião... Por que era tão fácil imaginá-lo sugerindo exatamente isso?

Por ser um dos passatempos favoritos dele? Não vá por aí, Stewart!

Já me sentia mal. Segurando no braço de Jett para conseguir apoio, respirei fundo e soltei o ar devagar. Ele começou a esfregar minhas costas, porém seu movimento não me acalmou.

— Baby, não há nada a temer. Não vamos voar para longe — insistiu ele. — Todo mundo faz isso, em Nova York. Será divertido.

Ah, sim, claro!

Para Jett, voar era uma diversão. Para mim, um pesadelo. E a diversão dele também era me ver suando em bicas.

— Por que não podemos pegar um táxi, apenas?

— Porque estragaria a surpresa.

Cobri os olhos e gemi, odiando o fato de desapontá-lo, e odiando o fato de ele continuar insistindo.

— Por mais que eu queira, não posso.

Ele segurou meu rosto e deu um beijo delicado em meus lábios.

— Quero que veja sua cidade natal de um jeito que nunca viu antes. E não me diga que pode vê-la na TV, porque não é a mesma coisa, e você sabe disso. — Ele forçou meu olhar para cima para encontrar o dele, e sua voz suavizou-se. — Sei que você está com medo, mas sabe por que quero lhe mostrar tudo? O barco, o mar, a Itália? —

balancei a cabeça, sem saber que caminho ele estaria tomando. — Quero estar ao seu lado quando experimentar coisas pela primeira vez. Quero ser o primeiro em tudo que você fizer.

Minha respiração ficou presa na garganta.

— Por quê?

— Porque você me ensinou que os primeiros momentos são os que importam. Nós não nos esquecemos deles. Como nosso primeiro beijo ou nosso primeiro encontro. Ou como o jeito que a beijarei, aqui e agora.

Em um movimento rápido, Jett me puxou para perto. Os lábios dele encontraram os meus, com uma fome que nunca tinha percebido. Era delicado, ainda que possessivo, suave, mas determinado. Um delicioso arrepio atravessou-me com o calor que irradiava de dentro para fora, preenchendo-me, acalmando-me um pouco, convencendo-me de que eu estava pronta. Minha cabeça girava quando ele se afastou e, por uma fração de segundos, esqueci-me de que ele ainda aguardava minha decisão.

Havia tanta esperança e tanto calor no gesto e na expressão dele, que eu assumi que tinha perdido a batalha. Por ele, eu enfrentaria meus medos.

Como se sentisse minha resolução desmoronando, Jett disse:

— Você estava certa quando disse que não importa quantos anos se passem ou quantas boas ou más experiências se tem na vida, as primeiras recordações são inestimáveis. De agora em diante, quero estar em todas as lembranças, para que ninguém possa tirá-las de você. De nós.

— Ainda estou com medo.

O vento soprou uma mecha de cabelo na minha face. Com gentileza, Jett a afastou, com os olhos vidrados em mim.

— Todo começo é assustador, assim como todos os fins são tristes. É disso que trata esta viagem, e tudo entre os começos e os fins é o que vale a pena experimentar — disse isso e apontou para o helicóptero. — Eu estava brincando quando disse que pilotaria. Quero me sentar ao seu lado e desfrutar do passeio. Quero segurar sua mão, ajudá-la a superar o medo de altura, e, para isso, contratei um piloto profissional. Se você gostar, conseguirá liquidar com o medo de voar. O medo nada mais é do que um truque da mente, porque nós dois sabemos que você nunca esteve em um helicóptero. Você nunca sofreu um acidente. As probabilidades são de uma em um bilhão.

Respirei fundo e assenti com a cabeça lentamente, antes que pudesse mudar de opinião. Imaginei que, no caso de cairmos, pelo menos eu morreria com um cara sexy do meu lado e com muitas lembranças felizes. E ninguém poderia dizer que eu não tinha tentado movê-lo dessa loucura.

— Tudo bem — sussurrei. — Mas se...

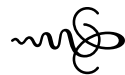
— Sem “se” — disse Jett, determinado. — Tudo dará certo. Sempre dá. Você verá que essa experiência será boa para nosso bebê também.

Queria ter dito, *ele não nasceu ainda*, como fiz inúmeras vezes durante nossas discussões acaloradas sobre suas rígidas ideias da educação pré-natal. Jett apoiava-se na crença de que a maioria dos neurônios de um adulto era formada nos primeiros cinco meses intrauterinos. Logo após nossa chegada da Itália, ele começou a colocar em prática suas convicções, dando-me mais responsabilidades e tarefas no trabalho para que o bebê pudesse *aprender*. Não me queixei, porém alegar que superar meus medos beneficiaria o bebê era ridículo.

Logo em seguida, o piloto chegou. Seu sorriso tranquilizador me acalmou, e após passarmos pelas habituais instruções preventivas de segurança e emergência, concluí que ele era competente o suficiente. Não sei se meu medo estava estampado na testa ou se Jett mencionou algo, mas o piloto me garantiu que tinha trinta anos de experiência de voo. E, então, minha decisão foi tomada.

Jett me ajudou a entrar no helicóptero e o piloto nos entregou dois fones de ouvido. Ao ligar alguns botões, minha cabeça começou a doer e meu coração a bater tão forte que fiquei com receio de que ele pudesse estourar. Ter medo era um eufemismo. Eu estava paralisada, sendo

apenas capaz de executar uma inspiração instável após a outra. Sentada ao lado de Jett, que sorria confiante para mim, percebi que ter concordado em voar foi pura loucura. Abri a boca para dizer que havia mudado de ideia quando ouvi um zumbido e começamos a decolar. Minhas unhas cravaram-se no assento, porque era a única coisa que parecia real, até que Jett agarrou minha mão. O calor de seus dedos infiltrou em minha pele, acalmando-me, lembrando-me de que ele estava ao meu lado. Quisesse eu ou não, teria de confiar na palavra dele, de que tudo ficaria bem.



Ele havia dito que a viagem levaria vinte minutos. De fato, durou exatos vinte minutos, mesmo parecendo uma eternidade. Durante o voo, o piloto nos mostrou a paisagem deslumbrante que o horizonte de Nova York nos oferecia. Enquanto subíamos pelo rio Hudson e voávamos pela magnífica Estátua da Liberdade, meu assombro superou o medo. Olhando para os prédios altos, as filas de veículos e os pequenos pontos que deduzi serem pessoas, não consegui afastar a sensação de que eu havia sido transportada para outra dimensão, na qual a realidade tornou-se fantasia, e o comum virou o extraordinário.

Os olhos de Jett procuraram os meus.

— Você está bem, querida? — sussurrou ele, o barítono profundo da voz quase inaudível sobre o zumbido do motor. Só então notei que segurava apertado o braço dele. Soltei-o e coloquei minhas mãos sobre os braços do assento, meus dedos foram ficando brancos enquanto os agarrava para conseguir apoio.

— Estou bem — assenti com a cabeça, caso a voz quase apagada traísse minha mentira.

O helicóptero voou baixo sobre a praia. Olhando pela janela, percebi que, sendo rico, Jett já teria visto tudo isso, e que tudo o que fez foi por e para mim. À nossa esquerda estendia-se a cidade. À direita, nada havia além de água. O Sol estava brilhando, aquecendo meu interior congelado e derretendo meu núcleo. Ou talvez não fosse o calor, mas sim a maneira com que Jett continuava a me olhar, o polegar acariciando minha pele, seus dedos entrelaçados com os meus.

O braço de Jett envolveu meus ombros, e ele me puxou para seu peito. Percebi o motivo tarde demais. Meu pulso batia forte e meu estômago virou quando o helicóptero atingiu uma corrente descendente e desceu. Fechei os olhos, enviando uma breve oração a qualquer poder superior. Jett riu, mas mal registrei o som. Minhas costas estavam escorregadias com o suor e minhas pernas estavam tão fracas que pensei que fosse desmaiar. Então, o helicóptero pousou no chão com um baque suave e o piloto desligou o motor.

Abri os olhos com cautela, sem confiar no silêncio repentino. Jett olhava para mim com um sorriso irritante nos lábios. Olhei-o e agarrei a mão estendida quando me ajudou a levantar.

— Não diga uma palavra — sussurrei.

— Não pretendia dizer nada — e riu, o que era pior do que falar.

Meus membros tremiam, e me senti estranhamente tonta ao sair do helicóptero. Com um suspiro de alívio, coloquei os pés em terra firme, grata por tudo ter acabado. Nós estávamos vivos! Senti-me tentada a beijar o chão. O piloto disse adeus, deixando-me sozinha com Jett.

— Você se comportou muito bem — Jett agarrou a mochila dele do chão e pendurou-a no ombro. — Como se sente?

— Vou sobreviver, acho... — e dei de ombros.

Talvez a felicidade por ter conseguido fez-me dizer a verdade, ou talvez tenha sido a adrenalina que corria em minhas veias. Por alguma razão, eu me senti no topo do mundo.

— Para ser honesta, não foi tão ruim quanto pensei que seria.

Jett arqueou uma sobrancelha.

— Você faria isso de novo?

Bufei.

Claro que não.

Lendo minha expressão mortificada, ele soltou um estrondo profundo, semelhante a uma risada.

— Eu a conheço, e você mudou, baby. Faça isso de novo, e nunca mais vai querer pisar *fora* dessa coisa.

Mordi o lábio, lutando para responder com alguma tirada inspirada. Contudo, Jett estava certo. Algo em mim havia mudado. Estava orgulhosa de mim mesma. Embora ainda estivesse com medo de entrar em um helicóptero, lá no fundo, eu sabia que o faria novamente.

Quem pensaria que eu, a mais responsável, teria um DNA aventureiro? Precisava tirar uma foto, pois Sylvie nunca acreditaria.

— Não é tão diferente de um avião, certo? — perguntou Jett, provocando-me, cutucando-me, esperando para despejar a bomba do “Eu não disse?” Ignorei seu olhar divertido e encolhi os ombros.

— Diria que não há como compará-los. Quando atingimos a turbulência, senti como se fosse a única pessoa a segurar o helicóptero pelo apoio de braço. — Olhei a área do heliporto. — A propósito, onde estamos?

— Nos Hamptons.

— Ah.

Que diabos fazíamos nos Hamptons? Abri a boca para perguntar, quando Jett ergueu a mão para me silenciar.

— Vamos, senhorita Stewart. Tenho grandes planos para nós.

Tocando minhas costas, guiou-me pela plataforma para uma porta. Descemos as escadas até o nível mais baixo e uma área de recepção. Um homem em seus trinta anos nos esperava.

— Senhor. Senhora. — Ele estendeu a mão quando nos aproximamos.

Jett a segurou e sussurrou:

— Ele é nosso motorista.

— E para onde está nos levando?

Jett piscou.

— Você vai ver.

Resmunguei, mas nada comentei, enquanto o seguia até a limusine que nos aguardava.

Capítulo 3

DEZ MINUTOS DEPOIS, o motorista nos deixou em frente a uma enorme propriedade renascentista, com colunas em estilo grego e um pavimento de pedra que conduzia à porta de entrada em arco. O tipo de mansão que reflete a alta sociedade, luxuosa e repleta de coisas inúteis. Que só pode ser encontrada em retratos de revistas, ao lado de uma etiqueta de preço de vários milhões de dólares. Já havia visto esse estilo, durante minha visita à propriedade Lucazzone. A propriedade da Itália, apaixonante com seu quintal magnífico e a vastidão dos quartos, parecia pequena comparada à construção de cor creme à nossa frente.

— Uau! — sussurrei. — Magnífica!

— Ela pertence a um de nossos clientes. — Jett estendeu a mão e a peguei, entrelaçando nossos dedos. — Posso convidá-la a entrar?

— Claro.

Segurei a risada formando-se na minha garganta ao ouvir seu sotaque sulista tão pronunciado. Era estranho, porque ele tentava ao máximo escondê-lo.

Ele tirou um molho de chaves do bolso e o balançou na frente do meu rosto.

— A mansão é nossa por esta noite.

Ah, aquela noite. Engoli em seco com a súbita explosão de calor que percorreu meu corpo.

— E ele sabe disso? — Não sei o motivo dessa pergunta.

— Você quer dizer “ela”? Não, ela não sabe. A mansão está vazia há meses, porque o preço por ela pedido é ridiculamente alto e ninguém quer comprá-la. Eu a alertei, porém ela não quis me ouvir. — Jett parou por um momento, como se estivesse irritado com o fato de alguém não ouvir sua opinião. Ele era um especialista quando se tratava de imóveis de altíssimo padrão, de

modo que a proprietária era, provavelmente, uma idiota. — De qualquer maneira — continuou Jett —, por que não vamos explorar este lugar?

Apertei a mão para detê-lo antes que abrisse a porta.

— Jett, não podemos permanecer em uma propriedade que deveríamos vender. Não é correto.

O olhar dele fixou-se em mim, e, por um momento, julguei captar uma pitada de diversão em seus olhos.

— Por que não? Estamos aqui para ter uma ideia, para que possamos obter um discurso de vendas apropriado. De que outra maneira poderíamos fazê-lo, se não soubermos do que falamos?

Não havia como retrucar.

Jett abriu a porta e entrou para desligar o alarme silencioso. Não saí do lugar até que ele olhou, de maneira interrogativa, para fora.

— Você vem?

Balancei minha cabeça.

— Não me sinto confortável. E se ela descobrir?

— Ela vive na Flórida e me pediu para cuidar disso pessoalmente — piscou. — E é o que estou fazendo, de modo literal.

— E se os vizinhos nos virem?

Jett me puxou para dentro e fechou a porta, com grande estrondo. Encarei-o, chocada com sua ousadia. Ele largou a mochila e se virou para mim.

— Quem disse que nós não podemos? — Seus olhos retratavam aquele perigo, vislumbrado pela primeira vez no dia em que fizemos sexo na praia, e que sempre prometia momentos escaldantes. Aquele olhar que não aceitava “não” como resposta. — Em primeiro lugar, nós somos seus corretores de imóveis, Brooke, e consta do contrato a autorização para que entremos na casa em sua ausência, de acordo com nossa conveniência. E, segundo, você está com medo de quê? — Ele levantou meu queixo e seus lábios chegaram tão perto, que eu podia sentir a respiração ofegante, enquanto sua voz caía para um sussurro. — Depois de ganhar, terei o direito de escolher onde e como a possuirei. E se eu quiser aqui? Você negará?

O dedo dele se enrolou ao redor dos botões de meu *tailleur* e abriu-os, um por um. Um botão e depois outro, até expor minha blusa fina.

— E se lhe disser que a única razão pela qual eu a trouxe aqui é fazer sexo na piscina, na praia, no quintal, ou na mesa de sinuca?

— Obrigada por sua honestidade, Jett. No entanto, isso não importa, porque você ainda não ganhou.

Precisei de toda a força de vontade para empurrar sua mão, já debaixo de minha blusa.

— Tê-la vinte e quatro horas só para mim é muito tentador. Você sabe disso, não é?

— As pessoas que sobem alto demais são as que levam os maiores tombos. — Meu sorriso combinava com o sorriso arrogante dele. Entretanto, tudo o que eu queria era acabar logo com

aquilo para que pudéssemos fazer sexo em qualquer lugar, em todos os lugares.

— Pessoas brilhantes como eu nunca levam tombos.

Uau! O ego dele era tão inflado que eu não compreendia como conseguia passar pelas portas. Revirei os olhos por causa de sua arrogância e passei por ele, adentrando no ambiente. Estávamos em um saguão opulento, com candelabros e piso de mármore. No meio dele, havia uma escada que levava ao andar superior. Atrás dela, havia uma porta aberta, pela qual vislumbrei a sala de estar, ou melhor, o que assumi ser a sala de estar. Era enorme, tão grande quanto um andar de um prédio de apartamentos no Brooklyn, com janelas em arco e uma lareira que ocupava toda a parede direita. Jett me mostrou o piso superior, com cinco grandes quartos e banheiros, e ainda outro salão. Em seguida, retornamos para o andar inferior para inspecionar o quintal ajardinado, a área para churrasco ao ar livre, a sala de cinema, a área de ginástica com 260 metros, a cozinha com grandes espaços abertos e outra sala de lazer. Nunca tinha visto tanta opulência.

— Este lugar é incrível. Por que ela quer vendê-lo? — perguntei, de volta à sala de estar.

Estávamos sentados no sofá de couro cor creme, de frente para a lareira, e bebíamos vinho tinto sem álcool. As portas de vidro cobriam a parede inteira, por meio da qual via-se o jardim bem cuidado, com arbustos perfeitamente esculpidos e magnólias que floresciam. Era tão sereno... o mundo lá fora, esquecido. Um pequeno paraíso só para nós. Apenas não era nosso paraíso, e os pobres proprietários não sabiam que o estávamos invadindo. Coloquei o copo sobre a mesa e sentei-me com o corpo reto, minhas costas não tocavam o couro macio.

Jett deu de ombros.

— As pessoas mudam de opinião o tempo todo. O que elas querem nem sempre é o que precisam. E no momento em que conseguem o que querem, perdem o brilho, o interesse — dando de ombros novamente. — A dona o comprou quando saía com um músico. Assumiu, de imediato, que eles viveriam aqui para sempre. Quando as coisas não deram certo e ela conheceu outra pessoa, mudou-se para a Flórida e esqueceu-se por completo do encanto deste lugar.

— Você está dizendo que ela nunca viveu aqui?

Jett assentiu com a cabeça.

— Ela reclamou da falta de espaço.

Quase engasguei com a resposta. Falta de espaço?

Como podia...? Meu bairro inteiro poderia viver ali e mal veríamos uns aos outros. Não queria ser intrometida, mas minha curiosidade levou a melhor. Sinceramente, eu precisava dar um rosto, uma identidade ao lugar.

— Quem é ela? É alguém que eu conheça?

— Talvez. Depende. Conhece Kim Dessen?

— Kim Dessen? — meu queixo caiu. — Uau! Você tem essa mulher como cliente?

Ela não era apenas uma das maiores cantoras e compositoras do mundo. Era também uma celebridade famosa por trocar de namorados como as pessoas trocam as roupas íntimas. Ou seria

melhor dizer: ela teve mais namorados do que as pessoas têm roupas íntimas. Uma pontada de ciúme me perfurou quando percebi que alguém tão bem-sucedida, famosa e bonita como Kim conhecia Jett. Kim era maravilhosa, e Jett também. Duas pessoas lindas, nascidas na riqueza, deveriam ter tido algum tipo de atração, pois ambos não eram cegos...

— Quer dizer que você a conhece pessoalmente? — Tentei esconder o tremor na voz, forçando certa jovialidade, e acabei piorando.

— Eu a encontrei algumas vezes. É a quarta propriedade dela que estou vendendo.

Ele deu a entender que não se importava com o fato. Desabei pela maneira como ele parecia achar o piso de madeira mais interessante do que eu. Jett se encontrou com Kim pelo menos quatro vezes. Muita coisa poderia acontecer em quatro reuniões: tomar uns drinques e terminar em um quarto de hotel, os corpos perfeitos, encharcados de suor, envolvidos em lençóis.

Um silêncio desconfortável instalou-se, durante o qual peguei uma peça brilhante de cristal Swarovski da mesa de café e a girei entre os dedos, para ver o Sol refletido nas rosas vermelhas delicadas. Meu olhar retornava para Jett, enquanto minhas mãos deslizavam sobre o vidro liso. Tão frágil, tão facilmente quebrável. Assim como meu coração. Uma queda no piso bastaria para quebrá-lo, como um pequeno golpe estilhaçaria meu coração. Semelhante a descobrir que ele tinha dormido com ela. Mesmo que tivesse acontecido antes de nos conhecermos, eu não conseguia lidar com tal coisa. Mulheres como Kim Dessen, com a aparência das modelos da *Playboy*, conseguiam o que queriam. Não sabia quanto amava Jett até que um simples pensamento dele com outra pessoa ter sido o suficiente para partir meu coração.

Engoli em seco o nó formado na garganta e coloquei a peça de volta no lugar.

— Vocês dois...

Minhas palavras sumiram, preenchendo o vazio entre nós com uma acusação evasiva. Não tive a intenção de acusá-lo, mas, de alguma maneira, minha pergunta soou como acusação. Se Jett confirmasse minhas suspeitas, eu não poderia ficar na mesma casa em que ele, uma vez, transou com outra pessoa.

Os olhos de Jett se estreitaram em minha direção e ele apertou a mandíbula.

— Vá se ferrar, Brooke. Ela é apenas uma cliente. Não durmo com minhas clientes.

Desviei o olhar para esconder minha incredulidade. Ele assinava contratos, e, em muitos deles, levou clientes a restaurantes caros e a férias maravilhosas em lugares lindos. Será que esperava que eu acreditasse que ele e Kim nunca ficaram íntimos nessas ocasiões?

Jett se aproximou de mim. Senti suas mãos em meus ombros, enquanto me virava para que o encarasse, mas não o fiz.

— Brooke, porque sou homem não significa que eu durma com todas as pessoas que andam sobre duas pernas. Kim não é nem mesmo meu tipo. Ninguém é, a não ser você.

— Foi apenas uma pergunta, Jett.

A provável pergunta que eu me faria toda vez que ele conhecesse alguém.

A pergunta que eu sempre temeria fazer, porque sabia, no fundo do coração, que não teria forças para lidar com o tipo de resposta que me afligia. Por mais que quisesse acreditar em cada palavra dita, e por mais que o amasse, eu não achava que a vida não lhe enviaria outra mulher, alguém mais bonita, mais adequada ao status social e ao estilo de vida dele. Alguém capaz de mudar os sentimentos dele por mim.

— Mas não é importante — menti.

Meus olhos encontraram os dele, implorando-lhe para que esquecesse o assunto. Não queria parecer insegura. A insegurança não era uma característica atraente. — Só queria saber. Nada mais — murmurei, enquanto ele me observava.

— Você confia em mim? — A pergunta foi inesperada. Apertei os olhos, surpresa.

— Confio — respondi.

— Confia, Brooke?

Ele se aproximou, elevando-se sobre mim. Perscrutando dentro do meu coração, o olhar permaneceu em mim por muito tempo, deixando-me nervosa. Jett era tão alto, que eu precisava me inclinar para trás para olhar em seus olhos verdes. Verdes como uma floresta assombrada que reflete o Sol da manhã. Tão profundos e escuros que eu teria mergulhado meus dedos neles para manchar minha alma. Porque, por mais assombrado que ele estivesse, e ambos estávamos assombrados por nossos passados, ele sabia melhor do que eu como lidar com isso.

Quando Jett me olhou, vi a cor dos olhos mudando, do jeito que sempre fazia, dependendo do humor. Mais claros quando estava cansado. Mais escuros quando estava agitado ou furioso. Percebi que estava começando a conhecê-lo. O verdadeiro Jett. E agora ele estava furioso.

— Você realmente confia em mim? — Os dedos dele demoraram-se na minha bochecha, frios como gelo.

— De certa forma — sussurrei. Mas confiava, mesmo? A expressão dele me desafiava a dizer a verdade. — Não sei. Quer dizer, eu sei que você está interessado em mim e não na propriedade. Também sei que você não trairia minha confiança, mas sinto que há muito mais em você. Camadas ocultas que ainda devo conhecer.

O rosto dele não estampava nenhuma emoção, quando umedeceu os lábios, preparando as palavras com cuidado.

— Brooke, eu não apenas estou com você... Estou nisso por longo prazo. Namorei outras mulheres, e sempre soube que elas não eram pra valer, que tudo o que me atraía nelas passaria. Com você não, é diferente.

— Como você sabe? — perguntei sem fôlego.

Ele sorriu.

— Você me faz querer ser uma pessoa melhor e não imagino um futuro sem você — a voz dele baixou para um sussurro. — Nós não nos conhecemos há muito tempo, mas sinto que nos entendemos. Sinto que esperei por alguém como você durante toda a minha vida. Além do mais, você me faz pensar em sexo sem parar, e isso é sempre um bom sinal.

Senti que estava corando, dentro de mim ficando quente e confuso. Ele não era o único que não conseguia parar de pensar em sexo.

— Essa é sua libido falando — aponteí.

Ele balançou a cabeça, negando.

— Não, não é. Você me excita, como sei que a excito. Sua calcinha molhada é prova suficiente.

Os dedos dele roçaram meu pescoço e seus lábios tocaram com suavidade a pele sensível. O hálito quente enviou um delicioso arrepio pelo meu corpo.

— Se nós dois formos honestos um com o outro, se confiarmos um no outro e pudermos falar o que passar em nossas mentes em vez de manter as coisas enterradas, nada dará errado. Não perderemos isso — Jett apontou para o ar entre nós. — Não deixarei isso acontecer. Não importa o que fizemos uma vez e com quem dormimos. A informação, hoje, é tudo o que conta. E é tudo de que você e eu precisaremos sempre saber.

Ele estava certo. Claro. A mera menção de meu ex era suficiente para deixá-lo com ciúme. Se ele ficava perturbado, vendo-me com outros e estava disposto a não questionar, era hora de abrir mão de meus pensamentos obscuros. Não poderia esperar dele algo que eu não lhe daria em troca.

— Vim aqui com você para passarmos um tempo a sós — o tom dele desceu para um sussurro sexy novamente. — Você está pronta para nosso jogo?

Coloquei a expressão mais inexpressiva que eu tinha.

— Pode apostar que sim. Se eu ganhar, quero voltar ao nosso apartamento e torturá-lo dentro das próprias paredes. Vou provocá-lo durante toda a noite e deixá-lo louco, até que implore por misericórdia.

Ele sorriu.

— Bem, isso parece tentador, senhorita Stewart. Gosto da ideia de você me punir, mas, para ser honesto, gosto mais da ideia de transar com você, em todas as posições possíveis. Não vamos para casa hoje.

Putá merda. Parecia que ele estava falando sério.

Ri quando ele caminhou até a mochila preta para recuperar um baralho de cartas. E, pela primeira vez, eu me perguntei por que ele tinha trazido uma mochila tão grande. O que estaria escondendo lá dentro?

Capítulo 4

DROGA!

Eu estava tomando uma lavada!

— Este jogo está uma porcaria — reclamei.

Por mais que quisesse cruzar os braços sobre o peito para expressar minha frustração, precisava deles para esconder o máximo possível de meu corpo. Não era vergonha. Não! Era o olhar faminto de Jett, que fazia com que eu quisesse me esconder atrás de uma cortina. Nem precisava perguntar sobre seus pensamentos, pois via-os escritos em todo o rosto, enquanto imaginava tudo que queria fazer comigo, para mim.

Sentada na cobertura aberta, no quintal, com pouquíssima roupa, sentia-me mais exposta do que nunca.

Jett não estava brincando quando exigiu que jogássemos lá fora. Só não esperava que acontecesse em uma propriedade que não era nossa. No quintal, qualquer um poderia nos ver relaxados, rindo e competindo seminus.

— Você fica tão sexy quando chateada, Brooke — Jett sorriu e meu coração derreteu mais alguns centímetros. — Prometo que, ao ganhar a última rodada, entraremos. Se você pedir educadamente, claro.

Ele havia vencido cinco rodadas seguidas, e a cada vez me dava a chance de “me redimir e ter a oportunidade de ganhar as vinte e quatro horas de puro sexo” ao conquistar a próxima rodada, a qual ele acabava vencendo... De novo.

Se pudesse arrancar o sorriso de satisfação do rosto dele, eu o faria. A cada vitória, Jett pedia para que eu removesse uma peça de roupa, e com cada camada protetora removida, seu sorriso

maroto aumentava. Ele já havia tirado meus sapatos, meias, o *tailleur*, o sutiã... Oh, Deus. Ele estava cheirando minha blusa?

— O que está fazendo? — perguntei, mortificada e tomada pelo desejo de tirar minha blusa das mãos dele.

— Sentindo o cheiro do sucesso. Estou lhe dando mais uma chance, baby. Você sabe que seis é meu número favorito. É meu número da sorte — piscou, para o caso de eu não ter entendido sua intenção. — Se eu ganhar mais uma vez, tirarei sua calcinha e começarei a fazer o que quero.

— Pare de se gabar, Mayfield! — Levantei as pernas ao meu peito para descansar a cabeça nos joelhos e esconder o sorriso. Chamar meu fio dental rosa de calcinha era ridículo. Era tão pequeno e transparente, que poderia se ver todo o caminho para a “felicidade”.

Ele cheirou minha blusa novamente.

— Dê-me isso.

Saltei para retirar a blusa das mãos dele, cobrindo meus seios expostos. Jett escapou, rindo, enquanto direcionava seu olhar para as laterais de meus seios, onde eles pareciam derramar para fora de minhas mãos.

— Você tem um cheiro incrível, baby. Como um sonho de verão...

— Isso se chama perfume.

Cheirou a blusa novamente, e, em seguida, apontou para meu minúsculo fio dental.

— Seja o que for, tenho certeza de que o próximo cheiro que experimentarei é ainda melhor. Fiz uma careta.

— Ainda posso vencer.

Ele riu alto enquanto embaralhava as cartas.

— É o que diz depois de cada rodada perdida.

— Vamos acabar com essa besteira logo — respondi entre dentes.

— Nossa! Não costumava ser seu jogo favorito? — Jett mal escondeu o sorriso perverso quando puxou de brincadeira um de meus cachos. — Parece que alguém é má perdedora.

— Não sou — protestei.

Eu era. Muito.

Contudo, não admitiria, nem de perto, para ele, ainda mais por não esperar que ele fosse o vencedor. Meu pai costumava dizer que eu era a melhor jogadora de espadas. Não havia perdido de ninguém, por anos. Estava sendo infantil, mas não conseguia evitar. Aquele sorriso irritante me enlouquecia, e isso, por sua vez, deixava-me ousada e descuidada, assumindo riscos que normalmente não assumiria. O que mais me irritou foi o fato de que ele sempre parecia saber meu próximo passo. A ideia de ter relações sexuais com ele, na casa de uma estranha, embaraçava-me, por ser imoral. Eu precisava ganhar, apenas para fazê-lo parar de me transformar em uma imagem dele: uma pessoa descontrolada e sedenta de sexo. Não pretendia desvirtuar minha moral.

— Você tem mais uma chance — disse Jett, e beijou meus ombros, seu hálito quente me excitando e me irritando ao mesmo tempo. — Deixarei você ganhar, se isso a fizer se sentir melhor.

— Já disse, sem trapanças. Ganharei de maneira justa. E, então, voltaremos ao seu apartamento. Não há nenhuma chance de eu dormir com você na casa de uma estranha. Mas deixe-me adivinhar, você só me deixará ganhar se eu concordar em fazer sexo aqui.

— Tenha certeza disso.

— Bem, nesse caso, não mudarei meus planos.

Respirei fundo e soltei o ar devagar, implorando para que minha mente se concentrasse no jogo, em vez de se preocupar com a presença de Jett e seus lábios em minha pele.

— Nem eu — piscou. — Por sorte, não preciso mudá-los, o que torna esta rodada ainda mais excitante.

Balancei a cabeça para seu ego inflado.

Quem sabe, desta vez, *eu* tivesse sorte. Ninguém poderia ganhar seis vezes seguidas. Era impossível. Certo?

Uma vitória era tudo o que eu precisava para assumir o controle da situação.

Apenas uma vez em sete. As chances não eram tão ruins.

— Como vai ser? — perguntou Jett.

Ele estava sentado em uma cadeira de vime, relaxado, e me examinava da forma como se olha para uma presa em potencial. Seu olhar percorria meu pescoço, os seios expostos, meus lábios. Ele estava saboreando as fantasias pré-coito, desencadeando o caos que rugia dentro de mim. E tão seguro de si, que me deixava nervosa e incapaz de pensar.

Puxa vida, eu precisava do meu cérebro trabalhando, e depressa, antes que fosse tarde demais.

— Seria ótimo se você estivesse nu, também — admiti. — Não consigo me concentrar assim.

— Você acha que será capaz de se concentrar vendo-me nu? — ele riu. — Está certo, querida. Seja o que for que perturbe sua calma...

— Isso não foi um elogio — respondi, irritada. — Não consigo me concentrar, porque você está olhando para mim.

— Acho justo. Deixe-me ajudá-la a se sentir mais confortável.

Jett sorriu e abriu o primeiro botão de sua camisa. Absorta em cada movimento, meus olhos seguiram seus dedos, enquanto ele desabotoava a camisa até o fim e, lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, revelava os músculos tonificados. Demorei-me na tatuagem tribal no braço, antes de observar o peito esculpido e a trilha estreita de cabelo no abdômen.

Ele era pura perfeição.

Esqueça a perfeição, ele era um deus, enviado ao mundo para torturar as mulheres com seu corpo sexy.

Engoli em seco e apertei as coxas para esconder os sinais que revelavam minha excitação. Custou cada grama de minha força de vontade lutar contra o desejo de fechar os olhos, por um

segundo, para acompanhar o filme que se reproduzia na minha mente. Os lábios dele nos meus. Nossos corpos entrelaçados, movendo-se no mesmo ritmo, dando prazer um ao outro, enquanto buscávamos a própria liberação. Gemi por dentro. Por que eu lhe disse para tirar a roupa? Deveria saber o que aconteceria.

Ele deixou a camisa cair no chão.

Não foi a mais brilhante de suas ideias, Stewart.

Sabendo muito bem o efeito que causava em mim, Jett recostou-se na cadeira, o olhar persistente em mim, e eu podia jurar que via o filme de sexo reproduzido nos olhos dele, também. Um choque elétrico agudo percorreu minha espinha e se deteve em meu abdômen, enviando deliciosos choques pelas minhas partes íntimas.

Concentre-se, Stewart. Ele quer que você perca. É por isso que exagera na sensualidade. Por que diabos você teve essa ideia?

— Você sabe que há muitas maneiras de fazermos isso? — perguntou.

Impressionante, veio à minha mente.

— Como? — perguntei de maneira casual. Foi a minha vez de comprar uma carta. Dois de espadas. Decidi ficar com ela.

— Você pode desistir e serei generoso com você. Até concordo em passar metade do dia aqui e metade em Nova York. Trato feito?

Ele estava prestes a perder. Por alguma razão, eu sentia isso. Era minha oportunidade. Olhei para as cartas, confiante.

— Obrigada, mas, não! — levantei a vista, sorrindo.

— Você tem certeza, querida? É sua última chance — disse Jett, sorrindo de volta.

Via-se que ele estava blefando.

— Não! — balancei a cabeça. — Porque não há nenhuma maneira de você vencer esta partida.

Ele ganhou. Minutos depois, joguei minhas cartas na mesa.

Merda!

O que deu errado? Podia ser a maneira como ele estava sentado, tão confiante e sexy, com metade do corpo exposto. Ou, talvez, a maneira como me olhava, já fazendo planos comigo. Ou, ainda — eu nunca admitiria a Jett — ele fosse melhor jogador. Mais sortudo, também. Fosse o que fosse, eu estava ferrada.

Jett esticou as longas pernas, aproveitando cada segundo de sua glória. Percebi que nunca entenderia os homens e o comportamento alfa competitivo deles.

Balancei a cabeça em descrença.

— Como você fez isso?

— Isso se chama motivação — os olhos dele brilhavam. — Para transar. Parece que quero mais do que você.

— Duvido.

As sobranceiras dele se ergueram.

— Você duvida que eu queira transar com você mais do que você quer transar comigo?

O rubor subiu em meu pescoço e rosto.

— Não, não é isso que eu quis dizer. Eu...

Ele começou a rir e eu fechei a boca.

— Sei que você estava se referindo à minha estratégia — disse Jett. — Eu poderia explicá-lhe a técnica. Na verdade, posso lhe ensinar um monte de coisas, senhorita Stewart. Coisas que você nunca experimentou.

Santa mãe dos duplos sentidos.

Meu coração saltou, enquanto o observava, levantando-se e chegando até mim, em um só passo.

— Você sabe que é minha pela noite inteira e que posso fazer o que quiser com você? — continuou ele, com aquela voz imperturbável.

Muito legal. Muito confiante. Muito, muito.

Eu achava, de verdade, que poderia lidar com um homem como ele? Se não fosse pela nossa criança, eu poderia ter fugido.

Talvez.

Provavelmente não.

Porque ele era como uma droga, e eu estava viciada nele.

Balancei a cabeça, mal conseguindo tirar os olhos do peito esculpido e nu.

— Você faz ideia do que está reservado para hoje à noite? — Ajoelhou-se diante de mim, com as mãos descansando em ambos os lados de meu corpo e nossos olhos se encontraram. Apertei a mão contra o coração, que batia com força. Será que eu sabia? Não, mas parecia algo sexy e proibido. Fosse o que fosse, aceitaria.

— Posso ter o *prazer*?

Sem esperar pela minha aprovação, os dedos dele se moveram para cima, nas minhas pernas, com a quantidade certa de pressão. Impulsos elétricos percorreram meu corpo. Delicadamente, ele empurrou minhas pernas para os lados. Minha respiração ficou pesada quando beijou meus joelhos, e em seguida, todo o caminho até o interior de minhas pernas.

Seus lábios acariciavam minha pele sensível, trabalhando para cima e cada vez para mais perto da crescente umidade entre minhas pernas. A necessidade dentro de mim crescia, enquanto Jett beijava minha calcinha, a língua correndo sobre o espaço úmido.

Apesar da camada de tecido que separava os lábios quentes do clitóris pulsante, a sensação era mais forte do que eu podia imaginar. Fechei os olhos e um gemido suave escapou de minha garganta... quando ele parou. Abri os olhos, confusa. Jett abriu a mochila, e segurou-a longe de mim, para que eu não pudesse vislumbrar o que havia dentro. Ele notou meu olhar interessado, contudo não fez nenhum comentário.

A excitação correu dentro de mim, com o pensamento desse homem assumindo o controle. Ele o tinha feito antes. No entanto, aquela mochila me deixava nervosa, porque, por algum motivo, minha imaginação foi instigada, gerando imagens de brinquedos sexuais e lingerie pervertida.

— Você não é masoquista, não é? — tentei ler a expressão enigmática dele e falhei. — Porque se for, precisamos definir uma palavra de segurança... E você precisa saber que não sou adepta de espancamento, asfixia. Na verdade, tudo o que envolve dor é insuportável para mim.

Ele olhou para cima, seus olhos verdes cheios de malícia.

— Dor não faz parte dos *planos*.

Caramba!

O que ele quis dizer com “planos”?

Eu daria qualquer coisa para saber dos planos dele, mas a resposta dada foi tão enigmática quanto sua expressão. Fiz uma cara feia, porém não insisti. Por fim, ele pegou um cronômetro da mochila e o colocou sobre a mesa de café.

— Pronta?

Jett apertou um botão vermelho, e o tempo começou a retroceder.

Vinte e três horas, cinquenta e nove minutos, cinquenta e nove segundos.

Os segundos começaram a ser contados enquanto meus nervos começaram a fritar. Apertei minhas mãos no colo, sem saber o que fazer.

— Quando estávamos lá dentro, você disse que confiava em mim — a declaração de Jett me pegou de surpresa.

— Sim, disse. Por que você está perguntando?

Surpreendi-me quando o vi retirar uma folha de papel da mochila e entregar para mim.

— Essas são as regras.

Quase engasguei com a respiração.

— Sério? Você tem regras sexuais?

Por que a surpresa? Ele era o mesmo que havia exigido um contrato de confidencialidade antes de dormir comigo.

— Sim, porque a ganhei por esta noite, e é por isso que defino as regras. Então, considere-se à minha mercê.

O sorriso dele tinha desaparecido, substituído por uma completa seriedade. Nunca tinha estado à mercê de um homem e não sabia muito bem como me sentia sobre isso.

Engoli em seco, enquanto meus olhos percorriam a folha impressa.

REGRAS

1. A parte derrotada se compromete a manter o celular desligado em todos os momentos.
2. A parte derrotada concorda em se banhar e vestir o traje preferido e desejado pelo vencedor, para ficar mais atraente.

3. A parte derrotada concorda em experimentar coisas novas, de acordo com os desejos da parte vencedora.
4. A parte derrotada se compromete a esforçar-se ao máximo, tanto para atingir quanto para provocar prazer físico.
5. A parte derrotada concorda em não comentar os eventos com terceiros.
6. Uma mudança nos termos deve ser sugerida, em forma escrita, por meio de um advogado reconhecido. A parte vencedora reserva-se o direito de recusar quaisquer e todas as sugestões feitas pela parte derrotada.
7. A parte vencedora não pode ser responsabilizada por reações fortes vivenciadas resultantes deste jogo, de suas regras e implicações.

Meus olhos se arregalaram com os termos: Parte derrotada... Atraente... Desejos... Não discutir... Reações fortes...

— Isto é sério? — repeti pela segunda vez. — Isto parece meio formal, para não dizer meio assustador.

O aspecto positivo é que não era um contrato para fazer sexo depravado, o que teria me assustado demais. Tratava-se de um pequeno pedaço de papel, com conteúdo objetivo e absolutamente não descritivo. Eu estava tão alheia a o que ia acontecer como tinha estado antes.

Apontei para o item seis.

— É impossível sugerir qualquer coisa por escrito, porque não há advogados por perto e sou obrigada a ficar na casa. No momento em que voltarmos para Nova York, suas vinte e quatro horas já terão terminado.

— Exato — sorriu Jett. — Achei que seria legal fazê-la pensar que poderia dar algum palpite...

Fiz uma cara feia de novo.

— Muito gentil de sua parte. Por que você não fez também algum tipo de formulário de resposta? Do tipo que eu poderia lhe enviar depois que você terminar comigo? — Minha voz refletia sarcasmo, e ele riu alto.

Quando entreguei a folha de regras para ele, o dedo dele tocou o meu e uma faísca foi acesa entre nós, que percorreu todo o caminho até minha coluna e meu abdômen. Tremi e meus olhos se conectaram com os dele, em busca de um indício de que tivesse sentido a mesma coisa. A expressão de Jett permaneceu inalterada.

— Tem certeza de que você não quer que eu assine sobre minha alma? — perguntei, brincando.

— É uma oferta tentadora, Brooke. Eu poderia considerá-la mais tarde, para me certificar de que você sempre será minha. Por enquanto, porém, tudo o que quero é a caçada.

Ele apontou para a camisa perto de mim e eu a atirei em sua direção. Ele a pegou no ar e assisti enquanto a vestia de novo, quase arrependida de tê-la devolvido.

— Tome um banho e se vista. — Jett abriu a mochila de novo, e aí consegui ver uma caixa de presente branca, que entregou a mim. — Quero que você use isto.

A caixa era muito leve para seu tamanho. Curiosa, abri e tirei de dentro um conjunto sexy vermelho e preto de lingerie, um par de sapatos de saltos altos, um robe de cetim bem curto e... aquilo eram meias?

— Oh, Deus — puxei da caixa uma estreita faixa de tecido que assumi ser uma calcinha fio dental, mas não podia ter certeza, porque era a menor que já tinha visto. Era sexy, feita de malha e *chiffon*, e não deixava nada para a imaginação. — Você quer que eu use isto? — de alguma maneira, esse pensamento excitou-me.

Jett assentiu com a cabeça, lentamente.

— Como eu disse, sim. Meu jogo, minhas regras — os cantos dos lábios dele se curvaram em um sorriso preguiçoso. — Desde que coloquei os olhos em você naquele bar, tenho vontade de vê-la em algo assim. Você pode culpar um homem por querer realizar sua fantasia?

Eu não podia. Só gostaria que não envolvesse passear seminua pela casa de uma pessoa estranha.

Capítulo 5

ATENDENDO AO PEDIDO DE JETT, encaminhei-me para o banho. Aos poucos, sob a água quente que escorria pelo corpo, a tensão em meus músculos diminuiu, porém os pensamentos relativos a ser uma hóspede não convidada na mansão não eram tão fáceis de apagar.

O banheiro era tão grande quanto um quarto, puro luxo, com uma enorme *jacuzzi* para várias pessoas e um aparelho de TV na parede. As pequenas luzes no teto refletiam-se nos ladrilhos de mármore preto, fazendo-os brilhar como se fossem diamantes. Saí do chuveiro e enrolei uma toalha em volta do corpo nu, e fiz a limpeza, deixando o banheiro brilhando como antes. Sylvie dizia que eu tinha TOC, pois sempre que algo me incomodava, eu limpava.

Nesse momento, o que me angustiava era a perspectiva de fazer sexo na casa de uma estranha.

Ao vestir aquilo que Jett considerava lingerie, o pensamento de ter relações sexuais com ele na mansão tanto me assustava quanto me excitava. Mesmo que não quisesse admitir, meu corpo estava molhado e pronto para ele. Não era pela perspectiva de fazer algo ilegal, era pela ideia de outra vez fazer sexo com ele. Deixá-lo no controle, de uma maneira que eu nunca havia concordado, precisando confiar e acreditar que ele sabia o que estava fazendo, quando, ao mesmo tempo, nutria um forte pressentimento de que a casa teria ao menos uma ou duas câmeras escondidas instaladas.

Coloquei o sutiã, a suposta calcinha e as meias, e testei o equilíbrio nos saltos altos. O robe abraçou minha silhueta nos lugares certos e, como esperado, mal cobria meu corpo. Os sapatos pretos com tiras faziam com que minhas pernas parecessem ter um quilômetro de comprimento. Passei as mãos pelo cabelo para dar aos cachos alguma definição e apliquei um pouco de batom. Satisfeita com o resultado, admirei-me no espelho enorme. Eu parecia e me

sentia sexy. Era o tipo de roupa que deixaria qualquer mulher gostosa. Quem quer que aconselhara Jett sobre o que comprar conhecia muito lingerie. O único problema é que andar naqueles saltos solicitava alguma habilidade. Na frente da janela havia uma estreita faixa de areia branca, devia ser uma praia privativa no quarto... Gostaria de saber se Jett insistiria em dar um passeio. Se assim o fizesse, torcia para que não precisasse usar aqueles saltos altíssimos, porque eu duvidava ser capaz de dar mais do que alguns passos, muito menos, desfrutar de um passeio noturno. Com um último olhar, saí do banheiro e me juntei a Jett no quarto principal, onde ele disse que me esperaria.

Quando entrei, nervosa e excitada, minha respiração ficou presa na garganta. Ele havia colocado uma colcha de cetim preto sobre os lençóis e velas vermelhas estavam dispostas na mesa de cabeceira, o brilho suave dava ao quarto um toque romântico. O delicado aroma de rosas perfumava o ar.

— Você está deslumbrante — a voz de Jett estava rouca.

Virei o corpo bruscamente e o encontrei de pé à minha direita, escondido por uma enorme cômoda. As mãos estavam enterradas nos bolsos, as mangas arregaçadas revelavam os braços fortes. Os olhos percorreram os saltos altos, as meias, meus seios quase expostos. Vagaram mais para cima até que o olhar dele encontrou o meu e um sorriso iluminou seu rosto. Havia algo naqueles olhos, um brilho que eu já havia visto, mas não conseguia me lembrar de onde.

— Obrigada — sussurrei, sem saber o que fazer comigo mesma. — Você tem bom gosto, embora um pouco bizarro — aponteí minhas roupas.

— Não — Jett balançou a cabeça e se aproximou de mim. — Você está linda, Brooke. Tudo ficaria muito bem em você.

Meu olhar varreu o quarto e pousou sobre as velas, o brilho cintilante e suave, a cama *king size*, e em Jett, todo o tempo ignorando a coisa que mais me assustava. Eu nunca tinha feito sexo amarrada e nós mal nos conhecíamos. Embora confiasse nele, não sabia se confiava *tanto* assim. O questionamento sobre meu nível de confiança estava fazendo muito mais sentido.

— O que foi? — perguntou ele.

— Você não me parecia esse tipo de cara — dei de ombros e aponteí em volta de mim. — Pensei que você iria para o ar livre, que ousaria. Não sei. Apenas pensei que você seria mais... — parei, procurando as palavras certas. Ele me olhou com atenção, mas não me ajudou.

Romântico? Ousado? Ele tinha sido tudo isso, além do exibicionista ao ar livre. Eu só não esperava...

Bondage. O ato de aprisionamento...

Ficar amarrada e à mercê de outra pessoa. Puxa vida! Quando fiz a brincadeira sobre a necessidade de estabelecer uma “palavra de segurança”, eu não sabia estar tão perto da verdade.

Os olhos de Jett se estreitaram.

— Não vejo nada de errado com a variedade. E estou experimentando com a mesma mulher. Já não posso afirmar a mesma coisa sobre muitos homens — o tom dele era meio acusador, meio

divertido. — Mas acho que você está correta, até certo ponto.

— Como assim?

— Você não conhece metade do que deveria saber sobre mim. Isto... — e apontou para as velas — destina-se a criar o clima e relaxá-la. Nada mais nada menos.

O que queria dizer? Que não era seu estilo? Que não o teria feito, se não percebesse a necessidade de me deixar mais confortável?

Meu estômago se agitou e minha boca secou, quando o assisti atravessando o quarto, com passos medidos e lentos. Os pés estavam descalços, emitindo quase nenhum som no chão de madeira. Os olhos permaneceram em mim, e pela enésima vez, sentime como sua presa, com medo, mas hipnotizada, esperando-o me capturar ou me libertar. Desta vez, eu não nutria nenhuma falsa esperança de que seria a última opção...

— Nós não devemos ficar aqui. Podemos entrar em uma grande confusão — protestei debilmente.

Ele parou na minha frente e colocou o braço em volta da minha cintura, e achei que acariciaria minhas costas. Apenas quando seus dedos se arrastaram pela minha coluna e pegaram meu cabelo senti o puxão suave, incitando-me a erguer a cabeça e encontrar seus lábios ardentes.

Foi um beijo suave, seus lábios mal tocando os meus.

— Minhas regras — ele me virou devagar. — É por isso que estamos aqui. Quero ensiná-la a quebrar alguns paradigmas — seu olhar faminto percorreu meus lábios, arrepiando-me. — Transarei com você do jeito que eu quero, e da maneira que você precisa. Enquanto estivermos aqui, baby, você é minha — ele sorriu quando me puxou para baixo, para a cama. — Você teve sua chance de ganhar o jogo. Não é minha culpa se você não o fez.

Eu queria ganhar, porém sentia-me fraca demais para fazê-lo. Ou talvez, no subconsciente, quisesse render-me a ele. De qualquer maneira, eu estava à sua mercê e ele estava consciente disso.

— Pare de esfregar isso na minha cara, Mayfield.

— Por que você não admite que gosta quando estou no comando?

Engoli em seco.

— Não gosto dessa porcaria de submissão — murmurei.

De vez em quando, abrir mão do controle era até agradável, contudo ele não precisaria saber, ou eu poderia me arrepender. Jett tinha a tendência irritante de ser intenso demais. Ele não podia simplesmente provar que era o melhor jogador ao vencer as partidas e calar-se. Ele tinha de transferir a posição dominante para nossa vida amorosa, e, ainda, correr o risco de sofrer acusações criminais por infringir algumas leis.

— Eu não esperava que você o fizesse sem se empenhar numa boa luta. — Jett levantou minha perna dando beijos suaves na parte interna dela, o movimento enviando um delicioso arrepio pelo meu corpo.

Suprimi um gemido quando seus lábios beijaram minha coxa. A língua começou a desenhar pequenos redemoinhos na minha pele, movendo-se para baixo, centímetro por centímetro, em direção ao meu joelho.

— Serei sempre o melhor para você — sussurrou ele.

Eu não duvidava.

Lentamente, ele tirou meu sapato de salto alto e o deixou cair perto da cama.

— Ninguém nunca vai amá-la mais do que eu — continuou Jett. O segundo sapato bateu no chão com um baque.

Intenso? Sim, e adorei.

Meu coração disparou quando a atenção dele se voltou para minha outra coxa e passou a torturar meu corpo. Seus dentes roçando minha pele com suavidade e, depois, se transformando em mordidas suaves.

— Feche os olhos.

Segui seu comando, antecipando o próximo movimento. Algo sedoso provocou cócegas na minha pele. Abri os olhos e vi laços na mão de Jett e o brilho travesso em seus olhos.

— São os do seu apartamento? — perguntei, sentando-me.

Ele me empurrou para baixo, na cama.

— Sim. Eles são os mais apropriados para este fim.

Jett esticou o material, evocando imagens de castigos, chicotadas e submissão dentro da minha cabeça.

— Eu não...

Sua boca tórrida abafou meu protesto e as mãos puxaram meus braços sobre minha cabeça. Eu senti o tecido de seda no meu pulso esquerdo, e em seguida, em torno do direito. Puxei suavemente, e, depois, com um pouco mais de força ao perceber que estava sendo amarrada às traves da cabeceira da cama.

— Relaxe — sussurrou Jett. — Eu nunca a machucaria.

Assenti com a cabeça, mesmo com meu coração batendo a um milhão de quilômetros por hora, e não por causa da tensão sexual. O tecido liso era frio contra minha pele. Sexy. Erótico. Ameaçador.

— Foi minha a ideia, de fato. Você percebe isso, certo? — ri nervosamente. — Eu lhe contei o que faria com você se eu ganhasse, e você a está reivindicando.

As sobrancelhas dele subiram, demonstrando uma falsa ofensa.

— Você está insinuando que estou roubando suas ideias, senhorita Stewart? — ele tirou seu peso de cima de mim e se alojou em meus tornozelos. Minha respiração ficou presa na garganta quando percebi o que ele estava prestes a fazer.

— Talvez eu esteja insinuando o fato de não ter uma mão livre para ajudá-lo — eu esperava que ele captasse a dica e me desamarrasse.

— Estou me virando muito bem, mas agradeço a oferta.

Ele sorriu com o tipo de brilho nos olhos que dizia não tencionar atender ao meu pedido. Na verdade, ele me provocaria, e pesado. Perguntei-me o que ele pretendia fazer.

O laço roçava minha pele, o cetim frio contra meus tornozelos enviava arrepios de prazer pelo corpo.

— Você vai continuar falando? — perguntou Jett. — Porque agora estou pensando em fechar essa sua boquinha sexy para que eu possa continuar com meus planos.

— Quais planos? — Por conta de sua expressão descontente, interrompi minhas centenas de perguntas. Eu estava falando novamente. Sempre o fazia quando estava nervosa. — Desculpe-me — murmurei.

Ele retornou para cima de mim e apoiou-se nos cotovelos, com a boca tão perto da minha que eu podia alcançar e sugar o lábio inferior dele entre meus dentes.

— Planos safados. Possuirei você até que não possa me tirar de seu organismo. Há um milhão de maneiras de fazê-la gozar e estou pensando em testar cada uma delas. Porém, primeiro você precisa estar... — ele levantou o último laço para me mostrar.

— É claro — murmurei.

Ergui a cabeça para que ele pudesse me vendar.

A escuridão repentina, o hálito quente no pescoço e o peso de seu corpo aceleraram meu coração. Eu nada via e essa ideia me assustava e me excitava. Minhas pernas estavam bem abertas, convidando-o a fazer o que quisesse. E o que ele estava fazendo? Por que não se mexia? Mordi o lábio com força para bloquear a pergunta.

Eu podia sentir o olhar dele em mim, acariciando meu corpo, fazendo minha pele formigar. Podia sentir o sorriso nos lábios dele, mas não conseguia captar suas intenções.

— Quero foder você — sussurrou Jett. — Devagar. Descuidadamente. Quero provocá-la. De qualquer jeito, como eu quiser. De todas as maneiras possíveis. Grite o mais alto que quiser, porque ninguém ouvirá. E quero que você grite, baby.

Os dedos de Jett começaram a trilhar meu abdômen, reunindo-se entre minhas pernas, explorando-me, espalhando e reunindo meus fluidos. Amarrada e na casa de uma estranha, eu estava aberta para ele. Meus sentidos estavam aguçados, os instintos primitivos pediam preenchimento. O dedo dele deslizou para dentro de mim, lentamente. Gemi e levantei os quadris, dando boas-vindas à sensação, atraindo-o mais para dentro.

— Ainda não... — sussurrou.

O dedo saiu de mim, deixando-me vazia e frustrada. Franzi a testa ao ouvi-lo pela sala, pegando algo, e então, voltando para a cama.

Algo farfalhou.

— Abra a boca. — O tom ríspido da voz não deixava espaço para discussão. Meu coração bateu freneticamente contra o peito. Engoli em seco, mas não obedeci à ordem. — Faça isso, Brooke! — A voz profunda cheia de impaciência.

Era sua chance de provar que me amava e que nunca me faria mal, a oportunidade de ganhar minha confiança. Eu tinha de me arriscar e me certificar. Então, abri a boca e, naquele instante, percebi que fiz muito mais do que confiar nele. Minha paixão por Jett era grande, mas meu amor era maior. Eu queria agradá-lo, e quando dei meu coração também entreguei minha vulnerabilidade. Entreguei-me e ele me conquistou, de corpo e alma. Confiança era somente o que faltava para que eu me desse livremente. A única coisa que poderíamos conquistar, a única coisa que ainda estávamos aprendendo.

Algo pegajoso atingiu minha língua. Doce, suave e cremoso, como chocolate.

— Morda — instruiu Jett.

Mordi e chupei, depois engoli e abri a boca, percebendo que era chocolate, mudando de um rico sabor de cacau para um intenso e doce sabor de creme de avelã. A boca dele desceu sobre a minha, e o chocolate derreteu entre nossas línguas.

Gemi porque isso era delicioso.

O beijo de Jett tinha um gosto delicioso de chocolate derretido.

O calor reuniu-se entre minhas pernas e o clitóris começou a pulsar com suavidade, silenciosamente, exigindo atenção. Como se lesse meus pensamentos, a boca de Jett deixou a minha e se moveu para baixo, no meu peito e abdômen, enquanto algo frio e pegajoso foi derramado entre minhas pernas, escorrendo na minha entrada.

— O que é isso? — perguntei sem fôlego.

— Chocolate — ouvia certa diversão em sua voz. Isso me deixou louca, pois não conseguia ver a expressão dele.

O hálito quente percorreu meu abdômen e, então, a língua tocou no ponto certo. A sensação dele me lambendo e chupando transformou minha pulsação em um frenesi. Os mamilos ficaram duros ansiando por Jett, ansiando com urgência pelo seu toque, contudo sua atenção estava em outro lugar.

Mais chocolate escorria pela minha pele, tanto que eu tinha certeza de que ele estava usando todo o tubo, espalhando tudo sobre a cama. Lembrei-me da colcha; ele tinha pensado em tudo. Fiz uma anotação mental para dar-lhe crédito por isso, porém a ideia durou pouco, porque a língua dele começou a girar em um movimento circular e o dedo encontrou minha entrada, preenchendo-a e esticando-a.

Oh, Deus.

Eu estava morrendo.

Apague isso.

Eu estava morrendo e indo direto para o céu.

Ou, talvez, Jett fosse minha desgraça e estivesse indo para o inferno.

Gemi e meu cérebro se desligou, quando o calor se reuniu em meu abdômen. O dedo dele empurrou dentro de mim, torcendo e circulando, enquanto seus lábios chupavam o clitóris tão intensamente que todo meu corpo reagia. A umidade reuniu-se entre minhas pernas, distribuída

pelos dedos, até que cheguei à beira do prazer. A partir daí, seria apenas um mero passo para a rendição total.

— Você é tão bom — gemi. — Quero mais.

— Adoro quando você pede... — sussurrou Jett. — Chocolate e seus fluidos. É minha combinação favorita.

Meu rosto pegou fogo, contudo eu não tive tempo para me sentir envergonhada, porque os dentes dele começaram a tocar o clitóris, sugando suavemente.

E, então, sua boca estava de volta aos meus lábios. Uma mão apertou minha nuca, e outra levantou minha perna. Em um movimento rápido, ele investiu dentro de mim, a ereção volumosa queimando o caminho em meu núcleo. A cama balançou, ou talvez fosse meu corpo, quando ele começou a dar estocadas dentro de mim. Não me importei por estarmos espalhando chocolate nos lençóis. Eu o queria. Queria cada pedacinho do que ele tinha para me oferecer. Mexi os quadris para acompanhar os impulsos dele, ouvindo os sons sensuais que saíam de sua boca cálida, quando as estocadas se tornaram mais profundas e rápidas. Ondas quentes de calor explodiam em meu abdômen, prometendo entrar em erupção em um fogo selvagem.

Ergui meus quadris para dar-lhe acesso mais profundo e ele afundou mais. Sentindo cada centímetro duro espetando minha carne, perdi o senso, consumida por sua paixão por mim. As chamas quentes de um orgasmo se aproximando começaram a se construir dentro do ventre, e meu corpo sacudia com os primeiros tremores.

— Você é tão viciante. Como um narcótico.

Os quadris dele empurraram sua ereção ainda mais profundamente em mim, em estocadas rápidas e curtas. Ele estava perto. Podia sentir os tremores e meu clitóris doía em resposta, desesperado por alívio.

Na escuridão, eu gemia e me erguia da cama quanto permitiam minhas mãos atadas, a boca em busca da dele. Nossas línguas se viram conectadas em uma rápida dança erótica, espelhando o movimento de nossos quadris, enviando fragmentos elétricos de prazer para meu coração e minha alma. Os dedos de Jett se pressionaram contra meu clitóris com força, a súbita sensação insuportável. Engasguei contra a boca daquele homem. Minha carne macia se apertou em torno do eixo duro e gozei em torno dele, levemente consciente do gemido de satisfação de Jett rasgando seu peito.

Minha pele irradiava calor e eletricidade, quando nossos corpos se fundiram em um, várias vezes seguidas, até não haver mais nada para dar. Exausta, caí sobre os lençóis. Os dedos dele removeram minhas amarras e a venda. Jett me puxou contra seu corpo quente e passou os braços em volta de mim. O perfume inebriante de chocolate e de nosso ato de amor foi meu último pensamento consciente.

Capítulo 6

UMA HORA MAIS TARDE, meus dedos traçaram os contornos da tatuagem tribal no braço de Jett. Era algo de gangue, ele havia explicado, e fazia parte de sua antiga vida. Ele já fizera tantas coisas, conhecera o mundo de tão diferentes perspectivas, portanto, de alguma maneira, tocar a tatuagem poderia ser a chance de me conectar com algum aspecto dele.

Assisti à luz das velas refletida sobre sua pele bronzeada e perguntei-me, pela enésima vez, se algum dia realmente o conheceria. O *verdadeiro* Jett, nas partes tão cuidadosamente escondidas.

— O que há de errado, bela adormecida? — perguntou Jett, sentindo minhas turbulências emocionais.

Balancei a cabeça e respirei fundo, para limpar os pensamentos.

— Nada. — Eu sabia que ele não esqueceria o assunto, então respondi a primeira coisa que veio à minha mente. — Só percebi agora que nunca tive relações sexuais em uma poça de chocolate. É meio estranho acordar rodeada pelo aroma de chocolate.

— Sinto-me da mesma maneira e feliz por ser você a pessoa com a qual tive essa vivência — e beijou o topo da minha cabeça.

— Espero que eu possa retribuir o favor um dia. Isto é, se eu ganhar um dos jogos.

— Depois cuidaremos disso...

Eu odiava ficar longe dele. Entretanto, algumas necessidades não podiam ser ignoradas.

— Preciso visitar determinado cômodo — disse eu, com um sorriso de desculpas.

— Ah — ele se moveu para o lado, mas não me soltou imediatamente. — Volte logo.

— Está bem — respondi num sussurro, e fui para o banheiro.

Depois de um banho rápido, enrolei-me em uma toalha bem grande e peguei emprestado um secador de cabelo de Kim. Em geral, demorava um bom tempo para secar os cabelos,

cortesia dos cachos rebeldes. Então, deixei-os úmidos, antes de Jett se cansar e arrombar a porta. Ele nunca o fez, mas havia um cronograma, e achei que ele poderia ter mais alguns planos preparados antes que suas vinte e quatro horas se passassem.

Vesti o robe de novo, ignorando quanto ele era curto. Conhecendo o apetite de Jett, imaginei que não iríamos nos aventurar muito longe do quarto. Assim, ninguém, além dele, veria meu traseiro. Com um último olhar no espelho, saí do banheiro e parei.

A primeira coisa que notei foi o jorro de luz através das janelas. Jett devia ter puxado as cortinas, banhando o quarto em um brilho ofuscante. A outra foi que, na minha ausência, ele havia retirado as velas e o lençol que cobria a cama se fora, junto com a mochila dele.

— Jett?

Chamando o nome dele, desci as escadas e parei. Sua voz vinha da sala de estar. Esforcei-me para ouvir, mas não conseguia entender todas as palavras. Aproximei-me mais um pouco quando uma sensação de *déjà vu* tomou conta de mim. No último dia, na Itália, Jett quase havia atirado em dois intrusos que fugiam com todas as provas que reunimos na propriedade Lucazzone. O medo de ter alguém nos observando, esperando para atacar quando menos esperássemos, tinha me causado alguns pesadelos e nunca me abandonou por completo. E isso estava voltando com força total.

Ignorando o tamborilar frenético do meu coração, inspirei algumas vezes, forçando o oxigênio para meus pulmões. Ao contrário do ocorrido na Itália, ninguém sabia que estávamos ali, portanto, minha súbita pontada de medo não era razoável. Ainda assim, não conseguia deter as gotas de suor reunidas na nuca. Inspirei mais uma vez e entrei na sala de estar. Jett estava de pé perto das janelas com vista para o quintal. Ele estava de costas para mim e o telefone, colado à orelha.

— Faça isso — a voz dele soava estranhamente ansiosa e tensa, e isso me preocupou ainda mais.

Bati suavemente no batente da porta com os nós dos dedos para chamar sua atenção, e ele sinalizou que tinha reconhecido minha presença antes de se virar novamente.

— Vou ficar bem — disse ele. — Não se preocupe. Vou cuidar das coisas... Tudo bem — ele desligou, a mão segurando o telefone, o olhar fixo em um ponto do lado de fora da janela.

Hesitante, aproximei-me mais e parei ao seu lado. Os olhos de Jett estavam distantes e o rosto era uma máscara de fúria. Do jeito que ele estava de pé, imóvel, com os ombros caídos, eu não conseguia afastar a sensação de que alguma coisa ruim havia acontecido. Senti que algo estava extremamente errado. Meus dedos coçaram para tocá-lo, mas não me atrevi. Não antes que ele me contasse o que tinha acontecido.

— Jett? — sondei suavemente.

Ele não se mexeu, nem olhou para mim.

— Jett? O que há de errado?

Alguns segundos se passaram. O olhar perturbado dele ficou vagando por nossos pés, como se estivesse se lembrando de onde estava, ou talvez, apenas lutando para reunir forças.

— Meu pai morreu — respondeu, por fim. A voz estava tão baixa, tensa e sufocada, que não tive certeza de ter ouvido direito.

— O quê? — sussurrei. Balancei a cabeça, incapaz de compreender o significado das palavras dele. Não podia ser. Apertei minha mão sobre a boca em choque. — Oh, meu Deus!

Jett se virou para mim, seus olhos encontraram os meus. Eles estavam cheios de dor.

— Meu irmão foi chamado ao necrotério, hoje pela manhã. Ele me telefonou para dizer que meu pai tinha estado no barco dele, quando explodiu, ontem. — Observei enquanto Jett andava até o sofá e sentava-se pesadamente. — Ele não sobreviveu.

Sentei-me ao seu lado.

— Sinto muito, Jett.

Apertei sua mão, na esperança de que aquele gesto transmitisse mais do que a frase provavelmente mais usada no mundo. Mesmo que eles não fossem próximos e Robert Mayfield tivesse pertencido ao clube secreto de Alessandro, ele ainda era o pai de Jett. Observei a maneira como Jett se sentou, derrotado e com a cabeça enterrada nas mãos, e não consegui impedir que minhas lágrimas caíssem. Não tivemos a chance de contar ao seu pai que eu estava grávida. Eu sequer o conheci.

— É tudo minha culpa. — Jett olhou para cima, seu olhar procurando pelo meu, procurando a confirmação que eu não daria a ele. Respirei fundo e soltei o ar lentamente. Eu morria ao vê-lo sofrer assim.

— Não, Jett. Você não pode culpar a si mesmo.

— Mas é verdade, e nós dois sabemos disso. — Ele separou sua mão da minha e se levantou, o rosto se transformava em uma máscara de raiva. Então, deu um soco na parede e eu recuei, em choque. — Ele ligou há duas semanas, logo depois que retornamos da Itália, e eu não quis falar com ele, porque estava com raiva. Se ao menos eu tivesse me encontrado com ele, talvez isso não tivesse acontecido.

— O que você está dizendo? — perguntei, chocada. — Você acha que não foi um acidente?

— Não, Brooke, não foi. — Jett olhou-me com tanta raiva que me encolhi. — Um barco não explode assim. Ele teria notado um incêndio e pedido ajuda. Talvez, quem fez isso tenha atirado nele primeiro, antes de atear fogo ao barco e se livrar de qualquer evidência. Foi incêndio proposital, tenho certeza.

Não sabia o que era mais assustador: nunca ter visto Jett daquele jeito ou não haver uma única coisa que eu pudesse fazer para ajudá-lo. Receosa, fiquei observando seu rosto contorcido, seu próximo movimento e a perspectiva do significado daquilo tudo para nós.

Segundos se passaram e se transformaram em minutos, e Jett não se movia.

— Que foda! — murmurou ele.

— Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer — sussurrei.

— Não há. — O tom estava mais suave, e por um momento, a raiva em sua voz desapareceu, para voltar dirigida a si mesmo. — Eu deveria ter sabido.

Balancei a cabeça confusa, incapaz de seguir suas mudanças de humor.

— Sabido o quê?

Os olhos dele estavam vidrados, perdidos em pensamentos profundos. Jett retornou ao sofá e sentou-se. Mais um minuto se passou e nenhuma resposta veio.

— O que o faz pensar que ele foi morto, Jett? — perguntei com cautela. — Seu irmão disse alguma coisa? A polícia estaria investigando...

— Você se lembra das cinco pessoas da lista? — perguntou.

Assenti com a cabeça, pensando no pequeno livro preto que havíamos encontrado no porão de Alessandro. Jett tinha mencionado cinco nomes, e um deles era Robert Mayfield.

— Acho que era uma lista de alvos — Jett continuou em um tom que me fez estremecer.

Sentei-me ao lado dele no sofá, olhando-o em silêncio, quando as palavras penetraram em minha consciência.

— Não é possível que os cinco nomes fossem os únicos membros do clube. Não há como. Meu pai disse... — sua voz vacilou com a emoção. — Ele disse que havia 78 membros antes de ele sair. Talvez os outros quatro tenham decidido sair também.

— Você acha que ele foi morto porque queria sair do clube?

Minha pergunta foi desnecessária. Eu não havia considerado esse ponto de vista e, com certeza, não fazia o mínimo sentido para mim, mas era uma hipótese que não deveria ser descartada. Era provável que um clube como aquele prosperasse com membros ricos e com a dedicação deles pelo resto da vida. Talvez alguém tivesse levado o juramento de manter “silêncio até o túmulo” literalmente demais. Era possível. Lembrei-me das palavras de Jett.

Não acho que seu jeito seja a maneira como eles trabalham.

Eles não são tão pacíficos.

Compreendia-se que ninguém entraria com facilidade, e, definitivamente, sairia com um simples aperto de mão.

— Meu pai disse ter sido um erro entrar para o clube — disse Jett.

— Eles provavelmente queriam se livrar dele. Se eu tivesse mencionado o livro e a lista, poderia ter evitado sua morte. Sei que ele teria me ouvido — sua voz soou embargada. — Eu teria sido capaz de salvar sua vida.

— Não, Jett — balancei a cabeça, com meu coração sofrendo por ele culpar-se. — Não pense assim — sussurrei e balancei a cabeça novamente, minha mão segurava-o pelo braço para obrigá-lo a me ouvir. Os olhos dele pousaram em mim e, pela primeira vez, a raiva não era dirigida a si mesmo, mas a mim.

— É a verdade. A porra da verdade, Brooke. Por que você não aceita que cometi um erro?

Capítulo 7

A VIDA POSSUI UMA MANEIRA própria de jogar tudo para o alto, de repente. Às vezes, tinha a sensação de que estávamos todos presos, dentro de um copo chamado vida, como dados agitados e lançados para fora. Prontos para testes e jogos. Prontos para arriscar e enfrentar o impensável. Prontos para perder e nos machucar, não importando a posição social ou a quantia de dinheiro. A reviravolta afetaria a todos, a qualquer hora e em qualquer lugar. Estávamos todos à mercê da agitação desse copo chamado vida.

Observando as várias emoções que cruzavam as feições de Jett, percebi quanto o amava e que faria tudo por ele. No entanto, independentemente do que eu dissesse ou fizesse, não havia receita para tirar-lhe a dor. Nada para aliviar sua mente ou sua culpa. Nada para livrar sua consciência dos demônios que o assombravam. Por mais que o amasse, o amor não seria suficiente para livrá-lo da culpa que ele poderia carregar para sempre. Era como se a culpa tivesse se tornado sua companheira, e eu, sua sombra... Uma tentando curá-lo, e a outra causando tantos danos quanto possível. Eu conhecia muito bem a culpa e seus truques sujos, e que ela poderia assombrá-lo eternamente.

A partir do momento em que Jett soube da morte do pai, eu o senti afastando-se de mim. Fizemos as malas rapidamente e voltamos para o apartamento dele, em um silêncio congelante. Ao abrir a porta, senti-me uma intrusa em seu mundo.

— Tenho de ir para o escritório — murmurou ele, e desapareceu de novo, deixando-me sozinha.

— Tudo bem — respondi sem forças, e ele já havia saído.

O trabalho deveria ser a desculpa para enterrar-se no sofrimento, ou por que motivo ele sairia sem me dar um beijo de despedida? Naquela noite, ele não voltou para casa. E, na noite

seguinte, ele estava lá, comigo, e não estava. Escutava-me, porém minhas palavras não o atingiam, por causa do escudo construído em torno de si. Eu sabia que isso aconteceria. Aliás, eu esperava por isso. Contudo, o que eu não previa era ser excluída de seu mundo. Que não me deixasse chegar perto, recusando-se a falar, recusando-se a ouvir. Ele tinha se tornado emocionalmente distante e, às vezes, indisponível, e o pior era que eu pressentia mudanças.

Era como se a culpa tivesse criado uma barreira invisível, afastando-nos, prejudicando nosso relacionamento; a natureza lúdica de Jett sendo substituída por algo assustador demais. Era uma doença que deixava um sabor amargo em sua esteira.

A cada dia, as paredes elevavam-se mais, afastando-o de mim. E não importava quanto eu batesse e empurrasse os portões, eles pareciam mais fortes do que eu, do que meu amor por ele, ou de qualquer coisa que costumava ser importante para ele.

Talvez eu não conhecesse Jett tão bem quanto imaginava. O silêncio e o prosseguimento determinado de seus rituais, que consistiam em nada mais do que trabalhar e dormir, eram sua maneira de lidar com a dor. No entanto, a maneira como me afastava, física e emocionalmente, fez-me sentir afastada de seu coração também.

Eu teria preferido lágrimas. Elas seriam boas. Elas purificariam, limpariam e o ajudariam a se curar. Preferiria a raiva porque extrairia o veneno da culpa. Entretanto, elas nunca vieram. Eu queria uma explosão, queria algo que me mostrasse que ele não estava destroçado demais para se curar. Que não estava como minha mãe, depois da morte de meu pai: imóvel, apenas respirando, com a alma morta dentro da carcaça física de si mesma. Isso seria muito pior do que a raiva que eu queria que Jett liberasse, para que ele pudesse enfim seguir em frente.

Com a morte de Robert Mayfield, meus pensamentos circulavam e voltavam para o livro negro e para Alessandro Lucazzone. Eu sentia uma conexão, o que muito me assustava. Talvez alguém tivesse entrado em pânico e nossas descobertas motivaram o assassinato do pai de Jett. Não conseguia livrar-me da sensação de que se Jett e eu nunca tivéssemos começado a sair, nunca teríamos quebrado a parede e encontrado o livro preto, que parecia tão importante, pois pessoas estavam dispostas a matar por causa dele.

— É por isso que segredos devem ficar enterrados para sempre — murmurei para mim mesma, enquanto vestia um vestido preto recatado para o funeral de Robert Mayfield.

Se Jett me ouviu, ele não respondeu.

Inspirei trêmula e fechei os olhos para me livrar da sensação penetrante, quando um novo pensamento invadiu minha mente.

Quanto seria horrível se não fosse a Jett, e sim a mim, a quem se deveria culpar pela morte do pai dele?

Capítulo 8

O CÉU PARECIA UM POÇO escuro e ameaçador, com a promessa de uma chuva pesada. Uma forte rajada de vento puxou meu vestido preto, sua carícia gelada mantendo-me estranhamente aterrada e lembrando-me de que, no meio de todas aquelas sepulturas, nós estávamos vivos, continuando a nadar no rio chamado vida, enquanto o restante seria logo esquecido, queiramos ou não.

Olhei para Jett, em pé, à frente da sepultura de Robert Mayfield, com os olhos em um ponto no horizonte que só ele via. As pessoas ao nosso redor ouviam as palavras vazias do reverendo em silêncio. Algumas choravam, as almas atormentadas pela perda de alguém que acreditavam ter conhecido. A maioria delas mal piscava, enclausurada em um estado de lembranças e de autorreflexão, a mente cheia de promessas de reavaliação da própria vida. Eu sabia disso porque tinha sido uma delas, logo depois da morte de minha irmã e de meu pai. Enxergava nas enlutadas expressões de culpa e na determinação dos olhares. Eu também sabia que duraria muito pouco tempo, qualquer que fosse a promessa. No final das contas, as coisas estúpidas que fizemos não importariam. O que realmente valia a pena seria curtir as pessoas em nossa vida, passando o máximo de tempo com elas.

Bens materiais sempre definham. As lembranças, porém, nunca somem.

Pisquei as lágrimas reunidas no canto dos olhos e olhei ao redor. Nunca tinha visto tantas pessoas em um funeral. Então, novamente, lembrei-me de que nunca tinha sido rica ou famosa, enquanto o pai de Jett tinha sido os dois.

O percurso até o funeral foi curto e silencioso. No momento em que chegamos à cobertura em que o pai de Jett tinha habitado durante suas estadias em Nova York, centenas de pessoas

estavam ali reunidas e chegavam mais, de minuto a minuto, todas apressadas para oferecer suas condolências a Jett.

Escutei inúmeros discursos, todos enalteciam Robert Mayfield como um bom homem, que agregou e propiciou grandes mudanças para aqueles que tinham entrado em sua vida. Ouvi boas recordações e lembranças, enquanto meu olhar passeou pelos quadros nas paredes e no suporte sobre a lareira. A maioria deles estava escondida atrás de inúmeros buquês de flores e de cartas de despedida, porém alguns se destacavam, em especial os de Robert Mayfield com mulheres. Um ou dois o mostravam com dois rapazes, que deduzi serem Jett e Jonathan, o que me fez pensar em quantos dos presentes ao funeral conheciam de fato o tipo de homem escondido por trás da fachada de normalidade e perfeição.

Mordendo meu lábio com força, eu olhava para a expressão de Jett e a dureza em seus olhos, e lembrei-me do jeito que ele tinha conhecido o pai. Como um homem duro. Como um modelo terrível de pai, que não reconhecia seus erros nem se desculpava. Contudo, ninguém queria falar sobre isso.

— Você vai ficar aqui? Tenho de ver algumas pessoas — disse Jett, puxando-me para fora de meus pensamentos.

— Claro. Vou checar o bufê — apontei na direção da área aberta da cozinha, que eu tinha notado ao chegar. A grande variedade de salgadinhos era compatível com uma recepção de casamento. — Quer alguma coisa?

Jett balançou a cabeça, negando.

— Estou bem — ele me lançou um sorriso terno, e se foi.

Fui até o bufê, peguei um prato e, em seguida, entrei na fila, incapaz de decidir se provaria as ostras ou os rolinhos de salmão. Tudo parecia delicioso, e o bebê dentro de mim sabia disso.

— Você é Brooke, certo? — uma voz atrás de mim me assustou. Virei-me bruscamente para avistar um rapaz alto, com cabelo escuro e olhos azuis. A primeira coisa que notei nele foi o terno de grife preto, a segunda, a confiança nos olhos. Os lábios estavam curvados em apenas uma sugestão de sorriso, pelas circunstâncias.

— Sou — balancei a cabeça. — E você, quem é?

— Sou Jonathan, irmão de Jett. Chame-me de Nate. Todo mundo me chama assim — ele apertou minha mão. — Jett me contou tudo sobre você.

— Sinto muito pela sua perda — comentei.

— Obrigado.

O sorriso de Nate não se alterou, mas captei o olhar súbito para o chão. Lembrei-me de um tempo em que tinha de sorrir e fingir que estava tudo bem, quando o que mais queria era rastejar para um canto e chorar. Encontrar algo em comum foi, talvez, o que me fez gostar de Nate instantaneamente.

— Foi um acidente terrível — murmurou ele, e, pela primeira vez, notei os círculos escuros que emolduravam seus olhos. Engoli o nó na garganta e acenei com a cabeça.

— Terrível e triste — inconsciente do gesto, passei a mão por cima de meu abdômen.

Um breve momento de silêncio constrangedor se seguiu, durante o qual um garçom que carregava taças de champanhe passou. Nate pegou duas, entregando-me uma delas; em seguida, apontou para um sofá no canto da enorme sala de estar. Assenti com a cabeça e o segui, com minhas mãos segurando o copo com a bebida. Sentou-se e convidou-me a fazer o mesmo ao seu lado.

— Como Jett está se segurando? — perguntou o rapaz. A voz dele estava tensa. Um arrepio percorreu minha espinha ao pensar que ele tinha sido a pessoa chamada ao necrotério para identificar o corpo do pai, queimado, irreconhecível. Não dava para imaginar quanto fora difícil para ele, satisfeita por não ter sido Jett...

— Tão bem quanto os fatos permitem.

— Meu irmão é um cara duro. Se algo o incomoda, ele se esforça ao máximo para se livrar disso — ele tomou um gole do seu copo e me observou por um momento, antes de continuar. — Depois que nossa mãe se foi, Jett assumiu o comando. É a maneira como meu irmão mais novo lida com esse tipo de coisa.

Inclinei-me para trás no sofá, escondendo minha surpresa. Claro que Nate conhecia muito bem o irmão. Eles cresceram juntos. Entretanto, falar sobre ele com tanta intimidade me abalou. Como se percebesse meus pensamentos, Nate sorriu e tomou outro gole de sua bebida.

— Basta apoiá-lo e ele ficará bem.

— Vocês dois costumavam ser muito próximos — comentei com naturalidade, lembrando-me das histórias contadas por Jett na Itália. Dois meninos observando a propriedade Lucazzone em segredo, a imaginação deles viajando com teorias de conspiração e mistério. Naquela época, eles não imaginavam quanto estavam certos...

— Correção. Ainda somos — os olhos de Nate se voltaram para mim. — Somos amigos. Nós sempre fomos. Pena que estamos vivendo em estados diferentes.

— Jett disse que você trabalha em Austin.

Os olhos dele se moveram para meu copo. Lutei contra a vontade de tomar um gole obrigatório.

— Sim. Estou gerenciando a divisão sul da Mayfield. Não sinto falta de Nova York, nem um pouco.

— Por quê? — perguntei, um pouco atordoada.

Era uma das melhores cidades do mundo. Tantas pessoas se mudavam para Nova York para seguir seus sonhos. Eu considerava que todos amassem a cidade, a magia das festas, os melhores shoppings e o espírito em geral. Ele apontou para o céu cinzento além da janela, que ia da parede ao teto. Apesar do tempo chuvoso e do horizonte cheio de prédios, ainda era uma vista deslumbrante.

— Sou um cara do Sul, e, para mim, Nova York é uma cidade turística. Não estou dizendo que o Texas é melhor, mas o prefiro por causa do clima, das boas escolas, dos melhores bifes do

mundo, da baixa criminalidade, da elevada taxa de emprego, para citar apenas algumas coisas — ele riu, e me vi rindo com ele. — Não estou tentando convencê-la, mas você deve visitá-lo. E pode acabar querendo persuadir Jett a se mudar para lá.

— Eu poderia — respondi.

— Nesse caso, terei de insistir para fazê-lo quanto antes. Nós poderíamos usar alguém como Jett. Sobretudo porque quero sair de férias de vez em quando. Com certeza, sentimos a falta dele.

Inclinei-me para frente, ouvindo-o com atenção, e constatei a oportunidade de descobrir mais sobre o passado do meu namorado.

— Jett morou no Texas?

— Fomos criados em Smithville, em uma enorme fazenda. Quando nossa mãe adoeceu... — Ele fez uma pausa e eu sabia que se referia ao vício dela em várias substâncias. — Bem... Nosso pai decidiu que o Sul não era o melhor para nós, e, por isso, mudamo-nos para Nova York. Eu tinha 16 anos e Jett apenas 10, quando nos mudamos, de inúmeros cavalos e tardes preguiçosas, para morar aqui, com poluição e edifícios de concreto. Não foi fácil. Quando percebi uma chance de retornar para lá e frequentar a faculdade, agarrei-a, e Jett ficou com papai.

Nate fez uma longa pausa, suficiente para servir-se de outra taça de champanhe antes de retomar a conversa.

— Brooke, esta é provavelmente uma pergunta clichê, mas... Como vocês se conheceram? Você fazia sua entrada na passarela e ele se sentou na primeira fila?

— Não — ri. — É uma longa história, na verdade. Isso aconteceu em um bar, e nós deveríamos ter tido uma reunião de negócios, o que nunca aconteceu.

— Deveriam? — o olhar azul pousou em mim novamente, com um estranho interesse.

— É, deveríamos, sim. Eu não sabia quem era Jett, e o estilo dele não retratava alguém que teria uma reunião de negócios, por isso, o dispensei — sorri desconfortavelmente com as lembranças em minha mente. Não havia apenas dispensado Jett, eu havia sido rude com ele, o que era justificado, dada suas intenções na época. Gostaria de saber se Nate tinha conhecimento disso. — Você não disse que Jett lhe conta tudo? — perguntei, ansiosa para mudar de assunto.

— Ah, você me pegou. Conheço a história, na verdade. Só queria ouvir sua versão — ele ergueu as mãos em resignação simulada. — Infelizmente, Jett se esqueceu de mencionar que você era assim... — ele fez um gesto com a mão e riu —... Tão bonita.

Ele se aproximou de mim, invadindo meu espaço pessoal, e sussurrou em meu ouvido:

— Não estou surpreso por meu irmão ter se apaixonado por você. Sempre compartilhamos o mesmo gosto. Se tivesse sido o cara a conhecê-la, Brooke, teria a convidado para sair, também. — Recostou-se no sofá, e observou minha reação com a expressão autoconfiante que eu muito bem conhecia de seu irmão. Parecia que ser arrogante e cheio de si eram comportamentos familiares.

— Obrigada, acho.

— Estou feliz por meu irmão ter lhe conhecido — disse Nate. — Já estava na hora.

Hesitei, sem saber como reagir à declaração dele.

— Preciso ir — disse, levantando-me. — Jett pode estar procurando por mim e...

— Claro! — Nate enfiou a mão no blazer e entregou-me um cartão de visita. — Aqui está o meu número. Telefone-me se meu irmão precisar de alguma coisa ou se você precisar de alguém para conversar. Você faz parte da família, agora. Tenho certeza de que meu pai teria gostado de conhecê-la — a expressão dele parecia de dor, mas desapareceu com rapidez. — Talvez você possa convencer Jett a nos visitar em um fim de semana. Seria ótimo tê-los por perto. Traria de volta alguma normalidade.

— Claro.

Eu brincava com meu copo. As sobrancelhas de Nate elevaram-se. Franzi o cenho e acompanhei a linha de visão dele até o bonitão de cabelo escuro que parecia ser uma cabeça mais alta do que todos os outros, vindo direto e fazendo o caminho mais curto para nós, e meu coração disparou. Eu ainda tinha de me acostumar com a ideia de que estava com ele.

— Vejo que conheceu minha namorada — disse Jett para Nate, com um sorriso iluminando seu rosto, o primeiro desde a morte do pai. Com o braço dele em torno de minha cintura, Jett me puxou um pouco mais para perto, como para estabelecer o território, o que me fez sorrir.

— Olhe para você. Você é um homem mudado. Como tem passado, irmãozinho? — Nate deu um pequeno tapa no ombro de Jett, um pouco mais forte do que eu teria esperado. Olhei-os enquanto se abraçavam, os olhos deles fixos em algo que eu não identificava, até que me lembrei de algo já dito por Jett.

Competição.

A infância e a adolescência deles estavam repletas de batalhas para estabelecer o melhor, o mais forte, o mais ousado.

— Como está a adorável Natalia? — perguntou Jett.

— Bem. Ela está me cutucando para fazê-lo nos visitar.

— Estou planejando. Em poucas semanas, talvez, quando tudo estiver resolvido.

— Espero que ainda seja neste ano — Nate riu e me lançou um olhar significativo, que encarei como um convite para persuadir Jett a alterar os planos.

— Trouxe os registros da empresa que você solicitou — disse Nate. — Você quer discutir isso agora ou mais tarde?

— Dê-me dois minutos com Brooke e depois conversaremos. — Jett olhou para mim. Eu me despedi do irmão, e logo Nate foi embora.

— Ele sempre foi assim? — comecei.

— Confiante, mas complexo? — Jett me cortou. — Sim. Ele é como o centro de um furacão. Você nunca saberá o que encontrar antes de ser atingido. — Os olhos dele encontraram os meus, e, por um momento, quis envolver meus braços em torno dele e beijá-lo, como se não houvesse amanhã. Sentia falta do velho Jett, quando ele não estava zangado com o mundo e atormentado pela culpa. — Também é muito fácil irritá-lo. Você não gostaria de vê-lo explodir quando

bêbado. Natalia já teve seu quinhão de Nate nesse estado, e é por isso que surpreendo-me por ela ainda estar com ele.

— Quem é Natalia? — perguntei.

— A noiva dele.

Nate estava comprometido. Não esperava isso, tanto quanto não esperava que ele tivesse um possível problema com bebida.

Os olhos de Jett caíram em meu copo cheio e ele o tomou de mim.

— Você não deveria beber isso.

— Não tinha a intenção de beber — respondi secamente.

Eu queria saber mais sobre Nate e a vida dele. Entretanto, questões mais importantes precisavam de uma resposta imediata.

— Ele sabe? — sussurrei.

— O quê? — Jett fez uma careta.

— Sobre a propriedade?

Jett hesitou, ponderando se diria a verdade. Fiz uma carranca, na esperança de que ele não se atrevesse a mentir, pois tínhamos jurado honestidade.

— Eu contei a ele, mas... — e deu um suspiro —... Ele não quer acreditar. Aos olhos dele, nosso pai não poderia ter feito nada de errado, talvez por serem muito parecidos. Ao contrário de Robert, Nate é um cara bom.

— Vocês se falam com frequência?

— Não tanto quanto eu desejaria. A distância não ajuda.

— Deveríamos ir até lá por alguns dias — disse eu. *Isso poderia lhe fazer bem.* No entanto, não acrescentei esse comentário. — Poderíamos contar a todos sobre o bebê.

— Sim — ele olhou para o relógio, impaciente, sinalizando que meu tempo com ele tinha terminado. — Preciso passar os olhos em alguns papéis. Não demorará muito, Brooke. Você ficará bem? — assenti com a cabeça, e os olhos de Jett estavam cheios de preocupação. — Se você estiver cansada, conseguirei alguém para levá-la para casa.

— Estou bem, Jett — apertei a mão dele e lhe lancei um sorriso deslumbrante. — Façam tudo o que precisarem. Esperarei aqui.

— Realmente, não vai demorar muito — ele me beijou e saiu apressado.

Observei-o desaparecer no meio da multidão e, em seguida, voltei para o bufê. Com a gravidez, sentia mais fome do que o normal. Assim que peguei um prato, meu telefone tocou. Um olhar no visor mostrou-me que era Sylvie. Ela havia ligado várias vezes nos últimos dias, e com todo aquele tumulto, eu não tinha conseguido retornar sua ligação.

— Oi — ela parecia nervosa. — Tenho tentado falar com você.

— O funeral é hoje — disse para lembrá-la, caso tivesse perdido minhas mensagens de texto.

— Eu sei — ela fez uma pausa, hesitante. Eu quase podia ouvir o nervosismo dela, o que acabou me deixando instantaneamente ansiosa. — Queria saber se poderíamos nos encontrar

amanhã. Não a vejo há um tempão.

— Claro. Está tudo bem?

— Sim — Sylvie hesitou novamente. — E você?

— Estou bem — menti, e, então, mudei de ideia. Como melhores amigas, era meu dever dizer a verdade. — Na verdade, não. Jett está se culpando pela morte do pai e não sei o que fazer.

— Isso é complicado, mas ele tem de aceitar as coisas ruins que aconteceram, e isso é algo que você não pode fazer por ele. É um processo natural, Brooke.

Assenti com a cabeça. De vez em quando Sylvie abria a boca e algo surpreendente vinha para fora. Era raro, mas acontecia, e aquele era um desses momentos. Em algum lugar no fundo da minha mente registrei que alguém começou a falar no microfone e alguns convidados começaram a me olhar com desdém.

— Nós não podemos falar agora — sussurrei. — Vamos nos encontrar amanhã. Às três da tarde, no mesmo lugar de sempre?

— Estarei lá.

Capítulo 9

O BISTRÔ SITUAVA-SE em uma pequena rua sem saída, protegido do tráfego agitado. Abri a porta e dirigi-me ao nosso lugar costumeiro, no canto mais distante. Uma vez que uma enorme planta a escondia, vi os sapatos de salto alto de Sylvie muito antes de avistá-la sentada. Como de costume, os saltos tinham quilômetros de altura e combinavam com o restante. O cabelo loiro estava brilhante, as unhas feitas, a maquiagem, impecável. Usando um vestido azul justo que combinava com seus olhos de safira, ela estava deslumbrante.

Beijei-a no rosto e deslizei para o assento oposto ao dela.

— Senti loucamente sua falta. — Sylvie sorriu, examinando-me em detalhes, o que não era um bom sinal. Ou havia algo de errado com minha roupa, ou considerou-me exausta, ou ambos. Qualquer que fosse o problema, ela manteria seus pensamentos para si e só me daria dicas quando achasse que eu não perceberia. — O apartamento fica muito vazio sem você.

— Sinto muito! — Percebi, então, que nunca havíamos nos separado por tanto tempo. — Sinto-me péssima por tê-la negligenciado. Tanta coisa aconteceu e acabei não percebendo que não nos vimos por semanas.

— Quinze dias e nove horas — ela apontou para o celular elegante pousado sobre a mesa. — Fiquei controlando os dias no caso de Jett trancá-la em casa e eu ter de processá-lo para conseguir cinco minutos com você.

Abri minha boca para protestar, quando uma garçonete apareceu para nos trazer dois cafés com leite.

— Pedi o de sempre — disse Sylvie. — Espero que você não se importe. O descafeinado é para você. Por causa do... — Sylvie tinha tanto medo de crianças que não tinha coragem nem de pronunciar a palavra.

— Bebê! — Sorrindo, revirei os olhos e tomei um gole de meu café. Estava delicioso, embora notasse a falta de cafeína. Mesmo estando no primeiro trimestre, mal podia esperar o término da gravidez para voltar a minha dose usual e pesada de cafeína.

— Você já contou para sua mãe? — perguntou Sylvie, brincando com a colher em sua xícara.

— Ainda não.

Sylvie franziu o cenho. Levantei minha mão antes que ela começasse o interrogatório e me convencesse a tomar uma decisão que eu não queria.

— Estou esperando para ver se é sério entre mim e Jett. Conhecendo minha mãe, no momento em que eu falar do namorado ou do bebê, ela virá com toda a tradição para cima de mim, você sabe... — gesticulei, ignorando a vontade de revirar meus olhos de novo — ... Insistindo para que nos casemos e tudo mais. Não quero assustar Jett. — O simples pensamento de mencionar o casamento e assustá-lo quase me causou um ataque de pânico. — Deus, Sylvie, sinto-me como uma porcaria de amiga por não ter entrado em contato com você mais cedo. Como você está?

— Está tudo bem. Estou bem. Para ser honesta, tenho estado muito ocupada, também! — Ela me deu um sorriso deslumbrante, que costumava significar uma de duas coisas: ela havia conseguido colocar as mãos em uma bolsa de grife que alguém esperaria por meses, ou estava em um relacionamento. Tomei um gole do café, pensando que a conhecia bem o suficiente para adivinhar o que ela me diria. — Recebi uma oferta de emprego da Delta & Warren e estou decidindo se aceito ou não.

Fiquei boquiaberta.

— Uau. Sylvie, isso é ótimo. É o emprego dos seus sonhos, há anos. O que você está esperando? Algumas semanas atrás, disse-me que faria qualquer coisa para conseguir a vaga.

— Eu sei disso, certo? — Sylvie soltou um suspiro exagerado.

Apertei os olhos, na esperança de entender o sentido daquela expressão enigmática. A maneira como seus dedos não paravam de brincar com a bainha do vestido levantou uma suspeita.

— Por quê? — questionei.

— Tenho pensado muito nos últimos dias.

Sylvie nunca *pensava*. Ela agia por impulso, e fazia tudo o que seu coraçãozinho e seu corpanhão desejavam.

— Não entendo. Esse é seu emprego dos sonhos. Você trabalhou duro por ele, e agora me diz que está *pensando*?

— Sei que parece estranho, mas... — ela evitou meu olhar de novo, e, naquele instante, soube que minha intuição inicial estava certa. — Kenny quer me mostrar o Arkansas. Esta poderia ser minha primeira tentativa de um relacionamento real. Não quero estragar tudo. Além disso, ele conhece tantos lugares, sinto-me como fosse perder tudo isso.

Pisquei várias vezes, incapaz de compreender o significado de suas palavras.

— Você quer viajar com Kenny? — perguntei, chocada. — O que aconteceu com o “nunca colocar um cara em primeiro lugar”?

— Seria só por dois meses, e, depois, eu estaria de volta à minha vidinha chata de sempre.

Chata? Sylvie não conhecia o que era chato, ainda que isso batesse em sua porta.

— Você é uma garota da cidade, Sylvie. Você odeia ficar sentada em um carro, ou sentada *em qualquer lugar*, por mais de uma hora. Você diz que isso lhe dá coceiras.

Ela encolheu os ombros.

— Talvez eu tenha mudado. A vida faz isso com as pessoas. Venho estudando e trabalhando durante toda a minha vida. Talvez eu tenha me cansado. Talvez eu precise de algo novo.

Semicerrei os olhos, reavaliando-a. Alguma coisa havia acontecido, pois a Sylvie conhecida fazia, sim, coisas estúpidas, porém elas não eram enormemente estúpidas. Será que a morte do pai de Jett a afetou de alguma maneira? Ela não o conhecia, mas talvez o falecimento a tivesse deixado mais consciente de quão fugaz a vida pode ser. No fundo do coração, eu poderia aceitar que Sylvie procurasse algo novo, porque queria vê-la feliz e apoiá-la, não importando quanto isso tudo pudesse ser maluco. Só queria que ela estivesse ciente das consequências.

— Quando você está planejando ir? — perguntei.

— Kenny quer partir assim que eu estiver pronta. Pensei em antes do fim do mês.

— Se é o que você quer, vou apoiá-la — respondi. — Você não deve se preocupar em agradar ninguém. E você ama as férias — com atendimento cinco estrelas, mas isso eu não falei. — Antes de decidir, porém, gostaria de lembrá-la da oferta de emprego, seu grande sonho. Pode ser uma oportunidade única.

— Eu sei... — lamentando-se —... E é por isso que está tão difícil decidir. E depois há você e o...

— Bebê.

Ela acenou com a mão.

— Sim. Não quero deixá-la aqui, sozinha.

— Bem, não se preocupe com a gente. Tenho certeza de que você voltará antes de ele nascer. Ainda temos mais alguns meses pela frente.

— Tem certeza? — Sylvie parecia em dúvida. — Talvez Jett e você precisem de uma pausa. Se quiser, você pode vir com a gente.

Franzi a testa. Eu a tinha observado nos últimos minutos, e pela maneira como se comportava, eu sabia que escondia alguma coisa. Estava nervosa, mais do que o habitual. E o que ela disse? Que eu terminasse meu relacionamento e deixasse Jett sozinho, com a dor dele?

— Você está sugerindo que eu termine com ele? — tentei manter minha voz baixa e casual, sem êxito.

Ela se inclinou sobre a mesa e agarrou minha mão para interromper a onda repentina de raiva que se derramava sobre mim.

— Não, Brooke. Eu apenas pensei que talvez ele pudesse precisar de algum tempo sozinho para lidar com sua dor. As pessoas não são elas mesmas quando sofrem essas perdas. Não quero que as coisas caiam sobre seus ombros.

— Não posso, Sylvie — minha voz saiu mais agitada do que o necessário. Respirei fundo e soltei o ar devagar. — Ele precisa de mim mais do que nunca. Mesmo quando me deixa de fora de sua vida, é como se uma parte minha estivesse com ele, sentindo o que ele sente. E, literalmente, me dói vê-lo assim.

A simples ideia de não vê-lo todos os dias e de não acordar com sua barba áspera em minha pele deixava-me ansiosa e desejosa por chamá-lo apenas para ouvir sua voz.

— Eu sei, querida, mas sinceramente acho que você deve pensar sobre isso. — Ela pegou minha mão de novo, a voz mudando para um sussurro. — Há outras coisas com as quais você precisa se preocupar.

Meu corpo todo enrijeceu.

— O que você quer dizer com isso?

Sylvie mordeu o lábio, seus olhos evitando os meus.

— É por isso que tenho ligado, e você, sempre indisponível... Eu teria mandado uma mensagem, mas com a morte do pai de Jett você estava mais ocupada ainda, e não era algo que se devesse colocar em uma mensagem de texto.

— Por favor, não me diga que você teve o tipo de surpresa que eu tive quando retornei da Itália — ri nervosamente. Uma gravidez indesejada era o pesadelo de Sylvie. — Já houve muito drama por ora.

— Não, não é isso — ela olhou para baixo, pausando, evitando meu olhar de propósito, o que não era um indício positivo. Daí a preocupação apoderou-se de mim. Será que Kenny era violento? Essas coisas aconteciam. Ouvia-se todos os dias, lia-se nos jornais. Eu não queria que Sylvie fosse mais uma vítima.

— É o Kenny? Seja qual for o problema, diga-me. Só porque Jett precisa de mim não significa que não estou aqui para ajudá-la.

— As coisas estão bem com ele. Estamos namorando. Ele é ótimo — respondeu Sylvie. Abri minha boca para tentar uma resposta, quando ela levantou a mão. — Por favor, pare, Brooke. Não é sobre mim. É sobre você e Jett, e é ruim... Deus, isso é tão difícil de dizer...

— *Ruim?* — Meus dedos se fecharam ao redor da xícara, tão apertados que a poderia quebrar, enquanto centenas de pensamentos passavam pela minha mente.

O que poderia Sylvie saber que eu não sabia? Será que ele estava tendo um caso e ela não tinha coragem de me contar?

— Prometa-me que não irá me matar — disse ela, apertando minha mão. — Preciso que prometa, porque juro que, caso contrário, não direi nada.

Meu coração disparou. De repente, eu não queria saber. Senti como se devesse correr para fora da porta e não olhar para trás, fingir que a conversa nunca tinha acontecido. Contudo, meus

pés estavam colados ao chão, enquanto, dentro de mim, estava prestes o desencadear de um tornado de caos.

O que poderia ser tão terrível para que Sylvie ficasse tão preocupada? Ela era minha melhor amiga, eu sabia. E nunca teve medo de compartilhar sua honesta opinião. E, então, concluí que um caso de Jett seria a única razão pela qual ela poderia ficar tão nervosa assim.

Jett estava tendo um caso. Eu sabia, pois ele estava trabalhando longas horas, muitas vezes chegando em casa depois da meia-noite.

O que você esperava, Stewart? Ele é um cara com um ego enorme e com uma aparência que nenhum homem deveria ter. Que mulher poderia dizer “não” a ele?

— Sei o que você quer me dizer — sussurrei. — Eu deveria ter sabido disso há tempos...

Sylvie fez uma careta.

— Não acho que estamos falando da mesma coisa.

— Você está falando de traição?

— O quê? Não, o livro. Ele está comigo o tempo todo.

Ela olhou para mim, esperando ansiosamente por minha reação. Os olhos dela brilhavam com algo e, por fim, compreendi. Seu nervosismo não resultava de nervos em frangalhos.

Era causado pelo medo. Era puro pavor.

Do tipo que faz querer participar do programa de proteção a testemunhas. O tipo de medo que faz querer comprar uma arma, e isolar todos os que ama dentro de uma sala de pânico.

— Do que você está falando? Que livro? — perguntei. Entretanto, antes mesmo de ela confirmar meu maior pesadelo, senti-me fisicamente doente. — Como era possível? Ele foi roubado.

— Na verdade, não — Sylvie sorriu. — Encontrei-o dentro da minha mala. De alguma maneira, acho que o peguei com o resto das minhas coisas antes de irmos para Bellagio, para comprar os testes de gravidez — ela apertou minha mão, desculpando-se. — Sinto muito, Brooke. Minha mala é um pequeno Triângulo das Bermudas, engole tudo. Juro que tudo que coloco fica perdido ou esquecido, apenas para ressurgir quando quer. É tudo culpa minha.

— Você quer dizer que ele estava conosco o tempo todo? — disse lentamente.

Ela assentiu com a cabeça.

— E o disco?

Ela assentiu com a cabeça, novamente.

— O livro, o disco, eles estão aqui. Eles levaram apenas os relatórios financeiros e as folhas de papel que encontraram no porão.

Minha mente começou a girar.

— Oh, Deus. Você percebe que poderia ser a razão pela qual eles mataram o pai de Jett? — fechei os olhos, desejando me esconder para sempre.

Caindo na escuridão, mas eu já estava na escuridão, e isso parecia muito pior do que imaginei que fosse.

O pai de Jett não morreu porque Jett não o avisou. Ele não morreu porque alguém o colocara em alguma lista negra. Ele foi morto porque as pessoas envolvidas não conseguiram o que queriam, e eles eram perigosos o suficiente para cometer assassinato.

— Robert Mayfield era uma testemunha potencial — disse, lentamente, as palavras ecoavam no meu cérebro com a intensidade de tambores rebimbando. — Ele conhecia o clube, em todos os detalhes. Tinha toda a informação por nós desejada. Eles temiam que o pai de Jett pudesse nos contar muita coisa. Adicione o depoimento dele ao livro e ao disco, e nós teríamos provas concretas contra tudo o que acontece lá dentro.

Minha cabeça latejava forte, reforçando a sensação de enjoo com a ideia do que isso significaria para nós.

— Estou me sentindo mal.

Corri para o banheiro e invadi um cubículo, fracamente consciente da presença de Sylvie. Fiquei sobre a privada até que meu estômago se esvaziasse. A mão de Sylvie afagava minhas costas, e ela permaneceu em silêncio enquanto eu lavava meu rosto. A água fria refrescou minha pele quente e ajudou a limpar minha mente. E, então, desabei. Como uma represa que estoura, as lágrimas começaram antes que pudesse detê-las.

— Como contarei para Jett? — perguntei. — Depois do acontecido com o pai, ele poderia pensar que não valho o risco e terminaria comigo.

— Não conte nada, Brooke! — Seus olhos encontraram os meus, e por um momento, fiquei sem palavras diante do esquema mental e da determinação que vislumbrei neles. — Você apenas fingirá que nada aconteceu.

— Até a sujeira bater no ventilador? — bufei. — Você está louca, caramba?

— Então, eu contarei. A culpa é minha, não sua, portanto, eu lidarei com ele.

— Você tem certeza de que a culpa é sua? — Lembrei-me do dia em que descobri que estava grávida. Minhas lembranças eram uma bagunça, borradas por aquela notícia que eu julgava poder despedaçar meu mundo. Lembrei-me de uma mala, de documentos e de nós correndo para fora. Mas quem pegou o quê? — Poderia muito bem ter sido eu. Você sempre se esquece das coisas, e eu sempre busco o que você deixa para trás. Além disso, acabo enfiando minhas coisas dentro da sua bolsa, porque ela é sempre maior do que a minha.

— Não importa quem fez o quê. De verdade, não acho que você deva contar a ele — e balançou a cabeça.

A sensação de frio se instalou na boca do meu estômago. Nós tínhamos prometido manter a honestidade um com o outro. Tecnicamente, não contar a ele não seria mentira, mas guardar segredos com certeza seria desonesto.

— Não posso — agarrei os ombros dela em uma fraca tentativa de fazê-la entender meu dilema. — E se eles machucarem mais pessoas? Jett deve saber.

Olhei seus olhos e vi meu próprio medo neles refletido. Era essa a razão pela qual Sylvie estava tão determinada a fazer uma viagem pela estrada, para longe do drama e do perigo que eu

parecia atrair como ímã?

— Se ele romper comigo, ficarei bem — disse, com minha decisão já tomada. — Ele partirá meu coração, provavelmente, mais do que antes, e levará um longo tempo para curar, mas pelo menos eu contarei tudo.

— Por que ele faria isso? Seria estúpido. Jett pode ser muitas coisas, menos idiota. — Ela sorriu, porém o sorriso não alcançou seus olhos, revelando ser falso e apenas com a intenção de fazer-me sentir melhor. O ligeiro tremor na voz demonstrou que ela estava tão insegura quanto eu sobre o que o futuro nos reservaria. — Você é boa demais para ele e ele sabe disso.

— Não tenho tanta certeza — balancei minha cabeça.

Eu estava mentindo para mim mesma.

Após a invasão na casa, Jett tinha me garantido que tudo estava acabado.

Eu ainda me lembrava de suas palavras exatas.

Eles têm tudo o que queriam, por isso não há necessidade de voltarem.

Contudo, eles não tinham o que queriam. Talvez tencionassem enviar uma mensagem ao matar Robert Mayfield. Se fosse esse o caso, ninguém estava a salvo. Nem eu, nem Sylvie, Jett, nem Nate. Esse, porém, não era meu maior medo. A culpa de Jett continuava incomodando-o, e eu não conseguia afastar a sensação de que tudo o que tinha acontecido fora por minha causa. Desde a confissão de Sylvie, perguntava-me como Jett reagiria assim que lhe contasse a verdade. E se começasse a me culpar pela morte do pai? E, o mais importante, ele seria capaz de me perdoar? Porque, tão certo como o Sol se põe depois de um belo dia, com a promessa de uma noite fresca, ele ficaria louco da vida e não eu sabia o que uma confissão completa poderia significar para nós. Ficaríamos juntos? Será que ele continuaria me amando?

E pensar em todas as vezes que esperei que Jett me desapontasse, em todas as vezes que eu havia desconfiado dele. Desde que descobri que Jett tinha mentido para mim, preocupava-me com o fato de ele me machucar, o que parecia absurdo, tendo em vista o desastre que estava prestes a ser desencadeado. Durante semanas, eu o tinha observado e tentado ler cada gesto e cada palavra, enquanto o pensamento de que eu poderia ser a pessoa a cometer um erro tão grave, que custaria uma vida, nunca me ocorrera. Nunca percebi que eu poderia ser a pessoa que falhou, e odiava-me por isso.

Se Jett me amasse de verdade, ele perdoaria o imperdoável. Mesmo que o fizesse, eu seria capaz de me perdoar por ter sido a causa da morte do pai dele? Minha irmã era uma coisa. A morte dela tinha sido culpa minha e isso ainda me assombrava em meus pesadelos. E o pai de Jett? Eu poderia viver com uma segunda morte em minha consciência?

Capítulo 10

NÃO CONVERSAMOS durante toda a viagem de táxi para o apartamento de Sylvie, o qual compartilhamos por anos, até duas semanas atrás. Após a chegada da Itália, Jett e eu decidimos que seria mais seguro para o bebê e para mim morar com ele. Aceitei com relutância, porque ele tinha razão, porém, em pé, na antiga sala de estar pintada de cor lavanda e decorada com nossas coisas, não consegui evitar que a saudade tomasse conta de mim. Talvez minhas lembranças fossem meu impedimento para devolver a chave ou pegar todos os meus pertences, e percebi que ainda não estava pronta para fechar a porta para esta parte do meu passado.

Em silêncio, assisti Sylvie deixar sua bolsa sobre a mesa do café e tirar o casaco, jogando-o sobre a bolsa, antes de virar-se para mim.

— Não tenho como dizer quanto eu sinto muito. Eu só...

— Não! — cortei. — Vamos nos concentrar no agora e nos preocupar mais tarde. Mostre-me o livro.

— Fique aqui. Já volto.

— Como se eu fosse a algum lugar... — murmurei.

Esperando ali por Sylvie, concluí que poderia ficar mais à vontade; então, peguei duas latas de refrigerante para nós e atirei-me no sofá, abri uma e tomei um gole. Coloquei-a sobre a mesa lateral e tentei preparar-me para checar o que Sylvie traria. A tensão era tão espessa que quase podia sentir seu gosto. Olhei nervosamente para o pacote que ela me entregou.

O livro de capa de couro preto era leve em minhas mãos, contudo continuava ameaçador. Havia uma chance remota de Sylvie ter, de alguma maneira, posto suas mãos no diário de alguém, com páginas amareladas que continham a alegria de um novo relacionamento ou os segredos de um caso de amor, qualquer coisa, menos cinco nomes e algumas sequências de

números. Abri a primeira página, e meu último fio de esperança se esvaiu. Eu desejava que fosse apenas um pesadelo do qual não conseguia despertar. Entretanto, mesmo beliscando-me inúmeras vezes, sabia que não estava sonhando. Nenhum sonho seria tão terrível e devastador. Nenhum sonho evocaria o tipo de desolação que esses cinco nomes provocavam em mim.

Olhei para eles enquanto giravam diante dos meus olhos como um disco rodando:

David McMulldrow
Eric Statham
Clarence Holton
Robert Mayfield
Troy Bradley Wilson

— Você contou para Kenny? — por fim, falei.

— Não — Sylvie balançou a cabeça, os olhos azuis encontrando os meus. — Queria mostrar-lhe primeiro. Qual é o problema com os nomes?

— Jett acha que é uma lista de alvos ou algo assim. Ele acredita que eles tenham tentado sair do clube.

— Que droga... — Sylvie soltou um suspiro profundo. — Na verdade, eu os pesquisei no Google.

— Ah, é? — endireitei-me no sofá, interessada. — E encontrou alguma coisa?

— Conheço Clarence Holton. Não pessoalmente, mas ele é amigo de meu pai. Eles costumavam jogar golfe juntos. É dono de metade das revistas de fofocas na Europa.

— Certo — bati meus dedos sobre o livro. Não gostei do fato de Clarence Holton ser amigo da família de Sylvie. — E quanto aos outros?

Inclinou-se para frente, conspirando, e começou a cochichar:

— Há um, digamos, famoso Troy Bradley Wilson no Canadá. Ele ensina Física em Montreal, ganhou alguns prêmios e é um nome popular em vários jornais. Mas ele não me parece ser o tal que estamos procurando, então, vasculhei ainda mais e achei outro cara chamado Troy. Ele é um palestrante bem-sucedido e cofundador de uma empresa, em San Diego, chamada... Espere!

Ela desapareceu no corredor e voltou com um notebook. Em seguida, começou a ler em voz alta.

— Latrix. Eles são especializados em, escute bem, importação de produtos eróticos!

— Produtos eróticos e um clube de sexo. Muita coincidência, não? — disse.

— Sim — ela levantou as sobrancelhas de maneira significativa. — Bem, o próximo. A pesquisa sobre Eric Statham trouxe muitos resultados, porém, supondo que seja rico, o que parece ser um pré-requisito, ou ele é um empresário bem-sucedido ou um jogador de futebol famoso de Illinois. Não acredito que seja o jogador de futebol, porque o cara é gostoso. Muito gostoso. Ele não precisaria de um clube assim para transar.

— Então, é o empresário — olhei para os dois últimos nomes na lista. — Não há necessidade de saber quem é Robert Mayfield. E sobre David McMuldrow? Você desenterrou alguma coisa sobre ele?

Reli o nome em voz alta e, em seguida, levantei o olhar. Sylvie me observava. Sua súbita hesitação não retratava algo bom.

— Quem é ele? — perguntei.

— Ele é um assassino. Ele matou a esposa e dois filhos. Os psicólogos o declararam mentalmente instável, porém foi absolvido por falta de provas.

Meu sangue gelou nas veias.

— É tão cruel — sussurrou Sylvie. — Vi fotos dos filhos dele e os abusos que sofreram. É horrível demais sequer imaginar.

— É um mundo cruel e injusto — repliquei com amargura. — Mesmo se você lutar por justiça, pode perder e talvez até mesmo ser ridicularizada por tentar — olhei para o livro negro em minhas mãos. — Danny, o namorado da minha irmã, ficou livre porque o juiz foi influenciado por preconceitos pessoais e não enxergou que, por trás do rosto sorridente de Danny e de suas palavras encantadoras, escondia-se um monstro. Nenhuma lei no mundo ajudará se a justiça for atingida pela incapacidade humana de julgar o certo e o errado, o bem e o mal, e que belo não é igual a bom.

— Eu sei — disse Sylvie fracamente.

Fechei o livro, desejando que fosse tão simples assim desligar o mal. Jogar fora. Queimar. Fazer tudo o que for necessário para tornar o mundo um lugar mais seguro.

— Às vezes, eu gostaria de matá-lo. Havia noites em que queria vê-lo morto por causa de toda a tortura e dor que causou à minha irmã — ri, não porque fosse engraçado, e sim, pela dor do pensamento.

Limpei uma lágrima perdida em meu rosto, a lembrança da perda ainda era muito pesada, e olhei a umidade em meu dedo.

— Eles lhe concederam proteção. Enquanto meus pais e eu éramos ameaçados pelos amigos de Danny e temíamos por nossa vida, aquele pedaço de merda passava seus dias no aconchego de um esconderijo. Não importa quantos anos se passem, não consigo parar de pensar nela e em todas as coisas que poderia ter feito para salvá-la. As pessoas dizem que tudo de ruim acontece por uma razão. Adoraria saber qual é essa razão...

Sylvie me deu um abraço apertado. No silêncio da sala, eu sabia que ela me entendia. Que estaria ao meu lado, aliás, ela sempre esteve. Por mais simples que seu toque parecesse, ele significava muito mais do que palavras, pobres e inúteis, ditas sem real intenção, exceto, talvez, para encerrar uma conversa desconfortável. Além disso, não havia palavras que pudessem ser ditas e que aliviassem minha dor. Ela sabia disso. Eu sabia disso. Dizer que sentia muito não era o suficiente.

O tempo não apagaria minhas memórias. O tempo não as tornaria menos dolorosas, apenas fez-me apreciá-las mais. A cada dia, a cada respiração, sentia-me crescendo, tornando-me mais forte, uma pessoa corajosa que aceita uma realidade que não era apenas bonita. Era cruel. Era de partir o coração, e na qual só os mais fortes sobrevivem. O tipo de mundo que me apontou a necessidade de seguir em frente, continuar lutando, continuar aprendendo. De levantar-me depois de cair e avançar um pouco mais, sem depender de ninguém, sem olhar para trás.

— Sinto muito jogar isso tudo em cima de você. Minha cabeça é um lugar horrível para estar, agora. Não sei quando tudo ficou assim tão sério — disse eu, sentindo-me culpada por meu passeio de montanha-russa emocional.

Forcei um sorriso e saí do abraço de Sylvie.

— Gostaria que você falasse mais sobre isso — disse Sylvie, com delicadeza.

Balancei a cabeça, negando. Não era o momento.

— O que eu gostaria de enfatizar é que não podemos afirmar que o cara que estamos procurando, Eric Statham, *não é* o jogador de futebol. Não importa que seja bonitão. Não permita que a aparência dele a influencie; as pessoas más são parecidas com você e comigo. Uma mente maldosa nem sempre resulta de má-educação. É o resultado de mau-caráter, o que pode acontecer sem nenhuma influência externa. Há pessoas atraentes e que são ruins, não porque foram criadas assim. Trata-se de uma questão de escolha, uma questão que nós nunca entenderemos, não importa quanto tentemos.

— Sempre pensei que bandidos tivessem cara de loucos — os lábios dela se contraíram num sorriso. A tênue tentativa de infundir humor em uma situação tensa era mais do que bem-vinda.

— Você está assistindo muitos filmes de terror.

— E você me faz pensar duas vezes antes de convidar o entregador de pizza a entrar. A vontade é esconder-me em um quarto, como uma doida, e não confiar em mais ninguém.

— O fato de ter encontrado o livro é a razão pela qual você quer viajar? — Queria fazer esta pergunta desde o momento que ela me contou sobre sua descoberta. — Fugir de tudo é a solução?

— Nunca pensei sobre isso — ela admitiu. — Kenny me convidou antes de eu encontrar o livro. Mas, de alguma maneira, sim. Pensei que, se me distanciasse de tudo, fisicamente, escaparia. E, talvez, na volta, tudo estivesse terminado, porque sinto-me como se estivesse sendo vigiada. Sei que é paranoia, mas é como me sinto...

— Fugir não é a saída para os problemas — olhei para meu relógio. Em menos de uma hora, Jett sairia do trabalho, e eu queria estar em casa antes que ele chegasse. Empurrei o livro e o disco para dentro da minha bolsa. — Tenho de ir — eu fiquei de pé e me dirigi para a porta. Parei no meio do caminho, lembrando-me de que não havia perguntado sobre o disco. — Você checkou o disco também?

— Tentei, mas pede uma senha.

— Temos de conversar com Kenny, então. A propósito, ele é incrível! — Vesti minha jaqueta.
— Levei um tempo para entendê-lo, mas estou feliz que você o esteja namorando.

— Sim, eu também acho. Quem diria que a viagem à Itália acabaria desse jeito? — Suas bochechas coraram um pouco, o que nunca acontecia ao se referir a um cara. — Falando sobre a Itália, esqueci-me de lhe perguntar. Você, por acaso, viu minha pulseira de tênis? Lembro-me de que ainda a tinha quando voltamos.

Balancei minha cabeça. A pulseira de tênis era uma das joias favoritas de Sylvie.

— Deve estar no banheiro. Se não estiver lá, passarei aqui no fim da semana para ajudá-la a procurar.

— Não esquentar. Ela pode estar em algum lugar na mala. Não a desfiz ainda — ela riu e acompanhou-me até a porta, com hesitação. — Quer que eu a acompanhe?

— Não é necessário. Ficarei bem — abracei-a por alguns instantes.

— Tem certeza?

Soltei um suspiro exagerado.

— Não estou com medo. Deixei de temer gente ruim há muito tempo, porque não me importo com o que pode acontecer comigo. O que me assusta é desapontar Jett. Portanto, o que eu mais quero é ver essa história toda terminada de uma vez.

Sylvie encostou-se ao batente da porta e cruzou os braços sobre o peito.

— Então isso é estar apaixonada, acho. Você valoriza o que deseja manter. Se Jett não lhe perdoar, ele não sente o mesmo. Você merece alguém que fique ao seu lado, de todas as maneiras possíveis. Se ele realmente a ama, fará todos os esforços por sua causa.

— Obrigada pela informação, Oprah... — essa era nossa fala favorita. — Ligo mais tarde com uma atualização sobre a situação com Jett. Deseje-me sorte e certifique-se de trancar a porta.

— Você sabe que sempre faço isso — o que era uma mentira. Ela sempre se esquecia.

Sylvie não abriu caminho para mim e, apesar do sorriso encorajador, seu olhar implorava-me para ficar. Eu queria tanto que quase cedi. Contudo, precisava falar com Jett.

— A gente se fala.

Passei por ela, ansiosa por ter algum tempo sozinha para ordenar meus pensamentos.

Capítulo I I

LÁ FORA, A CHUVA TINHA PARADO, mas o céu continuava cinzento. O ar carregava o cheiro de fumaça de carros e de terra úmida, e uma vaga promessa de que o outono logo chegaria, colorindo as ruas em tons de cobre e laranja. Forcei a entrada de oxigênio em meus pulmões e desci a rua em busca de um táxi, desviando das poças d'água em cada esquina.

Cheguei a um cruzamento e parei. Uma limusine preta passou e virou a esquina, no sentido da casa de Sylvie.

As luzes dos sinais ficaram verdes. Eu estava prestes a atravessar a rua quando notei um homem andando na minha direção, acenando.

— Desculpe-me — disse ele, com um forte sotaque estrangeiro que não consegui identificar. — Você poderia me ajudar? — Vestido com jeans e uma camiseta com o logotipo “I Love NY” estampado no peito, parecia um turista. E um turista perdido. Sorri.

— Claro. Para onde você está indo? — perguntei.

Ele se aproximou. Os braços dele roçaram os meus, casualmente, quando me mostrou o mapa. Ele não se importou, mas eu, sim, e me afastei para colocar alguns centímetros entre nós. Isso já havia acontecido. As pessoas não percebiam quando invadiam meu espaço pessoal.

— Desculpe-me — sorriu ele, desculpando-se, e apontou para um ponto no mapa. — Preciso chegar aqui.

— Você deve pegar um táxi. É longe demais para ir caminhando. — Olhei para cima para assegurar-me de que ele havia entendido, quando alguém me agarrou por trás e cobriu minha boca com tanta força que tirou o ar de meus pulmões. Minha bolsa foi arrancada do meu ombro. Por um momento, minha mente esvaziou-se, incapaz de dar um significado para a situação, e, em seguida, minha consciência despertou. Meu coração quase parou no meu peito, enquanto

lutava contra as mãos de ferro que me arrastavam para um carro próximo, que percebi ser a limusine preta.

— Me solte! — gritei, mas nenhum som escapou da minha garganta. Mordi tão forte quanto podia a mão que apertava minha boca fechada, os dentes perfurando a pele.

— Vaca! — Uma voz masculina sussurrou um momento antes de eu ser empurrada, cair de joelhos, e a porta do carro ser fechada, deixando-me completamente no escuro. Apesar da pontada aguda de dor disparando no meu joelho esquerdo e se espalhando por minha coxa, avancei para a porta e puxei a maçaneta. Ela não abriu.

Eu estava presa.

Droga!

Minha respiração acelerou quando inúmeros pensamentos começaram a percorrer minha mente. Eu estava sendo sequestrada, e ninguém sabia onde eu estava. Se não alertasse alguém, ali, jamais poderia sair viva. Batendo os punhos contra a janela, gritei por socorro. Minha voz ecoou em meus ouvidos, porém nada se mexeu e ninguém veio em meu auxílio. As janelas não eram apenas escurecidas com película, o que impedia alguém olhar para dentro ou para fora. O carro era, provavelmente, à prova de som, também. O motor zumbiu, e a limusine começou a se mover.

Pense, Stewart.

Respirei fundo e soltei o ar lentamente, para tentar acalmar meus nervos em frangalhos. Talvez, se eu tivesse sorte, meus sequestradores se contentassem com minha bolsa e os objetos de valor no interior dela, e me despejassem na rua. Eu sabia que era uma esperança tola, mas não podia deixar a realidade me invadir... Ainda.

Poderia escrever um bilhete e jogá-lo para fora, caso o vidro do carro abrisse. Alguém poderia encontrá-lo e pedir ajuda. Sempre carregava papel e caneta na bolsa e minha mente já tinha uma mensagem: *Ajude-me. Fui sequestrada em uma limusine preta por dois rapazes, um com sotaque. Obrigada e nem sempre confie em turistas.*

Ri amargamente de minha piada horrível, enquanto fiquei de joelhos e passei as palmas das mãos sobre o chão em busca de minha bolsa e de um milagre. Se eu pudesse alcançar meu celular, a primeira coisa que faria seria ligar para o 911 e eles rastreariam o carro. Ou, então, eu enviaria uma mensagem para alertar Jett.

E, então, alguém acendeu as luzes. Pisquei várias vezes, até que meus olhos se ajustaram e vi a figura sentada do outro lado.

Não brinca!

Minha mente colocou um nome naquele rosto, mas não podia ser. Ou eu estava alucinando ou enlouquecendo. Entretanto, ele parecia muito real e não havia dúvidas de que era o mesmo cara que eu tinha visto em todas as fotos no funeral. Na minha frente, com os dedos entrelaçados, curvado para a frente para me avaliar com atenção, estava Robert Mayfield. E ele estava muito vivo.

Capítulo 12

— VOCÊ DEVE ESTAR PROCURANDO por isso.

Robert Mayfield lançou a bolsa para mim e ela caiu aos meus pés. Peguei-a, agradecida por ele não a ter aberto e verificado o conteúdo. Enquanto não sabia o que ele queria de mim, ou como estava vivo, desenvolvi um palpite muito interessante. Por um momento, senti-me tentada a pegar meu celular, porém não podia permitir que ele descobrisse o livro preto e o disco. Precisava deles no caso de ser necessário negociar pela minha vida.

— Sei que você tem um celular aí dentro. Nem pense em tentar chamar alguém — continuou ele, lendo meus pensamentos. — Na verdade, entregue-me o telefone.

— Eu não ligaria para ninguém — murmurei. Abri o zíper apenas o suficiente para passar minha mão e pegar o telefone. Quando o encontrei, eu o entreguei, certificando-me de que ele não visse o compartimento lateral, no qual eu tinha escondido o livro e o disco.

Ele fez um sinal para que me sentasse na sua frente.

— Posso lhe oferecer uma bebida, Brooke? — Sem esperar pela minha resposta, ele colocou uísque em dois copos e entregou-me um. Sentei-me no banco de couro e peguei o copo da mão estendida, mas não bebi. — Tenho de lhe pedir desculpas pela maneira como meus dois guardas a trataram. Não é um procedimento-padrão com nossos funcionários.

— Pensei que você estivesse... — comecei.

— Morto — e ele terminou a frase para mim. — É o pensamento de todos. É no que desejo que acreditem.

Ele apontou para minha bebida, convidando-me a beber. Observei o líquido dourado como se fosse veneno, pois não confiava nele. As pessoas que desejam ter uma conversa amigável não

raptam você. Elas costumam convidá-lo para um café, em vez de fazê-lo acreditar que está prestes a ser contrabandeado para o México.

Sirenes de alarme começaram a soar na parte de trás de minha cabeça, e a garganta ficou seca.

— Não entendo. Por que você quer que seus filhos acreditem que esteja morto? — sussurrei.
— Por que alguém deixaria os filhos sentirem tanta dor?

— Beba. Não tem perigo.

Não segui a ordem dele. Meus dedos agarraram o copo enquanto o observei por alguns segundos, esperando uma explicação. Que não veio.

Robert Mayfield ergueu as sobrancelhas e apontou para o copo novamente. Ele queria que eu bebesse. Achei que era algum jogo de poder sórdido, e se eu quisesse sobreviver e escapar, teria de jogar com ele. A julgar pela expressão de seu rosto, ele sabia muito bem disso, tão bem quanto eu. Talvez se achasse que eu estava cooperando, ele me deixasse. Levei o copo aos lábios e tomei um gole, deixando o uísque descer pela minha garganta.

Satisfeito com minha ação, ele tomou um gole e recostou-se com um sorriso, agitando o líquido dourado no copo.

— Respondendo à sua pergunta... É complicado — disse ele, por fim. — Estou fazendo um favor a eles.

Esperei que continuasse. Quando ele não respondeu, percebi que seria tudo o que conseguiria extrair. Por mais que quisesse sondar, uma pergunta mais importante dominava.

— O que você quer de mim?

— Tantas perguntas, Brooke — ele balançou a cabeça devagar, como se estivesse sem paciência para educar uma criança ignorante. — Jett não exagerou quando disse que devíamos contratá-la, porque você era briguenta — ele encheu o copo de novo e se inclinou para trás, os olhos verdes me avaliando. Eram do mesmo tom dos olhos de Jett, porém não enxerguei nenhum calor neles.

— Você vai me machucar? É isso o que quer? — perguntei em voz baixa.

O sorriso dele desapareceu. Não pude reprimir um leve tremor, quando um calafrio percorreu minha espinha. O que quer que ele tivesse a dizer, com certeza eu não ia gostar.

— Muito pelo contrário. Tenho uma proposta para você. Vamos chamá-la de uma chance para recomeçar. Uma nova vida, Brooke.

Os dedos dele se mexeram dentro do bolso para tirar um cheque, que deslizou na minha direção. Vendo todos os zeros, quase caí do assento.

Putá merda!

Dois milhões!

— Mude-se para Portland, Oregon, e esse dinheiro será seu.

— Por quê? — apertei os olhos. Ninguém fornecia tanto dinheiro assim, a menos que quisesse algo em troca. Robert Mayfield queria alguma coisa. Pessoas como ele sempre queriam.

— Quero o livro. Você ainda o tem, não é?

Bem lá no fundo, eu sabia que isso aconteceria...

É claro que ele queria o livro. O fato de que tinha sido enterrado em um porão mostrava seu verdadeiro valor. Apertei a bolsa contra meu peito.

— Depende — respondi. — O que mais você quer?

— Quero que fique fora da vida do meu filho. — A voz dele era fria, assim como o olhar gélido que nunca se desviou de mim enquanto falava.

Pisquei várias vezes, incapaz de compreender o significado das palavras.

— Você... — minha voz falhou.

— Você entendeu muito bem, Brooke — interrompeu Robert Mayfield, com calma. — Amanhã você sairá de Nova York e deixará Jett. Você desaparecerá, assim como eu, e não entrará em contato com meu filho, nem com sua família ou com seus amigos. Seus conhecidos acreditarão que você desapareceu sem deixar rasto. — A voz dele baixou para um cochicho, quando se inclinou tão perto de mim que eu podia sentir o cheiro de álcool em seu hálito. — Nem pense em fugir ou em não aceitar minha oferta. Vou me certificar de que ninguém nunca a encontrará. Meus homens vão vigiá-la para saber se você seguirá as regras.

— Não. Não quero seu dinheiro — balancei a cabeça com veemência. — E não vou a lugar nenhum. Você não pode me impedir de ver Jett ou minha família. Pessoas significam mais para mim do que o ganho financeiro. — O pensamento de perder Jett, minha família, minha antiga vida me assustou e me enfureceu. — Você pode ficar com o livro, mas não deixarei minha antiga vida para trás. Estou recusando essa oferta. — Minhas pernas tremiam tanto que eu temia desabar, contudo minha voz estava surpreendentemente composta.

— Você vai querer — a voz dele era tão forte que vacilei. — Você não entendeu, Brooke. Se sua família, amigos e Jett significam alguma coisa para você, qualquer coisa, é melhor fazer o que digo, ou farei com que desapareçam. Assim... — e estalou os dedos. Os lábios dele se curvaram em um sorriso, mas os olhos traíram suas emoções verdadeiras. — Você não tem escolha. Se deseja-os vivos e em segurança, trará o livro para mim e deixará sua vida para trás, sem contar nada a ninguém.

Entrelacei minhas mãos no colo para impedi-las de tremer.

— Você não faria isso! — Por alguma razão, senti a necessidade de apelar para sua parte humana, porque, na minha estupidez, julguei existir uma.

— Você me deixa sem opção, e eu o farei — disse ele, interpretando mal meu gesto. Pegou uma caixa de joias do tamanho da palma da mão, de um compartimento, e em seguida, abriu-a e entregou-a a mim. Olhei para a peça de joalheria, em silêncio. Poderia ser de qualquer um, é claro, mas eu sabia que era a pulseira de tênis de que Sylvie sentiu falta e essa constatação me apavorou.

— Ela estava dormindo. Nem percebeu quando os dois homens arrombaram o apartamento e tiraram a pulseira do pulso dela. Sei tudo sobre ela. Os lugares que visita, as pessoas que

conhece. Vamos supor que, uma noite de quinta-feira, ela fique na Vixen até as primeiras horas da manhã, do modo como sempre faz, porém, dessa vez, ela não voltará para casa, e ninguém nunca saberá o que aconteceu com ela.

A ameaça pairou pesada no ar. Engoli em seco para me livrar da bile que subia pela garganta. Minha cabeça estava pesada e cansada, meus pulmões queimavam, como se eu tivesse ficado debaixo d'água por muito tempo e não viesse à tona para respirar.

— Se fizer o que você diz, que garantia terei de que manterá a palavra e não os machucará? — ergui minhas sobrancelhas. — Ou a mim?

— Nenhuma. Minha palavra deve ser suficiente. — Seus olhos estavam sondando os meus, desafiando-me, observando-me. Lembravam-me os olhos de um falcão, pronto para pegar sua presa. A limusine parou, mas o motor continuou zumbindo suavemente. Um semáforo, assumi. Pessoas e carros ao redor. E ainda assim ninguém espreitaria para dentro, ninguém seria alertado para aquela situação tão bizarra.

O carro começou a se mover, rodando devagar, e, em seguida, ganhando velocidade. No silêncio do carro, eu o observei ajustar a gravata. Foi apenas um simples gesto, mas suficiente para revelar que ele estava ficando irritado comigo.

— Existe um apartamento alugado, esperando por você, em Oregon — disse Robert Mayfield. — Amanhã, meu motorista vai buscá-la no estacionamento subterrâneo, às onze horas. Não leve nada, exceto a bolsa com o livro. Será fornecido tudo o que precisar para sua nova vida, as passagens de avião e seu novo passaporte. O dinheiro estará na nova conta bancária. Entrarei em contato quando você estiver em Oregon. Farei o que for preciso para mantê-la longe de Jett. Se você quebrar uma regra, sua amiga será a primeira a sumir.

O tom dele era sério. Algo cresceu dentro de mim, o desespero, a desesperança com a perspectiva de abandonar Jett, minha família e Sylvie, a fúria por Robert Mayfield, seu ódio pela ideia de Jett me namorar. Era minha última chance de fazê-lo mudar de ideia. Se não tentasse, iria me arrepender.

— Por que você me quer fora da vida de Jett? — perguntei. — E se eu terminar com ele e lhe entregar o livro? Eu poderia ficar em Nova York, longe de...

— Você não está ouvindo? — ele me cortou. Olhei-o em choque. — Deixe-me esclarecer, Brooke. Você não tem escolha.

Ele limpou fiapos imaginários das calças antes de cruzar as pernas e inclinar-se para trás, satisfeito.

— O motivo não interessa. Odiaria vê-la sofrer mais do que o necessário. Sua irmã já foi uma perda muito grande.

Engoli o nó em minha garganta. Então, ele sabia sobre minha família e meu passado. Nenhuma grande novidade. Nada mais me assustava. O que me assustava era o fato de eu não o conhecer e, portanto, não saber do que ele era capaz. Ele apertou um botão e a porta do

passageiro se abriu, mas não me mexi. Não pedi ajuda. Nunca antes estive tão perto da liberdade e, ao mesmo tempo, tão longe.

— Este encontro nunca aconteceu. Se alguma palavra for dita ou se você procurar ajuda, farei com que se arrependa e todas as pessoas de sua vida paguem. Não cometa o erro de pensar que pode me enganar, porque não pode.

— Entendo — sussurrei. — Não haverá problema.

Satisfeito com a resposta, o sorriso dele se alargou.

— Ótimo. Estou feliz por chegarmos a um acordo. Pode ser difícil acreditar, mas estou lhe fazendo um favor. A você e ao seu filho.

Meu coração parou. Como ele sabia da gravidez?

As únicas pessoas com as quais conversei sobre isso foram Jett e Sylvie, que provavelmente contou a Kenny.

— Digamos que tenho meus próprios recursos — disse Robert Mayfield, como se sentisse meu choque. — Você tem sido vigiada todo o tempo, desde que entrou na vida de Jett.

Como?

E, em seguida, a resposta ocorreu-me. Emma. Como poderia esquecê-la? Ela estava sempre lá, ouvindo, observando. Ela havia trazido o buquê de rosas de Jett e, provavelmente, lido o cartão dobrado que estava junto. E tinha namorado Robert. Ela mesma me contou, quando comecei na Mayfield Realities. Emma era mais discreta do que um detetive particular.

— Amanhã. Onze horas da manhã, em ponto — ele apontou para a porta. — Nós terminamos por hoje — e acenou de maneira significativa, à espera de minha saída.

Sem olhar para trás, saí da limusine. Com o coração batendo forte e a mente em confusão, fechei a porta do carro e fiquei estanque no lugar. A realidade do que acabara de acontecer atingiu-me com tanta força que eu não conseguia formar um pensamento coerente. Muito tempo depois, eu ainda não me mexia. As pessoas passavam por mim, algumas xingando, outras apenas se esquivando. Alguns olhares curiosos, e, ainda assim, permaneci congelada no lugar, bloqueada no tempo e no espaço, até que alguém entrou na minha frente e apertou meu braço, com gentileza.

— Você está bem, senhorita?

Ergui os olhos e vi um homem, no final dos cinquenta anos, vestido com calças sujas e um casaco que tinha visto melhores dias. Um violão estava pendurado nas costas, mantido no lugar por uma tira de couro desgastada. Assenti com a cabeça e ele levantou uma garrafa de plástico, oferecendo-me o que parecia ser suco de laranja. Neguei com a cabeça e abri minha bolsa para tirar minha carteira, do jeito que sempre fazia quando via uma pessoa necessitada.

— Não tenho necessidade disso — repliquei, empurrando todas as notas na mão dele.

Era verdade. Logo, eu viveria uma vida diferente, com uma nova identidade e gastaria um dinheiro que não ganhei. Robert Mayfield poderia comprar uma nova identidade para mim, mas

não o amor. Ele não poderia comprar minha felicidade. Uma família ou um lugar em que me sentisse em casa.

— Por favor, não se mate — ele segurou meu braço, a mão quente incapaz de penetrar a manta fria que cobria meu coração.

Mesmo que não estivesse pensando em cometer suicídio, eu sabia que tinha estado perto de formar o pensamento. Muito próximo, porque me sentia como se tivesse pulado de um penhasco. Ou saltado na frente de um carro. Ou me afogado para apagar as imagens dos rostos felizes e familiares que piscavam diante de meus olhos.

Eu criaria uma criança sozinha, enquanto Jett não pararia de procurar por nós. Por fim, ele acreditaria que eu o deixei, ou que estávamos mortos. Eu sabia o que a morte trazia para as pessoas, e não queria que qualquer um que se preocupasse comigo passasse por tanta dor. A culpa me mataria lentamente.

Qual era a diferença entre começar uma nova vida, repleta de vazio e solidão, sabendo que minha ausência causaria tanta dor para aqueles que me amavam, ou interrompê-la ali, e entrar na mais completa escuridão? Um lugar no qual eu descansaria e esqueceria, onde algo como uma consciência poderia não existir.

Engoli em seco enquanto considerava minhas opções.

A perspectiva de esquecer era agradável. Muito mais do que uma nova vida, com recordações felizes assombrando-me, lembrando-me de tudo o que eu tinha perdido. Viver uma vida forçada, e não escolhida, era uma coisa sem sentido. Eu não queria passar por esse tipo de agonia.

— Não se mate — ele repetiu, com os olhos cinzentos pálidos presos nos meus. — Não vale a pena.

— Essa não era bem a minha intenção — sussurrei —, mas obrigada.

— Bem, nesse caso o novo nem sempre pode substituir o antigo. — Ele soltou meu braço.

Franzi a testa. Será que ele achava que eu estava envolvida em um triângulo amoroso e não conseguia me decidir? Abri minha boca para esclarecer as coisas, quando ele me interrompeu.

— Seja o que for que venha a decidir, nunca escolha a opção mais simples. Acredite em mim: a escolha mais fácil é *sempre* o caminho errado. Escolha o caminho que importa em longo prazo, a escolha que nunca faria mal aos outros. Pode parecer difícil, mas a opção certa é a que exige mais coragem. É aquela que parece impossível à primeira vista.

Ele pressionou o dinheiro em minhas mãos e, em seguida, segurou minhas mãos nas dele, a aspereza de seus dedos arranhava minha pele.

— Por favor, fique com ele — disse eu, com voz fraca.

Ele balançou a cabeça, e não me soltou.

— Mesmo o melhor de nós tem seus dias ruins. Nós caímos, e depois nos reerguemos. É a vida. Posso prometer-lhe uma coisa, seu pior dia nunca é o pior. O pior dia é aquele em que você percebe que desistiu cedo demais e que não poderá mais corrigir seu erro.

O homem examinou meu rosto, esperando que suas palavras fossem absorvidas por mim. Minha garganta estava apertada pelo conhecimento de que ele estava certo, apesar de não me conhecer. Ele estava tão perto da verdade...

— E se eu não tiver escolha? — perguntei. — E se essa escolha tiver sido retirada de mim?

— Há sempre uma escolha. Talvez não agora. Talvez não amanhã, mas a vida nunca permanece a mesma. Mais cedo ou mais tarde, talvez em alguns dias ou em algumas semanas, algo que você nunca pensou ser possível acontecerá. Essa é a beleza do destino.

Assenti com a cabeça, impressionada pelo fato de que, entre todas as pessoas que tinham passado por mim, foi a mais pobre e possivelmente a sem-teto que me mostrou que a compaixão ainda existia.

— Você vai ficar bem, garota — ele sorriu, com gentileza. — Deus nunca lhe apresentaria uma situação se você não tivesse forças para lidar com ela. Você tem tudo o que precisa aí dentro de você. A única coisa que falta é coragem.

— Obrigada — sussurrei, agradecida. — Por favor, pegue o dinheiro — puxei suavemente minhas mãos para longe das dele.

— Não... — ele balançou a cabeça novamente.

— Eu insisto.

— Então me deixe tocar uma música para você, assim sua generosidade fará sentido.

Ele se sentou na calçada, com as costas pressionadas contra a parede suja de um edifício, e começou a dedilhar os acordes. Reconheci a música. Lágrimas se formaram em meus olhos enquanto ouvia, em silêncio, sua voz suave cantando *Tears in Heaven*. Quando terminou, percebi que já sabia o que fazer.

— Você tem um dom — sussurrei. — Você toca as pessoas.

Com um último sorriso para ele, comecei a andar devagar enquanto minha mente continuava girando em torno das palavras dele.

Éramos dois estranhos aleatórios, e, no entanto, ele decidiu me ouvir. Mesmo não tendo noção do que eu estava falando, ele estava certo. Eu não podia fazer o que queria. Não podia ficar com Jett só porque o amava e não podia suportar ficar sem ele. Eu tinha de parar de pensar em mim mesma e começar a cuidar da segurança de quem importava. Seria difícil deixá-los para trás, mas também seria egoísta não fazê-lo.

Pode ser que Robert Mayfield estivesse blefando, não correria, porém, o risco de não acreditar nele.

Seria minha decisão mais difícil. Contudo, era a escolha certa. E a escolha que viria com o menor risco, um risco de ter meu coração partido. Eu lidaria com isso, mas não com o medo e o arrependimento, deixando-me acordada durante a noite, sabendo que a vida deles estaria em risco, por minha causa.

Se esse homem tinha razão, mais cedo ou mais tarde, e esperava que não fosse tarde demais, as marés da vida poderiam se virar a meu favor.

Capítulo 13

A CAMINHADA ATÉ O BAIRRO elegante no qual vivia Jett foi muito longa, dando-me tempo para entender o que tinha acontecido. No momento em que cheguei ao seu apartamento, o Sol tinha se posto há muito e minha mente, conformada, já aceitava que o destino tomara a decisão por mim, o que significava que aquele seria meu último dia com Jett.

Cumprimentei o porteiro no hall de entrada e entrei no elevador, apertando o botão para a cobertura, meu olhar afastava-se do espelho. Não podia suportar minha própria imagem, porque ela me lembrava de que, em breve, deixaria de ser Brooke. Peguei as chaves da bolsa e entrei. Pela enésima vez, perguntava-me como Jett reagiria se soubesse que seu pai ainda estava vivo e que *ele* era a ameaça que tanto temia. Será que acreditaria em mim?

Sentindo-me cansada e derrotada, abri a porta, esperando encontrar um apartamento vazio, uma vez que Jett passava muito de seu tempo no escritório, recentemente, até que vi as luzes acesas.

— Onde você estava? — Jett estava de pé na soleira da porta, com as mãos enterradas nos bolsos e com uma expressão severa no rosto.

— Fui tomar um café com Sylvie — evitei seu olhar, enquanto tirava os saltos altos. — Tivemos uma conversa de garotas. Você conhece Sylvie. Ela não podia esperar para me contar tudo sobre o relacionamento com Kenny e a oferta de emprego, por isso fiquei um pouco mais do que o previsto.

Mal o vi e logo percebi as sombras escuras sob os olhos e a linha suave na testa. Por mais que quisesse abraçá-lo, não podia, porque estava com medo de que, se o fizesse, eu romperia em lágrimas.

Mude de assunto. Não pense no amanhã. Não vá por aí.

— Como foi sua reunião de negócios? — perguntei. — Não esperava que você estivesse de volta tão cedo.

— A reunião foi adiada — Jett hesitou. — Nate decidiu ficar conosco por mais um tempo, para me ajudar a repassar os dados. Se tivermos sorte, não precisaremos vender ações da empresa. Assim que tudo estiver resolvido, espero que tenhamos mais tempo para nós.

Ele se aproximou e passou os braços em volta de minha cintura, puxando-me contra seu corpo.

Meu coração parecia estar sendo rasgado. Baixei os olhos e inclinei a cabeça contra ele, a lembrança de que não passaríamos mais tempo juntos era muito dolorosa.

— Hoje, tudo em que conseguia pensar era em você. Nua. Em minha cama. Senti falta disso. Senti sua falta. Senti falta para cacete — Jett sussurrou e beijou meu pescoço. — Sou grato a meu irmão por ficar, porque isso torna as coisas muito mais fáceis. Estou ansioso para passar mais tempo com você, Brooke.

Não consegui evitar. As lágrimas começaram a rolar por meu rosto. Enterrei meu rosto em seu peito, na esperança de que ele não as visse, enquanto lutava contra o furacão que ameaçava rasgar meu coração em pedacinhos. Meus dedos roçaram seu pescoço. Ouvir o som de sua voz e o ritmo constante de sua respiração, cheirando seu perfume e sentindo seu calor, aquilo era demais. Não conseguiria suportar.

Tudo me lembrava de que, em pouco mais de dezesseis horas, nosso tempo acabaria. Engoli com dificuldade para me livrar da bile em minha garganta, o que só fez as lágrimas caírem mais depressa. Senti a primeira onda de soluços oprimindo meu peito. Se ele continuasse, eu desabaria. Não poderia permitir que acontecesse. Então, dei um passo para trás e me afastei, com pressa, indo direto para o banheiro o mais depressa que pude, trancando a porta atrás de mim. Ouvi passos me seguindo. Um momento depois, ele bateu na porta.

— Brooke? — o tom de voz cheio de preocupação. — Você está bem?

Meu coração batia dolorosamente acelerado, os minúsculos movimentos me perfuravam como facas. Enxuguei as lágrimas com a manga e dei respirações lentas e medidas para me acalmar.

— Estou bem — minha voz tremeu.

— Eu disse algo errado? Não quis perturbá-la...

Como poderia lhe dizer que, sim, ele tinha feito algo errado, dizendo todas as coisas certas?

— Não. Sou eu — prendi a respiração, enquanto meu coração tornava a disparar. — Estou cansada, emotiva e um pouco doente. Meus hormônios estão agitados, o que é normal.

Essa parte era verdadeira. Minha ginecologista tinha me dito isso quando fui vê-la, para confirmar a gravidez, no retorno da Itália.

— Quer que lhe traga alguma coisa? Talvez, pedir o jantar?

— Não — ainda que ele não pudesse me ver, balancei a cabeça. — Não vou ser capaz de manter alguma coisa no estômago.

Deus, por ser tão difícil fingir na frente dele, tornava-se bem mais fácil fazê-lo por trás de portas fechadas. Jamais o deixaria ver como estava abalada.

— Vou tomar um banho e vou para a cama mais cedo — esperei pela resposta. Quando não veio, continuei. — Não se preocupe comigo. Apenas me dê um pouco de tempo sozinha, Jett. Foi um longo dia.

Ficamos em silêncio, embora soubesse que ele continuava do lado de fora. Alguns centímetros nos separavam, mas pareciam quilômetros de dunas cobertas de areia a nos afastar para longe se tentássemos ficar próximos. Ele podia não me conhecer bem o bastante, mas era um especialista em leitura da linguagem corporal. Se eu abrisse a porta, temia que pudesse confessar. Precisava me manter forte, por mim, por ele, pelo bem de nosso bebê.

— Brooke — sua voz era como seda acariciando meus sentidos.

— Sim? — respondi, prendendo a respiração.

Ele soltou o ar.

— Sei que tenho negligenciado você... Nós... Nesses últimos dias... — Sua mão roçou a porta ou talvez estivesse se inclinando contra ela. Não saberia dizer, e o imaginei do lado de fora, confuso, inquieto, e meu coração se partiu um pouco mais. — Desculpe-me por não passar tanto tempo com você, como de costume. Só não queria stressá-la com meus problemas.

Meus olhos se molharam, de novo. Desejava lhe dizer que entendia, porque sabia que a perda do pai tinha sido difícil para ele. Não o fiz. Em vez disso, respondi:

— Você não precisa explicar.

— Vamos sair para jantar amanhã, depois do trabalho. Vou reservar uma mesa onde você quiser. A escolha será sua.

Tarde demais.

No dia seguinte, à noite, estaria em Oregon e Jett, esperando por mim, ficaria se perguntando por onde eu andava. Ele ligaria para meu celular e para o de Sylvie, após o quê, sua preocupação aumentaria. Quanto tempo aguardaria, antes de fazer a queixa de pessoa desaparecida, na polícia? Será que contrataria Kenny para me encontrar, de novo? Era bem provável, mas não haveria compras com cartão de crédito nem passagens, desta vez, para lhe mostrar que tomei um avião. Lágrimas deslizaram por minha face. Haveria muito mais disso em um futuro que parecia vazio e deprimente sem ele.

— Baby? — disse Jett, empurrando-me para fora de pensamentos deprimentes. O tom de voz era suplicante e percebi que tinha interpretado mal meu silêncio. — Quero fazer as pazes com você. Talvez, neste fim de semana. Sem telefones. Nenhum trabalho. Só você e eu, praias de areia branca e boa comida.

— Eu adoraria isso! — Sorri com amargura. Aquela era a hora de lhe dizer tudo que não teria a chance de falar, no futuro. Pensei na única coisa que poderia dizer, sem levantar suspeitas. — Não poderia desejar um namorado melhor do que você, Jett. Obrigada por sempre estar a meu lado e por me amar do jeito que sou.

Obrigada por tudo.

Fui até a enorme banheira, abri a água fria e tirei minhas roupas.

— Estarei em meu escritório — disse Jett suavemente. — Pode chamar, se precisar de alguma coisa.

Esperei até que se afastasse. Só quando tive certeza de que já se fora, entrei na água gelada, sabendo que nem o frio poderia amenizar minha dor. Afundei até meu corpo ficar submerso, com um único som, o das palpitações de meu coração, batendo forte em meus ouvidos. Então, e por fim, deixei as lágrimas escaparem, com toda liberdade.

Capítulo 14

EU ME CONSIDERAVA ABENÇOADA. De verdade. Tinha experimentado o amor. Havia conhecido aquela pessoa especial, que fazia meu coração vibrar e, o mais importante, retribuía os sentimentos. E uma grande amiga, que estaria sempre lá para me apoiar. Eu era abençoada, por ter vivido.

Melhor amar e perder, que nunca ter amado.

Continuei dizendo isso a cada segundo de cada hora que passava.

Então, por que era tão difícil abrir mão de tudo quando o tempo exigia que nos separássemos? A vida nem sempre nos avisa quando devemos dizer adeus. Se soubermos a hora de ir embora, talvez nos esforcemos mais para passar tantos momentos quanto possíveis com as pessoas que amamos. Eis o problema, apesar de saber que meus momentos estavam contados, não conseguia lidar com isso.

Sentei-me em um lugar escuro, em uma estrada desconhecida, sem a menor ideia de onde estava indo. O desespero me ocupou inteiramente quando percebi que nunca reencontraria esse tipo de felicidade. Jamais conheceria alguém como Jett. O fato de saber que o perderia trouxe à tona o pior que tinha guardado em mim.

Uma parte de mim queria escrever uma carta para lhe dizer como havia sido feliz com ele. Queria que soubesse quanto tinha desejado um futuro cheio de felicidade para nós. No entanto, não podia fazer isso. Se Jett pensasse que eu tinha morrido, essa carta nunca lhe traria consolo, só mais culpa. Decidi pelo jeito mais difícil, sem cartas, sem pistas, sem nada para rastrear até aquele momento.

Quando Jett terminou seu trabalho, já era meia-noite. Além de uma fresta de luar que caía por entre as cortinas fechadas, o quarto estava banhado pela escuridão. O colchão gemeu sob o

peso de Jett, quando se deitou com cuidado para não me acordar. Meus olhos permaneceram fechados, mas podia sentir seu olhar sobre mim. O braço em volta de meu corpo, mal tocando minha pele, o hálito quente que me fazia cócegas na nuca. Aos poucos, sua respiração desacelerou.

Embora na escuridão do quarto, sem nada além da sensação de seus braços ao meu redor, minha mente continuava a procurá-lo, como se ele já estivesse longe. Fiquei acordada, de frente para o relógio digital. A cada minuto, a cada hora que passava, meu medo se intensificava. Às três e quinze da madrugada, Jett se mexeu e me virei para encarar seus traços ao dormir. Meu coração se partiu com a visão. Com cuidado para não acordá-lo, deixei meus dedos traçarem os contornos de seu rosto. Entretanto, Jett sempre teve um sono leve. Ele abriu os olhos, meio grogue, e me puxou contra o peito.

— Com dificuldade para dormir?

Minha garganta estava tão sufocada pela emoção que não pude responder. Em vez disso, apenas assenti com a cabeça. Sem ter mais palavras para dizer, meus lábios tocaram sua boca, com suavidade. Foi apenas um beijo breve, mas o suficiente para acordá-lo de imediato.

Sorri uma espécie de sorriso amargo, enquanto meus dedos lhe tocavam o peito nu, maravilhando-me com a textura de sua pele e o calor que penetrava em meu corpo. Foram poucos segundos até Jett processar para onde estava indo e, então, suas mãos já deslizavam em torno de minha cabeça, quando o beijei novamente. Pensei que esmagar meus lábios contra os dele ajudaria a vencer a dor. Que me proporcionaria alívio o roubo do último beijo. Em vez disso, só me corroeu. E partiu meu coração.

— Eu preciso de você — sussurrei contra sua boca e subi em Jett. — Profundamente. Tudo o que você quiser.

— Você está pedindo por isso? No meio da noite? — ele não parecia convencido. Sob a luz da Lua, os olhos verdes-escuros brilhavam, e todo traço de sono se foi.

— Sim — sussurrei.

Estava errada. A dor não estava partindo meu coração, estava me matando. Queria tê-la arrancada do corpo. Cuspida para fora de meu organismo. Amanhã tinha se tornado hoje e não queria pensar em mais nada.

— Quero muito — continuei. — Quero que você me foda como se não se importasse comigo. Como se fosse uma estranha.

O ar entre nós foi preenchido de perguntas não ditas. Eu podia sentir a hesitação de Jett, suas dúvidas, sua confusão.

— Não posso fazer isso — ele se sentou e me empurrou de modo gentil, mas definitivo. — Não quero machucá-la.

Rejeitar-me quando mais precisava dele, era a última coisa que esperava.

Fiquei tão furiosa que lhe desferi um tapa. Não foi forte, mas com energia suficiente para fazê-lo olhar para cima. Ao tentar golpeá-lo de novo, ele segurou meu pulso, levando-me para

perto dele.

— Por favor, Brooke... — disse Jett, determinado. — Não sou esse tipo de pessoa.

Puxei meus braços, e ele não os soltou.

— Preciso de você, Jett. Preciso de você, agora — sussurrei. Inclinei-me para frente para beijá-lo, mas ele se afastou, com uma expressão confusa no rosto.

— Quando voltamos dos Hamptons, você disse que não gostava de sexo violento.

— Mudei de ideia — sussurrei. — É do que preciso agora. Por favor. Não vê que estou implorando? Quero que você me foda demais, que me coma muito! — esfreguei os quadris contra sua virilha, não querendo desistir. — Por favor... — Ele não me empurrou para trás, o que indicou que sua vontade estava enfraquecendo.

Aproximei-me mais, para poder beijá-lo e, desta vez, ele respondeu do jeito que tanto esperava. Jett soltou minha mão e me virou de costas na cama, posicionando-se em cima de mim. Sua boca desceu sobre a minha com tal ferocidade que tirou todo o ar que ela trazia. Olhei para cima e, de repente, fiquei assustada. Seus olhos cintilavam com um brilho perigoso, e havia apenas um indício de sorriso em seus lábios.

— Você quer que eu lhe foda duro, baby? Se for disso que precisa, então, vai ter — os joelhos de Jett se apertaram entre minhas pernas, separando-as. — Mas será do meu jeito.

Capítulo 15

JETT MAYFIELD FOI O primeiro homem a retribuir meu amor e a deixar meu coração em chamas. Era meu amor de verão e meus sentimentos por ele, bastante reais. Sabia disso, porque não podia suportar a ideia de ele estar com outra pessoa. Minha mente continuava a buscá-lo, sempre que não estava comigo, e meu coração ficava tremendo só de ouvir o som de seu nome. Intercalado com meu amor e a alegria que sentia perto dele, havia a tristeza, a tristeza pesada e sombria, que vinha da súbita consciência de que nem tudo na vida é feito para durar. Saboreamos a felicidade em pedaços e, então, ela é retirada de nós, deixando para trás apenas lembranças cansadas que são como balas, que rasgam, ferem, esparramam dor em um milhão de fragmentos... Eu não tinha certeza de estar preparada, agora. Nem se poderia enfrentar um futuro sem ele.

Diante do espelho do banheiro, afaguei minha barriga com a mão, como se o movimento pudesse evitar que meu filho, ainda não nascido, soubesse que estava a ponto de quebrar a confiança do único homem que amei. Estava fazendo isso por nós. Era o melhor para nós. Se Jett *soubesse* o que estava prestes a fazer, que quebraria minha promessa e o deixaria, tentaria me impedir. Eu sabia disso. Não podia arriscar que alguém o ferisse. Preferia que quem se machucasse fosse eu...

Às cinco horas da manhã, vesti-me no banheiro, peguei minha bolsa e saí. Sequer me preocupei em tomar um banho ou fazer a maquiagem. Que se danasse a aparência. Havia coisas mais importantes para cuidar.

Era um novo amanhecer, uma madrugada escura, quando tomei um táxi para a Mayfield Realities e disse ao motorista para parar a um quarteirão de distância. Ele não estava seguro de me deixar sozinha àquela hora, mas não discutiu. Paguei e saí para o ar frio da manhã,

envolvendo o casaco em torno do corpo ao andar na direção oposta. Em pouco mais de cinco horas, estaria me dirigindo para o aeroporto. Se quisesse iniciar as mudanças, tinha de fazê-lo antes que alguém notasse.

Talvez Robert Mayfield julgasse possível me retirar da vida de Jett, mas não arrancaria minha dignidade ou meu sentido de justiça. Sim, entregaria o livro para ele, o livro que queria com tanto desespero. Não tinha, porém, a intenção de lhe dar o disco, nem de informar-lhe de sua existência.

Entrei no quiosque do lobby de um hotel, anotei o endereço de Sylvie em um envelope pré-pago e inseri o disco. Irritada com a horrível ideia de que nunca poderia dizer a ela o que realmente acontecera, nem incluir uma carta, paguei com o único cartão de crédito pré-pago que possuía e saí de lá, torcendo para que o envelope chegasse com segurança, e que, de alguma maneira, Sylvie entendesse minha silenciosa mensagem. Sabia que ela ia sentir sua urgência. E saberia o que fazer. Eles nunca poderiam me encontrar, mas com Kenny ao lado dela, talvez ainda pudessem desvendar o segredo da propriedade Lucazzone.

Encostada na parede fria do prédio, sentime melhor. Quase esperançosa. Não sobre o futuro, e sim sobre o fato de que Robert Mayfield não tinha vencido. Fiquei imaginando o que aconteceria com a bela mansão italiana, assim que o advogado percebesse que a herdeira tinha desaparecido. Alessandro Lucazzone venderia a propriedade? Jett ainda estaria inclinado a comprá-la?

Com o nascer do sol, as ruas começaram a se encher de vida. Venci a curta distância até meu escritório e entrei no vestíbulo. Os seguranças da manhã trocaram olhares quando lhes mostrei minha identidade.

— Dia cheio... — murmurei como explicação.

Ignorei suas falas e me dirigi para o elevador, pronta para a segunda parte de meu plano.

Tinha toda a intenção de fazer meu último dia no trabalho o mais indolor possível para todos, ainda que isso significasse manter as pessoas a uma distância segura e, no caso de Jett, romper com ele. Era uma necessidade, e a única maneira de ele seguir em frente com sua vida, quanto antes. Se pudesse encontrar uma maneira de fazê-lo acreditar que não me importava com ele, com certeza me sentiria melhor sabendo que ele não ficaria tão machucado com o modo pelo qual, de repente, desapareci de sua vida para sempre.



Quando ia terminar a triagem dos documentos para a primeira reunião e pôr os arquivos de volta no armário, a voz de Jett soou no corredor.

— Brooke está aí dentro?

Alguém respondeu, e em poucos segundos a porta foi aberta sem nem uma batida. Ele estava com raiva e não fez segredo disso.

— Por que você foi embora?

Fiquei em silêncio. Ele andou em torno da mesa e parou em pé diante de mim, os braços apoiados contra o armário, a centímetros de meu rosto. Com sua estatura impressionante bloqueando minha visão, não tive escolha a não ser encontrar seu olhar e responder à pergunta.

— Não conseguia dormir, então vim trabalhar mais cedo — fingia procurar em pastas, tentando encontrar algo de que precisava.

— O que há de errado? — Seus olhos me avaliavam de cima abaixo, observando, analisando. Tinha sido estúpida ao pensar que Jett não perceberia minhas emoções ocultas.

— Nada — dei de ombros. — Não é nada. Você estava dormindo e não quis acordá-lo. Não faça as coisas tomarem uma proporção que não existe.

A voz dele caiu para um sussurro.

— Machuquei você, à noite? Por isso você está puta da vida?

— Não. — Franzi a testa, pensando em nossa sessão de amor. Ele tinha sido duro, mas não a ponto de me machucar. — Eu pedi, lembra-se?

Ele continuou a examinar meu rosto, passou para meu terno de executiva e, então, percebeu o hematoma escuro em meu braço, resultado de meu infeliz encontro com o pai de Jett. Quase parei de respirar quando ele agarrou meu pulso e o ergueu. Já o tinha visto na noite anterior, imersa na banheira, mas ele não.

— O que é isso?

Desdenhei.

— Uma pequena queda. Nada de mais.

Seus olhos se estreitaram em mim quando considerou a possibilidade de acreditar no que tinha ouvido. Algo brilhou neles e entendi que precisava criar uma mentira melhor.

Merda!

Ele tinha alguma suspeita, e eu nunca fora uma boa mentirosa. Caminhei até a janela, colocando a maior distância possível entre nós e me virei. Em pouco mais de meia hora, deveria entrar em um carro e deixar tudo para trás. Chegara o momento de libertá-lo.

— Isso não está funcionando, Jett. Não acho que seja uma boa ideia estarmos namorando.

As palavras fluíram rápidas por minha boca, mal podia pensar. Prendi a respiração e mordi meu lábio com força para me impedir de olhar para ele. A sala estava tão silenciosa que meu coração parecia um tambor marcando os segundos em meus ouvidos.

— Por que não? — disse ele, finalmente. O tom de voz foi frio e qualquer vestígio de seu amor por mim havia desaparecido. Estremeci e empurrei minha hesitação para longe.

— Acho que fomos apressados demais, e eu...

Minha voz falhou. Embora não estivéssemos nos tocando, podia senti-lo em torno. Ele era lindo, mesmo agora, tão zangado... A pressão atrás dos olhos ficou mais forte. Abaixei a cabeça para não ceder à atração magnética que me pedia para olhá-lo, apenas mais uma vez.

— Acho que deveríamos fazer uma pausa.

Jett se aproximou. Os dedos dele se enrolaram em volta de meu ombro e não tive escolha, a não ser virar o corpo e encará-lo. Esperava raiva, tristeza, indiferença, qualquer coisa, exceto...

Gentileza.

— Do que você tem medo, Brooke?

Meus olhos se encheram de lágrimas não derramadas, antes que pudesse detê-las. Não previa essa reação de Jett e não tinha ideia do que responder. Que estava preocupada com a segurança de todos, porque não era bem-vinda na família dele?

— Talvez tenha medo do fato de que você significa mais para mim do que qualquer outra pessoa já significou — sussurrei. — Não estou acostumada a ter esses sentimentos. Isto me assusta demais.

Seus dedos pegaram meu queixo e o ergueram um pouco, forçando-me a reencontrar seu olhar.

— Também estou com medo — disse ele. — Mas esse não é o motivo pelo qual você quer romper comigo. Qual é a verdadeira razão?

Essas palavras não conseguiram acalmar a tempestade dentro de mim. Ao contrário, pioraram, porque me lembraram de quanto acreditava nele.

— Talvez não tenha escolha — disse, antes que pudesse me impedir. — Talvez eu queira, mas não seja uma opção para mim.

Jett olhou para mim, confuso.

— Que diabos você está falando? Sempre temos uma escolha, Brooke.

Tinha ouvido isso antes. Nos últimos tempos, todos pareciam mencionar escolhas. Não deveria ter começado a falar, porque Jett não entenderia. Ninguém podia entender.

— Não tenho medo de amar você, Jett. Tenho medo do que isso pode significar para nós... E meu filho. — Seus olhos se estreitaram em mim e o brilho de raiva anterior ressurgiu. Engoli em seco. — Não acho que o que temos seja saudável. Só acho que... — Parei no meio da frase, por um momento, perdida na magia de seus olhos verdes-escuros, emoldurados por longos cílios. — Não há nenhuma garantia de que isso vai durar. Quero ficar longe de você, antes de brigarmos. Só porque fomos destinados a nos encontrar, não significa que estejamos destinados a durar.

Ele olhou para mim de um modo que dizia que não estava conseguindo me entender e que eu estava louca. Talvez estivesse, de fato, por desistir de tudo, mas ele não conhecia meu dilema. Ouvi-lo buscar explicações em sua tentativa de compreender tudo, enquanto corria contra o tempo, só me deixava mais desesperada.

— Droga, Brooke! — Olhando-me, furioso, ele passou a mão sobre o rosto, com raiva. Sua intensidade me fez estremecer. — Pensei que havíamos deixado os medos e as inseguranças para trás. Achei que você tinha aprendido a confiar em mim e que acreditasse que não vou a lugar nenhum depois de o bebê nascer, se é o que lhe preocupa. Obviamente, não sei, porque não

tenho ideia do que você está falando. — Seus ombros caíram e a expressão tensa em seu rosto estampou sua decepção.

— Sinto muito — balbuciei.

Jett balançou a cabeça.

— Não, você está certa. Não há garantia de que isso vá durar. Mas há uma certeza, Brooke. A verdade nua e crua é que eu faria qualquer coisa por você. Sabe por quê? Porque não me importo com ninguém, além de você. Não me importa que tenha seus problemas. Não me importa que não confie em mim. Meus sentimentos por você nunca vão mudar.

O peso no ar estava me oprimindo, como se o mar estivesse prestes a me engolir. Sorri para esconder minhas lágrimas. Ele não devolveu meu gesto, e sua voz estava fria quando falou.

— O bebê não é seu, é *nosso*. Não há nenhuma maneira de eu deixar você cuidar dele sozinha. Talvez venhamos a brigar, algum dia. Porém, sabe de uma coisa? Vamos superar isso, porque o que temos não é algo que possa desmoronar com facilidade.

A batida na porta, a cabeça de Emma surgiu dentro da sala, e a expressão de Jett mudou para uma carranca, irritada com a interrupção.

— Senhorita Stewart? A reunião está prestes a começar.

— Dê-nos cinco minutos — rosnou Jett.

— Já estou indo — de Emma, virei-me para Jett e disse: — Sinto muito. Preciso ir.

A porta se fechou atrás de Emma. Pegando minha bolsa, parei e lhe dei um sorriso.

— Vamos conversar durante o jantar.

Um jantar que nunca aconteceria.

— Tudo bem — ele hesitou. Meu corpo queimava de vontade de tocá-lo uma última vez. De correr os dedos entre seus cabelos. De beijá-lo e, assim, lembrar-me do gosto de sua boca para sempre. Em vez disso, mordi o lábio com força, até sangrar, apanhei também uma pasta e deixei a sala.

Sua mão agarrou meu braço, detendo-me.

— Brooke?

Congelei no lugar, incapaz de responder, incapaz de me virar, como se um choque elétrico percorresse minha espinha. Não havia necessidade de dizer qualquer outra coisa. Nenhum motivo para tentar, se eu tinha falhado. Ele não fora liberado. E não o seria, por um longo tempo.

— Você não pode terminar comigo. Não vou deixar isso acontecer — sussurrou Jett. — Se não me quer, entendo e você está livre para ir, porque quero vê-la feliz. Mas se me ama do jeito que a amo, não a deixarei partir. Nem vou desistir de nós. Não posso forçá-la a me amar, assim como você não pode me obrigar a deixar de lhe amar.

E, então, ele me deixou ir. Saí pela porta, para longe dele, de suas promessas e do futuro que tinha desejado. Meus pés me levaram tão depressa que mal reconheci as pessoas no corredor e no elevador.

Ande. Ande. Ande. Não pense. Não sinta. Nem olhe para trás. Apenas ande.

Nunca na vida me esforcei tanto e justamente para ficar longe da pessoa que mais amava.

Meu rosto estava úmido de lágrimas e o enxuguei, com raiva. A vida era uma merda. Absorta em pensamentos, ao virar o corredor, não percebi um cara até que topei com ele e uma lata de refrigerante caiu no chão.

— Opa! — O braço de Nate deu a volta em minha cintura, firmando-me.

Ele estava de pé diante de uma máquina de venda automática. Peguei a lata do chão e a devolvi.

— Sinto muito.

— Você está bem? — Nate apontou meu lábio. — Você está sangrando.

— Estou bem. — Limpei o sangue com as costas da mão e corri a ponta da língua sobre o lábio, para parar o fluxo. — Estou tendo um dia ruim, só isso.

A desculpa veio sem esforço, até porque, não era bem uma mentira. Não estava apenas tendo um dia ruim, estava tendo um dia infernal.

Quando encontrei seu olhar, ele sorriu, e algo se passou entre nós.

— Todo mundo tem — Nate sorriu. — Quer me falar sobre isso?

Balancei a cabeça, desejando poder lhe contar.

— Não tenho certeza se meu irmão lhe contou, mas vou ficar aqui por algumas semanas para resolver as questões que a morte de meu pai causou — disse Nate. — Estamos pesquisando uma nova imagem para a marca.

Minhas sobrancelhas se ergueram. Mayfield Realities já era uma empresa enorme e bem-sucedida. Por que alguém ia querer mudar alguma coisa nela?

— O que há de errado com a empresa?

Ele me lançou um olhar interrogativo e baixou a voz.

— Pensei que já soubesse que estamos com problemas, já faz algum tempo. As mudanças internas foram iniciadas. — Ele abriu a lata e tomou um gole, os olhos dele nunca deixando os meus. — Jett está trabalhando ininterruptamente nos últimos dias para salvar o que resta, antes que a mídia fique sabendo. Temos procurado maneiras de transferir todos os funcionários e suas posições para as filiais, mas... — Nate estalou a língua, deixando o resto aberto à interpretação.

Ele tomou outro gole e depois apontou para a máquina de venda automática. Balancei a cabeça, recusando a oferta silenciosa. Muitos pensamentos continuavam girando dentro de minha cabeça: Jett trabalhando sem parar... Nova empresa... As pessoas sendo transferidas.

Os olhos dele estavam fixos em meus lábios e me perguntei se ainda estava sangrando.

— Tem certeza de que não quer falar sobre isso? — A voz de Nate me resgatou de meu transe. Olhei para o relógio analógico, acima de sua cabeça. Eram quase onze horas. O ponteiro vermelho me assustava mais, porque a cada segundo que passava continuava fazendo um ruído, lembrando uma bomba pronta para explodir.

— Talvez outra hora — as palavras saíram murmuradas e aos trancos. — Nate, minha reunião está para começar, em poucos minutos. Você se importa de tomar notas para mim? Apenas um tempinho. Preciso usar o banheiro. Tudo o que precisa está aqui — Empurrei a pasta em suas mãos.

— Sem problemas — ele me sorriu, a pele lisa sob os olhos enrugando-se um pouco. — Você pode me retribuir depois.

Apontei para a primeira sala de reuniões e andamos a curta distância juntos. Pela divisória de vidro, vi que minha equipe já havia se reunido e estavam conversando, de maneira bem animada.

Apertei o braço de Nate.

— Obrigada.

— Sempre que precisar — disse ele.

Nate entrou e acenou, então disse algo e começou a reunião, as vozes de meus colegas incapazes de penetrar no caos dos pensamentos que me inundavam. Eles compunham uma equipe eficaz e eu estava grata pela oportunidade de ter trabalhado com ela.

Com uma sensação de torção na boca do estômago, verifiquei que o livro negro ainda estava dentro da bolsa, tão ameaçador como antes e tão amaldiçoado, por arruinar minha vida.

O relógio fez tique-taque.

Era hora.

Combatendo a náusea borbulhante, fui para o estacionamento subterrâneo. O ar estava frio lá embaixo e um arrepio percorreu meu corpo, enquanto a mente girava em transe febril e o estômago se contorcia como uma cobra maldosa. Cheguei ao primeiro nível e parei, percebendo que Robert Mayfield não me disse onde encontrá-lo. Foi quando reconheci o sujeito com a camiseta “I Love NY” visível, debaixo do paletó. O cabelo loiro estava penteado para trás, revelando o rosto pétreo de alguém que imaginei nunca sorrir. Quando me viu, apontou para um sedan preto com vidros escuros.

Examinei a área, embora realmente não tivesse esperado que Robert Mayfield aparecesse.

— Entre — disse o turista.

Meu coração bateu com força contra o peito, enquanto me sentava no banco de trás e ele fechava a porta, trancando-me por dentro. Ele saltou no banco do motorista e ligou o motor, mas não saiu.

— Você está com o livro? — O homem falava perfeitamente o idioma, sem o menor indício de sotaque que sugerisse já haver morado em outro lugar que não Nova York. Tinha sido uma idiota ao traduzir seu visual, acreditando que fosse um estrangeiro. Meu olhar encontrou o dele no espelho retrovisor.

— Sim — enfiei a mão na bolsa e o apanhei, entregando-o.

— Você contou a alguém sobre isso?

Balancei a cabeça.

— Mantive minha parte no acordo — respondi, com os dentes cerrados.

— Você está vendo a pasta de couro preta?

Ela estava ao lado de meus pés, uma mala enorme, do tipo que se via em filmes, com dinheiro dentro.

— Tudo o que você precisa está aí — disse ele. — Abra-a.

Levantei-a. Era pesada e sóbria, algo que não gostaria de tocar.

— Não sei a combinação da senha.

— Coloque o código postal do Empire State Building — Ele sorriu, com indisfarçável confiança, devendo achar que eu não saberia os códigos dos únicos cinco prédios da cidade grandes o suficiente para ter os próprios códigos postais.

Meu queixo se projetou para cima.

— Seria 10118?

Digitei o número e a mala abriu-se com um estalo. Robert Mayfield não tinha mentido. Dentro, empilhavam-se documentos e um novo passaporte, bem como dinheiro e alguns cartões de crédito. Abri o passaporte e olhei para a fotografia que tinha fornecido para ter um cartão de identificação pessoal na empresa. O nome era Carol Laura Harley.

Esse deveria ser meu novo nome? Olhei para o resto. Até a data e o local de nascimento eram diferentes. Em minha nova identidade, tinha dois anos a menos e havia nascido em Oregon. Girei o documento. Parecia antigo e verdadeiro e os cantos estavam ligeiramente gastos, como se pertencesse a outra pessoa. Contudo, minha foto, de alguma maneira, havia sido inserida nele. Robert Mayfield não era o cara limpo e verdadeiro que todos faziam parecer que fosse.

A julgar pelo olhar impaciente do motorista, tínhamos uma programação a seguir. Coloquei o passaporte de lado e cruzei as mãos em meu colo, sem saber o que fazer. O motorista ficou me observando e, por um segundo, pensei ter detectado pena em sua expressão. Talvez seu trabalho fosse mais exigente do que eu pensava. Ser motorista de Robert Mayfield, provavelmente, também incluísse o dever de encher as pessoas de bordoadas, ou pior.

Não vá por aí. Nem pense no que esse cara poderia fazer com você.

— Pronta? — ele perguntou. — Seu voo sairá em breve.

— Sim — afivelei o cinto de segurança. Ele ligou o motor e saiu do estacionamento.

É isso, Stewart. Diga adeus à sua antiga vida.

Do canto do olho, vi um borrão azul, vindo em nossa direção. Ainda me encolhi, mas foi tarde demais. O carro nos atingiu de lado, com um baque forte. Minha cabeça bateu na janela. No instante em que o cinto de segurança apertou meu peito, senti todo o ar escapar dos pulmões.

Tudo aconteceu muito depressa. Olhei em volta, chocada demais para compreender toda a situação, quando a porta da frente foi arrancada e aberta. Mãos puxaram o motorista e um tiro abafado ecoou. Congelei, sem saber se saltava para fora do carro ou me escondia. Nos dois segundos que levei para me decidir, um cara sentou no assento do motorista. Nossos olhos se

encontraram no espelho retrovisor. Com uma camisa enorme e jeans rasgados, não se pareceu com ninguém que Robert Mayfield empregaria.

Bufei. Era sério? Estava sendo sequestrada? Abri a boca para gritar por socorro, quando a porta da frente se abriu e outro homem saltou para o banco do passageiro, apontando-me uma arma com um silenciador. Gemi, e o som permaneceu preso em minha garganta.

— Pronto, estamos com ela — disse ele, ao telefone.

Meu coração começou a bater contra o peito ao perceber que não era um roubo de carro aleatório ou um acidente. Estavam atrás de mim. A julgar pelos sorrisos marotos, os movimentos haviam sido bem planejados.

PARTE 2



Prólogo

JETT

Tudo parecia apenas uma lembrança, um sonho, difícil de entender e explicar, tão difícil para ela aceitar, como se não pudesse permitir que a felicidade ocorresse em sua vida. Desde o início, sabia que Brooke teria problemas para confiar em mim. No entanto, romper comigo quando as coisas estavam indo bem não fazia nenhum sentido.

Durante as últimas horas, tentava me concentrar em planilhas na tela do meu computador. Em determinado momento, elas haviam se tornado nada além de uma grande mancha de números soltos, porque meu pensamento continuava circulando em torno da ideia de que Brooke estava escondendo algo. Vira isso no rosto dela, ouvira em sua voz. Ela não era particularmente uma boa mentirosa. Na verdade, nem conseguiria mentir se a vida dela dependesse disso. Podia enganar as pessoas em volta, mas não a mim, e eu tinha a intenção de deixar isso claro à noite, no jantar. Colocaria um fim em seus medos sem sentido, porque ela era minha mulher, e se isso significasse, literalmente, obrigá-la a se sentar e falar, então, que assim fosse.

— Por favor, senhor, sente-se. O Sr. Mayfield estará aqui em breve — uma de minhas assistentes disse a um membro do conselho, na recepção. — Gostaria de uma xícara de café?

Olhei para fora e desejei ter fechado a maldita porta e fingir que não estava disponível, em vez de precisar lidar com mais um cliente, com medo de perder seu dinheiro se as ações caíssem e se desvalorizassem. Desde a notícia sobre a morte de meu pai, as pessoas começaram a questionar a credibilidade da empresa, como se não fosse eu que tivesse trazido a maior parte dos grandes negócios, desde que me uni à Mayfield Realities.

Nas últimas semanas, vinha trabalhando na criação da minha empresa. Havia investido tudo o que tinha: dinheiro, apartamentos, ações na Mayfield Realities e estava pronto para começar a transferir a equipe que desejava ter, quando uma verificação de rotina gerou uma notícia devastadora, que poderia me custar tanto o novo empreendimento quanto a credibilidade. Inspirar confiança para uma nova empresa e ter habilidade para construir um império longe da influência de meu pai seria uma tarefa fácil, não fossem os cinquenta milhões de dólares desaparecidos das contas da Mayfield.

Fechei os olhos e esfreguei a testa para me livrar da pressão que aumentava dentro da cabeça. A última coisa que necessitava ter era o pânico dos membros do Conselho e dos acionistas, levando-os a exigir relatórios financeiros. Não poderia expor os números até que descobrisse o que estava acontecendo. As planilhas em minha tela pressupunham esclarecer o destino do dinheiro desaparecido, mas eu não conseguia me concentrar com Brooke ocupando minha mente.

— Sr. Mayfield? O senhor... — a voz de minha recepcionista ecoou pelo interfone. Apertei o botão de resposta para cortá-la.

— Mande-o entrar.

— Agora mesmo, senhor.

Uma batida na porta, então um homem na casa dos cinquenta anos entrou. Uma das assistentes colocou um arquivo em minha mesa e, em seguida, fechou a porta atrás de nós.

— Sente-se — aponte para a poltrona à frente e li o nome no arquivo: Clarence Holton.

Aquele nome me pareceu estranhamente familiar. Ponderei por um momento e, então, surgiu. Tinha lido esse nome na lista de alvos no livro preto. Havia um Holton, não restava dúvida. Apenas não conseguia me lembrar do primeiro nome.

Meu olhar passeou por seu cabelo grisalho e pelo rosto bronzeado, antes de se fixar nas mangas do terno sob medida. Certa vez, meu pai havia dito que todos os membros do clube de elite usavam abotoaduras especiais, para que fossem capazes de reconhecer uns aos outros. Eram botões redondos de prata, gravados com um símbolo que se assemelhava a folhas que cresciam sobre círculos e terminavam em uma cauda dividida em “V”, na forma da língua de um lagarto: o símbolo do poder animalesco parasitário, que cresce sobre a matéria física.

— Obrigado por me receber — disse Holton.

Ele ergueu as mãos e as cruzou sobre a mesa. Meus olhos caíram sobre as abotoaduras. Eram menores do que me lembrava, porém, uma réplica exata das que meu pai me mostrara.

Encarei-o, meu rosto como uma máscara de pedra.

— Sou um homem muito ocupado... — Minha voz indicou uma mistura de tédio e aborrecimento, uma combinação vencedora no mundo dos negócios. O tipo de voz que tinha aprendido a usar durante meu tempo em uma gangue, aquela que fazia as pessoas saberem que era melhor não mexer comigo.

— Nunca tive a chance de dizer quanto estou triste com a morte de seu pai.

— Não se preocupe com isso. — Respirei fundo e soltei o ar aos poucos, outra tática que sinalizava ao interlocutor para ir direto ao ponto. As planilhas estavam esperando e havia também meu pequeno problema com Brooke. Não tinha tempo para conversa fiada e, em particular, com alguém como Holton.

— Seu pai e eu éramos muito próximos — disse Holton. — Agora que ele não está mais aqui e você está no comando, espero que sejamos amigos.

A maneira como ele disse a palavra “amigos” me fez recuar, com repugnância. Não tinha a menor intenção de ser amigo dele nem de me colocar como um conhecido.

— Vou pensar sobre isso — respondi. — Se não há mais nada... — O convite para se retirar ficou pesadamente suspenso no ar. Soube que ele o sentiu pela forma como os olhos dele estreitaram-se de leve, o que minimizou com uma risada.

— Tal pai, tal filho. A revista *Triad* terá sua festa anual da edição de setembro. — Ele ergueu uma das sobancelhas de maneira significativa, como se eu desconhecesse o diabo do assunto. Como permaneci em silêncio, ele continuou: — Adoraríamos tê-lo como convidado de honra. Você é solteiro, pelo menos é o que se sabe. Muitas modelos atraentes estarão presentes. Talvez uma delas vá chamar sua atenção.

— Pensei que fosse uma revista, não um serviço de acompanhantes.

Minha declaração pegou-me de surpresa. Seus olhos brilharam com aborrecimento e, nesse instante, percebi que Clarence Holton não se mostrara preocupado com a empresa ou com suas ações, ele havia sido instruído para me recrutar. Talvez meu pai tivesse deixado o clube, mas Holton ainda era um membro ativo.

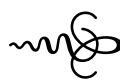
— Pensarei nisso — respondi, em pé. Ele seguiu o exemplo, e o acompanhei até a porta. Por razões óbvias, não podia chutar sua bunda para fora de meu escritório. Os acionistas não poderiam vender as ações ou, então, elas despencariam para a maior baixa de todos os tempos. As conexões dele com a mídia me impediam de tomar decisões precipitadas. E eu detestava a situação, porque parecia que apoiava os segredos obscuros e o estilo de vida daquele homem.

— Obrigado pela visita — segurei a porta e fiz um gesto para uma assistente acompanhá-lo até o lobby.

— Só mais uma coisa, Jett — Holton se virou para mim, o rosto como uma máscara de simulação. — Por favor, apareça por lá. Você vai gostar.

Fechei a porta antes que quebrasse sua cara. Pela centésima vez, uma onda de raiva pulsou em mim, por não saber o motivo de meu pai ter trazido essa confusão para cima de nós. Não deveria ter me recusado a conversar com ele antes de ele morrer. Se tivesse ouvido o que ele tinha a dizer, talvez soubesse o que estava acontecendo e descobrisse uma saída.

Respirando fundo, sentei-me em minha cadeira e abri os arquivos com as planilhas. Tinha muito a fazer e não podia me permitir outra distração. A empresa e meu relacionamento com Brooke vinham primeiro. Lidaria com o clube mais tarde.



Era tarde e Brooke era viciada em trabalho. Não teria ficado surpreso se ela tivesse se esquecido de nosso encontro. Com o telefone colocado entre o ombro e o ouvido, esperei que ela atendesse seu celular. A chamada foi diretamente para o correio de voz, como nas últimas horas. Deveria ter ido falar com ela após a reunião, mas as ligações dos acionistas me mantiveram correndo e não tive tempo para nada. Além disso, imaginei que ela estaria ocupada e que conversaríamos durante o jantar, de qualquer maneira.

— Merda!

Bati o telefone na mesa e me virei para olhar pela janela. Era claro que ela estava chateada, e eu não tinha ideia do motivo. Talvez tivesse ido longe demais, dizendo que ela não poderia terminar comigo. Brooke não gostava que lhe dissessem o que podia ou não fazer. Mas, dane-se! A mulher tinha problemas.

— Posso lhe ajudar em alguma coisa antes de ir para casa? — Emma perguntou da porta.

Girei a cadeira, percebendo que não tinha sequer ouvido Emma entrar. Estava vestida com uma capa de chuva justa e segurava uma maleta na mão. Uma bolsa vinha pendurada no outro braço. Fiquei imaginando quanto tudo lhe teria custado. Meu pai não fora conhecido pela generosidade com as amantes. Pode ser que tivesse sido mais apaixonado por esta do que pelas outras, embora todas, com certeza, parecessem iguais, ainda que estivessem ficando mais jovens a cada nova conquista.

— Não. Pode ir — respondi. — Pensando bem, você viu Brooke?

— Ela saiu durante a reunião. Não a vi, desde então.

Fiz uma careta.

— Que reunião?

— Aquela que começou às onze horas. Ela não voltou para a reunião da tarde sobre aquisições e negociações. Seu irmão a presidiu — ela sorriu. — Quer que o chame? Ele ainda deve estar aqui.

— Farei isso — disse, para fazê-la ir embora. Ainda que o chamasse, ele provavelmente não saberia mais do que eu.

O olhar de Emma permaneceu em mim, como se quisesse dizer alguma outra coisa. Então, decidiu-se:

— Tenha um bom fim de semana.

Resmunguei:

— Sim, tenha um bom fim de semana, também — e voltei a atenção para o celular.

Depois que ela fechou a porta atrás de si, afundei na cadeira, meus dedos batendo na enorme mesa, em aborrecimento, recordando a conversa anterior com Brooke, mais cedo. Tinha certeza de que ouvira corretamente quando ela concordou em conversar, durante o jantar. Por que ela faria isso e depois sairia, sem me dizer? Sempre a vi como uma pessoa responsável, o que me

fazia assumir que, quaisquer que fossem seus problemas, eles não a fariam fugir de mim. Ela não agiria assim. Ou talvez não a conhecesse tão bem como pensei.

Às sete e meia da noite, e inúmeras chamadas mais tarde, concluí que ela não ia atender e disquei o número de Sylvie. A linha tocou algumas vezes, antes de ela responder.

— Onde está Brooke? — perguntei, sem mais delongas. Ao fundo, a televisão estava a todo o volume. Seguiu-se uma breve pausa, após a qual o som diminuiu.

— Jett? — Sylvie parecia surpresa, sem esperar me ouvir. — Eu a vi ontem — hesitou. — Está tudo bem entre vocês?

Sylvie provavelmente sabia que não estávamos em um bom momento, mas eu não estava pronto para falar sobre isso agora.

— Sim, estamos bem. Ela me disse que vocês se encontraram — respondi. — Aparentemente, ela saiu do trabalho mais cedo e pensei que poderia estar com você. Deveríamos nos encontrar para um jantar. Reservei uma mesa no Le Bernardin.

— Uau. Esse lugar é reservado com meses de antecedência. Gostaria de poder ir — Sylvie deixou escapar um suspiro de alívio. — Estou tão feliz que as coisas deram certo. Estava preocupada de ela ter muito medo de lhe contar.

Contar-me o quê? Incomodei-me ao perceber que estava faltando uma parte do cenário. Brooke não tinha sido muito faladora na noite anterior. Na verdade, nunca a tinha visto tão quieta. Na manhã seguinte, havia sido ainda mais enigmática.

— Então, o que você acha? — ela perguntou.

— Sobre o quê? — perguntei, com cautela.

— Sobre o lance como encontrei o livro, com o disco, enfiados dentro de minha bolsa — ela disse. Congelei. — Juro que foi um acidente, mas estou assumindo a culpa, embora Brooke esteja convencida de que foi ela quem os colocou ali. Não dê ouvidos a ela, apesar de tudo — riu.

— De que diabos você está falando? — esfreguei as têmporas, enquanto tentava dar sentido àquela conversa. — Que livro?

A linha ficou em silêncio, por um momento.

— Ela não lhe contou, não é? — sussurrou Sylvie. — Ah, que merda.

A ligação emudeceu. Sem pensar duas vezes, redisquei o número, porque ninguém desliga na minha cara. Desta vez, Sylvie atendeu no primeiro toque.

— Desculpe-me Jett. Fiquei desconectada. Foi mal — riu. Que merda é essa de as pessoas ficarem rindo quando estão mentindo? — Então, Brooke não está aí?

Ignorando sua pergunta, decidi ir direto ao assunto.

— Falamos do livro e do disco que foram roubados em Bellagio?

— Sim. Infelizmente ou felizmente, dependendo da maneira como você enxergar a questão. Eles não foram roubados, só... — ela fez uma pausa —... extraviados.

Respirei fundo e soltei o ar, enquanto ordenava os pensamentos.

— Onde eles estão agora, Sylvie?

— Com Brooke, claro! — disse ela, para, em seguida, começar a tagarelar. Suas palavras voavam tão depressa que parecia que uma marreta esmagava minha cabeça. — Honestamente, pensei que ela já tivesse lhe contado. Brooke queria fazer isso na noite passada, porque sabia que você ia ficar com raiva, e queria resolver logo a situação.

— Ei, vá devagar — belisquei a ponta do meu nariz. — Em primeiro lugar, por que Brooke supôs que eu ficaria com raiva? Isso é loucura...

— Não sei. Talvez porque você pudesse culpá-la pela morte de seu pai? — Sylvie fez a pergunta soar como uma afirmação.

— Besteira — estava com tanta raiva que senti como se pudesse esmurrar uma parede. — Eu nunca a culparia por nada.

— Brooke me contou como você se sentia culpado pela morte de seu pai. E acha que, como o livro nunca foi roubado, ela poderia ter causado a morte dele.

— Que porra de ideia é essa? — para alguém tão inteligente, o raciocínio de Brooke era uma merda. — Essa é a coisa mais foddidamente idiota que já ouvi. Ela sabe que Robert e eu nunca tivemos uma relação estreita. Parei com o luto por meu pai há uma semana — logo depois que descobri o desaparecimento de cinquenta milhões de dólares das contas.

— Certo. Do jeito como você fala tudo parece muito estúpido, mesmo. Brooke estava convencida de que você se culpava.

— Eu faço isso, sim — minha voz desceu para um sussurro. — Mas por motivos diferentes do que você pensa — levantei-me e comecei a andar pela sala, de cima para baixo, a raiva me percorrendo o corpo. — Veja, estou preocupado com a empresa. Durante anos, evitei que a gente se afogasse, mas o legado de meu pai é um buraco financeiro enorme, que poderia engolir metade de Nova York. Os livros não fazem sentido, e não posso contar a ninguém sobre isso, sem arriscar que as ações despenquem. Sei que você tem um diploma em finanças e pode imaginar o que isso significa — meu olhar recaiu no relógio de parede. — Isso não importa, agora. Preciso falar com Brooke. Você tem ideia de onde ela possa estar? Que cafés ela frequenta? Não me sinto confortável com ela sozinha por aí. Não quando ela carrega aquele livro maldito e está em um estado de conflito mental, achando que sou o inimigo.

— Já tentou ligar para ela?

— Sim — encolhi-me interiormente ao afirmar o óbvio. — Está desligado. Não teria ligado para você, se não estivesse.

— Desligado do tipo “você não pode falar com ela porque ela está bloqueando suas chamadas” ou do tipo “desligado”, de verdade?

— Está falando sério?

— Desculpe... — Sylvie continuou, em sua irritante voz: “desculpe-me por perguntar”. — É que não acredito que tenha desligado o celular. Ela nunca faz isso. Talvez a bateria esteja descarregada ou o tenha esquecido em algum lugar. Vocês brigaram?

— Mais ou menos — suspirei. — Como disse, a única coisa que me importa é encontrá-la.

— Sei de alguns lugares que ela costuma ir. Você está no trabalho?

Por fim.

— Sim.

— Estarei aí em vinte minutos — ela disse. — A propósito, Jett, eu realmente sinto muito por seu pai. Não só porque ele está morto, mas também... Você sabe... — ela parou.

— Obrigado.

Desliguei e olhei pela janela, para os últimos raios de sol que coloriam o céu em cobre escuro. Não gostei do fato de Brooke não me ter falado sobre o livro. Eu podia lidar com o fato de ela ter tentado terminar comigo, porque via suas possíveis motivações. Talvez ela pensasse que me protegeria ou, quem sabe, que se pouparia de tudo o que pensou que lhe diria. Eu podia lidar com isso, mas não com o fato de ter guardado segredos de mim que poderiam colocar sua vida em risco.

Pela milésima vez, olhei para meu telefone celular. Toda a história parecia muito artificial e forçada. Minha intuição dizia que estava faltando algo. Supondo que Brooke não confiasse em mim, ainda assim, havia prometido que ficaria, então, o que a fez mudar de ideia?

Pressionei a tecla de discagem rápida para a única pessoa que conhecia que nunca falharia comigo, pus o celular no ouvido e ordenei:

— Kenny! Preciso que você rastreie o telefone de Brooke, agora. Quero saber onde ela está e com quem.

— Ainda correndo atrás? — Kenny riu. — É para já.

Capítulo 16

BROOKE

A primeira sensação que tive ao acordar foi a de alguém me esbofeteando. A segunda foi o cheiro de podridão e excremento. A bile subiu em minha garganta e meu estômago revirou, querendo vomitar. Mordi a língua com força para combater o efeito e tentei abrir os olhos, mas tudo em volta permanecia escuro. O frio deve ter se infiltrado em meus membros em algum momento, porque pernas e braços estavam dormentes e já não conseguia parar de tremer. Estava com tanto frio que era como se o sentisse há muito tempo, na escuridão em que me encontrava.

Outra bofetada, desta vez ainda mais forte. Uma pontada de raiva rompeu dentro de mim, suficiente para conseguir me mexer, apesar da posição desconfortável. O lado esquerdo do rosto formigava e queimava, como se alguém tivesse usado um chicote contra ele. Abri os olhos, ainda grogue, e um suspiro estrangulado escapou de minha garganta. A sensação de frio que havia sentido, na verdade, vinha do chão de cimento debaixo de meu corpo, penetrando em meu *tailleur*. Pela cortina nebulosa que embaçava a visão, a imagem que identificava não fazia muito sentido. A sala inteira parecia nublada e repleta de uma leve névoa que girava tão rápida que os olhos precisaram de alguns segundos para se ajustar, embora continuasse a sentir o cheiro podre e nauseante do ar.

Sentando-me, tentei ficar de joelhos e cambaleei para frente. Minhas mãos impediram a queda e percebi que estavam amarradas à frente de meu corpo, como se estivessem em prece. Esperei até a tontura diminuir para um nível suportável e voltei a olhar ao redor.

Estava em um quarto do tamanho de uma cela, de paredes nuas, sujas e acinzentadas, com uma lâmpada baixa pendurada no teto. O chão era frio e trazia manchas marrons e secas, que pareciam de sujeira ou Deus sabe mais o quê. Atrás de mim havia um colchão imundo, com

nódoas ainda mais escuras. A cabeça doía como o diabo, o que não representava minha principal preocupação. Tudo de que lembrava era do roubo do carro, do motorista de Robert Mayfield sendo baleado e de um cara que apontou uma arma para meu rosto. Outro sujeito entrou no banco de trás e pressionou um pano contra minha boca; ainda era capaz de sentir o cheiro doce e enjoativo de clorofórmio. Depois disso, nada!

Onde estava? O que havia acontecido?

— Que bom, já está acordada — alguém disse.

A voz era familiar.

Virei-me para a porta e estreitei os olhos para me concentrar em altura, idade, ou qualquer outro detalhe que conseguisse capturar, mesmo com a visão turva, e viesse a me ajudar em uma identificação posterior. Ele entrou e a porta se fechou por trás. Ao avançar em minha direção, os traços se tornaram mais claros. Foi só quando se agachou que o reconheci. Os anos tinham mudado seu rosto e seu corpo. Havia engordado. O nariz tinha sido quebrado e havia cicatrizes na face e na sobrancelha esquerda, mas a semelhança era inegável. Era o rosto que ainda assombrava meus sonhos.

— Danny? — A pergunta foi pouco mais que um chiado, ou talvez minha voz não estivesse conseguindo superar o trovejar dos ouvidos. Meu coração batia tão forte no peito que tive certeza de que ele pôde ouvir. — O que você está fazendo aqui?

— Estou trabalhando, é isso o que está acontecendo. — Sua voz era indiferente, e levemente zombeteira. Ele lambeu os lábios, enquanto os olhos castanhos e escuros me avaliavam.

Ao revê-lo, lembranças que tentava enterrar, há mais de dez anos, regressaram: quando minha irmã se apaixonou por ele, os dias que se passaram depois que ela morreu e a maneira como ele sorriu quando lhe foi concedido o direito de ficar livre. Danny deve ter notado o choque e pressentido o que se passava, porque começou a sorrir, gerando um arrepio em minha espinha.

— Você achou que havia me esquecido dos problemas que me causou? — o tom era de advertência. — Pensou mesmo que ia escapar de mim?

Olhei para ele, mal sendo capaz de conter a bile na garganta. Minha mente estava um caos, completamente subjugada por sua presença. Pensava ter conseguido colocar uma boa distância dele, tanto física quanto emocional. De todas as pessoas no mundo, como poderia ser possível reencontrá-lo, e ainda mais, sob aquelas circunstâncias? Meu corpo ardia de repulsa e ódio. Tanto ódio quanto nojo. Apesar do frio, sentia-me arder por dentro, queimando tanto que empurraria o que estivesse no caminho para poder machucá-lo. Queria arranhar seu rosto e seus olhos. Queria vê-lo sangrar, tanto como Jenna, devagar e sem compaixão.

— Você parece surpresa por ainda me lembrar de Jenna — ele disse. — Não é fácil esquecer uma garota tão bonita. Ela era uma mina de ouro.

— Seu filho da puta, você a matou! — Levantei-me com a ajuda do cotovelo para socá-lo e quebrar sua cara, mas as cordas me mantiveram presa no lugar. Com raiva, cuspi em seu rosto. —

Quero matar você!

— Admito que mereci isso — ele se enxugou, parecendo divertir-se. — Mas não tive culpa por ela ser fraca e ter tido mais do que podia suportar.

— Você viciou minha irmã naquela merda! — vociferei. Jenna estava drogada na noite fatídica, embora o relatório do legista tenha afirmado ter morrido por uma hemorragia interna, e não por uma overdose. — Você a dividiu, seu pedaço de merda. Você a ofereceu como se fosse uma mercadoria!

— Negócios são negócios. Além disso, agora é passado, não é? — Danny deu de ombros. — E, olha, não posso esquecer, tenho de lhe agradecer. Sem você, nunca teria conhecido sua irmã. Não teria recebido toda aquela grana por tanto tempo. Para lembrar os velhos tempos, vou lhe dar um presente, Brooke.

Estremeci ao ouvir meu nome saindo daquela boca. Ele se inclinou para frente e a voz saiu como um sussurro que pingasse falsos segredos.

— Quer saber o que é?

— Vá se foder! Não quero nada de você!

Ele sorriu de novo, só que a expressão traiu seus sentimentos. Minhas palavras o desagradaram. Tentei me mexer alguns centímetros para trás, mas foi tarde. Ele se moveu tão depressa que mal tive tempo de piscar ou recuar. Agarrou meus braços amarrados e os torceu com tanta força, que tive medo de que se quebrassem. A dor atravessou meu corpo e estremeci, enquanto sua outra mão forçava meu queixo para cima, com firmeza.

— Não costumo dar segundas chances, levando em conta, porém, a remota possibilidade de você sair viva, farei uma exceção. Vou até ser generoso e soltá-la.

— Prefiro morrer a...

Ele torceu meu braço outra vez. As palavras morreram na garganta, enquanto a visão ficava turva com a dor excruciante que disparava pelo ombro até a coluna vertebral.

— Quando ele tiver acabado — sussurrou —, você terá desejado que eu tivesse sido o primeiro. — Danny me soltou e tropecei para frente, caindo no chão. Virei-me com cautela, observando cada um de seus movimentos. — Vou lhe dar uma boa foda, Brooke. Uma que você nunca mais vai se esquecer. Vou penetrá-la até se quebrar, assim como fiz com sua irmã!

— Você é doente! — Lutei para organizar os pensamentos, tentando dizer tudo que queria, mas o ódio me dominou e fui incapaz de prosseguir.

— Diga isso para quem quer você primeiro!

Ele caminhou até a porta e bateu com os nós dos dedos, para, em seguida, virar-se para mim, enquanto esperava. Seu sorriso desapareceu e percebi que os olhos brilharam com pena de mim.

— Não entendo porque querem você! Você é muito velha... — disse Danny. — Só posso imaginar que seja uma preferência pessoal ou que desejam a irmã daquela que já comeram, uma vez!

Do lado de fora, passos ecoaram por trás da porta.

— Como assim, o que você quer dizer? — perguntei, tentando processar suas palavras.

— Você é tão burra assim ou está me tirando uma? — zombou Danny, com os lábios se curvando para cima. Todos os vestígios de piedade desapareceram. — Fui muito bem pago para arranjar a Jenna e eles ficaram muito felizes com ela. Ainda que você testemunhasse contra mim, jamais ganharia! As pessoas apreciam meus serviços. De que outra maneira eu seria considerado inocente? Pense nisso.

A porta se abriu e Danny saiu, sem sequer olhar para trás. Então, voltou a se fechar, deixando-me sozinha no quarto, com sua voz soando em minha cabeça. Tentei recordar os acontecimentos após a morte de Jenna e comecei a especular sobre o homem que tinha deixado Danny escapar impune.

Danny atraiu minha irmã para um mundo de drogas e a vendeu para outros, pelo sexo. Disso sabia há tempos, o que nunca entendi foi como um juiz pôde deixá-lo em liberdade. Só então imaginei o motivo. Não foi o encanto de Danny ou o jeito como mentiu que influenciou o juiz a seu favor. Provavelmente, foi o interesse pessoal daquele juiz em Jenna ou em salvar a própria pele sobre o que tinha acontecido com ela. Estava pronta para apostar na última hipótese.

Capítulo 17

A LÂMPADA ACIMA de minha cabeça lançava uma luz ofuscante no chão sujo e nas cordas que me prendiam os pulsos. O odor fétido e antigo pairava no ar. Em algum momento, com o olfato mais acostumado, atrevi-me a respirar profundamente. Não sei quando adormeci, mas era tudo o que mais queria. Não pensar. Não sentir. Apenas dormir, até que pudesse me esquecer de onde estava e do que tinha ouvido. Meus piores pesadelos eram melhores do que aquela realidade. Acordar era como me ver em um inferno, sem saída, em que as dores das cordas apertadas, cortando a pele, proporcionavam mais alívio do que desconforto.

— Você deve aprender a lidar com isso — balbuciou uma voz feminina.

Girei em círculos para olhar em torno. Não havia janelas, apenas paredes e uma porta, fechada, pela qual Danny havia desaparecido. Qualquer rota de fuga passava por ela, mas as cordas eram muito curtas para alcançá-la. Um arrepio percorreu minha espinha quando percebi que ninguém mais estava ali, a não ser eu. Estaria ficando louca?

— Ei, estou falando com você — insistiu a voz.

Vasculhei o quarto novamente e, desta vez, meu olhar notou pequenos orifícios de uma grade de ventilação na parede, em que não havia reparado antes. Uma pele muito pálida brilhava atrás deles, mas os buracos eram muito pequenos para que se pudesse ver muita coisa. Esticando o pescoço para enxergar melhor, ignorei a náusea na boca do estômago e me adiantei um pouco. Como se percebesse minha curiosidade, quem estava do outro lado se moveu e espremeu os dedos pelas aberturas. As unhas eram compridas e sujas e, definitivamente, pertenciam a uma mulher.

— Estou na cela ao lado da sua. Consegue se aproximar mais?

— Não! — Meus olhos permaneceram fixos na abertura. Os dedos desapareceram e, por fim, consegui ver os olhos e os lábios de uma mulher. Não pude deduzir sua idade, mas o som da voz era de alguém jovem, talvez mais do que eu. — Estou amarrada! — Levantei as mãos para mostrar.

Ela deixou escapar um gemido.

— Você tem de parar de chorar, Brooke!

— Como você sabe...

— Seu nome? Eles mencionaram lá fora — respondeu. — E precisa parar de dormir!

— Por quê?

— Porque fica mais fácil lhe injetarem drogas, porque você não percebe... Confie em mim, você precisa manter o controle sobre seu corpo.

— Quem é você? — Arrastei-me para mais perto da abertura, tanto quanto as cordas em volta dos pulsos permitiam, até que fiquei a cerca de um metro e pouco de distância. Assim, pude ver parte de seu rosto.

— Meu nome é Liz. E, antes que você pergunte, não sei onde estamos.

Ela era um pouco gordinha e parecia estar no final da adolescência, talvez em torno de dezessete ou dezoito anos, com uma franja loira que caía sobre os olhos. Apesar de a abertura de ventilação obstruir minha visão, era possível ver quanto era bonita. Uma menina normal, se não fosse a sujeira incrustada no rosto. Prendi a respiração quando deduzi que talvez não fosse uma crosta de sujeira, mas de sangue seco...

— Há quanto tempo você está aí?

— Quase três meses. Parei de contar faz um tempo. — Ela me deu um sorriso nervoso, os olhos me fitando com tanta intensidade que se imaginava tudo o que já havia passado. Meu peito pesava de medo. Três meses era muito tempo. Claramente, quem a estava mantendo como refém não tinha intenção de soltá-la. Percebi que aqueles olhos eram de alguém que havia visto coisas horríveis.

— Você terá chances melhores de sobreviver se for forte, mas submissa. Se quiser viver, tem de jogar junto e fazer o que lhe pedirem... E eles só o farão uma vez. Se resistir ou não seguir as ordens, pedirão permissão para matá-la — Liz fez uma pausa. — E alguns adoram fazer isso.

Balancei a cabeça e forcei o ar para dentro dos pulmões, enquanto tentava memorizar cada palavra que a garota dizia.

— Eles trazem comida uma vez por dia, às vezes duas — continuou Liz. — Quase sempre é a mesma coisa: pão, com um prato de arroz com frango ou um bife com batatas fritas, e um copo de água. Se tiver sorte, pode receber duas pílulas azuis e um pequeno comprimido branco. Coma o pão, beba a água e sempre tome as pílulas azuis, logo que puder. Mas não toque no resto da comida, porque é contaminada. Tudo o que não comer, dê um jeito de se livrar sem que saibam. E, lembre-se, quanto antes você começar a jogar junto, maiores as chances de permanecer viva. É melhor até tentar superar as expectativas deles.

— O que são as pílulas azuis? — perguntei.

— Vão mantê-la acordada e anestesiá-la a dor. Eu sempre as tomo.

— E os comprimidos brancos?

— Use apenas quando estiver pronta para abortar. — O tom de voz demonstrou conhecimento de causa. — Costumam dar Misoprostol. Serve para úlcera do estômago e é abortivo e não deve ser misturado com as azuis.

— Como você...

— Ouvi você falar, alto, enquanto dormia. Eram coisas estranhas sobre um disco e sei lá o quê mais...

O disco e o bebê eram segredos. Não podia deixar escapar tudo durante meu sono. Ondas de pânico me apanharam, quando pensei no que podia ocorrer se quem nos mantinha prisioneiras descobrisse.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntei.

— Danny me fazia trabalhar nas ruas até que o empregador dele reparou em mim e lhe pediu para me trazer para cá.

Liz foi interrompida pelo som de uma buzina de carro. Concluí que estávamos perto de uma rua ou de uma rodovia, embora sem muita certeza. Continuamos em silêncio por alguns minutos. Quando nada aconteceu, ela prosseguiu, com um tom de voz mais baixo.

— Você não pode agir assim, sabe? Do jeito como tratou o Danny. Ele não é o pior. Quer dizer, há piores do que ele.

Olhei para minhas mãos, para a maneira como a corda esfolava minha pele, a dor me mantendo alerta e com o pé na realidade, enquanto o medo me paralisava. A situação toda parecia absurda demais para entender, embora percebesse que tinha de ouvir os conselhos de Liz para poder sair dali. Era difícil imaginar que Danny não fosse o pior deles. Ele havia enganado toda a minha família, fingindo que amava minha irmã. Sabendo o que aconteceria com ela, ainda assim, deixou que lhe fizessem mal, demonstrando não ter coração, alma, consciência ou compaixão. Para mim, não reunia nenhuma uma das qualidades que constituíam os seres humanos.

— Não me importo — retruquei. — Ele matou minha irmã.

— Não estou inventando desculpas para ele — Liz sussurrou. — Danny é um dos fornecedores. Basicamente, fornece as meninas em troca de drogas e dinheiro. Mas não participa... — Ela prendeu a respiração e soltou o ar, aos poucos. Observando o modo como o defendia, perguntei-me qual seria o relacionamento existente entre eles.

— Existem outras como nós? — com remota esperança, questionei.

Se houvesse mais mulheres, talvez pudéssemos trabalhar juntas e escapar. Tinha de haver uma maneira, caso contrário, não sabia como conseguiria fugir dali sozinha.

— Havia — ela respondeu. — Eles recebem um novo suprimento, duas vezes por mês. As duas primeiras semanas são cruciais. Depois disso, em função do comportamento, dá-se valor ou

não. — Liz ficou em silêncio. Nossos olhares se conectaram através das grades e seu semblante se encheu de medo, e de algo mais: desesperança. Sua voz virou um sussurro, o que, de certa maneira, encheu-me de mais terror do que as coisas que havia revelado até então. — Você não deve se meter com eles, ou será punida. E se espera que alguém venha até aqui para ajudar, *esqueça*. Isso não vai acontecer. Nunca aconteceu. Estamos em propriedade particular. Ninguém virá nos procurar aqui, porque os donos são ricos. É como se fosse o anexo de um clube, ou algo assim. Danny me contou isso e acredito nele. E, para ser honesta, seria uma ideia estúpida tentar fugir. Duas tentaram e imagine o que conseguiram.

Um clube?

Parei de respirar por um instante, enquanto as peças do quebra-cabeça buscavam se encaixar. Robert Mayfield tinha tentado proteger os próprios interesses, livrando-se de mim. Nisso, outra pessoa interferiu. Era a razão de estar ali, embora, de acordo com Danny, fosse mais velha do que as meninas que eram sequestradas.

— Por que você me contou tudo isso? Se não é possível escapar...

Balancei a cabeça, lutando para encontrar algum sentido em meus pensamentos. Se Liz não conhecia ninguém que tivesse conseguido fugir, por que estava tentando me ajudar? A vida que ela vivia não era vida. Eu me vi mergulhando em um abismo escuro de emoções, sem sequer ter entendido o que de fato acontecia.

— Porque não importa — respondeu. A voz soou embargada, enquanto continuava a falar. — Quero mantê-la a salvo, embora provavelmente não seja capaz de conseguir...

Ela se afastou da abertura, desaparecendo de cena. Esperei que retornasse, mas isso não aconteceu.

— Liz?

Quando nenhuma resposta retornou, entendi. Sem esperança e fé, Liz já havia feito o que achava que podia. Para que se apegar à “nova garota” que, talvez, não sobrevivesse duas semanas, afinal?

Sentei-me no chão frio. Pela enésima vez, perguntei-me como seria ficar sozinha na cela, à mercê de outras pessoas, sem ninguém para conversar. Três meses podia não parecer muito tempo, apesar de ser o suficiente para criar a necessidade de ter alguém por perto para lembrar de ainda ser humana, em vez de um objeto sem valor. Alguém que entendesse o inferno em que vivia, que estivesse lá para compartilhar a dor, em vez de infligir mais sofrimento.

Talvez ela tivesse encontrado essa pessoa.

Quando minhas pernas começaram a enrijecer, rastejei de volta para o lugar que consistia em um colchão sujo no chão, e sentei sobre ele. Enterrei o rosto nas mãos, incapaz de evitar a sensação de desânimo.

Jett não havia exagerado quando disse que o tal clube era perigoso. Também não tinha mentido quando afirmou que estávamos conectados por um passado bastante semelhante. Nunca percebi quanto ele estava perto da verdade. Como seria horrível para ele quando

descobrisse que o clube do qual o pai foi sócio me mantinha como refém... No entanto, ele nunca descobriria, porque o provável era que nunca viesse me procurar, depois que terminamos o relacionamento, e o tempo seria uma boa razão para acreditar que eu o havia abandonado. Tinha sido um grande erro. Sabia disso, afinal. Sentia isso, por fim. E não havia ninguém mais para culpar, só a mim.

As horas se passavam e a cela de Liz permanecia silenciosa como um túmulo. A luz acima de minha cabeça era mantida acesa, sem descanso, o que tornava impossível dormir por mais de alguns minutos. Era difícil saber se era dia ou noite; se um dia tinha se passado, ou vários. No entanto, o tempo parecia uma eternidade. No momento em que ouvi novos passos, o medo e o frio em meus braços e pernas tinham se transformado em nada: estava funcionando sem reagir ou pensar. Apenas quando a porta se abriu, levantei a cabeça e me sentei, sem saber o que esperar.

Um cara baixinho, com uma bandeja, entrou. Ele a depositou no chão e a empurrou em minha direção, com a bota, dando um passo para trás. Olhei da bandeja para a arma no coldre preso na cintura do homem. Ele permaneceu em silêncio, os olhos escuros sem se desviar de mim. Não havia nenhum tipo de aviso no olhar. Apenas diversão. Não pude deixar de pensar em mim como um animal enjaulado em uma casa de vidro, em um experimento doentio, durante o qual não seria considerada humana, porque minha importância seria nula.

— Obrigada — murmurei, lembrando-me do conselho de Liz para ser submissa diante deles, ainda que minha vontade fosse partir para cima, para arrancar aquela arma.

O conselho pareceu funcionar, porque ele se virou e saiu, fechando a porta atrás de si.

Aproximei-me da bandeja com cautela. Como Liz havia previsto, a comida consistia de um prato, frango com arroz e molho branco e um pão. Ao lado do copo de água estavam três pílulas: duas azuis e uma branca. O que não esperava era que o pão estivesse coberto por uma fina camada de mofo azulado e que a água parecesse suja. Ainda que ela estivesse certa, não poderia comer nada daquilo, por causa da minha condição.

Além disso, meus nervos estavam muito corroídos para manter alguma coisa no estômago. A perspectiva de morrer de fome me parecia mais atraente do que morrer violentada ou drogada. Ao menos manteria minha autoestima. Poderia comer outra hora, quando escapasse. Tinha de acreditar que um milagre seria possível. A sede, no entanto, era muita para me abster de beber água. Tomei um gole e fiz uma careta. Seu gosto era tão ruim quanto sua aparência.

Peguei a bandeja e examinei a cela, à procura de um esconderijo. No lado mais distante da porta havia um poço de ventilação, no chão. Era mais amplo que o da parede e, no meio, havia um buraco, que presumi servir como um banheiro aberto. O cheiro de fezes que se elevava dele era tão forte que quase vomitei. Ajoelhei-me e descartei a refeição e o comprimido branco.

A fatia de pão era muito grande e espessa, então, rasguei-a em pedaços e a joguei no buraco, junto com a água. Peguei as pílulas azuis, tentando decidir o próximo passo. Liz estava certa. Se

quisesse fugir, precisava me manter acordada, mas não daquela maneira. Minha mente tinha de permanecer limpa, sem a necessidade de usar aquelas pílulas, para o que quer que servissem.

Pus a bandeja de volta no local em que o guarda a colocara, empurrando os comprimidos para dentro do meu bolso, no caso de precisar deles mais tarde. Em seguida, quebrei o copo de água no chão de concreto. O barulho de vidro se quebrando ecoou nas paredes de maneira anormal e, por um momento, convenci-me de que alguém apareceria e exigiria uma explicação. O mais depressa que pude, peguei o maior dos cacos, que era pequeno, afinal. Uma pequena arma, porém, era melhor do que nenhuma. Se fosse afiado o suficiente para cortar uma pele, serviria.

Houve tempo apenas para escondê-lo em um pequeno buraco do colchão, antes de passos se aproximarem e a porta se abrir, como tinha previsto.

— Não se mexa! — Um dos dois guardas ordenou.

Meu coração batia forte e fingi terminar de engolir, enquanto observava um deles limpando os cacos.

— Brooke, certo? — disse o outro. Balancei a cabeça, sem me atrever a olhar para cima ou respirar. Ele estava tão perto que me causava arrepios. Erguei minhas mãos para vistoriá-las, antes de se afastar. — Você é nova por aqui, então, deixe-me dizer uma coisa. Se isso acontecer outra vez, você não vai receber mais nosso sofisticado tratamento.

Como se me importasse!

Podia sentir sua intenção pelo olhar e quase sorri de alívio quando se retiraram e a porta se fechou. Prestando atenção nos sons, esperei até ter certeza de que não voltariam para pegar o caco do colchão. Depois, cortei um buraco na costura do paletó para ocultá-lo.

Um olhar na abertura me disse que Liz assistia à cena, em silêncio.

— Por favor, não faça isso — ela sussurrou.

Não tinha a intenção de envolvê-la ou de colocar sua vida em perigo, mas não aceitaria toda aquela nova circunstância sem fazer nada a respeito. Ignorando-a, sentei-me no colchão e comecei a me balançar para trás e para frente, na tentativa de me manter acordada.

Capítulo 18

INDEPENDENTEMENTE do que houvesse naquela água, o efeito em mim foi quase imediato. Uma estranha sensação de flutuar e de ficar sem peso me invadiu. De início, o corpo começou a tremer de leve, mas com a intensificação do sintoma a respiração se acelerou. Era muito semelhante a um ataque de pânico e pude entender que o que estava acontecendo poderia levar muito tempo para desaparecer. Talvez a água fosse batizada e Liz não soubesse, ou, quem sabe, estivesse realmente tendo um ataque de pânico. De qualquer maneira, tinha de me controlar logo.

Durante um longo tempo, fiquei ali, olhando para as paredes. Estava exausta, mas a mente estava muito ativa para dormir, ainda que quisesse. Um guarda verificava a cela em intervalos regulares, sem falar nada.

Não sabia quanto tempo havia se passado quando um clique do lado de fora fez com que me sentasse, em estado de alerta. Outro ruído se seguiu e notei que a porta de Liz havia sido aberta. Várias pessoas entraram na cela. As vozes eram abafadas demais para entender algo do que falavam.

Alguém riu.

E, então, um som fez meu sangue congelar nas veias. Eu conhecia aquele som. Talvez não o *conhecesse* por tê-lo experimentado antes, mas *sabia* o que estava acontecendo. Não saberia dizer quantos homens estavam na cela de Liz, mas podia ouvir suas risadas, tapas, grunhidos, os corpos que penetravam com violência no dela, quando cada um tinha sua vez. Tremendo, apertei as mãos contra a boca para deter os sons que se formavam na parte de trás da garganta, logo que os gemidos e gritos começaram. O que estavam fazendo com ela não deixava muito para a

imaginação. Uma sensação de impotência tomou conta de mim quando percebi que não havia nada que pudesse fazer para ajudá-la.

— Você está filmando? — alguém perguntou.

— Cala a boca, cara. Você acha que eu ia perder essa? — o segundo sujeito riu. Um som profundamente irritante, que reconheci de imediato. Era o mesmo homem que me ameaçou, quando quebrei o copo de vidro.

— Vamos trazer a nova garota aqui. O que você acha? — disse o terceiro homem. Sua voz era profunda e rouca, como a de um fumante. O primeiro sujeito falou.

— Esqueceu a regra? Dante quer essa mulher para ele.

Do jeito que ele falou “essa mulher”, percebi que se referia a mim. *Quem era o tal Dante?* As palavras de Danny, de que “alguém me queria primeiro” passaram por minha cabeça e um arrepio me percorreu a espinha. Talvez ele estivesse falando do mesmo cara, Dante.

— Se a drogarmos, ela não vai se lembrar de nada. Problema resolvido — disse a voz do fumante. — Ninguém acreditaria nela, de qualquer maneira.

Merda!

Meu coração começou a bater contra o peito e me forcei a dar respirações lentas e medidas. Entrar em pânico não ajudaria ninguém.

— Não, não é uma boa ideia — disse o primeiro. Ele parecia tenso, até ansioso. — Dante quer a mulher na condição em que ela está agora. E foi claro sobre isso.

Risos e, em seguida, o som de um estalo, como a fivela de um cinto.

— Você não precisa fazer isso — disse o cara com a voz de fumante. — Eu quero me divertir. E você, Stu, está nessa?

— Conte comigo — falou a segunda voz. — Leve-a ao quarto de rodas.

Quarto de rodas? Que tipo de quarto seria? Pensando bem, não queria descobrir. As vozes continuaram a falar, mas as palavras já não me atingiam, porque o som do sangue correndo em meus ouvidos abafava todos os demais ruídos. Olhei em volta, à procura de um lugar para me esconder ou fugir e, assim como antes, não descobri nenhuma passagem secreta. Nenhum buraco na parede em que pudesse me enfiar.

Com as mãos trêmulas, certifiquei-me de que o caco de vidro ainda estava escondido na parte interna do *tailleur*. Minha respiração fez um som sibilante ao me sentar no colchão, esperando para ver como as coisas se desenrolariam.

Viver ou morrer. Afinal, sabia que, se falhasse, o mais certo é que não sobrevivesse àquela noite.

A porta se abriu e entraram dois homens. Eram grandes e a expressão de seus rostos era implacável. Ambos carregavam armas, e foi quando percebi que minhas chances eram muito reduzidas. No entanto, talvez fosse para isso que elas servissem: para intimidar, de maneira que a vítima não lutasse. O loiro, que tinha catado os cacos de vidro no chão, antes, tinha as bochechas afundadas, a pele manchada e os olhos vazios de um viciado em metanfetamina. O outro, com

voz rouca de fumante, e que não parecia se preocupar com as regras de Dante, era musculoso, com corte de cabelo de tipo militar e o nariz torto. Reconheci-o como o cara que tinha segurado a arma em meu rosto, na garagem.

Minha boca se abriu para gritar e, em seguida, fechou-se, porque não havia sentido fazê-lo quando ninguém me ouviria. Queria lutar, arranhar seus rostos, embora, provavelmente, não tivesse a menor chance contra dois homens armados.

O cara de cabelo escuro me puxou, retirou as cordas e me empurrou.

Fraca pela falta de comida, água e sono, tropecei para frente. Minha mente, porém, estava afiada bastante para reparar no que se passava.

O corredor era longo e estreito, com portas de cada lado. Parecia um armazém vazio, com celas trancadas, cuja passagem principal levava até um espaço aberto, com duas portas. O som de meus saltos ressoou nas paredes, enquanto fui guiada por uma das portas para uma garagem anexa, com três caminhões estacionados. Do lado mais distante, quase escondida pelo caminhão maior, havia uma dúzia de prateleiras ajustáveis, que revestiam a parede, sobre as quais caixas eram depositadas. Estiquei o pescoço, porém elas estavam muito longe para espiar melhor.

— Continue... Vou trazer o resto — disse o cara de cabelos escuros.

Por cima do ombro, eu o vi se dirigir até as caixas, vasculhando-as.

A mão do cara loiro se apertou em torno de meu braço, obrigando-me a seguir em frente, até o caminhão mais distante, para, em seguida, apertar um botão. Uma rampa desceu e ele me deu outro empurrão, forçando-me a subir.

Lá dentro, a luz era fraca, mas pude ver que o caminhão tinha sido decorado para parecer um quarto simples, com paredes brancas e uma cama de casal. Algemas e correntes pendiam de cada lado da cabeceira e um tapete marrom cobria o chão. Minha boca ficou seca quando compreendi o que era aquilo.

Ali estava o tal quarto de rodas, um transportador móvel que servia ao propósito doentio de manter as mulheres em cativeiro e, talvez, para coisa ainda pior.

Não queria morrer ali!

Aquela era minha oportunidade.

Provavelmente, a única chance que teria.

Merda, não poderia perdê-la.

Devagar, apertei a mão na costura de minha cintura e peguei a extremidade do caco de vidro que tinha escondido, segurando tão apertado que a borda afiada me cortou a pele, provocando uma pontada de dor que penetrou em minhas terminações nervosas. Não me importei. Sem pensar, virei-me e mergulhei a ponta do vidro tão forte quanto pude na garganta do homem, cortando para a direita, perfurando a pele, a carne e os nervos. Seu corpo se dobrou para frente e as mãos se moveram até o pescoço. Um jorro de sangue lhe cobriu a pele e escorreu até o chão.

— Stu...

A voz perdeu força com o som borbulhante do sangue. Os olhos se arregalaram, demonstrando pânico, enquanto ele levava as mãos ao rosto.

Deixei o caco em sua garganta e desci a rampa, na direção pela qual viera — e para a única porta visível.

— Vaca!

Ouvi o cara moreno soltando uma longa sequência de palavrões, logo substituídos por passos que se aproximavam. Não me virei para olhar. Tudo o que queria era fugir. Sair daquele lugar o mais depressa que pudesse.

Atravessando a porta, alcancei o espaço aberto e, em vez de seguir na direção de minha cela, corri para o outro lado. Era um risco. Uma aposta que não queria fazer, mas não tinha outra escolha. As batidas de meu coração abafavam todos os outros sons, o que só me fez correr mais depressa. Superei outra porta, agradecida por não estar trancada e me deparei com uma escadaria. Ao ver uma das saídas de emergência, vi que estava trancada. Um palavrão escapou de meus lábios.

Não poderia voltar, porque não tinha ideia de onde o outro cara — Stu — estaria. Assim, corri até as escadas, testando cada uma das portas de emergência, enquanto subia. Quando uma delas se abriu, já havia alcançado o terceiro andar e meus pulmões queimavam pela falta de ar. Não fazia ideia de há quanto tempo não me alimentava, mas sabia que não poderia continuar por muito mais tempo. À direita, uma porta que dava para o corredor do terceiro andar estava desbloqueada. Passei por ela e a fechei atrás de mim o mais silenciosamente possível.

O corredor se parecia com o das celas, suas portas, porém, estavam entreabertas. Olhei para elas enquanto passava e percebi que eram boxes de armazenagem, exatamente como os do andar em que fiquei presa. Quem quer que fosse o dono do lugar, era alguém que pensava grande. Fui até a última porta à esquerda, torcendo para que fosse outra garagem. Em vez disso, entrei em um grande espaço aberto, com armários.

A porta que levava da escadaria ao corredor se abriu e os sons de passos me disseram que não tinha tempo a perder. Nisso, abri um dos armários e entrei. O espaço era pequeno, mas suficiente para mim.

Minha respiração estava ofegante e soava alta demais. Tentando acalmar as batidas do coração, pressionei a mão contra o peito. Novos passos ecoaram pelo corredor, em aproximação.

Prendi a respiração quando o cômodo ficou silencioso. Pelas pequenas frestas da porta do armário, vi o vulto de Stu. E, em seguida, os passos se afastaram novamente e a porta da escada se fechou.

Por mais que estivesse tentada a ficar escondida, seria apenas uma questão de tempo até que voltasse. O pensamento dele abrindo o armário e me encontrando, depois do que havia feito a seu companheiro, apavorou-me. Assim, saí dali. Mal comecei a me dirigir até a outra extremidade do corredor, alguém me agarrou pela cintura e algo foi pressionado contra minha boca.

Chutei e soquei com todas as forças, lutando contra os punhos de aço que me prendiam.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou Stu.

Sua respiração estava pesada quando me deu um soco na lateral da cabeça, mandando-me contra a parede. Por instinto, curvei-me para proteger o bebê, mas suas mãos se enrolaram em meus cabelos, puxando-me para que ficasse em pé. Meus olhos pousaram em um homem que ainda não havia visto e, depois, na seringa que manuseava. Notando meu súbito pânico, Stu sorriu e percebi que havia apenas dois resultados possíveis.

Eu seria punida, pagando caro por meu comportamento. E, a julgar pela expressão de seu rosto, ele não se preocuparia mais em seguir as ordens de Dante e me deixar incólume.

O segundo resultado era ainda mais desolador e tentei afastá-lo para o fundo de minha mente, não querendo pensar nele.

Meu couro cabeludo estava queimando, uma dor não me impedia de lutar e socar a esmo. Meu pé colidiu com algo macio e Stu soltou outra série de palavrões. Sua mão soltou meus cabelos e, por um breve momento, apreciei a sensação de estar livre. Logo, minhas pernas foram chutadas por trás e caí, batendo a cabeça no solo.

Com a visão turva, esforcei-me para levantar, mas dedos se enrolaram em torno de minha garganta, cortando a passagem do ar. Presa no chão e incapaz de me mexer, ou de respirar, mirei frios olhos escuros. O rosto de Stu era uma máscara de fúria e de excitação, enquanto me sufocava. O outro sujeito se ajoelhou a seu lado. Estremeci quando uma agulha me perfurou a pele.

Em poucos segundos, o anestésico percorreu minhas veias e me fez enfraquecer. Lutei e chutei até constatar que não havia mais nada que pudesse fazer. A compreensão não veio do medo. Meu corpo estava pronto para desistir, ficando cada vez mais dormente. Era como se ele não tivesse escolha. Aceitei, enfim, que tudo poderia acontecer, porque era minha a culpa, afinal. Porque havia causado aquilo a mim mesma.

Uma das mãos de Stu puxou a saia de meu *tailleur* e arrancou minha calcinha. Senti o ar entre as pernas e ouvi o som do zíper de sua calça. Fechei os olhos para me esconder atrás das pálpebras, dentro de meus pensamentos. Não importava o que acontecesse, não queria testemunhar.

Nem o som alto de tiros me fez abrir os olhos. Nem os passos ao meu redor. Nem o nome de Jett sendo citado e alguém a gritar:

— É dessa maneira que funciona, Jett! Você parece ter se esquecido...

Em seguida, outro tiro, e mais um. Só quando ouvi a voz profunda de Jett, esforcei-me para que os olhos pesados se abrissem, e meus lábios se curvaram em um sorriso débil. Ele era tão bonito! Um sonho bonito. Pelo menos, não sentiria dor, porque estaria sonhando com ele.

— Brooke, baby!

Os olhos verdes de Jett transpareciam tanta preocupação que queria lhe assegurar que ficaria bem, apenas para afastar sua dor. Queria tocá-lo, para ver se ele estava ali, ou se seu belo rosto era

apenas uma ilusão. No entanto, meus dedos não seguiam o comando do cérebro.

— Sinto muito, Brooke! — Ele me levantou nos braços, apertando-me contra o peito. Apesar da dor latejante na cabeça e no abdômen, inalei o perfume da loção pós-barba, enquanto Jett repetia: — Vamos tirá-la daqui!

— Tem uma garota lá embaixo — sussurrei. — Por favor, ajude-a! E, Jett, seu pai... — Lutei contra a esmagadora sensação de perder os sentidos. Cada palavra, uma luta. Tentei manter os olhos abertos, mas tudo o que vi foi a escuridão. — Ele ainda está vivo! — completei.

A última coisa que ouvi foi Jett gritar:

— Chame uma ambulância, Brian!

E então a escuridão me apanhou, engolindo-me por completo.

Capítulo 19

ACORDEI EM UMA CAMA, com Jett dormindo em uma cadeira, à direita. Observei as linhas de preocupação profundas em sua testa, a maneira como sua barba lançava uma sombra sobre o rosto, escurecendo seus traços. Ele estava vestido com calça jeans e uma camisa preta, que contrastava com a brancura imaculada dos lençóis e das paredes. Os cabelos estavam revoltos, lembrando-me das muitas vezes que o percorri com os dedos, lembranças que logo se dissolveram, perante a realidade.

Os círculos escuros sob seus olhos me davam uma boa imagem do que devia ter passado, durante minha ausência. Ainda que parecesse como alguém que não dormia há dias, meu coração acelerou. Ele estava bonito. Não ousei tocá-lo, temendo que fosse só um sonho e, por isso, pudesse acordar a qualquer momento.

Para me convencer do contrário, estudei o quarto com a vista e percebi que estávamos em um hospital. Raios brilhantes de luz solar se derramavam através das janelas. A porta estava fechada e, além da respiração suave de Jett, nenhum som perturbava a serenidade ao redor. A dor dentro de minha cabeça fez tudo parecer real, mas, era real, mesmo?

O quarto era decorado em branco e amarelo-claro. O único toque de cor vinha na forma de um buquê de copo-de-leite rosa, em um vaso sobre a mesa de cabeceira. Podia sentir o cheiro de seu leve perfume e me lembrei de que eram as flores favoritas de Sylvie. E, então, as lembranças aos poucos retornaram. Um forte peso me prendendo ao chão. Um tiro, seguido do rosto de Jett e de seus braços em volta de meu corpo. Pessoas falando, animadas. Oh, Deus e a dor. Vi, então, que não se tratava de um sonho. Estava, de verdade, em uma cama de hospital, e Jett tinha me salvado.

Mais uma vez.

Sorri, apesar da dor que atravessava meu crânio.

De algum modo, havia me encontrado. Estávamos juntos, e o bebê...

Meu coração despencou quando outras lembranças começaram a voltar.

O pai de Jett. O arranjo. Liz. O estupro. O sujeito de cabelos escuros me dando socos repetidos, minha cabeça batendo no chão e a maneira como o outro cara mergulhou uma agulha em meu braço, injetando uma droga que me deixou incapaz de me mexer e, finalmente, fez-me inconsciente. Engoli o nó que obstruía minha garganta. Se meu pesadelo estivesse findo, não tinha terminado, na verdade. Não tinha ideia se Liz havia sobrevivido ao estupro. Não sabia se meu bebê sobrevivera ao espancamento e a tudo o que aconteceu depois.

Jett estava pronto para ser pai. Carregar seu filho dentro de mim e depois perdê-lo seria quase como traí-lo. Precisava descobrir se ainda estava grávida e tinha de fazer aquilo sozinha, antes que ele acordasse.

Quando me mexi na cama, quase arranquei a agulha que estava enfiada em minha veia. Estremeci e Jett abriu os olhos.

— Brooke? — ele se levantou e tocou meu ombro, com suavidade. — Estou aqui. Está tudo bem.

Seus olhos me avaliaram, como se não tivesse certeza se sofria ou não de amnésia e pudesse não me lembrar dele. Sorri, apesar das lágrimas que escorreram por meu rosto. Estava oprimida. Só de vê-lo, senti-lo, ouvi-lo, quando pensei que jamais teria chance... Era mais surpreendente do que havia imaginado. Tinha me esquecido de como os olhos dele eram lindos e da maneira como despertavam borboletas dentro de meu estômago, bastando que pousassem sobre mim.

— Oh, Deus, sinto muito — sussurrei e o deixei me abraçar. — Nem posso acreditar que você me encontrou. — Minha garganta doía, mas não me importava. — Obrigada por ter vindo até mim!

— Eu nunca desistiria de você, não sabe disso? — Sentando-se na cama e me puxando até ele, gentilmente, beijou-me na testa, no rosto, na ponta do nariz, nos cantos da boca e, finalmente... Em meus lábios.

O cheiro dele, o corpo quente... Tudo era maravilhoso. Bom demais para ser verdade. Descansamos nos braços um do outro por um longo tempo. Jett se afastou primeiro e levou uma mecha de meu cabelo para trás da orelha, enquanto fitava fundo em meus olhos.

— Eu poderia ter chegado tarde demais, porém. Nesse caso, não sei o que teria feito.

Suas palavras me tocaram a ponto de as lágrimas recomeçarem a me nublar a visão. Sorri com amargura.

— Você superaria, com o tempo. — Sabia que a tentativa de aliviar uma conversa desagradável era uma merda, mas tinha de tentar, de qualquer maneira. — Você encontraria outra garota para me substituir.

Ele riu de modo sombrio. Olhei para cima, surpresa.

— Você não tem ideia do que está falando. Talvez não queira outra garota. Quando me apaixonei por você, sabia que a amaria mesmo em seu pior estado. Acima de tudo, sabia que sua ausência teria o poder de me destruir. — Seus olhos verdes-escuros sondaram os meus. — Você não é uma garota qualquer para mim, Brooke. É a única que me importa!

— Ainda que eu perdesse o bebê? — murmurei. Admitir isso para ele era doloroso, embora fosse uma possibilidade.

Os olhos de Jett refletiam suas emoções, enquanto segurava meu rosto e me puxava para ele.

— O bebê está bem, Brooke. Conversei com o médico. — Sua voz sumiu, deixando a magnitude da frase pairando no ar. Suspirei aliviada, e assenti com a cabeça, e ele voltou a falar. — Esses homens não vão machucar você, de novo. Eles mereceram o que tiveram.

O tom sério de Jett me trouxe um arrepio à espinha. Não vi necessidade de perguntar se eles ainda estavam vivos. Ouvi os tiros e sabia o que poderia significar. Não me importava, também, saber quem os alvejara. Enxerguei através de seus olhos, até a profundidade de sua alma e foi o suficiente para mim.

— E quanto a Liz? — perguntei.

— Ela vai superar. As enfermeiras a colocaram no quarto 122.

Uma sombra escura atingiu suas feições. Jett estava escondendo algo. Observei-o esfregar a nuca, hábito que ele tinha adquirido após a falsa morte do pai, o que, por sua vez, lembrou-me de que ele ainda poderia não saber a verdade. Não tencionava estragar aquele nosso momento, mas tinha de contar a ele.

— Precisamos conversar — comecei, acrescentando em voz baixa —, sobre seu pai.

— Ele está vivo, eu sei — Jett evitou meu olhar. — Você me disse isso, há dois dias.

Dois dias? Tinha dormido tanto tempo assim?

— Meu pai vai pagar pelo que fez. — Um nervo se contraiu embaixo de seu olho esquerdo. — Prometo a você que ele não vai mais machucá-la.

— Não, Jett! — balancei a cabeça com veemência. Estranhamente, sentia que precisava defender o pai dele, apesar de tudo o que me fizera. Em comparação com os outros homens, Robert não havia tentado me matar. E, de novo, talvez nosso encontro não tivesse sido nada além da proeza de um bom mentiroso. — Não sabemos se foi ele. Os homens que me capturaram mataram seu motorista antes de me levar até o galpão. Não faz sentido. Seu pai queria que eu sáísse de sua vida, mas prometeu me manter segura. Ele sabia sobre nosso bebê. Não acho que ele quebraria a promessa.

Jett assentiu com a cabeça, embora, por sua expressão cética, fosse fácil reparar que não estava convencido. Prestes a contar sobre o encontro com Robert, alguém bateu, e um médico entrou, segurando uma prancheta. Jett ficou de pé e os dois trocaram olhares, antes de o homem de branco se voltar para mim.

— Vejo que está acordada, senhorita Stewart. — Ele chegou mais perto e percebi que era jovem, uns cinco ou seis anos mais velho do que Jett. — Sou o doutor Barn. Como está se

sentindo? — sorriu.

— Já estive melhor — devolvi o sorriso, hesitante.

Ele pegou uma lanterna do bolso e examinou meus olhos.

— Sua cabeça está doendo?

— Um pouco.

Doía muito, mas confirmar isso serviria apenas para alarmar Jett.

Doutor Barn devolveu a lanterna ao jaleco e verificou meus sinais vitais. Depois, sua atenção se voltou para os gráficos que trazia.

— Você recebeu um golpe no lobo occipital, que é a causa da dor de cabeça. Os resultados não mostram sinais de inchaço, no entanto. Você não tem nenhuma hemorragia interna nem sinais de trauma — Ele olhou de mim para Jett, que não tinha saído do lugar, e tornou a se voltar para mim. — Seu exame de sangue mostra que você está grávida. A senhorita estava ciente disso?

— Sim — assenti com a cabeça. — No primeiro trimestre.

— Parece que você teve sorte. Contudo, sugiro com veemência que consulte seu ginecologista após a alta — disse.

— Por quê? — perguntou Jett.

Respirei fundo e soltei o ar sem pressa, ignorando a súbita necessidade de gemer e de lhe estapear o braço. Estava viva, o bebê estava bem, Jett e eu estávamos juntos de novo... Basicamente, apesar das contusões e das marteladas dentro da cabeça, vivia um dos melhores dias de minha vida. No entanto, parecia que ele estava prestes a prender o médico em uma cadeira e começar um interrogatório.

— Tenho certeza de que é apenas uma precaução. — Apertei o braço de Jett de leve, implorando, em silêncio, para que parasse com sua tática de intimidação, mas seu olhar intenso permaneceu fixo sobre o pobre homem.

— Bem... — Com desconforto, doutor Barn se mexeu no lugar, avaliando as palavras. — Até onde vi, com base nos testes feitos, não há nada de errado, mas é claro que as drogas — mesmo que brevemente — *poderiam* influenciar o desenvolvimento fetal. A possibilidade de danos existe, apesar de mínima. Para saber, com certeza, reiteramos que faça exames regulares — e soltou um suspiro, como se tivesse terminado.

— Obrigada, doutor. — Dei a Jett um sorriso confiante. Seu rosto, no entanto, permaneceu como uma máscara de pedra.

Intenso.

Possessivo.

Superprotetor.

Meu sorriso se alargou com as palavras escolhidas pelo cérebro para descrevê-lo. Embora me deixasse louca da vida, às vezes, era grata pelo fato de que ele nunca desistia. Uma das muitas coisas que amava nele.

— De nada — o médico apertou minha mão e, em seguida, voltou-se para Jett. — Ela vai ser liberada hoje. Leve-a para casa e certifique-se de que durma para aliviar a dor de cabeça. Brian estará esperando você, à noite. No lugar de sempre, como de costume.

Havia algo de estranho na maneira como o tom do médico se tornou mais íntimo, o que era uma coisa, no mínimo, estranha de ocorrer. Além disso, o nome Brian soava familiar. Então, lembrei-me de que alguém o tinha gritado, antes que apagasse.

Doutor Barn me desejou boa sorte e saiu.

— Sobre o que ele falou quando disse que Brian estaria esperando por você? Que lugar é esse? — perguntei, assim que a porta se fechou.

— É uma longa história. — Jett suspirou e se deixou cair na cadeira, de frente para mim, com um semblante que denunciava seu desinteresse pelo assunto.

Inclinei a cabeça, meus olhos acompanhando sua teimosia.

— Você tem sorte de que tenho todo o tempo do mundo, Mayfield. Então, comece a falar!

— Sam — o doutor Barn — e eu já nos conhecemos há muito tempo. Ele é o único médico em quem confio, e é por isso que a trouxe para cá. — Jett fez um gesto com o braço, abrangendo o quarto. — Esta é sua clínica particular, onde ninguém pode encontrar você. — Seus olhos brilhavam com hesitação, sinalizando que havia mais do que deixava transparecer.

— Certo, e quem é Brian? O que isso tem a ver com Sam?

Jett permaneceu em silêncio. Eu não deixaria o assunto morrer e ele sabia disso. Por fim, cedeu.

— Quando Kenny não conseguiu rastrear seu gps, não houve escolha, a não ser acionar minha velha gangue para ajudar a encontrar seu paradeiro.

Meus olhos se arregalaram. Abri a boca para fazer aquele um milhão de perguntas que se apossou de minha mente, como um incêndio na floresta, mas os dedos de Jett me pressionaram os lábios, forçando-me a calar.

— Era o único jeito. Ou isso ou desistir. Então, fechei um acordo com Brian, o líder.

— Que acordo? — perguntei.

— Que eu retornaria — Ele desviou o olhar, hesitando continuar.

Respirei fundo, e mais uma vez, incapaz de falar. Lembrei-me das poucas histórias que ele me contara e sabia que essa parte de sua vida tinha sido uma experiência nada agradável. Depois que Jett havia saído da gangue, jurou nunca mais voltar. Agora faria isso, e por minha causa.

— Fiz o que tinha de fazer, Brooke. Era a única maneira de encontrá-la. Você entendeu? — Ele me tomou as mãos, seus olhos encontraram os meus. — Neste momento, você não está segura. É uma questão de tempo até o responsável por seu sequestro a descobrir. Esconder você com as pessoas em quem confiei certa vez é a única maneira de me certificar de que ninguém vai achá-la, ao menos até cuidarmos de tudo. Então, hoje vou cumprir minha parte do acordo. — Ele passou um dedo em minha bochecha e deu um longo suspiro. — Vai haver uma corrida. Brian quer ver se ainda tenho o que é necessário para ser digno do grupo.

— Não gosto disso — sussurrei.

— Nem eu! — Ele sorriu. — Mas isso não é importante. Não me importo com ninguém mais além de você e, por você, faria qualquer coisa. Valerá à pena tudo o que Brian me fará passar para ganhar sua confiança de volta — Sua expressão se suavizou, embora não conseguisse esconder o brilho de raiva nos olhos. — Se tivéssemos perdido o bebê, teria lamentado e chorado. Perder você, no entanto, teria me despedaçado. Seria ainda pior do que quando você me deixou, ou do que descobrir que meu pai nos enganou. Eu destruiria tudo e todos e, ainda assim, nada acabaria com a dor. Caçaria, até o fim do mundo, qualquer responsável por feri-la. E é isso que pretendo fazer. Com os recursos adequados à disposição, vou deixá-los sangrar até a morte, devagar. — Ele parecia tão decidido e resoluto que não havia sentido em discutir o assunto.

Jett se inclinou e me beijou.

— Agora, preciso que me conte tudo, Brooke. Quero saber exatamente o que aconteceu. — Seu olhar transbordava de fúria. — Farei todos eles pagarem. Prometo. Não há nenhuma maneira de decepcionar você de novo. Não vou repetir esse erro. Não importa o que aconteça.

Você não me decepcionou, quis sussurrar, mas não o fiz, porque sua impaciência e urgência eram evidentes. E, para variar, estava pronta para ouvir os argumentos de Jett e seguir seus planos, em vez dos meus.

Capítulo 20

FICAMOS NO HOSPITAL até o final da tarde. Jett pediu o almoço enquanto tomei um banho, visitei Liz e, em seguida, juntei-me a ele, vestida com jeans e uma camisa que Sylvie havia trazido no dia anterior. Jett insistiu para que eu comesse primeiro. Como minha aparência era uma merda, com círculos escuros sob os olhos e hematomas roxos pelo corpo, não discuti.

Sentei-me diante da pequena mesa e comi em silêncio, depois de ter tomado os analgésicos que uma enfermeira trouxe, apesar da dor de cabeça ter começado a melhorar. Em seguida, conversamos por duas horas, durante as quais recordei o que era relevante: o dia em que Sylvie encontrou o livro e o disco, a maneira como conheci o pai dele, o sequestro e, finalmente, o edifício. O cheiro de excrementos e a sujeira se impregnaram no fundo de minha alma e, por um momento, precisei de toda força que possuía para não desmoronar. Jett escutou sem dizer uma palavra, os dedos dele apertados até que o branco das juntas reluzisse na pele, enquanto descrevia os três homens e o que fizeram comigo e Liz.

Quando mais lembranças me inundaram, notei ter esquecido de um fato muito importante que aconteceu logo no primeiro dia.

Danny.

Como diabos pude me esquecer dele?

Talvez minha razão tivesse a bizarra habilidade de apagá-lo ou estivesse sofrendo de memória seletiva, como se o esquecimento fosse o único mecanismo que conhecesse para me impedir de pensar em minha irmã. Como alguém que vivesse toda sua existência na escuridão e, um dia, experimentasse a luz pela primeira vez, senti uma dor aguda, sem chance de fuga. E comecei a me lembrar de tudo que só desejava esquecer.

— Há mais — murmurei. Minhas mãos tremiam tanto que tive de escondê-las sob a toalha da mesa, enquanto a raiva me percorria o corpo. — Vi o Danny. Está trabalhando para eles.

Os olhos de Jett piscaram e um brilho de reconhecimento atravessou seu rosto. Não precisei elaborar minha informação, porque ele sabia da pessoa que frequentava meus pesadelos, ainda que nunca o tivesse encontrado.

— O cara responsável pela morte de Jenna... — não foi uma pergunta, e sim uma declaração. — Que saiu livre e cujos amigos ameaçaram você.

Assenti com a cabeça, incapaz de olhar diretamente para ele.

— Depois de todos esses anos, aquele era o último lugar em que pensei que pudesse encontrá-lo.

Os olhos de Jett se estreitaram.

— Ele era um dos três?

— Se você está me perguntando se ele foi baleado, não. Só o vi uma vez, no dia em que cheguei. Ele é um fornecedor, mas não participa do... — fui incapaz de falar a verdade aterradora.

— Ele tocou em você? — a testa de Jett franziu.

Embora não pudesse dizer se de preocupação ou de raiva, o brilho perigoso em seus olhos não me escapou. Lembrei-me da forma como Danny me estapeara. Aquilo havia me machucado, mas não foi nada comparado com a dor que ele me infligiu, ao falar sobre minha irmã daquele jeito. Será que Jett entenderia? Talvez, mas não era o momento de sobrecarregá-lo. Ele já tinha o suficiente.

— Isso não importa. Não é por isso que estou lhe contando. — Baixei os olhos para esconder a vergonha e a humilhação que me queimavam por dentro. Minha garganta estava apertada pelo ódio daquele que nos infligiu ainda mais indignidade. Eu odiava os homens que abusaram de Liz, mas a repulsa que Danny gerava era diferente.

Ela me consumia.

Nunca me esqueceria de suas palavras. De seu rosto. Do fato de ele se julgar intocável.

Outro lampejo de raiva cruzou o rosto de Jett. Ele pegou minha mão com a dele e seu polegar começou a desenhar círculos em minha pele, incentivando-me a continuar falando. Limpei a garganta.

— Danny disse que ficaria livre, de qualquer maneira. Não importaria ter testemunhado ou encontrado provas contra ele. De alguma maneira, creio nisso, Jett. Acredito que ele foi protegido pelo clube.

— Veremos.

Os olhos de Jett se assemelhavam a uma carga de força, com tanta potência e determinação que sabia que, se a oportunidade se apresentasse, ele não hesitaria em acabar com Danny. Já tinha visto as cicatrizes sob a tatuagem e debaixo de seu braço, que não surgiram por mágica, com certeza. Ele lutaria por mim. E eu não aprovava isso. O risco de ele se machucar seria muito

grande, algo que jamais desejaria. Senti um vislumbre de esperança por saber estar segura com Jett e desejei ter confiado nele, em vez de me afastar. Por outro lado, temi por sua segurança, mais do que nunca.

Seu olhar estava vidrado, como se os pensamentos estivessem muito distantes. Decidi mudar de assunto e fiz a pergunta que me incomodava, desde que havia acordado no hospital.

— Jett? — toquei-lhe no braço para chamar sua atenção. — Como você me achou?

Ele empurrou a cadeira para perto até sua perna roçar na minha.

— Checamos as câmeras de vigilância na garagem e vimos que você tinha sido arrastada para fora do carro e atirada em uma van. A placa estava registrada em nome de uma senhora de fora do estado, por isso achamos que devia ser falsa, como aquela da Itália. Fomos até Brian e ele nos colocou em contato com o cara que cria as melhores placas falsas na região — ele fez uma pausa e me inclinei para frente, interessada. — Acontece que ele emitiu uma placa há algumas semanas para um cara conhecido por fazer serviços ocasionais de motorista, não do tipo legal.

— Você foi atrás dele, não é? — não sabia se ficava mortificada ou agradecida.

— Claro! Nós o *convencemos* a falar, até descobrir seu paradeiro — Jett sorriu. — Digamos apenas que foram várias horas para fazê-lo desembuchar e saber para onde a tinha levado. Ele foi um *fdp* difícil de abrir o bico, tenho de reconhecer.

— Isso é... — todas as palavras me falharam.

Jett arqueou uma sobrancelha.

— Impressionante?

— Eu ia dizer... Assustador, mas impressionante serve. — Ri, imaginando que Jett merecia sim um elogio. Afinal de contas, tinha feito aquilo por mim. — E quanto ao motorista de seu pai?

— Ele está morto, baby — disse Jett, com calma. — Nós o encontramos dentro da van. Eles ainda não tinham se livrado do corpo.

Não havia um “provavelmente” ou um “talvez”. Apenas uma resposta definitiva, e pronto. Eu não conhecia o sujeito, por algum motivo, porém, achava que ele não havia merecido aquele fim.

— Não entendo por que eles tiveram de matá-lo.

— Sei que você tem esse coração enorme e tende a se sentir muito responsável pelas coisas. Não foi culpa sua — Jett beijou minha mão com carinho. — Eles queriam o livro, tanto quanto meu pai, e farão de tudo para consegui-lo.

Talvez.

Cética, hesitei.

— O que foi? — sondou Jett.

— Eles nunca me pediram isso — respondi. Uma dose de preocupação me assaltou quando percebi que não tinha ideia do destino do livro. — Eu o dei ao motorista. Ainda estava no carro quando a van colidiu conosco.

— Eu sei. Encontramos também sua bolsa e uma pasta — disse ele, e balançou a cabeça. — Eles eram amadores. Profissionais nunca teriam fechado as portas do carro e fugido, deixando para trás tantas provas. Como Sam disse, tivemos sorte.

Sorri. Sim, tivemos sorte, de fato. Da próxima vez, teríamos? Não sabia e, sem dúvida, não me meteria em outra confusão assim de novo.

— Sylvie trouxe o disco — disse Jett.

— Graças a Deus — murmurei.

Tinha sido uma estupidez minha arriscar aquela prova, enviando pelo correio. Que diabos havia pensado? Achei que Jett não tinha me ouvido, mas seus lábios tremeram.

— Você está agradecida por que o disco está em segurança ou por que Sylvie e eu trabalhamos juntos?

— Não! — meu queixo caiu. — Vocês trabalham juntos? Então, você domesticou o dragão? — Sylvie tinha deixado muito claro que não perdoaria Jett pelos poucos dias de sofrimento que ele tinha me causado e, no fundo do coração, torcia para que pudessem ser amigos, um dia.

— Ela é difícil. De qualquer maneira... — Ele fez uma careta e seus olhos verdes eletrizantes me perfuraram. O tom grave de sua voz me fez temer a pergunta, antes que a fizesse. — Preciso lhe perguntar uma coisa e quero que seja honesta comigo.

Meu coração começou a martelar com força contra o peito. Não tinha medo dele, a ideia de imaginar tudo o que lhe passava pela cabeça, porém, era assustadora, no mais puro sentido do termo.

— Brooke, por que você fugiu? — perguntou, em voz baixa.

— Porque eu... — lutando para achar as palavras, umedei os lábios.

— Meu pai lhe ofereceu um trato? — diante de minha expressão chocada, ele sorriu. — Sim, você falou enquanto dormia e encontramos a pasta. Estava aberta.

Lembrei-me que nunca a tinha fechado porque havíamos sido sequestrados, o que significava que Jett deve ter encontrado o passaporte falso, o dinheiro e o extrato da conta bancária. Um pensamento terrível me ocorreu: ele poderia pensar que o ganho material era mais importante para mim do que nosso relacionamento.

— Nunca quis o dinheiro dele, Jett. Ele ameaçou machucar Sylvie e todos em minha vida. Temi por eles — respondi, lentamente. — E por você!

Ele acenou com a cabeça, levando um tempo para responder.

— Queria que você tivesse confiado em mim o suficiente para me contar, em vez de fugir. Eu poderia ter cuidado disso.

— Eu sei... Sinto muito...

Seus dedos continuaram acariciando minha mão e relaxei com o toque.

— Além disso, depois até de ter encontrado a pasta, não acreditei que você fugiria de tudo por causa de dois milhões.

— Por quê?

— Um dos amigos de meu pai, do clube, apareceu no escritório para me convidar para uma festa — disse Jett.

— Que legal da parte dele — respondi, com secura.

— O ponto é que, depois que ele saiu, liguei para Sylvie — disse. — Depois de ela me contar o que aconteceu, deduzi que alguém viria atrás do livro. Então, achei que deveria ser essa a razão pela qual você estava agindo de maneira tão estranha, desejando romper nossa relação.

Levantei as sobrancelhas e Jett riu alto.

— Sinto muito, querida, mas não acreditei quando você me disse que queria terminar comigo.

Meus lábios se contraíram.

— Você tem um ego enorme, sabia disso?

— Nunca disse que sou perfeito e posso lhe dar dois exemplos. — Ele fez uma pausa para pensar.

Uau! Só dois?

— Primeiro, estava errado, Brooke — disse Jett. — O livro não é uma lista de possíveis alvos. Ainda tenho de descobrir o que são todos aqueles nomes e números, mas não tivemos a oportunidade de examinar o conteúdo do disco. Segundo, eu nunca lhe pedi desculpas.

Apertei os olhos.

— Pelo quê?

— Você sempre me perguntou qual era o grande negócio desse clube. Eu lhe disse que era um ponto de encontro para aqueles que procuravam relações sexuais extremas — disse ele, com calma. — O que deixei de dizer é que alguns membros desse clube raptavam mulheres e davam drogas para estuprá-las. — Ele respirou fundo e soltou o ar aos poucos, quase como se o segredo tivesse sido um fardo enorme de carregar e tivesse ficado aliviado por enfim compartilhá-lo. — De acordo com o relato de meu pai, alguns membros do clube são bastante inofensivos, embora outros floresçam com o poder. Como predadores que se alimentam do medo. — Abri minha boca para falar, mas ele levantou a mão para me calar. — Não estava orgulhoso de meu pai fazer parte disso e fiquei muito envergonhado para lhe contar.

— Você não deve pedir desculpas. Ainda que me falasse, não teria feito com que eles não... — o choque me atingiu e estanquei.

Não me pegassem.

Como fui idiota de pensar que poderia tomar conta de mim sozinha. Empurrei os pensamentos para o fundo da alma, para não conseguir alcançá-los e ficar remoendo o passado.

Jett entrelaçou os dedos nos meus e, por um momento, fiquei olhando para eles, admirando a beleza de suas mãos. Mãos fortes. E capazes.

— Tenho de admitir que foi uma jogada ousada, Brooke. Quero dizer, o envio do disco em um envelope — sussurrou.

Notei que ele estava tentando aliviar a tensão, sendo brincalhão. Decidi acompanhá-lo.

— Você me ensinou a ser bem ousada.

Os lábios dele se contraíram com diversão.

— Ótimo. Então você já está pronta para a segunda etapa.

— Qual é? — Levantei as sobrancelhas. Estávamos de volta à natureza lúdica de sempre, como as coisas costumavam ser... E adorei.

— Sermos velozes e furiosos. Já que vamos ficar com a gangue por um tempo, é melhor você se acostumar a viver correndo, senhorita Stewart.

Depois do que passei, poderia lidar com tudo o que a vida jogasse sobre mim. Participar da gangue parecia ser o menor de nossos problemas.

— Quando partimos? — perguntei.

— Você topa? Assim, sem mais nada? — Jett parecia surpreso.

— Por que não? — projetei meu queixo para frente. — Sua antiga gangue não pode ser pior do que o clube de seu pai. Sem ofensa.

— Sem ofensa — um brilho de diversão iluminou seus olhos. — Deixe-me adivinhar, você está pensando que são alguns meninos que saem juntos, bebem como loucos, falam sobre suas meninas...

Eu era tão óbvia assim?

Revirei os olhos.

— Sei que eles usam armas e outras coisas.

Ele riu. A pele delicada sob os olhos enrugou e, pela primeira vez, não pude deixar de pensar como tinha sido idiota de largar aquele homem. Nenhum dia seria completo sem ele.

— Tenho de avisá-la, Brooke. Eles são loucos. Espero que não precise dizer isso duas vezes. — Os olhos de Jett não se afastaram dos meus, ao levar minha mão à boca. Observei-o beijar a ponta de meu dedo, de um modo lento e sensual, com um movimento estranhamente excitante.

— Loucos... Em que sentido? — perguntei, com um pouco de falta de ar. A temperatura subia, não porque alguém tivesse ligado o aquecimento.

O toque macio rastejando em meu braço provocava arrepios. Não havia nada mais delicioso do que a mistura de choque, luxúria, a vibração do mistério e de possíveis perigos.

Sim, Jett estava me contaminando.

A possibilidade de ver seu passado de *bad boy* pela primeira vez era como um afrodisíaco.

— Hoje à noite, você vai descobrir — ele me deu um sorriso irônico. — Se alguma coisa der errado, vamos embora. Fechado? — Concordei com a cabeça, de olhos arregalados, e sua voz suavizou. — Quero que saiba que se você não quiser, também não vou querer. Você está comigo e tudo o que fizermos, faremos juntos.

— E quanto a Liz? — Não podia simplesmente ir embora e deixá-la para trás, sem proteção. Não que pudesse protegê-la, mas, ainda assim...

— Ela vai ficar bem. — Jett sorriu com gentileza, enquanto segurava meu rosto para beijá-lo, seus lábios mal roçando os meus. O hálito cheirava a chocolate e café. Junto com sua boca, era

uma combinação explosiva. — Liz ficará na clínica por mais alguns dias, até encontrarmos um lugar mais apropriado. Sam Barn vai cuidar dela, embora não acreditemos que seja alvo do clube; porém, nunca se sabe.

Capítulo 2 I

POR MAIS DESCONFORTÁVEL que me sentisse diante da expectativa de sair da segurança do hospital particular, também nutria forte urgência de voltar à normalidade. O silêncio de Jett durante o trajeto abafou um pouco de meu entusiasmo, substituído, porém, pela consciência crescente de que estava prestes a descobrir mais sobre seu passado.

O bom, o mau e o assustador. Ou talvez o sexy.

O sol riscava o céu em tons de laranja e cobre quando saímos da estrada e nos dirigimos para o que parecia ser uma zona industrial de armazéns. O carro deslizou até parar diante de uma cerca alta de arame farpado, pela qual se via uma série de construções. Não era nada como imaginava que seria o lugar aonde iríamos. A construção de três andares trazia paredes degradadas, com jeito de abandonadas. O pátio parecia deserto e malcuidado. Algumas janelas estavam com os vidros quebrados. Teria duvidado de que Jett estava no endereço certo, se não fossem as câmeras de segurança de alta tecnologia no topo da cerca, com suas minúsculas lentes pretas a piscar. Olhei para uma delas, incapaz de me livrar da sensação de que estava sendo vigiada.

Chegamos a um portão, com um intercomunicador. Certa de que Jett pressionaria um botão e ele se abriria, um cara alto, de algum lugar à direita, apareceu, com os braços iguais ao de um fisiculturista. Ele acenou para Jett e liberou o portão para nos deixar passar, com um olhar entre a desconfiança e o ressentimento.

— Você o conhece? — perguntei, enquanto passávamos, entrando em um pátio do tamanho de um campo de futebol.

— Sim — Jett olhava para frente, com as mãos agarradas ao volante com tanta força, que temi que o quebrasse. Talvez tivesse tido problemas com o tal guarda, coisa que não era da minha

conta.

Ele dirigiu até a parte de trás do edifício, e notei que os prédios estavam dispostos em formato de U, com uma pista dividida para dois carros e espaços de estacionamento em ambos os lados. Alguns dos veículos estacionados lembravam o meu: velhos e surrados. Contei-os: vinte e três. Jett foi até um espaço vazio perto da frente e desligou o motor.

— Por que há tantos carros? — perguntei.

— Estão esperando por nós — respondeu, sério. — Pronta?

Concordei e saímos. Passando os dois primeiros prédios, examinei as janelas escuras. Um movimento no telhado me chamou a atenção e estiquei o pescoço para ter uma visão melhor. Alguma coisa... Imaginei que fosse um pedaço de tecido... Flutuava na brisa da noite. Alguém estava lá em cima, não havia dúvida.

— Não olhe, Brooke — disse Jett. — É o território deles e temos de mostrar respeito. Eles não aceitam bem alguém xeretando suas coisas.

— Mas você disse que estão nos esperando.

Ele acenou com a cabeça, um movimento quase imperceptível.

— Sim, estão, mas existem regras.

Voltei-me para frente, continuando a observar as construções com o canto da vista. Jett também o fazia, pelo modo como seus olhos percorriam a área, sem virar o corpo.

— Eles têm algo a esconder para manter os guardas? — perguntei.

— Todos têm.

Esperei que Jett continuasse a explicar. Ele ficou em silêncio. De rabicho, capturei alguém no telhado a sinalizar algo.

— Estão sendo muito cuidadosos — disse Jett, enfim. — Há bastante rivalidade ocorrendo.

Gangues rivais. Conhecia as histórias pelos jornais, embora sempre parecessem pertencer a um mundo diferente. Estar ali fazia tudo parecer real, e mais assustador do que imaginava.

Jett parou diante do quarto prédio. Olhei para as janelas sujas.

Atrás delas, ampliava-se a escuridão. Nenhum movimento. Nenhuma luz. Nenhuma vida. Paredes velhas e extremamente necessitadas de uma reforma.

— Você tem certeza de que estamos no lugar certo? — perguntei. — Não parece que alguém esteja vivendo aqui.

Ele me lançou um sorriso sarcástico e não fez nenhum comentário. Em vez disso, falou:

— Aqueles que você está prestes a conhecer eu costumava chamar de amigos. Alguns deles ainda são, mas não confie neles até que o diga.

— Por que isso?

— Eu quebrei algumas regras.

— Algumas regras são feitas para ser quebradas — retruquei.

— Não tenho certeza sobre isso.

Fazendo uma careta, ele abriu a porta e, pressionando a mão contra minhas costas, guiou-me para dentro. Era um de seus gestos superprotetores, que tinha a intenção de marcar o território e, também, manter-me próxima. Bufei, por dentro. Como se alguém fosse começar a dar em cima de mim quando havia assuntos mais urgentes para tratar.

Caminhamos por um grande salão vazio e alcançamos uma escada. Vozes abafadas vieram do andar de baixo. Jett me instruiu a manter a calma, enquanto nos dirigíamos naquela direção, com um milhão de perguntas a passar por minha mente.

— Estamos aqui embaixo! — uma voz masculina ecoou. Jett me deu um olhar e inclinou a cabeça para a esquerda. Só então reparei na câmera de segurança e no interfone instalado na parede.

Descemos o último lance de escadas e chegamos ao porão. Era frio e escuro e o ar cheirava a produtos químicos. Caminhando com segurança, Jett me conduziu pelo corredor e virou uma esquina, antes de, finalmente, chegarmos a um espaço aberto como um bar, com lugares para sentar.

Ao menos quarenta pessoas estavam reunidas, a maioria do sexo masculino. No momento em que surgimos, todas as conversas cessaram, ou talvez tenha sido uma sensação, por tudo ter parecido tão quieto e tenso. Olhei para os rostos acusatórios e notei Sylvie e Kenny entre eles. Ela acenou para mim e eu lutei contra a vontade de acenar de volta. Aquele era o mundo de Jett. Para me encaixar lá, tinha de agir de acordo. Meu coração apertou quando notei que algumas pessoas carregavam armas.

Éramos intrusos.

Eles não gostavam de intrusos.

Na verdade, com seus olhares duros, pareciam não gostar de ninguém. E ponto final.

Jett soltou minha mão e fez sinal para que recuasse. Nisso, um sujeito se aproximou. Usava uma camisa de manga curta do tipo que não escondia os fortes braços tatuados. Não foi por isso que olhei para ele. No braço esquerdo, indo até o pescoço, portava a mesma tatuagem de Jett.

— Nunca pensei que viveria para ver o dia em que você voltaria, mano. É preciso ter coragem — sua voz parecia estranhamente familiar. Então, lembrei-me de ter sido a que tinha chamado Jett, antes dos tiros e de ele me resgatar.

Brian.

Esse era o nome.

Jett bufou.

— Nem eu!

— Essa é sua garota? — Brian apontou a cabeça para mim, o olhar a me percorrer de cima a baixo, demorando-se um pouco demais nos machucados do meu pescoço.

— Sim. Brooke — a resposta foi pouco mais que um grunhido irritado.

— Ela conhece as regras?

Fiz uma careta. Quais regras? Jett não tinha me falado sobre nenhuma regra.

— Não é de sua conta — Jett respondeu. Fora o fato de ser mais um grunhido irritado, percebi que estava conhecendo um lado novo dele.

— Só perguntando — Brian ergueu as mãos em defesa, antes de se virar para mim, com um sorriso nos lábios. — Chegue mais perto.

— Fique onde está, Brooke — Jett ordenou. Sua irritação foi substituída por forte contrariedade. Decidi ouvir e não saí do lugar.

Brian riu.

— Protegendo a garota, hein? O que você acha que eu faria? Se quisesse tocá-la, já teria feito isso — seus olhos se voltaram para mim. — Não sou esse tipo de cara, certo?

Ele estava curtindo o show, porque amava estar no controle. Gostava de ser o centro das atenções. Podia dizer isso pela maneira como sua vista se dividia entre mim e os amigos, como se procurasse ser admirado pelo espetáculo que proporcionava.

— Sabe, estive pensando — disse Brian, para ninguém em particular. — Durante a corrida, quero que ela vá com você.

— Vamos lá, cara. Deixe-a fora disso — alguém gritou do fundo. Minha cabeça se voltou na direção da voz. Era de Kenny.

— Ou é do meu jeito, ou nada — disse Brian, ignorando-o. Sua fala continha um aviso que enviou um arrepio à minha espinha. A sala ficou em silêncio. Alguns começaram a acenar com a cabeça e outros os seguiram.

Mentalidade de quadrilha.

Se Brian perdesse o controle, os demais o acompanhariam. Não gostei nem um pouco, sobretudo pelo fato de muitos estarem armados e não fazerem segredo. Minha garganta secou.

— Ela fica — disse Jett. — Isso não fez parte do acordo.

— Você acha que pode entrar aqui e fazer exigências? — Brian deu um passo adiante e parou a apenas alguns centímetros de Jett. — Quando o ajudei a encontrá-la, liquidei minha dívida. Agora, estamos quites. Se você precisa de mim para esconder o rabo dela, vai aceitar minhas regras ou dará o fora.

— Não vou arriscar a vida dela.

Brian deu de ombros e colocou as mãos nos bolsos.

— Isso é ruim.

Virou-se para os amigos e sinalizou com a cabeça para mim e Jett, com um gesto que deduzi ser a maneira de instruí-los a nos atirar para fora. Jett caminhou novamente até mim, agarrando-me a mão.

— Estou dentro — eu disse a Brian.

A sala ficou em silêncio e inúmeros olhares se voltaram para meu rosto. Se não fosse a bizarrice da situação, teria me aplaudido por forjar um tipo de confiança que não tinha.

— Não, você não está — Jett sibilou. Afastei sua mão para longe.

— Esta é minha decisão — repeti, enfatizando cada palavra. E encarando Brian, repeti: — Como disse, estou dentro!

Nossos olhos se encontraram.

— Bravo! — Ele assentiu uma vez, embora não saiba afirmar se estava impressionado ou apenas zombando de mim. Aproximando-se lentamente, seus olhos azuis penetraram em meu cérebro, pelo que pareceu ser uma eternidade, provavelmente esperando que mudasse de ideia. Como não cedi, sua tensão desanuviou o suficiente para indicar que eu tinha quase vencido sei lá qual batalha que ele estava lutando. — Sam disse que você teve alta do hospital hoje cedo. Tem certeza de que quer acompanhar Jett?

— Não, Brooke! — disse Jett. Ignorei-o.

— Tenho certeza. Não será a primeira vez que o verei em uma corrida. Jett é o melhor.

Brian sorriu, mas não foi humor que enxerguei. Podia jurar ter sido surpresa, com uma vaga ponta de respeito.

— Nós vamos nos dar bem. — Finalmente, ele quebrou o contato visual e se dirigiu aos que nos rodeavam. — Vocês ouviram a garota. O que estão esperando? Ajudem os dois a se preparar.

A multidão se espalhou. Jett me encarou com um olhar acusador que dizia *que porra é essa?* Dei de ombros e devolvi meu sorriso mais confiante, ainda que não me sentisse particularmente segura. Verdade seja dita, só o vira correr uma vez, na Itália, algo que não foi bem uma corrida, e sim uma batalha entre vida e morte. Na ocasião, morri de medo, mas não pude sair do carro a tempo.

Fui levada para uma sala adjacente, deixando Jett com Brian.

Você está indo muito bem, Stewart.

Até ali, ninguém havia reparado em minha flagrante pretensão. Convenci-me de ter feito a escolha certa. A única opção que tínhamos. Jett precisava de meu apoio e eu me sentaria junto dele para provar. Tinha de conquistar meu lugar, tanto quanto ele estabeleceria o dele, porque era o único local em que poderíamos nos esconder.

Capítulo 22

O QUE HAVIA PENSADO ser um porão era, na verdade, um espaço aberto muito grande para pertencer a apenas um armazém. Percebi que estavam todos conectados, sugerindo um labirinto subterrâneo gigante. Quando passamos por outro corredor, notei áreas de treinamento, com inúmeros sacos de pancada, máquinas de levantamento de peso, quatro ringues de boxe de tamanho oficial e vários outros equipamentos de exercícios. Jett havia dito ter sido ali que aprendeu a lutar. Um sorriso se abriu em meus lábios quando o imaginei se exercitando, todo suado. A forte flexão de seu bíceps quando socasse um daqueles sacos de pancadas. Ele era gostoso demais, hein? Se ficássemos por algum tempo, talvez pudesse levá-lo a se exercitar, não que ele precisasse. Seu corpo era nada além da perfeição. As cicatrizes, a tatuagem no ombro, os olhos verdes-escuros e pecaminosos, ele não passava de um deus para mim. No entanto, queria ver essa perfeição em ação.

Nossa imagem, deitados no colchão vermelho, cintilou dentro de mim, seu corpo quente e suado fazendo amor comigo, no chão duro. Uma pontada de calor se reuniu entre minhas pernas, ao imaginar as coisas indecentes que faria com ele. Para ele. E que deixaria que fizesse comigo...

Alguém me tocou o braço, puxando-me à força para fora de meus devaneios. Olhei para uma jovem de minha idade, que apontou para uma porta, à esquerda.

— Vá se vestir. Os vestiários ficam por ali. Quando estiver pronta, encontre-me lá fora — indicou outra porta. — Todos estão esperando, por isso, não demore muito.

— Onde está Jett? — perguntei.

— Você verá seu *namorado* em breve.

Imaginando que ela poderia precisar de um tempo para ser cordial, ignorei o comentário malicioso e lancei um sorriso amigável. Até pensar que talvez fosse uma ex, que jamais seria amistosa comigo, e vice-versa.

Senti seu olhar fixo em minhas costas, enquanto me dirigi aos vestiários. Fechei a porta atrás de mim e pressionei o corpo contra a madeira lisa. Cerrei os olhos, lutando contra o desejo de me sentar no chão e nunca mais sair dali. Com toda a honestidade, não me dava bem com hostilidades, em especial quando envolvia um grande número de pessoas armadas. Na verdade, se pudesse me esconder de tudo aquilo para sempre, eu o faria, mas, por ser uma namorada muito solidária, essa não era uma opção.

— Ei!

Abri os olhos para a voz que me sobressaltou e percebi que eram Sylvie, com Kenny. Sentada em um banco, a primeira saltou de pé e veio colocar os braços em volta de mim.

— Você não tem ideia de como fiquei preocupada quando Jett me disse que você tinha sumido — disse Sylvie. — Meu primeiro pensamento foi o de que você tinha terminado com ele e resolvido se esconder, disfarçada, o que seria compreensível, dado o fato de que ele pode ser um grande...

— Sylvie! — cortei-a. - O que você está fazendo aqui?

Ela gesticulou com a mão e riu.

— Aparentemente, esse negócio de Jett estar aqui é importante, por isso, Kenny me arrastou. De qualquer maneira, seu desaparecimento foi mais assustador do que tudo o que passamos na Itália.

Sorri. Ela ainda não tinha visto a metade. Como a perseguição de carros na montanha. Como diabos conseguiria manter a calma, respirar e viver, com outra daquelas corridas de carro?

— Você acertou quase no alvo — repliquei. — Terminei com ele.

— Você fez isso?

— Quando alguém está lhe ameaçando, realmente não há escolha — respondi. — Obrigada por contar a ele sobre o livro. — Soltei-me do abraço de Sylvie e me virei para Kenny, que estava de pé, como uma sombra em segundo plano. — E obrigada por ajudar, Kenny.

— Estou feliz que você esteja bem. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e trocou um olhar estranho com Sylvie. Não era necessário que me informassem sobre minha aparência. A pequena mancha roxa logo acima da pálpebra esquerda e os hematomas ao redor do pescoço falavam por si. E ainda havia o fato de que Sylvie tinha me visto no hospital, enquanto estava sedada e fora de ação.

— Está se sentindo bem de verdade para correr com Jett, Brooke? — ela perguntou. — Você recebeu alta do hospital há pouco tempo.

E não parece bem.

As palavras pairaram no ar, não ditas.

Armei-me de um sorriso tranquilizador, apesar de estar começando a duvidar de minha própria sanidade.

— Estou bem e o bebê também. Isso não é nada. — Apontei para os machucados, evitando o olhar preocupado de minha amiga. Era verdade. Algumas contusões não me incomodavam quando tinha coisas mais importantes para me preocupar. — Pare de olhar para mim como se fosse uma vítima, pois não sou. Fui eu que me meti nessa situação e é minha a escolha de correr com Jett. Além disso, como você sabe, não desistiria sem luta.

— Nunca duvidei disso — murmurou Sylvie.

O que eram aquelas lágrimas, então? Como quase nunca chorava, significava que eu havia lhe causado o maior choque de sua vida.

Apertando sua mão, olhei em volta. No extremo do salão havia uma longa prateleira com trajes automobilísticos, de várias cores e tamanhos. Dois bancos e uma mesa estavam encostados na parede oposta. Empilhadas em cima do tampo estavam várias caixas de papelão. Os armários ficavam em frente. Fui até lá. O nome de Jett estava no terceiro, a partir da esquerda. Meus dedos roçaram a caligrafia desbotada, que reconheceria em qualquer lugar, por sempre parecer apressada, como se nunca houvesse tempo a perder. E, ainda assim, uma letra tão equilibrada e elegante.

— Não esperávamos por isso — disse Kenny, atrás de mim.

— O quê?

— Que ele deixaria seus amigos. Pode ser difícil imaginar, mas foi aqui que Jett cresceu como pessoa. O lugar que ele chamava de lar.

— Por que Brian pediu para ele correr? — virei-me para Kenny.

— É tradição — sua postura era defensiva.

— Parece mais uma coisa pessoal — murmurei.

— Concordo com Brooke — disse Sylvie. — Além disso, por que fazê-la correr nessa condição? É como se ela pretendesse se juntar à gangue...

— Para eles, Jett é um homem mudado. Ele cresceu como um garoto rico, mas depois de se juntar ao grupo, provou seu valor. E estava feliz com quem ele era. — Os olhos de Kenny se fixaram em mim, a expressão dilacerada. — Todo mundo sabia que ele desprezava o pai e que éramos sua família. A escolha de deixar a gangue em favor da empresa paterna foi um choque para nós.

— Nós? — franzi a testa e cruzei os braços. — Pensei que você tivesse largado a gangue com ele.

— Eu? Não... — disse ele, lentamente. — Mas continuamos amigos.

— Você o ajudou, sem Brian saber?

— Sim — sua resposta foi pouco mais que um sussurro. — Ninguém sabe e é melhor que continue assim. Eles acham que ele veio até Brian sozinho, quando, na verdade, estivemos em

contato durante todos esses anos. E construímos as carreiras nos beneficiando da ajuda um do outro.

— Uau! — Sylvie ironizou. — Isso é bem emotivo.

Ou estava sendo sarcástica ou genuinamente tocada — com ela, qualquer opção valeria. Kenny sorriu e olhou o relógio.

— Vamos começar. — Ele foi até a prateleira dos trajes e começou a vasculhar. Podia jurar, por sua pétrea expressão, que estava escondendo algo. Por mais que quisesse perguntar por que os outros nunca mantiveram contato com Jett, não o fez.

Kenny escolheu uma roupa e a entregou para mim.

— Agora, ouça, hoje é um teste — começou a falar. — Não para você, mas para Jett, para ver se ele ficou mole. Eles querem ver se ele ainda tem o que é preciso. O melhor que você pode fazer é manter a calma e confiar no que ele estiver fazendo, pois Jett... — Kenny respirou fundo, para em seguida soltar o ar. — Ele foi nosso melhor piloto, e muitos querem sua volta.

Havia mais naquela história. Estava escancarado no rosto de Kenny. Nos olhos e no jeito com que considerava cada palavra, tão cuidadoso.

— O que aconteceu? — perguntou Sylvie, como se lesse minha mente.

Kenny apontou para uma caixa sobre a mesa.

— Certifique-se de usar luvas, para garantir.

Foi uma manobra óbvia para evitar responder à pergunta de Sylvie. Decidi reformular a frase.

— E se ele ganhar e ficarmos? Haverá algum problema? — perguntei.

— Depois do que aconteceu, talvez — respondeu Kenny. — É melhor perguntar a Jett.

Mordi o lábio, tentando entender o que ele queria dizer. Muito do passado de Jett estava nas sombras e, embora não me incomodasse, porque sabia que ele me contaria um dia, senti a magnitude da situação.

— Você tem cinco minutos — disse Kenny para, em seguida, sair, deixando-me sozinha com Sylvie. Na privacidade do vestiário, meus muros de confiança começaram a desmoronar.

— Isto é uma merda. E se perdermos? — sussurrei.

Sylvie estalou a língua e se sentou a meu lado.

— Na Itália, você disse que ele era bom motorista.

— Sim, fomos perseguidos e conseguimos sair vivos, mas tudo é um grande borrão infundido pelo pânico. — Estremeci quando me lembrei das estradas sinuosas da montanha. — Estava fora de mim de tanto medo, Sylvie, e não me lembro de muita coisa. Isso aqui é diferente, mas igualmente assustador. Deus sabe que odeio quando as pessoas aceleram, mais ainda quando estou dentro do veículo.

— É estranho demais que eu tenha fé nele? — perguntou Sylvie. — Sei que ele não faria nada imprudente que arriscasse sua vida.

Não sabia se suas palavras tinham sido ditas para me tranquilizar ou se ela acreditava naquilo. Não importava, de qualquer maneira.

— Obrigada, mas não estou preocupada por Jett poder fazer algo de imprudente — admiti.

— E sim que, se ele perder, poderá não ser capaz de aceitar o fracasso.

Pude ver meu medo refletido nos olhos de Sylvie. Até então, jamais vira Jett perder em algo. Então, como ele lidaria com isso?

— Basta acreditar nele, Brooke — murmurou Sylvie.

— Você está certa — respondi. — E qual o grande lance, afinal? Deve ser apenas uma corrida estúpida em algum campo de provas, certo?

— Não tenho ideia — ela olhou para o relógio. — Se Kenny disse que você tem apenas cinco minutos, é melhor se vestir logo, antes que alguém entre aqui e a arraste para fora. Esse Brian parece ser capaz disso.

— É verdade, não?

Fechei a porta atrás dela e pus o traje. Ficou um pouco grande em mim, não a ponto de não poder vestir. Peguei um par de luvas e saí do refúgio dos vestiários.

A outra mulher não estava do lado de fora, mas a porta à esquerda estava aberta e vozes animadas vinham de lá. Passei por ela e estanquei, no meio do caminho. Diante de mim, estavam oito carros esportivos — quatro de cada lado, veículos que só conhecia de revistas de carro. Meu queixo quase caiu, enquanto os olhos percorriam um modelo de luxo após o outro. Parecia que tinham acabado de ser importados do fabricante. Se não fossem os números de registro, teria acreditado que sim.

Alguns pilotos já haviam tomado seus lugares atrás dos volantes. Jett ainda não tinha chegado e os murmúrios agitados mostravam que a chegada dele era muito aguardada.

Avistei Brian encostado em uma Ferrari azul-brilhante e ele sorriu quando nossos olhos se encontraram. Sua confiança era insuportável e, embora não fosse meu tipo, não pude deixar de reparar em sua masculinidade, na forma como a vista me sondou e os olhos permaneceram em mim. Ele estava me avaliando, provavelmente se perguntando por que Jett voltaria para o lugar que abandonou uma vez, por minha causa. Levantei o queixo e sorri de volta. Foi um sorriso frio, que dizia *você não me conhece e nunca vai entender*.

A porta se abriu e Jett entrou, seguido por um homem de pele escura. Todos ficaram em silêncio. Como eu, estava vestido com um traje de corrida preto. Não tinha ideia de quando ou onde havia se trocado, mas pareceu tão gostoso que meus joelhos fraquejaram, apesar de pretender me manter neutra. O tecido estava confortavelmente assentado em torno dos ombros largos e dos quadris estreitos. O zíper na parte da frente não fora fechado por inteiro, revelando um pedaço bronzeado da pele, logo abaixo do pescoço. Lutei contra a vontade de ficar na ponta dos pés e dar um beijo naquele pedaço de pele, só para ver se estava tão saboroso quanto parecia.

Seu olhar mal me notou quando se aproximou. Sabia quando ele estava com raiva e, ali, Jett estava furioso.

Brian jogou as chaves para Jett, que as pegou no ar.

— Ficamos com seu bebê. Achei que assim você poderia se sentir um pouco mais em casa — disse Brian. — Se precisar de tempo para verificar os pneus ou qualquer outra coisa, avise e vou falar com Doug, você sabe.

— Não há necessidade. Os caras sabem como gosto dela. — respondeu.

Dela?

O carro dele era uma... Ela?

O que você esperava, Stewart?

Suprimi o desejo de sorrir. Era uma coisa masculina — como se tudo girasse em torno de um monte de caras correndo em um campo de futebol por horas, ideia que não tornava a cena menos sexy.

Os dedos de Jett encostaram com firmeza na parte inferior de minhas costas, enquanto ele me guiou para o carro esportivo vermelho-escuro, à esquerda. Ele abriu a porta do passageiro e fez sinal para que entrasse. Segui o comando silencioso e o observei entrar no banco do motorista e depois fechar cinto de segurança.

Os motores começaram a rugir e a multidão se dissipou. A parede oposta se mexeu, abrindo-se aos poucos, dando vista para a rua e os estacionamentos. A maioria das pessoas estava em seus carros, e percebi que eram espectadores.

Jett girou a chave na ignição e ligou o motor. Em seguida, moveu-se para fora, passando pelos veículos estacionados, até se encaminhar para a estrada principal. Centenas de perguntas giravam em minha cabeça. Quem era Doug? Seria o cara que correria contra Jett? Para onde estávamos indo? O que ia acontecer, de fato?

Lancei um olhar sobre Jett. Ele estava concentrado na estrada, o que me fez decidir adiar o interrogatório. Sua tensa expressão me preocupou mais até do que não saber o que esperar da corrida.

No espelho retrovisor, vi vários carros nos seguindo. Jett mudou de pista. Um carro azul avançou sobre os demais e se dirigiu para nosso lado. Não era preciso olhar para saber que era Brian. O pé de Jett permaneceu no acelerador e, por um momento, pensei que não o deixaria passar. Então, diminuiu a velocidade e Brian cortou à frente e suas lanternas traseiras piscaram uma vez.

Ele estava zombando de nós. Exibindo-se, como em um show.

Aparentemente, Jett não se afetou com aquilo, seguindo a Ferrari azul a uma velocidade lenta, só Deus sabia até onde.

Capítulo 23

DURANTE TODO O CAMINHO, Jett ficou quieto e eu não quis falar nada, para o caso de ele estar se concentrando em suas forças internas, planejando sua estratégia, ou seja lá o que for que os motoristas profissionais faziam. Só após deixarmos a cidade para trás, Jett quebrou o silêncio.

— Por que você teve de intervir, Brooke? — a voz soou calma, mas raivosa.

Uau!

Aquele toque de sotaque sulista na fala era ainda mais sexy quando Jett estava zangado.

Então, ele estava me dando o tratamento do silêncio. Levantei o queixo em desafio e girei corpo para olhar para ele. A maneira como o cotovelo dele descansava contra a janela do carro e a outra mão se mantinha relaxada no volante dava a impressão de ele estar entediado, se não fossem o nervo que pulsava na têmpora e os olhos presos nas lanternas do carro de Brian.

— Precisamos nos esconder em algum lugar — eu disse o óbvio.

— Porra, Brooke. Você não tem ideia de quanto isso é perigoso. — Toda a raiva que ele estava escondendo escoou de modo gradual, como um riacho se transformando em um rio. — Brian e eu tínhamos um acordo. Se ele queria forçar a situação, para o inferno com isso! — Os dedos *dele* se apertaram no volante até os nós das juntas surgirem brancos debaixo da pele bronzeada. — Exatamente o que estava tentando evitar. Eu tinha tudo sob controle até você se meter.

Jett falava de modo acusador.

A súbita necessidade de jogar toda a culpa em mim me irritou.

— Não parecia que você tinha alguma coisa sob controle — retruquei. — E sim que você estava prestes a nos chutar para fora.

Ele pressionou os lábios em uma linha apertada. Será que eu tinha ido longe demais? Não me importei.

— O que você esperava, Jett? Que pudesse voltar e fingir que nunca tinha ido embora? — Seu silêncio me disse que havia atingido um ponto fraco. — Não tenho a mínima ideia do que é esse grande negócio entre vocês, mas eles não confiam em você, assim como você não confia neles — continuei, um pouco mais suave. — E eles querem você de volta.

— Quem disse? — questionou Jett.

Encontrei seus olhos antes que se voltasse para a estrada de novo.

— Kenny. E o fato de preservarem seu carro e seu nome no armário.

Ele assentiu com indiferença.

— Há algo que não lhe contei sobre meu passado. — O tom assustador criou um calafrio em minha espinha. Endireitei-me no assento e virei o corpo para ele até o limite do cinto de segurança. — Há uma razão para Brian querer que eu corra. Na última vez que fiz isso, houve um acidente e alguém foi morto. Foi essa a razão pela qual saí. Será que Kenny disse isso a você, também?

Meu coração caiu no peito.

Putá merda.

Alguém morreu?

— Não... — murmurei. — Não tivemos muito tempo para conversar.

— Ou ele deixou isso de fora, de propósito.

Prendi a respiração esperando que ele continuasse a falar e explicasse, mas quando o fez, percebi que não ia dizer mais nada.

Ou Jett *ainda* não estava pronto para revelar toda a história ou não queria ficar distraído. O passado nada mais era que uma sombra com a capacidade de criar perturbação emocional nas pessoas. Talvez Jett não quisesse falar daquilo, porque era um assunto muito perturbador. Fiz um lembrete mental para perguntar mais tarde, se sobrevivêssemos à corrida, e decidi mudar de assunto.

— Para onde vamos?

— Não sei — disse Jett, sem rodeios. — Brian escolhe o local.

Por alguns minutos, dirigimos em silêncio. Finalmente, as luzes de freio de Brian se acenderam e o veículo desacelerou para virar à direita, entrando em um terreno aberto. Paramos, no meio do nada. O rosto de Jett estava sem emoção quando desligou o motor e saímos do carro. Uma meia dúzia de outros veículos chegou e estacionou. Imaginei que mais carros chegariam, em breve.

A Lua se escondia atrás de nuvens grossas de chuva, o que prometia uma noite de temporal. A única luz vinha das lanternas traseiras do carro de Brian. Uma rajada de vento chicoteava meu cabelo contra o rosto. Envolvi meus braços no corpo enquanto observava a cena se desenrolar.

É isso.

Não precisava perguntar. Minha intuição contou que era ali.

O rosto de Jett permanecia uma máscara impenetrável, enquanto esperávamos que os jogos começassem.

— Como isso funciona? — sussurrei.

— Três rodadas com vários pontos de verificação, para certificar de que ninguém está blefando — Jett sussurrou de volta. — A primeira rodada é sempre acidentada. A segunda é toda sobre velocidade. A terceira é imprevisível. Quem voltar primeiro vence. É isso.

Balancei a cabeça, concordando, ainda que não tivesse entendido a metade do que ouvi. A julgar pelas linhas de tensão em torno de sua boca, ele estava nervoso. Não gostei nada, porque Jett nunca ficava nervoso.

Um rapaz se aproximou e começou a falar tão depressa que mal pude pescar algumas palavras. Algo sobre pontos de velocidade e variação nas condições da estrada. Em seguida, ele se foi e Jett abriu a porta do carro, para que eu pudesse entrar.

— Ei, Jett, boa sorte, cara. — Alguém gritou, antes de ele fechar a porta. Senti-me sufocada pelo cheiro dos caros bancos de couro e cega pelas luzes do painel do carro, que teria admirado em circunstâncias diferentes.

Jogando-se em seu assento, Jett fechou a porta e se inclinou para sussurrar em meu ouvido, os dedos dele ajustaram meu cinto de segurança.

— Se batermos ou o carro virar, você deve tentar sair, o mais depressa possível.

Ele abriu a gaveta do banco do passageiro e me mostrou um martelo de segurança.

— Se a porta ficar presa, quebre as janelas. Em nenhuma hipótese fique dentro do carro, ou perto dele. Entendeu? Você tem exatamente vinte segundos para sair. Agora, repita.

Seus olhos sondaram os meus com uma intensidade que me assustou.

— Se acontecer alguma coisa, preciso sair do carro o mais depressa possível.

Ele assentiu com a cabeça.

Como poderia deixá-lo lá dentro, sozinho?

Foi quando compreendi o que ele estava realmente me dizendo.

Salvar-me, deixando-o à mercê de seu destino.

Fiz uma careta.

— Em outras palavras, se algo acontecer, devo deixá-lo para trás? Não posso fazer isso, Jett.

— É preciso — disse ele, em voz baixa. Seus olhos brilharam com um apelo silencioso. — Este carro é alimentado por um gás altamente explosivo. Se sofrermos um acidente e houver vazamentos, ele explodirá. Não haverá tempo para me salvar. Você deverá fazer o que é necessário para se salvar e salvar nosso bebê.

Inferno, não!

— Isso não tem de ser assim, você sabe disso, não é? — Se alguma coisa acontecesse, sabia que não ia sair. Ficaria com ele, independentemente do que fosse.

— Só estou falando. Temos de levar em conta o pior — disse, sem me entender. Ele olhou pela janela, enquanto mais carros chegavam.

— Jett? — Toquei-lhe no braço com carinho, tentando transmitir o melhor que tinha para incutir confiança em meu homem. — Você é o melhor piloto que já conheci. Vamos ficar bem. Sei porque já vi, na Itália. Não há nenhuma razão para pensar em riscos e no que pode acontecer, quando sei do que você é capaz.

— É um risco, Brooke — disse Jett, lentamente. — Quando fiz esse acordo com Brian, concordei em competir contra o melhor homem dele, mas a verdade é que não estou mais envolvido neste tipo de coisa há anos. E ele sabe disso. Em comparação com a Itália, isto não é nada.

Não parecia Jett falando. As dúvidas dele sobre si próprio não faziam sentido para mim.

— As pessoas não desaprendem seus talentos — retruquei, devagar.

— Olhe — ele soltou um suspiro longo e impaciente. — Sei que você deseja o melhor, o problema é que você não imagina quem é o Doug. Tudo o que ele conhece, aprendeu comigo. Ele sabe todos os truques e movimentos que uso. E o fato de ele não ter se aposentado nos últimos anos lhe dá uma grande vantagem. Entende agora por que não queria que você viesse junto? — ele balançou a cabeça. — Doug é melhor do que eu.

— Você não sabe o que fala — protestei. Jett *era* o melhor. Até Kenny tinha admitido. Fora isso, em meu coração, sabia que era verdade. — Tanto faz, pois optaria por andar no carro com você, de qualquer modo.

Não importava o que pudesse acontecer.

Jett balançou a cabeça, negando. Ele não só tinha herdado o gene da gostosura, como o da teimosia.

— Ainda que fosse verdade, não ia querer você aqui. Não vale a pena arriscar sua segurança.

— E minha opinião? — perguntei. — Você nunca me pediu, não é?

— Todo mundo tem de fazer escolhas, em algum momento — retrucou Jett. — Faço o que tem de ser feito, e não o que sinto que você quer.

— Isso não tem nada a ver com querer. — Tornei a erguer o queixo desafiador para o brilho teimoso de seu olhar.

Não seria possível um “olho no olho”, daquela vez. Por mim, tudo bem. Não *tinha* de concordar com tudo, mas teria sido tão bom...

— Para mim, ir com você é a escolha certa, porque significa que estamos criando uma nova lembrança conjunta, independentemente do resultado. — Respirei fundo, enquanto lutava para encontrar as palavras certas. — Como você, eu *preciso* ficar ao seu lado, porque você significa tudo para mim. Se você cair, caio junto. — murmurei, repetindo suas palavras. — E se cairmos, prefiro que o façamos juntos. Sem exceções, sem arrependimentos, muito melhor do que aproveitar uma oportunidade e ter de viver sem você.

— Você se lembra? — Ele se virou devagar, os olhos penetrando em minha alma, absorvendo cada palavra. O amor que transmitiu chegou em meu coração, percorreu meu sangue e girou em minha mente.

— Claro que me lembro — concordei. — Você perguntou se eu confiava em você e, agora, posso dizer com toda a honestidade que sim.

Seus olhos brilharam mais do que as estrelas que pontilhavam o céu noturno.

— Você tem um problema para acreditar na minha dedicação trivial, mas não em uma situação de vida ou morte? — perguntou incrédulo. Seus deliciosos lábios se contraíram nos cantos. Não pude deixar de sorrir, porque era a verdade.

Quis responder, quando suas sobrancelhas se ergueram. Segui a linha de visão e notei que Brian sinalizara algo, antes de voltar para o carro.

— Três minutos restantes — disse Jett, com a atenção se voltando para mim. Sua mão permaneceu em meu rosto, após afastar uma mecha de cabelo. — Você não é como ninguém que tenha conhecido antes — sussurrou.

— Espero que isso seja uma coisa boa.

— Com certeza — ele sorriu, revelando um par de covinhas, lindas de morrer. — Gosto que confie em mim. Posso trabalhar com isso.

Ele segurou meu rosto, o polegar acariciando minha pele, quando se inclinou para me beijar, sua língua encontrando a minha, coroando um abraço carinhoso. Isso mal durou alguns segundos. Ainda assim, foi o melhor beijo da minha vida.

— Realmente, acredito que você é a melhor coisa que já me aconteceu — disse Jett, com sinceridade. — E não há nada que queira mudar em você. Ele me beijou de novo. Apenas quando se inclinou para trás para calçar as luvas e girar a chave da ignição, percebi que aquele beijo poderia ter sido o último.

Capítulo 24

NÃO FOI O RUGIDO DO CARRO de Jett nem o tiro disparado para sinalizar o início da corrida, que deu um nó dentro de mim. Foi o momento em que um carro preto parou ao lado e soube que tinha chegado a hora.

O vidro da janela do passageiro baixou e o olhar de Doug encontrou o meu. Contava vinte e poucos anos, cabelos loiros encaracolados que lhe caíam sobre olhos azuis. As feições eram ásperas, a postura, confiante. O que me deixou mais ressabiada foi o sorriso inabalável nos lábios. Menos um sorriso, mais um esgar malicioso. Jett balançou a cabeça e soltou uma risada baixa. Naquele instante, ficou claro. Dois homens envolvidos em uma batalha de egos, que tornaria a corrida um inferno. E eu, presa dentro de um pesadelo, sem saída. Jett acelerou e mudou de marcha, os músculos dos braços se alongavam. Não parecia incomodado com a forma como o carro de Doug continuou chegando mais perto ou quando bateu em nosso carro ao nos alcançar, pouco antes de chegarmos ao primeiro cruzamento.

Alguém fez um sinal com a mão. Doug virou para a esquerda e Jett o seguiu. Esperava que fosse xingá-lo. Em vez disso, pisou nos pedais com mais força e saímos em disparada. Não havia sinais de nervosismo. Meus dedos ficaram enterrados no braço do assento quando os pneus atingiram um obstáculo no caminho e fui atirada para a frente, contra o cinto de segurança. Ensaiei gritar, mas o som permaneceu preso em minha garganta. Jett precisava de meu apoio. Ele necessitava de minha confiança, porque a dúvida e o medo não nos levariam a lugar nenhum.

No entanto, o medo me sufocou, fazendo-me respirar com dificuldade e desejar nunca ter de colocar os pés em um carro novamente.

Odiava a maneira como tudo continuava sacudindo, após cada colisão, e como o motor rugia, parecendo prestes a dar seu último suspiro. Cada músculo do meu corpo doía, minha mente estava em uma espiral, dentro de um buraco gigante de pânico. Cada segundo parecia uma eternidade. No segundo ponto de cruzamento, Jett ultrapassou Doug. A adrenalina pulsou em minhas veias, quando percebi que ainda havia uma chance de vencermos. Jett sabia o que estava fazendo e sua concentração me deu coragem. Estávamos tão perto. Tão perto que já podia ver os faróis dos inúmeros carros que marcavam a linha de chegada. Logo, minha provação acabaria.

Reconheci o azul da Ferrari de Brian, à distância. Ele estava apoiado contra o carro, as luzes iluminavam suas feições. Estávamos quase lá, menos de uma centena de metros. Quinze metros, mas Jett não diminuía a velocidade. Estava indo muito depressa. Se não parasse a tempo, colidiríamos com o carro de Brian.

— Devagar! — gritei.

Ele não me deu atenção. Estava tão pirado com a adrenalina que não percebia o que estava para acontecer?

— Jett! — gritei, preparando-me para a batida. — Você vai matá-lo.

— Está tudo bem. — Ele não parecia afetado de maneira nenhuma. Meu coração disparou.

Horrorizada, assisti Brian saltar para fora do caminho. Bem a tempo, porque Jett desviou o volante e passou rente à Ferrari, cruzando a linha de chegada.

— Bem feito, por arrastar você para isso — deixou escapar, tornando a pressionar o acelerador.

Balancei a cabeça com sua resposta e deixei escapar um suspiro de alívio, por nada de ruim ter acontecido. Além disso, fomos os primeiros a cruzar a linha de chegada, o que significava que tínhamos vencido. Virei-me para Jett. Seus dedos permaneciam cerrados em torno do volante.

— Onde você está indo? — perguntei, franzindo a testa.

— De volta para a cidade.

O tom era calmo, o que suspeitava ser para me confortar, embora só tenha conseguido me assustar.

Por que ele ia dirigir todo o caminho de volta para a cidade, quando deveríamos ir pegar o prêmio ou algo do gênero?

Apertei os olhos.

— Pensei que você ia parar. Você mesmo disse isso.

— Sim — ele arrastou a palavra, sem olhar para mim. — Uma vez que acabasse. A corrida ainda não acabou. — Ele pegou uma rua à esquerda, para a estrada principal. A distância, estendia-se a estrada iluminada e o horizonte de Nova York.

— O que você quer dizer?

— As regras são: quem chega primeiro, ganha.

— *O quê?*

Ele pretendia dirigir todo o caminho de volta pela cidade? Pelo tráfego e para os armazéns? Como diabos ganharia a corrida sem receber uma multa? Ou, pior ainda, ficando famoso na TV, em rede nacional? Na minha cabeça, já podia ver um helicóptero sobrevoando a estrada, transmitindo a notícia de que um motorista havia enlouquecido, com as pessoas sendo avisadas para ficar longe das ruas. Seríamos todos vistos na TV nacional. Isso porque Jett queria passar despercebido...

— Mas... — Balancei a cabeça, percebendo que a linha de chegada era o armazém e que estávamos tomando um desvio. O que ele estava para fazer era uma loucura. Chequei o espelho retrovisor. Doug seguia de perto.

— Você pensou que seria assim tão fácil? — perguntou Jett, respondendo à pergunta não formulada.

— Chama isso de fácil? — devolvi. — Diria que isso é louco, insano! — Apertei a mão sobre a boca. A verdade me esmagava. Aparentemente, Jett tinha toda a intenção de continuar com a loucura pelas ruas movimentadas de Nova York. — Oh, Deus.

— Eu avisei... — disse ele. Ultrapassamos um carro e depois outro. Depois de alguns minutos, Jett pisou no freio. Diminuiu para menos do limite de velocidade. Lancei-lhe um olhar confuso. Doug veio voando e nos ultrapassou. Jett não pareceu notar. Quando paramos no meio da estrada, sabia que algo estava errado. Por mais que quisesse acreditar que Jett tinha parado o carro por minha causa, não conseguia afastar a sensação de que ele nunca desistia.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Doug desapareceu, ao longe. A julgar pela maneira como abria caminho no meio do tráfego, ele ia bater ou vencer. Enquanto isso, carros empilhavam-se atrás de Jett, que os ignorou, e a mim.

— Jett? — tentei tocar em seu braço. — O que há de errado?

— Você notou que Doug ficou em nossa cola, mas não assumiu a liderança, até agora? Ele acha que pode recuperar o atraso no final, o que é possível, uma vez que é um dos truques que lhe ensinei. Estou planejando uma estratégia diferente. — E olhou para mim por um breve instante, antes de voltar a atenção para o espelho retrovisor.

Eu temia a resposta, mas me senti obrigada a perguntar.

— Qual é?

— Um atalho que ele não conhece — falou, com calma.

Ab.

De alguma maneira, não gostei daquilo. Afinal, conhecendo Jett, atalhos nunca eram “atalhos” com o significado de “o caminho mais fácil”.

Eu não apenas suspeitava.

Eu sabia.

Doug tinha quase desaparecido de minha vista, mas se esticasse o pescoço ainda podia vê-lo, preso em um sinal vermelho. Atolado em meio aos outros carros, não poderia seguir Jett.

— Não é tanto um atalho, mas um plano — continuou Jett. Soou ainda pior. — Vamos tomar o mesmo caminho, mas no sentido oposto.

Não tinha ideia do que ele estava falando, mas não tive tempo de perguntar, porque Jett acelerou, e de ré. O carro virou, ganhando mais buzinas, e ele não pareceu particularmente perturbado pelos xingamentos dos outros motoristas, ao dirigir por uma estreita faixa de grama, desviando do tráfego em sentido contrário.

— Você está louco, caralho? — gritei.

Ignorando-me, Jett pisou fundo no acelerador, o carro pulou para frente. Estávamos indo tão depressa que eu queria chorar. Em vez disso, enterrei as unhas no couro macio do assento. Minha respiração vinha em trabalhosas arfadas, cada vez que os carros saíam do caminho para nos deixar passar, ou quando eram evitados.

— Por favor, pare — supliquei, na esperança de ser atendida.

— Não podemos. Este é o único caminho.

— Mas Doug está preso — argumentei. — Você poderia, pelo menos...

Ir mais devagar.

Jett me lançou um olhar estranho e manteve a boca fechada para me impedir de choramingar. Em um cruzamento, ele pegou uma curva à esquerda em uma estrada tranquila, de mão única. Adiante, a estrada principal.

Estávamos na cidade.

Tantas pessoas, tantos carros. Jett não parecia preocupado, correndo pelas ruas. Vi as luzes azuis intermitentes de um carro da polícia, antes de ouvir a sirene.

— Merda! — Jett pisou fundo no acelerador, girando o volante ao cruzar um sinal vermelho. O carro da polícia seguiu atrás.

— Precisamos parar — minha voz saiu tão baixa que não tive certeza se me ouviria.

— Não podemos. Confie em mim, vamos sair dessa.

Oh, Deus.

O atalho dele significava também dirigir como um louco. Se não soubesse, poderia jurar que os freios não estavam funcionando.

— Relaxe... — Sua voz era tensa, mas, de nenhuma maneira, nervosa. Sempre soube que Jett gostava de correr riscos. Agora, percebia que o cara era maluco, além de meus sonhos mais loucos, porque ainda achava que alguém podia relaxar, com ele ao volante.

Relaxar?

Senti-me doente. Na verdade, rezei para que desmaiasse e só fosse acordar quando o pesadelo já tivesse acabado. Meu coração batia com força contra a camada de gelo que se espalhava sobre mim. Enterrei o rosto nas mãos e comecei a entoar algumas palavras, em silêncio.

Mantenha-se calma. Fique quieta. Respire. Expire. Pense na luz do Sol, nas águas calmas, no som de gaivotas. Pense em violinos, no céu.

Não. Foi mal. Não queria pensar no céu.

Pense em uma caminhada na praia. Saudável. Com Jett e um bebê. Feliz. Vivo.

— Oh, Deus — murmurei. — Oh, Deus.

Meu medo se intensificou e se transformou em um frio crescente, que poderia se transformar em gelo e me partir em pedaços. A perseguição de carro na Itália já havia sido ruim. Mais que ruim. Foi horrível. No entanto, a corrida de Jett pelas ruas de Nova York, com um carro da polícia nos perseguindo, era um pesadelo.

— Baby, basta fechar os olhos — disse Jett.

Fechar os olhos e fingir que nada estava acontecendo? Aquele tinha sido o plano o tempo todo.

— Estou tentando — murmurei.

— Basta continuar a mantê-los fechados — ele me encorajou.

— Oh, Deus — supliquei. — Oh, Deus.

Por favor, por favor, por favor, orei. Ajude-nos a ganhar. Ajude-nos a chegar com segurança. Ajude-nos a ficar vivos. Ajude para que ninguém se machuque.

Era possível ter muitos desejos diferentes ao mesmo tempo?

— Nós os despistamos — disse Jett, enfim. Confusa, abri os olhos. Tinha diminuído a velocidade e estávamos cruzando um estacionamento (garagem) meio vazio.

As sirenes ecoavam à distância.

Jett saiu do prédio, atravessando por algumas quadras e virou para outra estrada, por alguns minutos. Reconheci edifícios ao longe, antes de ele sair do caminho e dirigir ao longo de uma cerca. Para minha total descrença, tínhamos conseguido sair ilesos.

Fiz uma careta.

— Esse é o...

O armazém, queria perguntar, até que vi Jett girando o volante, para virar o carro. Ele pisou fundo no acelerador e passou pelos portões. A linha de chegada tinha de ser no outro lado. A distância, podia enxergar os faróis de carros. Jett pisou nos freios e os pneus guincharam. Minha cabeça empurrou para frente e uma pontada de dor subiu na espinha.

Sorri. Meus olhos caíram sobre a multidão de pessoas. Elas pareciam surpresas, como se não nos esperassem vir por trás. Em seguida, os aplausos começaram e mais pessoas se reuniram. Jett ignorou a manifestação, enquanto dirigia para a garagem aberta. O carro de Doug não estava lá. Ele desligou o motor e se voltou para mim. Os cabelos escuros estavam grudados nas têmporas e um rio de suor descia-lhe pelo pescoço.

Minhas pernas tremiam tanto que pressionei as solas dos pés no chão, para impedir os espasmos. Todo o meu corpo estava dormente.

— Vencemos — disse Jett, com calma. *Isso era um toque de orgulho?* — Você está bem? — Balancei a cabeça, porque não estava. — Não se preocupe, temos uma placa falsa nos carros. —

Os cantos de seus lábios se curvaram para cima. Então, tinha razão. Ele estava orgulhoso. Talvez eufórico.

— A multa não era o que me preocupava — grunhi.

A fúria me queimava, com a direção imprudente de Jett, toda sua atitude de macho alfa, do tipo “faço de tudo para ganhar”, e um milhão de outras coisas. Como ele podia sorrir quando, apenas alguns segundos antes, assustara Deus sabe quantas pessoas, inclusive eu?

— Eu odeio pra caralho... — Lutei para encontrar as palavras, o choque me tornando incapaz de formar uma frase coerente.

— Quanto você me ama? — Suas covinhas apareceram e, por um momento, senti-me dividida entre espancá-lo ou beijá-lo.

Olhei para ele e, então, comecei a rir.

— Sim. Eu o amo, e quanto isso é louco? — Sabia que era a histeria e a adrenalina dentro de minhas veias. Ou a gratidão por ainda estarmos vivos.

Não sabia o que era, mas ao vê-lo quente e suado daquele jeito, com aquele brilho divertido nos diabólicos olhos verdes, senti que o queria. Eu o desejava ardentemente. Loucamente. Furiosamente. E não me importava se isso acontecesse bem ali, naquele lugar, e se o ego dele fosse parar na Lua. Fui para seu lado e montei nele. Meus dedos ficaram enterrados em seu cabelo, enquanto meus lábios desceram sobre sua boca com o tipo de fome que exigia gratificação imediata.

— Sabia que havia um lado perverso em você, senhorita Stewart — Jett sussurrou contra minha boca e puxou-a de volta.

— Você esqueceu a palavra “louca”. Estava louca por ir junto com você. Estava louca ao pensar que poderia fazê-lo e manter a sanidade mental intacta — respondi. — Nunca vou fazer nada parecido com isso de novo.

— Nunca? — suas sobrancelhas se ergueram, fingindo surpresa. — O que aconteceu com “sem exceções, sem arrependimentos”? De fato, gostei disso. Meio que me deu o poder para tentar coisas novas com você.

Balancei a cabeça.

— Vou fazer de tudo para você, mas não mais corridas de carros. Chega de acrobacias.

— Gosto de um desafio. Você sabe disso — ele sorriu. — Segundo nosso acordo e minhas regras, ainda tenho algumas horas sobrando.

Gemi.

Não. Essa aposta horrenda de novo, não!

— Você ganhou. Vire a página — balbuciei.

— Só mais uma acrobacia, baby — os olhos dele brilharam.

Balancei a cabeça.

— Que tal você me permitir que a faça mudar de ideia?

— Boa tentativa, mas vou passar. Tive suficiente descarga de adrenalina para durar a vida inteira.

— Ouvi dizer que a segunda vez costuma ser muito boa, também — disse ele. — Vamos fugir da festa e passar algum tempo juntos. Isso já foi bem adiado, de qualquer maneira.

A maneira como ele falou, fez soar como um encontro. Não tínhamos um encontro há uma eternidade. Na verdade, desde aquela interrupção na casa de Kim Dessen. Para mim, porém, parecia uma eternidade.

— Que festa? — perguntei.

— Chame de uma festa de boas-vindas — falou. — Hora de conhecer minha gangue.

Não tinha ideia do que ele estava falando, mas a perspectiva de passar mais tempo com ele me parecia tentadora.

— Deixe-me tomar um banho, primeiro — respondi. — E sem mais acrobacias, Mayfield. Estou falando sério.

— Sem acrobacias, prometo — ele sorriu.

Revirei os olhos. Já não tinha ouvido aquilo antes?

— Pelo menos por um tempo — acrescentou.

Meu sorriso se encontrou com o seu, ao me puxar para outro beijo.

Capítulo 25

OS PISOS SUPERIORES dos armazéns foram convertidos em quartos. Brian arranjara para que Jett e eu pudéssemos tomar banho e mudar de roupa em um deles, no andar de cima, que era praticamente o oposto de como poderia imaginá-lo: pequeno, mas muito bem decorado, em creme e marrom, com um banheiro e um chuveiro. A cama de dossel estava alinhada do lado leste. Um macio sofá estava no centro, à frente de um aparelho de TV, pendurado na parede. Tudo parecia limpo e arrumado. Quem quer que o houvesse decorado tinha evidente bom gosto.

— Este costumava ser meu quarto — disse Jett.

— Sério? — O comentário mudava tudo. Girei o corpo devagar, tentando absorver os detalhes que poderia ter perdido. Fui para a cama e me deitei. O colchão era confortável e as cobertas cheiravam à limpeza, como se tivessem sido trocadas há pouco tempo. Não havia quadros nas paredes, mas, por alguma razão, podia sentir a presença de Jett mais novo, seu espírito e sua atitude. Ele havia sido um jovem atormentado, e também feliz.

— Gosto daqui — falei baixinho. — Estou feliz que possamos ficar por um tempo.

Alguém — provavelmente Sylvie — trouxera minhas roupas e assim que fechei a porta do banheiro atrás de mim, despi-me e entrei no chuveiro, ansiosa para deixar a água quente relaxar os músculos tensos e acalmar os nervos em frangalhos.

Mal tinha lavado e enxaguado o cabelo quando a porta do banheiro se abriu e vi a silhueta de Jett delineada através da cortina. Ele tirou a roupa e me fitou por uma pequena abertura, o olhar incrivelmente verde, uma mistura de hesitação e desejo.

— Brooke — A voz profunda dizendo meu nome criou um jato de fogo a subir por meu corpo. — Quero fazer algo sacana com você. Algo de que você nunca vai esquecer.

Minha pulsação acelerou e uma onda de excitação tomou conta de mim.

— O que você tem em mente? — perguntei.

Ele empurrou a cortina do chuveiro de lado e se juntou a mim no cubículo do box, nu em toda sua glória. Minha boca ficou seca com a beleza do corpo esculpido, com músculos salientes sob a pele esticada.

Ele era sexo encarnado.

Como se estivesse lendo meus pensamentos sujos, Jett sorriu, e nossas bocas se encontraram, em um beijo quente. Sua língua deslizou para dentro de mim, cutucando, exigindo que me abrisse e lhe desse a chance de tomar de mim o que era dele. Ao mesmo tempo, sua mão se colocou entre minhas pernas. Gemi quando ele começou a circular meu clitóris com o dedo. Ele não só me deixava excitada, como me fazia ansiar por seus dedos dentro de mim e eu queria tocá-lo e checar se aquilo era real.

Minha mão roçou seu pênis inchado.

— Você está me excitando, baby — O sussurro se transformou em um rouco som gutural quando meus dedos começaram a trabalhar para cima e para baixo naquele pênis endurecido, espelhando os movimentos dele enquanto seus dedos circularam mais depressa em volta do meu clitóris, até que senti que não podia suportar mais.

— Quero você dentro de mim — gemi contra sua boca.

— Ainda não.

Jett levantou minha perna esquerda e soltei sua ereção saliente para lhe agarrar os ombros em busca de apoio. Sem pressa, começou a empurrar um dedo dentro de mim, e depois dois, acendendo uma chama.

Oh, Deus.

A água continuava caindo, e tive a certeza de não ser a única coisa que escorria por minha perna. Meu corpo começou a balançar para trás e para frente, buscando o prazer que só Jett poderia desencadear. Ele empurrava dois dedos para dentro e para fora, rápidos e furiosos. Gemi e me apoiei em sua mão, pronta para o completo abandono. Quando me vi sendo levada ao limite do prazer, ele abrandou, insuportavelmente quente, insuportavelmente doloroso, para, em seguida, afastar-se. Os dedos continuavam a circular meu clitóris, sem me dar o gozo pelo qual ansiava.

— Mais! — disse. — Quero que você me foda agora.

Não era uma opção, e sim uma exigência.

— Como quiser.

Seus olhos me atravessavam, enquanto me pressionava contra a parede de azulejos e forçava minha perna esquerda para cima. Podia sentir a cabeça lisa de seu pau em minha entrada, circulando e cutucando, fazendo qualquer coisa, exceto me penetrar. Impaciente, agitei-me contra ele, os olhos implorando para que me comesse.

— É isso que você está procurando?

Ele empurrou a cabeça dentro de mim, esticando a carne macia e começando a beijar minha orelha. Meu coração quase parou, de repente, com aquela sensação sufocante aumentando no fundo de meu abdômen. Estava tão perto. Só mais alguns centímetros.

— Mais — sussurrei.

Sua ereção mergulhou mais um pouco dentro de mim, provocando-me ao se mexer com suavidade, aumentando gradativamente a força, até que senti vontade de xingá-lo para que parasse de me torturar.

— Porra, Jett! — praguejei. — Você está me matando.

Ele deu aquela risada profunda que sempre me fazia vibrar inteira de arrepios.

— Você manda.

Engasguei, assim que empurrou todo seu comprimento em mim, rápido e determinado. Um impulso completo. Minha carne ficou apertada em torno de seu eixo. A dor dele atingindo um local dolorido dentro de mim desapareceu de uma vez, e mais prazer começou a se construir dentro de meu ventre. Consumindo-me. Queimando minhas entranhas como lava quente.

Ele tremia, vivo como fogo, esperando... Esperando o quê?

Minha mente estava muito nublada para formular a pergunta, muito excitada do cheiro e do gosto de sua boca, muito faminta de seu toque.

Eu precisava dele. Ele precisava se mover. Antes que eu explodisse. Ou então...

Pressionei meus quadris contra ele, na necessidade de mais. Os músculos da coxa começaram a doer, com o esforço, mas não me importei. Precisava gozar e se ele não ia me dar isso, estava pronta para buscar.

— Poderia ficar dentro de você para sempre — sussurrou, entre sonhador e arrependido. Ele circulou os quadris, sem empurrar mais fundo. — Lembre-se da sensação de meu pau dentro de você. Estamos juntos. Não é você nem sou eu, somos nós.

A crueza das palavras quentes enviou outra ondulação para meu núcleo, empurrando-me mais à beira de um orgasmo. Aquilo era gostoso. Ele era tão gostoso. Queria lhe dizer isso. Como se sentisse meu desejo por ele, Jett sorriu. Nossos olhos se encontraram com tal intensidade que me senti perdida, incapaz de dizer onde eu terminava e ele começava.

— Você sabe que não posso recusar quando você está assim — seus lábios me esmagando a boca. — Assim, tão molhada. Baby.. Poderia fazer isso para sempre.

Finalmente, todo seu comprimento começou a se mover. Era possível sentir cada centímetro duro dele ficando ainda maior, preenchendo-me e me esticando. Pressionando meus limites.

Gemendo em minha boca aberta, ele continuou a empurrar. Devagar, primeiro, mais duro e mais forte, depois. Mais e mais depressa, enviando meu mundo para um turbilhão de desejo e excitação. Fechei os olhos para saborear a sensação, enquanto o quarto começou a girar em redor. Tudo o que podia sentir era a dureza de seu corpo me estocando sem parar.

— Jett.

Minha respiração acelerou e caí em um mar de êxtase. Da periferia de minha mente ouvi seu gemido final e senti sua umidade quente se derramando dentro de mim. Meu corpo derreteu, confiando nele para me segurar, enquanto ondas de prazer me tomaram, levando-nos a novas praias.

Não sabia mais há quanto tempo estávamos ali, no chuveiro, com nossos corpos a se fundir. A água resfriava nossa pele febril. Por fim, quando ela começou a ficar fria como gelo, saímos do box, molhando todo o chão. Minhas pernas tremiam com o esforço, embora meu coração tivesse voltado à velocidade normal.

— Obrigada — falei, tão baixo que não pensei ter sido ouvida.

— Por quê? — envolvendo-me em uma toalha, ele me beijou na ponta do nariz.

Por ser incrível.

Dei de ombros e sorri, guardando para mim os pensamentos.

Capítulo 26

QUANDO CHEGAMOS, afinal, a festa estava em pleno andamento. Todo o primeiro andar estava repleto de pessoas, Doug inclusive, e muito mais gente chegava a cada minuto. Uma banda independente tocava, no canto. O ar estava repleto de fumaça de cigarro. As mesas, por sua vez, lotadas de garrafas, copos meio vazios e salgadinhos, lembravam-me dos tempos de faculdade. Todos pareciam estar se divertindo. Ia ser uma longa noite, podia ver isso.

Jett me conduziu pela multidão, a mão possessiva descansava na parte inferior de minhas costas. Com a cabeça, concordei, embora não tenha ouvido uma palavra do que ele disse. Sem muito sucesso, vasculhei o ambiente com os olhos, à procura de Sylvie, encontrando Brian. Uma garota se sentava em seu colo. Reconhecia como aquela que tinha me pedido para ter pressa, ao vestir o traje de corrida. No momento em que nos viu próximos, levantou-se e se afastou.

Franzi a testa.

Não só não gostava de mim, como não evitava demonstrar isso.

— Bom trabalho — Brian deu um leve tapa no ombro de Jett e, em seguida, virou-se para me abordar. — As pessoas me devem uma pancada de dinheiro. Sabia que Jett venceria.

Então, tudo aquilo era sobre dinheiro?

Jett ergueu uma sobrancelha.

— Você também apostou em ganhar a aposta de bebidas, esta noite?

— Você está me desafiando? — Brian riu alto. — Porque sou um campeão imbatível. Tenho um nível de tolerância alta. Você não me vence, de jeito nenhum.

— Quem disse que seria eu? — replicou Jett. — Sem bebidas para mim, desta vez, mas sei de alguém que acabaria com você.

— Caso você tenha esquecido, sou irlandês — disse Brian. — Já ganhei de todo mundo.

— Exceto de sua irmã... — Jett acenou para a mulher de cabelos vermelhos, de pé, atrás de Brian. — Ela veio à cidade, para uma visita.

Brian se virou e sua confiança desapareceu.

— Merda.

— Meu dinheiro está bem investido. — Jett me lançou um sorriso tranquilizador, mostrando que não estava falando sério. — Ela vai derrubar você e tomar seu título.

— Oi para você também, garotão — A mulher sorriu para Jett e se virou para mim. Seus olhos, cor de avelã, refletiam curiosidade, mas havia algo mais: calor, o que me levou a acreditar que Jett e ela tinham sido amigos, nada mais que isso. — As notícias se espalham depressa. Quando soube que você estava de volta, tinha de vir e ver por mim mesma.

— Brooke — disse, estendendo a mão.

Ela pegou minha mão e lhe deu uma boa sacudida. De início, apenas nos entreolhamos, como uma avaliação prévia. Ela estava em seus trinta e poucos anos, tinha o corpo forte e voluptuoso, a pele muito branca, com sardas, e um sorriso contagiante. De cara, decidi gostar dela.

— Sou Cassidy — ela disse. — Já ouvi muito seu nome. Os bastardos que estão atrás de você vão pagar. — Demorei até perceber que ela estava falando sobre o clube de Alessandro. — Brian sabe como encontrá-los. Ele é como um cão de caça — e caiu na gargalhada.

— Espero que sim — respondi. — Assim Jett e eu poderíamos ter um pouco de paz — O olhar de Cassidy se voltou para meu abdômen e balançou a cabeça, como se compreendesse. Fiquei pensando em como descobriu, mas em vez de lhe perguntar, apenas sorri.

Conversamos até Brian subir ao palco, chamando a atenção de todos para Jett, declarando-o o vencedor da corrida, como se o mundo todo já não soubesse. Em seguida, passou a contar um pouco das façanhas de Jett, incluindo o momento em que nosso carro quase colidiu com sua Ferrari. A sala se encheu de riso, inclusive do próprio Brian. Quando finalmente deixou o palco, ondas de pessoas vieram nos felicitar, Doug entre eles. Dei um passo para o lado, para dar a Jett espaço para seu grande momento. Ou a corrida tinha mudado tudo ou, talvez, todos estivessem aguardando a aprovação de Brian, e o gelo foi quebrado.

Pela primeira vez, pude vê-lo relaxado e descontraído em uma reunião pública. Como se, diante de mim, não estivesse o Jett Mayfield que tão bem conhecia — o homem rico, o milionário reticente, cujo único objetivo era garantir o sucesso de sua empresa. Kenny tinha razão. A gangue era a família de Jett, que, com eles, tinha mais em comum do que podia perceber, porque foram eles que o moldaram. Os que o ajudaram quando o pai o expulsou de casa. Pela enésima vez, perguntei-me o que de tão terrível o fez retornar para o pai.

— Quer ir embora, baby? — Jett cochichou no meu ouvido. — Você parece tão gostosa em seu jeans apertado que está me deixando louco.

Como para provar seu comentário, sua mão roçou minha bunda e seus lábios roçaram a pele sensível de meu pescoço. Um delicioso choque pulsou em mim. Se não fossem as dezenas de

pessoas em volta, teria rasgado sua camisa e puxado suas calças para baixo, para desfrutar de seu corpo glorioso.

— Acabamos de chegar e você já quer ir embora? — perguntei, achando graça. — O que aconteceu com festa “a noite toda”?

— Isso é uma pegadinha? — O tom rouco de sua voz enviou outro arrepio ao longo do meu corpo. Lentamente, começou a morder minha orelha. — Quando quero algo, não consigo esperar.

— Tudo bem, entendi. — Engoli em seco e me virei, encarando seus olhos verdes profundos, da cor do pecado. — O que você sugere?

— Tenho uma boa ideia, senhorita Stewart — O calor viajou para algum lugar ao sul, com a insinuação de sua voz. — Deixe-me lhe mostrar algo que vai fazer sua calcinha ficar molhada.

Mais uma vez?

Ele pegou minha mão e fez sinal para segui-lo. Estávamos quase chegando à porta quando Brian bloqueou nosso caminho.

— Alguém já lhe mostrou nosso espaço? — Brian perguntou, dirigindo-se a mim.

— Não há necessidade — disse Jett, por entre os dentes. Será que havia uma pitada de irritação?

— Eu insisto.

Dei de ombros para Jett, que apenas me olhou. Repeti o gesto. Afinal, era o território de Brian, que se orgulhava do que havia construído. Éramos convidados e, como tais, tínhamos de nos comportar. Jett poderia tirar as calças mais tarde.

— Parece legal — respondi —, vá na frente.

Brian falou por todo o caminho durante a excursão, enquanto o humor de Jett despencava para o nível mais baixo desde o início dos tempos. Impressionada, fiquei boquiaberta com a imensidão do lugar. Os armazéns eram interligados por um labirinto subterrâneo de corredores, que eu já suspeitava existir. Os andares superiores foram todos convertidos em quartos e apartamentos. Do lado de fora, as paredes pareciam que desabariam, mas o design interior mostrava que Brian não poupava despesas. A mobília era minimalista, moderna e cara, e a tecnologia era de ponta. Pinturas abstratas em vermelho e azul, com redemoinhos dourados, estavam penduradas nas paredes, cada uma delas mostrando a mesma assinatura. Indaguei-me se um dos rapazes seria um artista.

— Vocês todos vivem aqui? — perguntei.

— Alguns de nós, sim. Outros preferem as próprias casas — respondeu Brian, abrindo uma porta lateral e nos guiando até uma enorme sala de estar, servida por uma lareira e com ainda mais pinturas. — Sejam bem-vindos para ficar o tempo que quiserem. O piso superior é de vocês.

— Meu antigo quarto estaria muito bem, Brian — Jett murmurou.

— Pensei que sua garota pudesse preferir algo... — Brian deu um longo suspiro, considerando suas palavras ao me olhar —

... “mais chique”.

— Agradeço muito — falei —, mas adoro a ideia de ficar no antigo quarto de Jett, se estiver tudo bem para você.

O braço de Jett se prendeu em volta de minha cintura. Se não o conhecesse, diria que estava satisfeito com minha resposta e possessivo.

— Se precisarem de alguma coisa, avisem. — Brian hesitou e se voltou para Jett. — Posso ter um minuto com você?

Fiquei imaginando se aquela conversa em particular não teria sido a razão de Brian insistir em vir conosco.

— Claro.

— Levem o tempo que for necessário — disse a eles.

A porta se fechou e fiquei só, embora pudesse ouvir suas vozes, bem alto e claro.

— Arranjei uma reunião amanhã para descobrir quem é o destinatário não identificado. De quanto dinheiro estamos falando? — Brian perguntou.

— De cinquenta milhões de dólares — respondeu Jett.

— Caralho.

— A empresa está indo à falência, Brian — Jett hesitou. — Sou o CEO. Se não resolver logo a bagunça, poderei ser responsabilizado. E talvez perca tudo: meu dinheiro, minha casa, meus investidores na nova companhia e minha reputação. Mas, primeiro, preciso de você para me concentrar em descobrir quem foi o responsável pelo sequestro de Brooke.

— Estamos trabalhando na decodificação do disco — disse Brian. — Preciso de mais alguns dias.

— Não tenho dias. Preciso disso, o mais depressa possível. Meu pai queria o livro, por isso deve ser valioso. Enquanto não soubermos com quem estamos lidando, Brooke não estará segura.

— Então, você acha que seu pai está nisso? E se ele não tivesse outra escolha?

— Não me venha com essa merda, Brian. Você sabe que não há outra explicação. Meu melhor palpite é que ele transferiu o dinheiro para ficar com uma parte. No entanto, a questão é: por quê? Preciso descobrir se há alguma coisa que não sabemos. Preciso de você para avaliar possíveis riscos. A última coisa que quero é que meu pai nos coloque em uma merda ainda maior do que já nos encontramos.

— Vamos mantê-lo atualizado.

— Bom — disse Jett.

Por um minuto, falaram sobre Cassidy. Corri para a cama, assim que ouvi passos cruzar a sala. A porta se abriu e Jett entrou.

— Quanto você ouviu? — perguntou, ao fechar a porta atrás de si.

Fui incapaz de esconder minha expressão de culpa e estremeci.

— Como você sabe que eu estava ouvindo?

— Não é difícil adivinhar. Conheço você, Brooke. Além disso, não quero ter segredos — inclinou a cabeça, a me examinar. — Então, quanto?

— Quase tudo, na verdade. Já sabia que a Mayfield Realities estava com problemas, por isso não foi grande coisa — admiti. — Seu irmão mencionou que você estava trabalhando na criação de uma nova empresa.

Ele olhou para cima, surpreso.

— E o que você pensa disso?

— Acho que você vai se sair bem — sussurrei. — Muitas pessoas não sabem quando reduzir as perdas, quando tudo acaba. Optam por ficar em uma situação sem saída, até que tudo desabe sobre elas. Você está fazendo a coisa certa, Jett.

— Sacrifícios, antes de perdas. Fico feliz que você me apoie — disse Jett. — Perdão por não ter lhe contado antes sobre o dinheiro desaparecido.

Dei de ombros.

— Tudo bem. No entanto, amaria poder ter ajudado.

— Posso usar sua opinião de especialista em tudo que vier a fazer, senhorita Stewart. Quanto você cobra?

— Muito — meu sorriso foi correspondido. — E sei exatamente como você pode me pagar — Apontei para o sofá, logo atrás dele. — Brian foi gentil por nos oferecer um bom quarto. Poderíamos começar nossas negociações agora mesmo.

Levantei-me. Jett me seguiu e se sentou, puxando-me para o colo. Colocou as mãos em meu cabelo para me acariciar a nuca. Fechei os olhos, saboreando seu toque.

— Pena que não vamos ficar por muito tempo — disse ele.

— Por que não?

— Ainda não confio neles. É muito perigoso para você. E, depois... — sua respiração fez cócegas em minha pele, momentos antes de os lábios se colarem em um beijo carinhoso —... Quero passar mais tempo com você.

Eu me virei para olhá-lo.

— Brian ajudou a me encontrar. Ele está tentando localizar seu pai e descobrir o que existe nesse clube. Você não acha que está exagerando um pouco com essa questão toda de confiança?

— Não é tão simples assim — disse Jett, com gravidade.

Bem, para mim era simples, enfim...

Havia algo em sua expressão que me fez manter a boca calada e ouvir. Ele estava com raiva. Por quê? Não estava feliz por estar de volta e ter contato com os velhos amigos? Minutos de espera me fizeram desistir

— Não entendo você, Jett. Essa turma costumava ser sua família. — Saí de seu colo e me ajoelhei diante dele, os cotovelos apoiados nos joelhos, enquanto o olhava. — Vocês compartilham tantas lembranças. Achei que você gostaria de passar um tempo maior com eles.

Seu rosto parecia uma máscara sombria. Algo que falei foi infeliz, o que me deixou com os pensamentos frenéticos para descobrir o deslize. Toquei em sua perna para chamar a atenção. Jett não reagiu.

— Sinto muito — disse, sem saber bem sobre o que pedia desculpas. — Você quer me contar o que está acontecendo?

O silêncio era opressor. Vozes vinham do lado de fora da porta, conversas, música e risos, criando forte contraste com o que estava acontecendo dentro de sua alma atormentada. Podia sentir que se o pressionasse demais, iria muito longe e não queria fazê-lo. Vi Jett pegar uma foto emoldurada sobre a mesa lateral. Era um grupo de homens sentados em volta de uma fogueira. Com suas covinhas, corpo e lindo bronzeado, reconheci-o de modo instantâneo. Mordi o lábio enquanto tentava imaginar o que poderia ter causado a mudança repentina em seu humor.

— Matei meu melhor amigo — disse ele, como se estivesse lendo meus pensamentos. Sua voz era tão baixa que não tinha certeza se o ouvia. O dedo de Jett apontou para um homem loiro na foto, sentado a seu lado, segurando uma cerveja na mão e rindo.

— Foi um acidente? — perguntei, sem fôlego. Tinha de ser. Qualquer outra coisa não faria sentido.

— Não — Jett balançou a cabeça. — Na verdade, não.

A voz estava áspera, os olhos úmidos por causa das lágrimas. Seu rosto refletia tanta dor que parecia se infiltrar em todos os poros do corpo. O pensamento de Jett ser um assassino não se encaixava muito bem na imagem que fazia dele. Não conseguia imaginá-lo fazendo algo terrível assim, embora soubesse que poderia muito bem ser possível. De algum lugar em meus pensamentos, lembrei-me dos tiros. De alguma maneira, sabia que Jett tinha disparado nos homens que estavam a ponto de me estuprar. Se acontecera uma vez, havia pelo menos alguma possibilidade de ele ter ferido outras pessoas antes.

No silêncio do quarto, meu olhar passou de Jett para a foto. Parecia ter sido tirada há uma eternidade. Não conseguia fazer a pergunta que queimava em meu cérebro. Em vez disso, esperei com paciência até que ele estivesse pronto para falar de novo.

— Joe fez coisas estúpidas — disse Jett. As palavras saíram mastigadas, como se lutassem para escapar. — Ele devia para todo mundo, inclusive para mim, porque era um viciado em jogos de azar. E estava em uma merda tão profunda que nem me disse que tinha pedido dinheiro emprestado aos tubarões, os malditos agiotas.

A voz de Jett falhou e ele respirou fundo.

Engoli com dificuldade. Jamais o vira daquela maneira, sua postura habitual desmoronando. Nem quando falava sobre o pai.

— Um dia, ele precisava de um motorista para pegar alguma coisa. Não pensei muito e o levei até o lugar, sem fazer perguntas. Mas não foi só o que ele falou o que fez naquele dia. Ele matou alguém. Disse que foi um acidente. Ele me confessou os vários empréstimos e biscates

que viera a fazer para pagar àquelas pessoas. Prometi que o ajudaria, se ele parasse de trabalhar com aquilo, mas Joe não quis me ouvir.

Sua voz era tão pesada que sabia haver muito mais na história. Vi-o tomar outro fôlego e colocar a foto de volta na mesa, ao lado do sofá. Meu corpo queria tocá-lo, mas o homem diante de mim estava preso em suas lembranças e me vi temporariamente esquecida, como uma sombra que não podia alcançá-lo.

— Naquele dia, ele precisava devolver o dinheiro que roubou. Em vez disso, escondeu tudo o que tinha em algum lugar dentro do armazém e me disse que ia embora da cidade, esconder-se até conseguir o resto de dinheiro, suficiente para pagar a dívida e os juros altos.

Encolhi-me um pouco com a intensidade de seus olhos. Ele não precisava falar para me dizer o que sentia. A dor se estampava em seu rosto, dentro de sua alma, de sua mente. Seus punhos estavam cerrados. Não era necessário ouvi-lo para perceber que as recordações eram horríveis.

Ele pressionou os lábios em uma linha apertada, os olhos se moveram para a fotografia, como se nela fosse encontrar as respostas que estava procurando.

— O dinheiro sumiu no dia seguinte. Joe me acusou de roubá-lo e tivemos uma briga — sorri com amargura. — Eu estava com tanta raiva por causa da acusação que fui até Brian e contei a verdade sobre os empréstimos, o trabalho, o dinheiro. Eu queria ajudar Joe. E Brian... — Jett respirou fundo, ficando irritado. — Ele o queria fora da gangue. Disse que ele era um risco.

Olhei para cima, confusa.

— Por quê?

— Porque nós já tínhamos problemas com outras gangues. É a maneira como este mundo funciona. Brian disse que Joe representava um risco para todos, porque ficava nos envolvendo com caras da pesada e com essas merdas todas, como drogas. Brian me recebeu quando eu não tinha lugar para ficar. Ele sempre esteve presente quando precisei. Por isso fui até ele, confiando em seu julgamento. Quando quis chutar Joe para fora, implorei para lhe dar uma segunda chance, porque sem uma gangue ele não teria nenhuma proteção contra os tubarões. Brian estava relutante, mas finalmente concordou, com a condição de que ensinaríamos uma lição a Joe... — Jett fez uma pausa, antes de continuar — Eu me ofereci para fazer isso. Ainda que estivesse com raiva de Joe, era meu melhor amigo, e precisava ter controle sobre o que seria feito com ele. Sugeri uma corrida, com o plano de simular uma colisão, só para assustá-lo, quebrar alguns ossos, trancá-lo dentro de um hospital por um tempo, onde poderíamos ajudá-lo. Brian concordou, mas tudo deu errado — Ele parou.

O ar era pesado. Deduzi o que ouviria, o que partiu meu coração.

— Perdi o controle sobre meu carro e o matei — disse Jett, com os olhos duros e frios. — Foi minha maldita culpa.

Engoli o caroço em minha garganta, enquanto olhava para a foto e o homem sentado ao lado de Jett. Ele nunca perdia o controle ao dirigir. Já tinha acompanhado com meus próprios olhos.

— Como foi possível? — perguntei.

— Não vi a árvore ao lado dele, na estrada — Ele abaixou a cabeça para o chão. Apesar da penumbra, podia ver a cintilante umidade em seus olhos. — Mas ele viu — sussurrou. — Quando bati em seu veículo, ele girou o carro, empurrou-me para o lado e colidiu direto na árvore. Ao fazer isso, salvou minha vida, e se sacrificou. Eu vi o carro dele explodir.

— Sinto muito.

— Não sinta. Não mereço.

Eu amava Jett. Amava-o com todo meu coração. Não queria que a culpa o consumisse. Tomei sua mão e o puxei para mim, forçando-o a me olhar.

— Foi um acidente, Jett.

— Não, não foi — sua voz transparecia raiva. — Há sempre um risco enorme. Sabia disso quando dei a sugestão. Sabia que ela podia matá-lo ou a mim. No entanto, cometi o erro e isso me definiu. E mudou tudo.

Beijei suas mãos, de maneira suave. Por dentro, estava abalada com a confissão, não tanto sobre o que tinha acontecido, mas pelo que Jett pensava sobre si.

— Jett, seus erros não o definem. Você é muito mais do que a soma de algumas decisões erradas na vida.

Sombrio, ele riu. Podia ver que não acreditava em mim.

— Se não tivesse corrido naquele dia, Joe ainda estaria vivo. Meu erro custou sua vida — Jett sussurrou. — E quando descobri que Brian sabia dos problemas de Joe o tempo todo, que pegou o dinheiro e o devolveu aos agiotas, para evitar que o local fosse invadido, abandonei a gangue. Se ele tivesse me dito, nunca teria sugerido a corrida e Joe não estaria morto. Então, não, não posso confiar em Brian. Joe foi mais do que um amigo para mim. Ele era como um irmão.

Houve um longo silêncio. Os músculos de sua mandíbula começaram a trabalhar, mas os olhos estavam colados em minhas mãos, tocando-me sem de fato sentir a pele. O clima estava espinhoso e sufocante. Não sabia por onde começar ou como ajudá-lo, ainda que para mim Jett não fosse culpado. Como poderia convencer o homem que amava que tudo aquilo fora um acidente, que ele não tinha feito nada de propósito, quando Jett era a única pessoa que poderia convencer a si próprio?

— Se Brian sabia dos problemas de Joe, talvez os agiotas já o tivessem ameaçado e ele devolveu o dinheiro para manter você e todos os outros em segurança — sugeri. — Alguma vez você já perguntou isso a ele?

— Não. Eu fui embora — Jett deu de ombros, o rosto como uma máscara dura de negação. — Você não me entende, Brooke. A corrida foi ideia minha. A porra da ideia foi minha, não de Brian.

— Você realmente acha que Joe não sabia no que estava se metendo? — perguntei. — Ele conhecia os riscos e mesmo assim, foi. E, ainda que não tivesse morrido naquele dia, ele devia a muitas pessoas um monte de dinheiro. Gente perigosa que teria vindo atrás dele para cobrar a grana. Isso não teria terminado bem, de qualquer maneira.

Era uma espécie de lógica distorcida. Contudo, era uma verdade brutal. E Jett sabia disso, quisesse admitir ou não.

— Não sabemos isso — disse, optando por se omitir. — Tudo também poderia ter terminado de maneira diferente, se ele tivesse conseguido uma chance para mudar de vida.

Jett tinha razão. Ele não sabia se Joe não teria se saído bem, assim como eu não sabia se minha irmã teria parado de ver Danny, se não a tivesse deixado sair de casa naquela noite fatídica. No entanto, quando confiei meu segredo a Jett, ele me ajudou a lidar com a culpa que me torturava há anos. Sentime conectada a Jett, porque achava que ele entendia minha dor. A confissão foi a chave para me sentir livre e segura ao lado dele e dentro dos limites de minha mente. Agora que sabia sobre seu passado, desejava ajudá-lo a construir essa conexão comigo.

Umedeci os lábios, escolhendo minhas palavras com cuidado.

— Logo depois que lhe contei sobre minha irmã, você me disse que ninguém pode ajudar uma pessoa se ela não quiser ser ajudada. Lembra-se? — Fiz uma pausa. Quando ele concordou com um gesto, continuei. — Sei que isso dói, mas seu passado não é tão diferente do que vivi. Você não tinha como ajudar o Joe porque ele havia feito sua própria escolha. O importante é que você deu o melhor de si, considerando-se o conhecimento e a experiência de vida que tinha naquela época. No fundo do coração, você cuidou de Joe. E sugeri uma corrida de carros, porque, como Kenny disse, era o que você conhecia e fazia melhor. Não porque quisesse machucar seu amigo, mas porque pretendia ajudá-lo. Tenho certeza de que Joe sabia disso. Ele teria lhe perdoado. O fato de que salvou sua vida mostra que ele se importava com você, também.

Jett olhou para meu rosto preocupado. Sua expressão suavizou-se e o calor de seus olhos retornou.

— Tudo o que lhe contei mudou sua ideia sobre mim, de alguma maneira? — Ele parecia nervoso e precisei de cada grama de minha força de vontade para não lhe socar de volta à realidade.

— Você não faz ideia, não é? — respondi, sem acreditar.

Ele balançou a cabeça. Quando permaneceu em silêncio, percebi que estava falando sério. Levantei-me do chão para me sentar em seu colo, minhas pernas se fechando ao redor da cintura para que pudesse encará-lo.

— Jett, eu te amo pelo que você é. E isso inclui seu lado sombrio também. Uma escolha errada não faz de você um fracasso. Isso não significa que você está condenado a falhar de novo — falei. — E, para ser honesta, não me importo com o que você fez ou deixou de fazer. Está no passado. E você não pode mudá-lo, mas sei de uma coisa. Você é uma boa pessoa. Você é um bom amigo.

Os cantos de seus lábios se contraíram em um meio sorriso e uma de suas covinhas lindas surgiu. Olhei para sua perfeição. Aquela era uma das muitas razões pelas quais tinha me

apaixonado por Jett. Ele carregava algo genuíno e se importava com as pessoas que acolhia em seu coração.

— Em toda a minha vida, nunca me senti tão próximo assim de ninguém — disse ele. — Se merdas não acontecessem, nunca saberia valorizar as bênçãos — o polegar roçou os contornos de meus lábios. — Você é minha bênção, Brooke. Não quero continuar sonhando ou assumindo riscos, porque, pela primeira vez, a realidade é melhor que qualquer coisa que imaginei.

Sorri.

— Foi essa a razão pela qual você não quis correr hoje? Porque pensou que uma tragédia podia acontecer novamente?

Jett assentiu.

— Não poderia cometer outro erro. Perder Joe foi difícil, mas se fosse com você, isso me mataria. Essa foi outra razão de não querer vencer Doug em uma corrida aberta. Sabia que ele ia tentar nos impedir com uma manobra de imobilização com o carro, batendo na lateral e me fazendo perder o controle.

Fiz uma careta e ele continuou a explicar:

— Fazer o carro rabear. De qualquer maneira, teria feito o mesmo. Ele nunca foi muito bom para manter o volante firme. — Jett suspirou e enrolou uma mecha de meu cabelo em torno do dedo, enrolando-a e soltando-a, do jeito que sempre fazia quando estava prestes a dizer algo que o incomodava. — Sabe Brooke, quando a conheci, experimentei a felicidade pela primeira vez em minha vida. Brian pensou que eu estava com muito medo de correr, mas entendeu tudo errado. Eu não queria correr, não porque estivesse com medo, e sim porque não desejava arriscar perder o que tenho com você. Quero ver nosso bebê crescer. Ambos significam o mundo para mim.

Havia tantos sentimentos dentro de mim que temia não haver espaço suficiente para encaixá-los em minha alma. Respirei fundo e soltei o ar quando compreendi. Estávamos em seu antigo quarto e Jett tinha acabado de declarar quanto eu significava para ele. Meu coração ameaçava explodir de emoção. Ou talvez fosse o resultado de seu sorriso, que penetrava nas camadas mais profundas de meu ser, aquecendo meu corpo como ninguém mais podia fazer.

— Quero que você seja minha para sempre — Jett sussurrou. — Para garantir isso, vou lhe fazer mais feliz do que qualquer outro homem poderia ser capaz. Quero ser a melhor coisa que já aconteceu em sua vida.

— Você já é — Meus dedos roçaram a barba que cobria o queixo forte. Tão firme e, ainda assim, tão macia e suave, como o homem escondido por trás do rosto mais bonito que já conhecera. Seus olhos estavam fixos em minha boca e, lentamente, seus lábios se encontraram com os meus. Um momento depois, nossas línguas estavam emaranhadas em uma dança erótica, sua mão espremida debaixo de minha blusa, para explorar tudo o que seria dele, para sempre.

Capítulo 27

— JETT, SABEMOS ONDE está seu pai.

Kenny estava na porta da cozinha comunitária, o laptop debaixo do braço. Fiz um gesto para que entrasse e ele se sentou à mesa da cozinha, na qual estávamos tomando café da tarde e comendo alguns petiscos. Nos últimos dias, meu apetite tinha quadruplicado e, por mais que quisesse culpar o bebê, não podia excluir o apetite sexual de Jett como sendo o maior culpado.

— Invadimos as contas dele — disse Kenny, abrindo o notebook. — E, como tivemos sorte, encontramos também algumas coisas que lhe interessam.

— Tipo...

Jett pareceu tão interessado como um estudante depois de uma longa aula, sexta-feira à noite. Entediado, mal olhou para a tela do equipamento, enquanto tomava um gole de *caffè latte* e abria a casca de um amendoim, entregando-me depois e abrindo um para ele, jogando na boca. Suprimi a necessidade de rir. Desde que chegamos ali, há cinco dias, ele havia se acomodado de uma maneira estranha, que me era desconhecida. A camisa estava aberta e o cabelo, um emaranhado sexy, como se não pudesse deixar de se gabar que sua vida sexual era ótima, o que era a verdade. Mas ele *precisava* ser tão óbvio assim? Fazíamos amor quase sem parar, sua sede sexual aumentando a cada dia, assim como meu apetite.

— Checamos os registros telefônicos dele e descobrimos que ligou para o número de Brooke, quando ela estava na Itália — Kenny olhou para mim. — Você se lembra de uma chamada vinda do estrangeiro?

Congelei com a pergunta assim que a lembrança veio à tona: era um dia quente de verão, quando meu telefone tocou, enquanto fingia para Sylvie que não estava me encontrando com Jett. Tão absorta com a propriedade, esqueci-me de tudo sobre a pessoa misteriosa.

— Sim — respondi, com meu olhar indo de Kenny para Jett. — Lembra-se quando perguntei se você tinha me ligado? — levantei as sobrancelhas. — Não tinha certeza, porque a pessoa desligou.

A confusão no rosto de Jett clareou quando recordou.

— Você tem certeza de que era meu pai?

— Mas é claro que tenho! — Kenny franziu o cenho ao ver Jett colocando outro amendoim na boca. — Um dia antes de *morrer* — Kenny fez um sinal de aspas com os dedos —, ele tentou ligar para o telefone fixo dela. Parece que estava tentando falar em particular, mas não é isso o que quero lhe mostrar. Olhe! — apontou para a tela. — Quando vasculhei entre os registros telefônicos, descobri que, além de Brooke, ele tinha chamado duas outras pessoas, naquele dia — Kenny virou o laptop para nos mostrar.

Meu interesse despertou.

Inclinando-me para frente, tentei decifrar os números, mas tudo o que vi foi um monte de códigos html e outros mais. Sem nomes. Não tinha ideia de como Kenny conseguia lê-los, e imaginei que por ele ser um hacker, sabia como checar detalhes e ver as conexões.

— Sim? Bem, ele é proprietário de uma empresa. É de esperar que fale com mais de duas pessoas — disse Jett, com seu habitual encolher de ombros, no estilo *o que me importa essa merda?*, antes de enfiar a mão na tigela de amendoins. Kenny se incomodou quando Jett pegou outro amendoim e o abriu, o som tão alto que me fez rir.

— Você está pensando em comer a tigela inteira, cara? — perguntou, a voz com um toque de irritação. — Estou tentando ter uma conversa séria com vocês dois.

— É melhor que seja algo bom — Jett soltou um suspiro exasperado e empurrou a tigela de lado.

— Pode crer que é — Kenny apontou para a tela, de novo. — Ele ligou para um serviço de hotel e um advogado, que, por acaso, tem o mesmo nome da pessoa para quem seu pai transferiu o dinheiro.

— Podem ser honorários do advogado — disse Jett.

Kenny balançou a cabeça.

— Não são. São os cinquenta milhões completos, cara, em pequenas transações de cada vez. Seu pai transferiu o dinheiro, por meio da conta do advogado, para outra, de um destinatário não identificado. Você sabe quem é o destinatário? — Jett e eu trocamos olhares interessados.

Finalmente, Jett disse:

— Não faço ideia.

— Uma instituição beneficente, chamada ETNAD — Kenny fez uma pausa, esperando nossa reação.

— Nunca ouvi falar — disse Jett.

— Era melhor se tivesse...

— Por quê?

— Vamos ver. Primeiro, é um monte de dinheiro para uma instituição beneficente — Kenny se inclinou para frente até os cotovelos descansarem no balcão da cozinha. — E, depois, há o fato de o advogado que seu pai chamou ser o cara que tratava das questões da propriedade Lucazzone. Ele trabalha para Alessandro Lucazzone e para Brooke.

Ali, pude ouvir a queda de uma agulha. Ou talvez de uma bomba. O silêncio na sala foi tão ameaçador que um arrepio percorreu minha espinha.

— Clarkson? — de repente, senti que ia desmaiar.

Jett olhou para cima e perguntou:

— Por que meu pai ia transferir o dinheiro para ele? Não faz o menor sentido.

— Não fazia sentido para mim, também, até que contei para Sylvie e algo completamente não relacionado com isso cruzou seu pensamento. Se ela estiver certa, podemos ter encontrado a conexão entre seu pai e o motivo de ele querer o livro. — Kenny sorria, satisfeito, aproveitando cada segundo do show. — Ela mencionou a caligrafia inclinada de Clarkson. Brooke, quando ele lhe enviou cartas, escreveu seu nome e seu endereço no envelope, certo? — fiz que sim com a cabeça, sem saber aonde pretendia chegar. — Bem, Sylvie acha que a caligrafia é a mesma do livro.

— Ela tem certeza? — perguntou Jett. — Afinal de contas, ele podia ter uma assistente e a letra ser dela.

Franzi a testa. Clarkson certamente tinha uma assistente. Contudo, ia arrastá-la para esses assuntos sujos e expor-se a riscos?

— Não — Kenny entrevistou —, Sylvie *acha* que se lembra. Portanto, é um palpite, eu sei, e é por isso que trouxe isto, na esperança de Brooke reconhecê-la, talvez.

Ele puxou o livro negro da bolsa e o empurrou sobre a mesa, até mim. Olhei para a primeira página. A letra era inclinada e antiquada, mas eu não conseguia me lembrar se era semelhante à caligrafia de Clarkson, porque nunca havia prestado atenção naquilo. Quem prestaria?

— O que faz Sylvie pensar que é igual? — perguntei.

— Ela reconheceu as letras “B” e “S”. A curva das duas em seu nome se parece muito com aquelas. — Ele apontou para o “S”, em Statham e o “B”, em Bradley.

— Como é que ela se lembra de algo assim? — Não era bem uma pergunta e mais um comentário admirado. Sylvie se referia a ela própria como uma pessoa distraída, mas seu olho afiado para detalhes nunca deixava de me surpreender.

Kenny respondeu, de qualquer maneira.

— Ela disse que não são muitas as pessoas que escrevem desse jeito, por isso se lembra tão bem. A possibilidade não passava pela cabeça dela, até que lhe contei sobre a transferência de dinheiro — ele soltou um longo suspiro. — Você tem alguma coisa de Clarkson? Um envelope, assinatura, qualquer coisa?

Fiquei em silêncio, enquanto tentava me lembrar.

— Os relatórios financeiros da propriedade foram roubados junto com o envelope e, antes de me encontrar com Clarkson, na primeira vez, ele me mandou uma carta. Ainda posso tê-la no apartamento. Não prometo nada.

A carta tinha de estar lá, porque com Jett mentindo para mim, meu consequente desgosto e a partida repentina para a Itália, eu não havia organizado minhas coisas. Depois que nos reconciliamos e do retorno, mal tinha tido tempo de pegar algumas de minhas coisas, antes de ir morar com ele.

— Onde está Sylvie, afinal? — passei o livro para Jett, distraída. — Pensei que ela viesse, hoje.

— É seu primeiro dia de trabalho — respondeu Kenny.

— Ela assumiu o cargo na Delta & Warren? — perguntei, com surpresa. — Pensei que vocês fossem viajar.

— Ainda vamos. Sylvie está tentando conseguir duas semanas de folga — hesitou, sorrindo. — No primeiro dia, ela já está negociando...

— Essa é a Sylvie... — minha atenção se voltou para o livro nas mãos de Jett. — Sinto muito, Kenny. Não reconheço a caligrafia, mas vou até o apartamento procurar o envelope, para que possamos comparar isso.

Minha cabeça girava, com os fatos. Comecei a massagear as têmporas latejantes.

— Ainda que seja a letra de Clarkson, não faz sentido o advogado de Alessandro anotar alguns nomes e números e, em seguida, esconder o livro no porão da casa de seu cliente.

Enquanto dizia essas palavras, percebi que nunca tinha levado em consideração a possibilidade de meu advogado não ser a pessoa amável que eu achava que era.

— A menos que Clarkson também esteja envolvido no clube e todos eles trabalhem juntos — disse Jett. — E, sendo assim, o livro tem importância para todos eles.

— Foi o que pensei — Kenny respondeu, com naturalidade. — Sinto muito, companheiro — acrescentou, olhando para Jett.

— Meu pai me levou a acreditar que ele e Lucazzone eram inimigos. Se Clarkson trabalha para os dois, então ele mentiu para mim — O comportamento de Jett havia mudado. Seus olhos eram como camadas de gelo, desprovidos de compaixão. — Mais uma mentira.

— O que você sabe sobre a instituição beneficente que recebeu o dinheiro? — perguntei, mudando de assunto.

Kenny deu de ombros, sinalizando que não sabia mais do que nós.

— É uma instituição privada. Aparentemente, ela oferece apoio às artes plásticas. Isso é tudo o que pude descobrir.

ETNAD? As letras ecoavam em minha cabeça. ETNAD. Por que me pareciam tão familiares se tinha certeza de não ter ouvido falar nelas?

Peguei uma caneta e escrevi o nome, para visualizá-lo.

— Você tem como procurar em um banco de dados ou algo assim e descobrir o que as letras poderiam representar? — perguntou Jett.

— Estava tentando lhe mostrar isso, mas você estava muito ocupado mastigando — disse Kenny, zombeteiro, abrindo uma nova janela do navegador. — O mais provável, e a única resposta que achei, seria uma empresa de banco de dados, Electronic or End Transactions Numerical Analysis Data, que nada tem a ver com uma instituição de caridade.

Eles continuaram conversando, mas os sons já não me alcançavam, porque meu cérebro continuava circulando em torno do nome da instituição.

ETNAD.

Tão longe e, ainda assim, tão perto.

Pensei num caça-palavras e nas combinações possíveis.

ETNAD. Cinco letras. A única palavra que consegui pensar foi “tenda”, embora sentisse que a resposta estava na ponta da língua. Bati o lápis contra meus lábios, enquanto lutava para compreender. Quando não me veio nada, comecei a combinar palavras de quatro letras em uma folha de papel em branco.

— Você vai brincar de caça-palavras? — perguntou Jett.

Balançando a cabeça, fiz com que se calasse e li o que já escrevera: *etna, ante, dean, date, dent*. Cada uma delas soava familiar, tentando me dizer alguma coisa, ainda assim não estavam certas. Então, li da direita para a esquerda, e meu sangue gelou nas veias.

ETNAD era dante.

Dante.

O homem que me queria. Um arrepio frio me fez tremer quando recordei os acontecimentos, antes de Liz ser estuprada.

— Brooke?

— O quê? — Olhei para os rostos preocupados de Kenny e Jett. Havia falado em voz alta?

— O que há de errado? — perguntou Jett, a mão tocando meu braço, de modo protetor. Meu olhar caiu sobre o lápis em minha mão, partido em dois. Os dedos de Jett queimavam minha pele. Talvez não apenas o sangue, mas todo meu corpo estivesse congelado. — Você está bem? — ele insistiu.

— A instituição beneficente em que seu pai está envolvido — comecei, minha voz tremia. — Ao se ler ETNAD da direita para a esquerda, soletra-se Dante.

Não tive de falar o óbvio. O rosto de Jett se transformou em uma máscara de fúria, a mandíbula rígida. Os punhos se fecharam e algo cintilou em seus olhos.

— Porra! Aquele desgraçado doente! — Ele passou a mão sobre o rosto, o que em nada diminuiu sua raiva. — Ele a atraiu, Brooke!

Kenny olhou de Jett para mim, com uma perplexidade que indicava que Jett precisava lhe contar tudo.

— De qualquer modo, adivinhe de onde ele ligou, após a explosão?

— Não dou a mínima para isso — Jett cortou. — Tenho um problema maior, agora. Ele ainda está envolvido com o clube, e não há nenhuma dúvida de que é o responsável pelo que

aconteceu com Brooke. Preciso saber o motivo.

— Por que você não pergunta a ele, Jett? — disse Kenny, calmamente. — Seu pai está hospedado no Richton Hotel, quarto número 113, sob o nome de Paul Anderson. Vou com você e podemos...

Ignorando-o, Jett saiu e fechou a porta.

— Diga-lhe que estarei esperando por ele do lado de fora — Kenny sorriu, desculpando-se. — Desculpe. É uma confusão do cacete.

— Tudo bem. Não esperava que fosse de outra maneira — devolvi-lhe um sorriso fraco e segui Jett.

Encontrei-o em seu antigo quarto e fechei a porta atrás de mim. No silêncio das paredes, apenas Jett e eu, éramos duas almas atormentadas. Da porta, eu o vi pegar uma arma de uma gaveta e verificar se estava carregada.

— Por favor, não o machuque — sussurrei. — Não sabemos ao certo o que está acontecendo.

— De quantas provas mais você precisa, Brooke? Ele é um mentiroso — esbravejou Jett. — Primeiro, alegou que ele e Lucazzone não estiveram em contato, durante anos. Aí, descobro que transferiu o dinheiro para uma instituição beneficente falsa que está ligada ao clube de alguma maneira. — Ele tirou a jaqueta de couro e pôs a arma no coldre, nas costas.

Cheguei mais perto, a meros centímetros de distância.

— Por favor, Jett. Não faça isso.

Ele examinou meus olhos, a testa contraída se aprofundou quando segurou meu rosto nas mãos.

— Eu sei o que estou fazendo, ok? Meu pai é um problema meu e devo lidar com ele sozinho. Ele ao menos responderá minhas malditas perguntas.

— Deixe-me ir com você, então — implorei. Tinha uma sensação horrível com toda aquela situação.

Jett sacudiu a cabeça, com veemência.

— Você vai ficar aqui. Depois do que ele fez, não o quero perto de você em lugar nenhum, Brooke.

Umedeci os lábios enquanto avaliava as palavras. Havia tantos furos na história que não conseguia abranger o cenário todo de uma só vez.

— Ele poderia ter me matado, no carro, mas não o fez — segurei os braços de Jett, forçando-o a me ouvir. — O motorista dele foi morto. Ele arranjou uma identidade falsa e dinheiro. Ele não precisava fazer nada disso e é por isso que não acredito.

A julgar pela expressão, Jett não acreditou em mim. Até eu achei difícil, mas os argumentos em minha cabeça continuavam dizendo que Robert Mayfield era inocente. O pensamento de que o pai de Jett não só me odiava, tanto que me queria longe da vida do filho, mas me odiava a ponto de querer me matar era maligno demais para ser verdade. Ele tinha de ser inocente, porque eu não conseguia imaginar alguém tão horrível e cruel.

— Ele ameaçou a vida de sua família e de seus amigos. Isso não é suficiente para você? — perguntou Jett. — Já que não sei o que está acontecendo, você vai ficar aqui e Kenny vai vigiá-la.

Ele também ameaçou sua vida, não tive coragem de acrescentar. Em vez disso, fixei-me nos olhos bonitos de Jett. Meu coração disparou com a ideia de ele ir sozinho.

— Seu pai tem um guarda-costas. Quero que vá Kenny com você.

Alguns momentos de silêncio se passaram.

— Tudo bem — ele suspirou, cedendo. — Mas você vai ficar aqui. Vou pedir para Brian para ficar de olho.

A determinação de sua voz me irritou. Não gostei quando Jett me tratou como se eu não tivesse nada a dizer sobre o assunto.

— Não me trate como se fosse uma borboleta frágil, Jett — cruzei os braços sobre o peito e olhei para ele. — Vou ser mais útil retornando ao apartamento, para descobrir se Sylvie estava certa sobre a caligrafia. Acho que sei onde a carta de Clarkson está. Brian pode me acompanhar.

A raiva cruzou suas feições antes de ele balançar a cabeça.

— Não! — a voz era firme. — Estarei de volta antes do anoitecer e iremos juntos. Primeiro, vou lidar com meu pai, depois, começamos a procurar informações sobre Clarkson.

— Você está se preocupando comigo, quando é você quem está andando por aí, com uma arma — murmurei, secamente.

— Ouvi dizer que as mulheres gostam de um cara que sabe lutar e se defender. — A sugestão de um sorriso apareceu em seus lábios. Jett estava tentando ser engraçado, fingindo que tinha tudo sob controle, mas a expressão cautelosa dos olhos demonstrava seus reais pensamentos.

Ignorei a declaração.

— Não quando ele pretende ferir alguém — meus dedos tocaram suavemente em sua bochecha. — Prometa-me que não vai machucá-lo. Ele é seu pai, você só vai acabar se magoando.

— Não posso fazer essa promessa. Você sabe disso — respondeu. — Mas não vou fazer nada de que possa me arrepender depois.

Ele afastou minha mão e caminhou para apanhar o telefone sobre o aparador, entregando-o para mim.

— Quero que leve isso com você. Se acontecer alguma coisa, ligue para mim. Entendeu?

Ele me beijou no rosto e pegou a jaqueta. Vi-o sair pela porta e fechá-la atrás de si.

— Preferia que você me desse uma arma, e não um telefone celular estúpido — murmurei e coloquei o celular dentro da bolsa.

Era verdade. Jamais imaginei querer carregar uma arma. Na realidade, a ideia de ter uma delas em casa me assustava. Entretanto, depois de ver o que tinha acontecido com Liz e de meu corpo ser submetido à tamanha violência, nunca desejei tanto poder ser capaz de me defender.

Capítulo 28

TODA ESSA ATITUDE DE JETT, tipo “mulher fraca *versus* homem forte”, era uma coisa ridícula. Não queria me sentir inútil, enquanto ele fazia todo o trabalho duro. Se Jett pensava que podia me tratar como uma flor frágil, que precisava ser protegida a todo custo, estava errado. Eu não tinha nenhum plano, intenção ou desejo de ser assim. O pensamento só me deixava irritada. Fraca? Eu podia cuidar de mim. Além disso, ele não era o único que precisava de respostas. Eu também queria me livrar das perguntas irritantes que povoavam minha mente. Queria saber se Sylvie acertara sobre a caligrafia e, talvez, esclarecer o segredo Lucazzone.

Olhando pela janela, eu o vi sair com Kenny, e, em seguida, agarrei minha bolsa. A cozinha estava vazia. Os amigos de Jett, Brian inclusive, estavam reunidos no espaço enorme da sala de estar, no andar abaixo do quarto de Jett. Agradecida a Deus pelos jogos de futebol, acompanhados pelos gritos masculinos habituais, passei furtivamente por eles e já havia chegado ao primeiro andar, quando senti uma mão em meu ombro.

— Aonde você está indo? — Tiffany, a namorada de Brian, perguntou. Avaliando sua camisa azul-turquesa de grandes dimensões e o cabelo preto curto, com listras violeta, implorei para encontrar uma boa mentira.

— Jett quer que eu conheça melhor o carro dele. Você sabe, apreciar e... — gemi em silêncio com a desculpa esfarrapada.

— Legal — ela encolheu os ombros. — Mas você não pode dirigi-lo.

— Sim, foi o que ele disse — revirei os olhos com irritação fingida, ignorando o tom condescendente dela. — Só vou me sentar nele um pouco. Ele é um piloto incrível e parece tão fácil.

— Não é! — Os lábios dela se curvaram em um sorriso falso, que desapareceu um segundo depois. — As chaves estão no vestiário, em uma caixa na parede. Divirta-se!

Ela se virou e foi embora. Estávamos ali há alguns dias, e ainda não entendia qual era seu problema. Desci as escadas, passei pelas câmeras de segurança e fui para fora.

Os edifícios pareciam mais ameaçadores do que nunca, talvez porque fosse um dia nublado, prometendo uma noite chuvosa.

Atravessei o pátio e cheguei ao portão. O guarda estranhou, mas não fez nenhum comentário, enquanto caminhei para cruzar os portões e chamar um táxi na rua.

Durante o trajeto até o apartamento de Sylvie, não conseguia mais ignorar tantos pensamentos. Havia muitas pontas soltas, em especial na parte em que Alessandro Lucazzone trabalhava em conjunto com Robert Mayfield. Se não conseguisse as respostas, nunca encontraria paz. O medo continuaria a me consumir. Não poderia passar minha vida escondida. Sentia falta do trabalho, de fazer compras, de meus encontros com Sylvie para o café e, o mais importante, queria uma vida normal com Jett, para que pudesse me preparar para a maternidade.

Por fim, subi ao apartamento e entrei. Ele estava tranquilo, o ar cheirava ao perfume e à imagem de Sylvie. Tantas lembranças felizes...

Lutando contra a súbita onda de nostalgia, tirei os sapatos e caminhei descalça para meu antigo quarto. Tudo estava arrumado, a cama feita. Assim como havia deixado quando passei a morar com Jett. Fui até minha mesa e comecei a procurar na pilha de correspondências que Sylvie guardara para mim. Havia um monte delas. Levei um tempo para encontrar a carta de Clarkson.

Olhei para a escrita à moda antiga. O “B” e o “S” estavam curvados, como se ele fosse especialista em caligrafia. Havia pouca dúvida de que o proprietário do livro era a mesma pessoa que tinha escrito meu nome e o endereço no envelope.

Dei um salto ao ouvir um estalo no corredor e passos ecoando no chão de madeira.

— Sylvie? — Pressionei a carta contra o peito e olhei para fora da porta. — Não esperava você em casa tão cedo. Kenny disse...

Parei de falar quando olhei para um rosto que nunca esperei ver por ali. Diante de mim, de pé e perto da grande estante de Sylvie, estava Nate, com as mãos enterradas nos bolsos.

— O que você está fazendo aqui? Como conseguiu entrar? — fui incapaz de esconder o choque. Por alguma razão, pensei que tinha de haver uma explicação perfeitamente razoável.

— A porta estava aberta — ele apontou para trás de si.

— Você está procurando Jett? Ele não está aqui, mas posso chamá-lo.

— Não há necessidade — Nate sorriu. — Estava esperando por você.

O sorriso estranho em seu rosto fez meu coração bater, frenético.

— Por quê? — sussurrei.

O apartamento pareceu pequeno, o ar muito pesado para respirar.

— Sabia que você viria. — Ele deu passos lentos, andando para frente, os olhos azuis a me examinar.

Recuei para trás.

— Você não respondeu à minha pergunta. Por que está aqui?

Estava sem entender algo, mas não conseguia identificar o que era.

— Oh, Brooke! — Ele riu e o som enviou um arrepio até minha espinha. — Já respondi à pergunta. Você não estava me ouvindo? — O tom de voz era de desprezo. — Eu disse que estava esperando por você, que fugiu de mim da última vez. Então, não tive escolha, a não ser esperar por você. Afinal, paguei um monte de dinheiro para tê-la. Seu comportamento não me agradou, mas estou disposto a deixar passar essa sua indiscrição.

Que indiscrição?

Meu corpo congelou e o peito começou a apertar de medo. Os alarmes soavam em minha cabeça.

— Você...

Engasguei com a própria respiração. O pensamento era horrível. Não podia ser verdade. Eu não conseguia nem falar em voz alta. Ele acenou com a cabeça, para me encorajar, os olhos brilhando com o reconhecimento e o prazer. Olhei para seu sorriso, pensando em quanto ele parecia desfrutar o momento em que revelava sua identidade.

Quando Danny alegara que um homem tinha pago por mim, imaginei que fosse um cara mais velho. Nunca pensei em alguém como o irmão atraente de Jett. Claramente, ele era um sociopata, charmoso e simpático do lado de fora, doente e deturpado em sua essência.

— Você é Dante? — não era bem uma pergunta, e sim uma afirmação. Com a voz trêmula, minha garganta estava tão apertada que me sentia sendo estrangulada.

— Sim, sou Dante.

Seus olhos brilharam com orgulho, como se o nome tivesse um significado especial. E tinha, em algum lugar no fundo de minha alma; meu medo paralisante, porém, não me deixava compreender isso.

— Você trabalha para o clube e para a instituição beneficente? — Estava incrédula. Nas raras ocasiões em que nos encontramos, ele sempre foi amigável, até atencioso. Havia afirmado ser bastante próximo de Jett. Tinha de ser um mal-entendido...

— Trabalhar? Não. — Nate balançou a cabeça, lentamente. — Eu *dirijo* o clube. Acho que há uma diferença, Brooke. Clarkson convenceu Lucazzone a deixar tudo para a instituição beneficente, e ela *sou eu*.

Minha boca ficou seca. A pessoa de quem vinha fugindo estava entre nós o tempo todo.

— Você parece surpresa — continuou Nate. — Não acha que eu seria capaz de um esquema assim, tão grande? — A expressão dos olhos mudou de orgulho para diversão, e de volta para orgulho. — Meu irmão anda tão cego de amor por você, que até me disse onde estava hospedada.

— O que você quer de mim? — perguntei. Esperava que fosse o livro, mas de alguma maneira sabia que não tinha arranjado todo o esquema para me raptar por causa disso.

— Você sabe a resposta, Brooke. No fundo, sabe. — Ele deu mais um passo para frente e estancou, como se tivesse todo o tempo do mundo. — A propriedade. Você. A empresa. Todas as coisas que trabalhei duro para conseguir. Todas as coisas que mereço. Estou aqui para levar tudo isso.

Ele puxou uma faca de caça.

Ia me matar.

A compreensão me atingiu, com força. Precisava protelar aquilo, até encontrar uma saída.

— Não entendo... — Dei mais um passo para trás e minhas costas encontraram uma parede. A sala ficava à direita. Minha última chance.

Virando-me, corri para passar por Nate, na esperança de poder me trancar dentro dela e de abrir a janela, para pedir ajuda. Não tinha chegado à porta quando ele me jogou no chão e, virando-me, fechou os dedos ao redor da minha garganta.

— Ainda não terminamos. — O aperto era tão forte que pensei que desmaiaria. Minhas mãos voaram para cima, para afastá-lo de mim, enquanto meus olhos se encheram de lágrimas, por causa da falta de ar. Seu rosto se aproximou até que pude sentir sua respiração em meus lábios.

— Desde o início, você não era nada, senão um peso em meus grandes planos, Brooke. Você morre. E fico com tudo. Simples assim — disse. — Aposto que isso você não anteviu...

As mãos soltaram minha garganta. Levantei-me de joelhos, ofegando por ar, ignorando as dores em minha caixa torácica. Quer dizer, então, que a perseguição de carro na Itália não havia sido pelo livro, os perseguidores queriam era me matar. Nate me arremessou de costas e segurou a faca contra minha garganta. Novas lágrimas começaram a escorrer por meu rosto, não por medo, mas por choque.

— Vamos, garota, não chore. Todos esses anos, Alessandro tinha a opção de passar a propriedade para mim — começou. — Mas não parava de procurar por um herdeiro, deixando-me sem escolha, senão enganá-lo e a todos os outros. Assim, comprei a instituição beneficente favorita de sua falecida esposa e me certifiquei de que Clarkson colocasse uma cláusula para que, se antes de você assinar os papéis da herança algo lhe acontecesse, tudo iria para a ETNAD. Em seguida, depois que ele assinou o testamento, Lucazzone morreu. — ele me olhou com atenção, inclinando a cabeça. — Isso foi há algumas semanas, bem antes de eu convencer Jett a se encontrar com você, para discutir uma possível parceria.

Neguei com a cabeça. Não era possível. Embora soubesse que o testamento fora elaborado antes de meu encontro com Jett, Alessandro não havia morrido. Assim, a cronologia estava errada.

— Não acredito em você — disse. — Encontrei-me com Alessandro algumas semanas atrás. Ele está em coma, mas vivo.

— Clarkson trabalha para mim, Brooke. — Nate replicou, falando com naturalidade, como se aquilo fosse uma resposta para todas as perguntas. — O velho que você conheceu era um ator que contratei. Por que outra razão você acha que a enfermeira nunca deixou vocês dois conversarem, em particular? Ele era um pouco senil e tínhamos de ter certeza que ele não cometeria um erro, revelando demais — Nate riu e brincou com a faca, pressionada contra minha garganta, animado com a própria loucura.

— Você e Jett foram um jogoete, desde o começo. Acha mesmo que foi o destino? — perguntou. — Montei o encontro entre vocês dois. Fui eu que escolhi o bar. Como sua nova assistente, você deveria viajar para a Itália, encontrar-se com o velho e nunca mais voltar viva. O que não imaginei foi que Jett se apaixonaria e descobriria que havia algo de errado com o imóvel, mas você me fez um favor, Brooke. Faz sentido que meu irmão possa atirar em você em uma crise de ciúmes e depois se mate, incapaz de viver com a culpa.

— Ele jamais faria isso — sussurrei.

— Você está certa. No entanto, com minha ajuda, ele vai fazer. — Os olhos azuis de Nate brilhavam. Percebi que estava louco. Literalmente. Um psicopata. — O ciúme pode ser um motivo tão forte... E todos sabem que Jett é um homem apaixonado. É um bom plano, não é? E, quando isso acontecer, receberei as ações da empresa que estão com ele, também.

Meu coração pulava no peito, o desespero tomava conta de mim ao encarar os olhos duros e frios de Nate, os olhos de um assassino.

— Por favor — sussurrei. — Você está falando de seu irmão. Não se importa com sua família?

— Lamento que as coisas tenham de acabar assim — respondeu. — Mas os negócios estão sempre em primeiro lugar e cada um luta por si.

— Solte-a, Nate! — Uma voz familiar veio da porta. Nate aliviou bastante a pressão na faca e, quando segui a linha de sua visão, surpreendi-me com o pai de Jett apontando uma arma para nós. — Então era você, o tempo todo? Como pôde me trair, Nate?

— Pai?

— Afaste-se dela e solte a faca! — Robert acenou com a arma. — Vou lhe dizer apenas mais uma vez, Nate. Deixe-a ir.

Nate deu um passo para trás e a faca caiu no chão. Arrastei-me até a porta da sala, colocando-me a uma distância segura. Nate parecia congelado, claramente processando a descoberta de que o pai ainda estava vivo. Alguns segundos se passaram. Robert falou primeiro.

— Criei você como meu filho — disse Robert, aproximando-se. — E é assim que você me retribui? Depois de tudo o que fiz por você?

Olhei para a cena, confusa. Nate não era seu filho biológico? E quanto a Jett?

— Quem era o cara que vi no necrotério? — perguntou Nate, acusador. Sua voz estava tingida com uma pitada de raiva.

— Um cara que já estava morto, quando o pegamos — respondeu Robert.

Nate permaneceu em silêncio, enquanto olhava para o pai. Os olhos dele se moviam do pai para a faca, no chão. Em seguida, perguntou:

— Por que você forjou a própria morte?

— Quando lhe contei, há anos, sobre o clube, fiz isso para protegê-lo de sua má influência. Mas você se juntou a ele, em silêncio, e me chantageou, por todos esses anos — Robert balançou a cabeça. — Pensei que podia confiar em você, e tudo o que fez foi me apunhalar pelas costas.

— Não tive escolha, pai — disse Nate, devagar. — Fui vítima de chantagem, também.

Robert riu, com amargura.

— Mentira! Você esteve agindo por trás, manipulando a todos. Quando enviei o dinheiro a Clarkson, já suspeitava que você fosse o destinatário real, mas não tinha certeza. Tudo o que sabia era que devia ser um membro relativamente novo, alguém que me conhecia e que estava me observando, a cada passo. Quando Clarence Holton me disse que você era o novo líder do clube e estava interessado na propriedade de Brooke, nem pude acreditar. Precisava ver por mim mesmo que aquele que criei como meu próprio filho pudesse fazer isso — ele fez uma pausa. — Então, levei todos a acreditar que estava morto, enquanto tentava manter Brooke segura e conseguir o livro. Era a única maneira de descobrir a identidade de meu chantagista.

— Por que o livro? — perguntei.

Os olhos de Robert Mayfield se estreitaram em mim.

— Os números são combinações de caixas postais, com vídeos feitos durante várias... — hesitou — ... reuniões do clube. Imaginei que o chantagista apareceria em um deles — sua atenção retornou para Nate. — Tinha certeza de que se olhasse com cuidado, encontraria a prova de que você estava chantageando os membros do clube, todo o tempo. Não que precise disso, agora. Sua presença aqui é uma prova suficiente de que traiu a confiança que depositava em você quando lhe contei sobre o clube. Fiquei observando o apartamento por dias, porque sabia que se Brooke aparecesse nele, você também o faria. — Ele balançou a cabeça, o rosto como uma mistura de raiva e tristeza. — Estou profundamente envergonhado de você, Nate. Do que você tem feito para o clube. No que ele se tornou.

— Sinto muito, papai — O jeito de Nate falar mudou. Seu rosto parecia culpado, a voz cheia de tristeza quando deu um passo adiante, com as mãos estendidas. — Se soubesse que era uma decepção para você, teria mudado há muito tempo.

Ele era um ator e a súbita compreensão me assustou, mais do que qualquer coisa. Em câmera lenta, assisti Nate puxar uma arma.

— Não! — gritei, tarde demais. Um tiro abafado ecoou nas paredes. Robert caiu no chão e o sangue começou a jorrar de seu peito.

— Por que não admite que está com ciúmes, pai? Que nunca poderia conseguir o que consegui?

Nate pegou a arma do pai, os olhos fixos no homem caído, enquanto a colocava no coldre, preso às costas. Ajoelhei-me ao lado de Robert e pressionei as mãos contra seu peito, para parar o

fluxo de sangue.

— O que você fez? — gritei para Nate. O sangue começou a se espalhar com mais rapidez, manchando minhas mãos, nossas roupas e o piso.

— Esse desfecho já deveria ter acontecido — ele disse. — E é tudo culpa sua. Se não tivesse fugido, meu plano sairia da maneira planejada.

— Precisamos ajudá-lo, Nate — implorei. — Por favor, chame uma ambulância ou ele vai sangrar até a morte.

— Não me importo. Ele nem é meu pai...

Fiquei boquiaberta, olhando para ele, em choque.

— Como pode dizer isso?

— É a verdade — ele deu de ombros e verificou a arma. — Anos atrás, abri o cofre dele, porque precisava de dinheiro e ele não me daria. Foi quando encontrei minha certidão de nascimento. Ele me tirou de meus pais verdadeiros. Ninguém me perguntou se queria ser criado por ele.

— Tirei você de um orfanato, Nate — Robert gemeu. — Seus pais o abandonaram. — Seu rosto estava distorcido pela dor.

— Você está mentindo — Nate levantou a arma, de novo. — Você é uma porra de um mentiroso!

Ele voltou para junto do pai, as sobrancelhas franzidas de raiva. Ali, pude entender por que Jett via o pai daquela maneira. Como uma pessoa instável. Competitiva. Sem coração e, às vezes, cruel. Prestes a morrer, Robert preferia contar a verdade brutal, em vez de fazer as pazes.

— Você era um órfão, Nate. Sua mãe o abandonou na sarjeta quando tinha três dias de vida.

Ainda que fosse uma pobre desculpa por suas ações, por alguma razão, compreendi a dor que Nate devia ter sentido por tantos anos, após descobrir que não pertencia a lugar nenhum. O passado que vivera era baseado em uma mentira.

— Se isso fosse verdade, você não teria pago um centavo — Nate rosnava. — O fato de que pude chantageá-lo nesses anos só mostra que você é culpado de me roubar de meus pais verdadeiros.

— Nate — Robert engasgava com a respiração, com o rosto contorcido. — Eu construí uma empresa. E não queria ter de lidar com um escândalo ou má publicidade. Tudo o que fiz foi para que você e Jett pudessem ter um futuro despreocupado. Pagar-lhe milhões para você acreditar que era meu próprio filho, e que tinha um pai, foi um preço baixo. Isso não muda o fato de que você foi abandonado por sua mãe...

— Eu odeio você! — Nate gritou, segurando a arma na cabeça de Robert. — E não me importo com nada do que você diz. Vou matar os dois.

Ele falava sério.

Meu olhar varreu a sala, procurando alguma coisa que pudesse usar como arma. Qualquer objeto que impedisse um psicopata de atirar. Eu só precisava de uma distração.

O barulho de vozes e de passos do lado de fora me fez estremecer e Nate virou o rosto. Aproveitei a oportunidade. Agarrei o vaso que pousava na mesa lateral e o esmaguei na parte de trás de sua cabeça. Ele oscilou e a arma caiu no chão. Lancei-me sobre ela e logo a apontei para ele. Minhas mãos tremiam demais, porque sabia que Nate tinha outra arma enfiada no coldre.

— Nem pense em puxá-la para fora — murmurei. — Ou vou disparar.

Nate riu, sem se perturbar, e deu um passo para frente.

— Olhe o jeito que ela segura a arma. Você não consegue atirar...

Levantei o revólver.

— Juro que vou fazer isso.

Ele mergulhou em cima de mim. Puxei o gatilho e errei.

Merda!

A porta se abriu, de repente, e da periferia de minha visão, observei Jett e alguns caras correndo para dentro e Nate se virando, os braços levantados, uma expressão de horror no rosto.

— Graças a Deus você está aqui, Jett! — Nate gritou, olhando nervoso para a arma nas mãos de Brian. — Ela atirou em nosso pai. Ela está envolvida nessa merda toda e, agora, tentou me matar.

Fiquei boquiaberta, as palavras me falhavam.

Ina-cre-di-tá-vel!

O cara não era apenas um bom ator, era um mentiroso nato.

Jett puxou a arma e a apontou para Nate.

— Não acredito que minha namorada possa fazer isso.

Em câmera lenta, observei Nate pegar a arma no coldre e Jett reagir. Um instante depois, um tiro abafado ressoava nas paredes e Nate caía no chão, o sangue escorria de sua perna, seu rosto era uma máscara de dor agonizante.

Não fazia ideia de que Jett atirava tão bem. Brian e outro sujeito ergueram e arrastaram Nate para fora. Minha mente estava em outro lugar.

As mãos de Jett em cima de mim, inspecionavam meu corpo, procurando possíveis ferimentos.

— Você está ferida?

— Não, mas ele está. — Apontei para Robert, em meio a uma poça de sangue, ainda consciente. O cheiro era insuportável e eu não conseguia parar de tremer. — Nate atirou nele, enquanto seu pai tentava me proteger. Precisamos ajudá-lo.

— Merda! — Jett murmurou, ajoelhando-se ao lado de Robert, enquanto tirava o celular do bolso e ligava para Sam.

No momento em que uma ambulância particular chegou, estava uma pilha de nervos. De nada ajudou ver o rosto angustiado de Jett quando trocou algumas palavras com o pai.

— O que ele disse? — perguntei, após a ambulância partir.

— Ele me contou onde encontrar as caixas postais com os vídeos. Foi só o que disse — respondeu Jett. — Mal conseguia falar.

— Oh, Deus! — Enterrei o rosto no peito de Jett. — Espero que ele consiga...

Jett não respondeu. O silêncio estava pesado quando nos dirigimos ao hospital de Sam.

— Como você me encontrou?

Tínhamos ficado na sala de espera por duas horas, até Sam confirmar que o pai de Jett tinha passado a fase crítica, após a cirurgia. Evitar o assunto era mais fácil do que olhar para os fatos. Do que admitir que Jonathan Mayfield tivesse enganado Jett o tempo todo e que Robert Mayfield poderia morrer por causa da ganância do filho adotivo.

— Seu celular — Jett sorriu, com suavidade. — Além disso, você é teimosa, e concluí que não ia me ouvir. Não foi uma suposição difícil.

— O que fez você vir me procurar? Você disse que não estaria de volta antes do anoitecer.

— Kenny descobriu que Clarence Holton também havia transferido os cinquenta milhões para Clarkson. Meu próximo palpite foi que alguém os devia estar chantageando, e que não era meu pai. — seus olhos me fitaram, o que, por um momento, tirou meu fôlego. — Então, Brian me ligou para dizer que sua namorada a vira saindo e eu vim.

— Estou feliz que tenha vindo — sussurrei, recusando-me a pensar no que poderia ter acontecido, caso fosse de outra maneira.

Os ombros dele caíram.

— Nunca esperei isso de meu irmão.

— Foi o que seu pai disse, também — Coloquei a cabeça em seu ombro e recapitulei os acontecimentos, desde o início. — O que você vai fazer com Nate? — perguntei, assim que terminei de contar tudo.

— Vou encontrar os vídeos e entregá-los às autoridades, e deixar que decidam. Ele merece tudo o que está por vir.

Sentei-me melhor, para observar Jett nos olhos.

— E seu pai?

Ele não poderia revelar o envolvimento do pai no clube, sem o risco de colapso na Mayfield Realities. E não deixaria tantas pessoas perderem seus empregos.

— Não sei — Jett respondeu, derrotado —, mas tenho certeza de que vamos pensar em alguma coisa, Brooke.

Capítulo 29

AS NOTÍCIAS SOBRE A ETNAD e o clube de elite estamparam as manchetes dos jornais em uma segunda-feira, pouco mais de uma semana após o pai de Jett ser baleado. Alguém alertara as autoridades e, a partir daí, as investigações não paravam de pipocar nos Estados Unidos, e até na Europa. Novos nomes eram revelados, dia a dia, incluindo o de Nate.

Eu estava em pé na cozinha de Jett — nossa cozinha — fazendo uma grande jarra de café, para atravessar as movimentadas horas que teríamos pela frente. Era início da noite, logo após o entardecer, o Sol tinha acabado de desaparecer atrás da cortina espessa de nuvens de chuva que pairava sobre Nova York nos últimos dias. Havíamos chegado de volta do escritório e jantado em um restaurante nas proximidades, Jett ainda estava no chuveiro. Assim, estava sozinha com o café e meus pensamentos quando me sentei no sofá, com as pernas cruzadas; espalhei o jornal em volta. Tinha passado pelos artigos incontáveis vezes, mas, por algum motivo, continuava voltando, incapaz de compreender o fato de que meu pesadelo afinal tinha se encerrado. O fato de Nate ter estado envolvido em tudo, durante tantos anos, ainda me chocava. Jett se recusava a falar sobre isso, como se o nome do irmão não valesse a pena ser mencionado.

Robert Mayfield foi citado na seção de negócios, o homem que supostamente tinha se envolvido em uma explosão arrepiante, só para voltar dos mortos. O buraco de bala em seu peito permanecia um segredo bem guardado. Tínhamos feito uma visita ao hospital, no dia anterior. Apesar de os médicos o manterem em coma induzido há dias, queria vê-lo. Sabendo que ele tinha tentado nos proteger — ainda que de uma maneira um pouco estranha — o encontro tinha sido diferente. E, embora soubesse que provavelmente nunca nos encontraríamos no dia da Ação de Graças ou no jantar de Natal, planejava conhecer o verdadeiro Robert Mayfield assim que sua saúde estivesse recuperada, tanto pelo bem de Jett como do bebê.

Com a ajuda de Kenny, o dinheiro desaparecido seria devolvido às contas bancárias da companhia, e Jett poderia finalmente se concentrar em lançar a própria empresa, ponto em que todo o café e meu apoio incondicional entravam. Eu não apenas o amava, estava orgulhosa dele e de suas realizações e veria seu sonho realizado, não importa o sacrifício que fosse. Mesmo que isso envolvesse trabalho no escritório, durante o dia, e ajuda com o lançamento do negócio, à noite.

— Quer encerrar o dia, querida? — disse Jett, surgindo na porta.

— Ainda há muito a fazer. — Empurrei uma xícara de café fumegante nas mãos dele, maravilhada com a perfeição do peito largo e os olhos elétricos que refletiam a luz em um milhão de tons de verde.

— Talvez queira se envolver com outra coisa, por um tempo... — Ele depositou a xícara sobre a mesa e me puxou contra seu corpo firme, a boca se enterrando em meu cabelo, em minha nuca. Para cheirar, beijar, morder, não fazia ideia. No entanto, o trabalho estava esperando e podia sentir que Jett estava prestes a deixá-lo para depois.

Em câmera lenta Jett começou a desabotoar meu vestido. Afastei suas mãos antes que ele pudesse arrancar meu sutiã.

— Desculpe-me, Mayfield, mas se quiser encerrar o dia, vou ter de insistir para você usar as restantes vinte e tantas horas de sua vitória agora, porque não vou lhe dar mais nada de graça — aponte para a parte da frente do vestido. — A não ser, é claro... Que desista de sua vitória e me deixe ficar no comando, de uma vez por todas.

— Não há nenhuma maneira de eu desistir, senhorita Stewart. — Ele tirou um molho de chaves do bolso e balançou na frente de meu rosto. — Brian mudou as placas do carro para nossa pequena viagem.

Oh, Deus.

— Nós não vamos correr para lugar nenhum — respondi, petrificada com o pensamento de Jett atrás de um volante.

Seus olhos brilharam.

— É por isso que pensei que *você* pode querer dirigi-la.

Tinha esquecido a parte em que ele continuava chamando seu carro de *ela*, em favor do fato de que Jett estava me deixando dirigir aquela belezura. Nunca tinha dirigido nada tão caro e brilhante. Estava quase babando com o pensamento.

Sorrindo, peguei as chaves antes que ele mudasse de ideia.

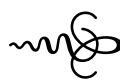
— Agora sim, estamos conversando. Como poderia resistir a dar uma volta em seu bebê?

— Espero que esse não vá ser meu único passeio desta noite... — Ele piscou, para o caso de eu não ter captado as conotações sexuais.

O calor queimou meu rosto. Ele *tinha* de ser tão direto?

— Depende — inclinei a cabeça em uma confusão simulada. — Para onde vamos?

— De volta aos Hamptons — disse Jett, divertido. — Esqueci minha mochila...



Era um pouco depois das oito horas da noite quando chegamos à casa de Kim Dessen. Com a luz da Lua lançando um brilho misterioso, ampliando suas grandes janelas e a passagem de carros estreita e forrada com roseiras, que levava direto para a praia particular, a construção parecia mais bonita do que me lembrava. Jett abriu a porta e desligou o alarme, mas não acendeu as luzes.

Subimos as escadas, passando por várias portas e entramos em um quarto escuro. Jett apertou um botão e toda a piscina foi iluminada em suaves tons de azul e verde, a luz subaquática saltava pelas paredes escuras, parecendo a única fonte de luz. Engasguei com a magnificência e o tamanho do lugar. No lado oeste, estavam as salas de estar e um bar. A piscina tinha um enorme lado alongado e outro menor, circular. Em frente, havia um aparelho de TV de plasma, pendurado na parede.

— Uau — girei em um círculo lento. — Este lugar é celestial.

E tranquilo. Muito mais surpreendente do que qualquer piscina coberta ou spa que já tivesse visto. Assisti à água mudar de cor, imersa nas cintilantes luzes subaquáticas.

— Amo isso. Amo de montão — fui incapaz de conter o entusiasmo.

— Pronta para um mergulho na piscina? Ou devemos experimentar o cinema? — Na escuridão, meu olhar procurou Jett e o encontrou em pé, nos degraus da piscina. Tinha tirado os sapatos e seus pés estavam na água, os olhos me convidando a chegar mais perto.

— Você está me dando escolha? — perguntei, fingindo surpresa.

— Foi só uma pergunta do que você quer fazer primeiro, porque faremos as duas coisas — ele sorriu, revelando as duas covinhas mais lindas do mundo. — Temos uma longa noite pela frente, durante a qual pretendo levar seus limites ao máximo e ver o que lhe faz sair do sério. Ou guinchar... Vou descobrir todos os seus locais secretos.

— Meus locais secretos não são mais tão secretos — respondi.

— Tenho certeza de que você mantém um ou dois escondidos — ele me deu um sorriso que fez o coração afundar no peito. — E sei uma ou duas coisas que você ainda desconhece sobre si mesma.

Lentamente, começou a tirar a roupa. A calça jeans. A camisa. A roupa de baixo. As luzes da piscina banharam sua pele com um brilho suave e as sombras não faziam nada para esconder sua perfeição.

Eu me vi sorrindo quando ele entrou na água, nu. Poderia ter ficado paralisada no local, observando-o, por horas.

— Entre, Brooke — disse Jett, lentamente.

— Não deveríamos tomar um banho primeiro?

— Você tem razão — ele saiu da água e veio em minha direção.

Pensei que me mostraria o caminho para o banheiro, em vez disso, levantou-me nos braços e andou de volta para a piscina.

Pairando em seus braços acima da superfície da água, gritei e lutei contra seu aperto de ferro, quando uma sensação de frio e umidade se infiltrou pelo tecido de meu vestido, chegando a molhar minha bunda. Estava frio. Não, apague isso. A água estava tão fria que achei ter visto cubos de gelo flutuando ao redor. Um instante depois, os braços de Jett desapareceram e mergulhei na água, o frio se espalhando pelos membros.

— Sério que você fez isso? Odeio quando as pessoas fazem isso — disse, no momento em que saí na superfície da água e limpei os olhos, com o rosto todo manchado pela maquiagem, é claro. Meu vestido estava encharcado e flutuava como um halo, porque o tecido fino era tão leve que não ficava debaixo d'água. Jett ria. Não. Ele gargalhava com histeria.

— Pare de rir como uma hiena — e joguei água nele.

— Sinto muito — sorriu, com timidez.

— Não, você não sente.

Tentei nadar para a borda, quando ele agarrou minha cintura e me puxou contra seu corpo nu.

— Você fica mais bonita quando está com raiva, Brooke.

— Não estou com raiva — respondi, incapaz de impedir o bater dos dentes. — Está frio de congelar.

— Você vai ficar mais quente, assim que sair desse vestido.

Jett não esperou pela resposta. Em poucos segundos, suas mãos hábeis tinham aberto o zíper e puxado o vestido para baixo de meu corpo que tremia, jogando-o na borda da piscina, em seguida.

— Melhor? — perguntou. Havia uma faísca de malícia nos olhos. Ele ainda estava sorrindo. Fiz uma careta quando o vi desaparecer sob a superfície da água. Ele ia tirar meus sapatos?

— Não, ainda estou com frio.

Duvidei que Jett tivesse me ouvido. Olhando para baixo, vi-o mergulhando. O corpo nu brilhava debaixo d'água, vindo direto para mim. Como um peixe. Ou era para ser um tubarão?

Oh, Deus.

Ele não ousaria, não é?

Sim, ousou.

Ele agarrou meu pé esquerdo e me puxou para debaixo d'água, até que meu rosto ficasse no nível do dele. Meus olhos estavam abertos quando ele me puxou e beijou, os lábios pressionando minha boca. Por um momento, quase me esqueci de que estávamos submersos. Era uma sensação de liberdade. Era perfeito, tanto que as palavras me falharam.

Ele me soltou e, juntos, subimos à superfície.

— Sempre quis fazer algo assim — disse Jett, rindo. Seu cabelo parecia uma bagunça sexy.

— Você tem coragem, Jett. Puxando-me assim... — Eu tinha adorado, mas não estava pronta para admitir isso, porque ainda estava tremendo.

— Não está frio.

Ele estava certo. Não estava *aquela* frio.

Estava gelado, muito gelado, tanto que quase não podia mais sentir as pernas.

— Você sabe que estou congelando — retruquei — e beijar foi sua solução para nos manter aquecidos?

Ele deu de ombros.

— Você sempre consegue me aquecer. Quer tentar de novo?

— Não! — sacudi a cabeça e o impedi, antes que mergulhasse de novo. — Nem pense nisso. Não quero ficar com hipotermia.

— Você não vai ficar — disse ele. — Basta ficar em movimento.

Inclinei a cabeça.

— Fácil para você, dizer. Você é homem. Não sente o frio como eu.

— Tem razão, Brooke. Porque vê-la nua sempre me eleva a temperatura em alguns graus — os cantos de seus lábios tremeram com um sorriso.

Franzi a testa e, de repente, vi a conexão.

— É por isso que você me pediu para tirar o vestido?

— Não tenho certeza. Pensei que ia ajudar — ergueu a mão em um gesto inocente. — Só estou dizendo que isso excitaria um homem. Com certeza, excita-me ver seus peitinhos ficarem empinados.

— Olhe aqui, Tarzan — coloquei um dedo no peito dele, incapaz de continuar chateada —, nada de mais acrobacias engraçadas! — A água mal chegava em meu queixo. Esfreguei os braços para lhes infundir um pouco de calor. Não ajudou em nada.

— Vai ficar mais quente, prometo — disse Jett. — Aguarde alguns minutos até que a piscina se aqueça.

Ele passou os braços em volta e me puxou contra seu peito.

A água quente começou a pulsar, de todas as direções. Os nós de meus músculos começaram a aliviar e me senti mais relaxada, a cada minuto. As luzes subaquáticas mudaram de azul para um verde fluorescente escuro e cintilante, lindo como a cor de esmeralda. Apenas alguns tons mais claros do que os olhos de Jett.

— Você já fez isso antes? — perguntei.

Jett me lançou um olhar intrigado.

— O quê?

— Arrombar e invadir.

— Não estou exatamente arrombando.

— É verdade. Você tem uma chave, tanto hoje como na ocasião anterior — usei a expressão mais séria que consegui reunir. — Destrancar e invadir, então?

— A única coisa que preciso destrancar aqui é você — Jett riu alto. — Honestamente, é a primeira vez, mas você deve admitir que Kim possui uma boa casa — Ele nadou em círculos e me puxou para perto, de novo. Envolvi minhas pernas em torno de sua cintura, sabendo muito bem que ele não poderia resistir. — Devíamos fazer isso mais vezes — sussurrou Jett. — Visitar as propriedades, verificar se estão bem conservadas. Destrancar todos os lugares que tivermos de ver.

Ele não estava falando de casas.

Jett agarrou minha bunda e olhei em seus olhos. Estavam brilhando, cheios de malícia. Cheios de esperanças e promessas.

Com minhas pernas em volta dele, fui carregada. Não me debati nem lutei. Mesmo que tentasse, não seria forte o bastante para empurrá-lo e nadar para longe.

— Para onde vamos? — perguntei.

— O meio está aquecido — respondeu ele.

Toda piscina já está aquecida, quis retrucar.

— Você sabe que não resisto vê-la molhada — ele me deu um olhar sacana e me lembrei de que éramos intrusos.

— Não acredito que você pulou nu na piscina. E se alguém nos pegar?

Ele riu de minha expressão mortificada.

— E daí? Vale a pena o esforço. Vale tudo quando você está comigo.

Não correr riscos é muito mais arriscado.

Paramos em um lado da piscina, logo abaixo da estátua de uma deusa grega que se elevava sobre nós. A água ali estava mais quente.

— Pronta? — Jett piscou e pressionou a palma da mão contra o que parecia ser um azulejo branco comum. No mesmo instante, a água quente começou a disparar a partir de pequenas aberturas, deslocando-se em torno de minhas coxas e na parte inferior das costas, em uma espiral acelerada. Já havia estado em uma jacuzzi antes, mas aquela era diferente, porque as bolhas não atingiam a superfície. Meus braços passaram ao redor do pescoço de Jett e seus olhos encontraram os meus com tanta intensidade que me tiraram o fôlego.

As luzes da piscina começaram a mudar, tornando-se mais e mais escuras, até que a superfície da água ficou quase negra e as luzes subaquáticas brilharam como estrelas no céu noturno. Sentime como se estivéssemos flutuando em uma galáxia, em meio às estrelas. Um minuto se passou, e depois outro, e as luzes mudaram para verde outra vez.

Era fora do comum. Nada parecido com o que conhecia.

Aquilo tudo era tão assombrosamente belo que queria tirar uma foto para pendurar na parede de meu escritório. Na serenidade do instante, rocei meus dedos ao longo de sua mandíbula, rezando para que pudesse congelar o tempo e manter a cena para a eternidade.

— É incrível — disse. — Quero capturar esse nosso momento e valorizá-lo para sempre.

— Não há necessidade. Nosso futuro reservamuitos outros. — Ele traçou os contornos de meus lábios, enviando-me um formigamento ao pescoço e, depois, diretamente ao meu coração. — Você não é apenas uma garota para mim. Você é a única que me importa e não tenho a menor intenção de deixá-la partir, porque cada momento com você é um pouco mais do que incrível.

— Você está mentindo... — Ainda que sentisse vontade de chorar, ri, pois as palavras descreviam a maneira como me sentia em relação a ele.

Os magníficos olhos verdes se fixaram em mim e me tiraram o fôlego.

— Por que faria isso? Não tenho planos de lhe dar nada menos do que você merece, e você merece o mundo — sussurrou. — Queria ter lhe conhecido antes.

Não respondi. Eu não podia fazer isso, porque meu coração estava fazendo piruetas e minha mente estava girando.

— Mesmo sabendo que poderia ter afastado você? Ou engravidado? — perguntei, por fim.

— Especialmente por causa disso. Adoro um desafio e você fornece um monte deles — sussurrou Jett. — Sabemos que você terminou comigo porque adora ser perseguida. E ficou grávida porque queria ter um bebê meu.

Dei um tapa em seu braço.

— Você é que não consegue se manter dentro das calças e *essa* é a razão — devolvi o sorriso.

Apesar da tranquilidade atual, a vida vinha crescendo em mim e era um lembrete de que nosso futuro traria muitos desafios.

— Tenho tanto medo de ficar enorme e feia como uma morsa.

— O quê? — Jett riu. — Você nunca vai ficar feia.

— Como você sabe? — sussurrei. — Em poucas semanas, vou ficar inchada e do tamanho de um balão.

— Eu sei — respondeu ele. — Toda vez que me disser que seu cabelo está bagunçado e quanto odeia isso, vou achar que você é a mais bela. Não posso esperar para ver sua barriga crescer, sabendo que nosso bebê é parte de você e de mim, nossas melhores qualidades fundidas em um ser, e não há nada de horrível nisso — ele sorriu. — Não posso prometer que carregar essa criança vai ser fácil, mas posso prometer que vou carregar você quando precisar de mim. Vou apoiá-la até o fim.

Inclinei a cabeça em seu ombro e ele passou o braço em volta de mim, aproximando-se. No silêncio do ambiente e da água, a presença de Jett era avassaladora. Ele estava em toda parte: dentro de minha mente, em cada célula do meu corpo, enraizado dentro de mim. Ele era como água entrando em mim, preenchendo-me até quase transbordar, atraindo-me para baixo. Logo, estaria me afogando nos sentimentos por ele. Em breve, nossa paixão se tornaria uma correnteza, puxando-me para as profundezas para me manter com ele para sempre, reclamando-me como sendo *dele*.

Os olhos de Jett cintilavam sob o brilho suave das luzes, e na tranquilidade do lugar seu amor por mim era inconfundível, sua paixão era definitiva. Jett não tinha de me perguntar o que sentia por ele, nem o que queria. Ele *sabia*. Eu sabia. O mundo inteiro sabia.

Podia ver meus sentimentos e desejos refletidos em seus olhos e percebê-los na maneira como me tocava. Estranho que tivéssemos vozes para falar e, ainda assim, nosso coração falava mais alto. Perguntando, e não exigindo. Pedindo, mas não forçando. Deixando-nos conscientes de que havia apenas uma verdade naquele momento único: estávamos apaixonados.

Apoiando-nos um no outro. Loucos um pelo outro. Perdidos em nossa selva de paixão e realização, éramos insaciáveis. Éramos dois de uma só mente.

Seus olhos sondaram os meus com uma delicadeza que me tirou o fôlego. Se quisesse falar, não poderia. Estava com medo de romper o instante porque ele era nosso. Na solidão das paredes ao redor, não importava de onde viemos ou o caminho que tomamos. Não importava quanta dor carregávamos ou se o mundo estava chegando ao fim. Tudo o que importava era que ainda havia um *nós*, depois de tudo que acontecera. O futuro era incerto, mas o amor dele não era.

Jett se inclinou e me beijou delicadamente, a ponta da língua me excitando. Os lábios dele eram suaves, não exigentes, como se tivessem todo o tempo do mundo. Suas mãos tocaram minhas costas, meus quadris, enviando choques por todo meu corpo. Por fora, estava tremendo, não de frio — de desejo. Por dentro, estava estremecendo, pulsando, pedindo — por necessidade. Ele me apertou forte contra a parede e eu envolvi minhas pernas em torno de sua cintura. Minhas mãos correram seu cabelo e se fecharam na nuca, enquanto sua ereção crescente roçava a entrada.

A expressão de Jett me desencadeou uma onda de excitação. Meu núcleo pulsava, clamando por ele. Todo o meu ser queimava e tremia, fervendo com um desejo crescente que só ele podia apaziguar. Empurrando-me para o alto, seu pênis foi pressionado dentro de mim, as mãos me segurando por baixo.

Deixei minha mão deslizar entre nossos corpos, para guiá-lo, embora ele não precisasse de orientação.

Jett nunca precisava.

Gemi, e sua ereção sólida me penetrou de vez, preenchendo todos os cantos. Mudei meus quadris de lugar para deixá-lo deslizar um pouco mais para dentro, ainda que fosse muito grande para eu suportar, seu calor anormal me queimando.

Então, ele começou a se mexer, a água morna ondulando suavemente, assim como o eixo grosso dentro de mim. Minhas entranhas se apertaram com os impulsos de Jett se tornando mais e mais profundos, estendendo-me. A cada estocada, ele acertava meu núcleo, enviando um jato agradável de dor que me atravessava, fazendo-me gritar seu nome. Pressionada entre Jett e a parede aquecida, balancei-me contra ele, até que vivenciei a liberação e, quando gozei, seu corpo se tornou meu santuário.

Capítulo 30

MEU VESTIDO ESTAVA encharcado, o tecido fino quase transparente. Só me restavam duas opções: andar pela casa com uma roupa translúcida e gelada ou ficar nua. Percebi que, de fato, não faria muita diferença.

— Ótimo... — vistoriei o ambiente, na esperança de encontrar algo adequado para proteger minha modéstia. — Você bem que poderia ter me avisado, antes de me jogar na piscina.

— Eu disse que precisava de você molhada — o tom dele era casual, mas não perdi o brilho divertido nos olhos. — Assim é melhor, baby. Gosto do jeito como isso é estimulante.

Santa mãe do duplo sentido!

Minhas bochechas pegaram fogo com suas insinuações e, como se aceitasse a sugestão, uma leve umidade voltou a se manifestar entre minhas pernas. Ele sempre me deixava molhada, quer eu quisesse quer não. E, infelizmente, ele sabia disso.

Observei-o vestir seus jeans, deixando-o desabotoado, revelando fileiras de músculos rígidos e pele bronzeada. Apontei para a camisa, que ele pegava do chão.

— Bom para você. Pelo menos um de nós está seco — flagrei-o olhando para o relógio. — Qual é o próximo plano?

— Iremos lá para fora.

Apertei os olhos.

— Onde?

Ele inclinou a cabeça.

— Para a praia.

— Sem intervalo?

— Sim... — o olhar implacável. — Não vou desperdiçar um minuto.

O vestido, então. Abaixei-me para pegá-lo e vi Jett olhando para minha bunda. Não era nenhuma surpresa encontrá-lo sorrindo.

— Espero que não vá usar isso — ele apontou para o vestido em minha mão. — Prefiro o jeito que você está agora.

— Nua?

Os cantos de seus lábios se contraíram.

— Sim, ao natural. Sem aromas, sem aditivos, sem maquiagem. Despojada de todas as camadas — ele exibiu seu sorriso mais doce. — Só a pureza mais real.

— Por favor, não me peça para andar nua por aí, Jett.

— Não ia pedir — os olhos dele brilharam, é provável que pela ideia de me ter à sua mercê. — Eu planejava suplicar.

— De jeito nenhum.

Coloquei o vestido molhado. Era inútil. Estava tão transparente que eu podia ver o contorno dos mamilos. E, a julgar pelo sorriso de Jett, este fora seu plano, desde o começo. Cruzei os braços sobre o peito e me armei de minha expressão mais séria. Se sorrisse, isso apenas inflaria seu ego e o encorajaria a fazer coisas perversas, das quais eu acabaria participando, porque eram boas demais...

Ou talvez porque você o queira tanto quanto ele a quer.

— Você pode usar esta, baby. — Ele empurrou a camisa seca em minhas mãos. Apertei-a contra o peito, percebendo que era mais curta que meu vestido e mal cobria meu traseiro.

— Está falando sério?

Jett estava de pé, diante de mim, seminu, apenas com a calça jeans, deixando os músculos à mostra. Ele notou meu olhar contemplativo e, como resposta, flexionou os músculos do peito, movimento que fez sua tatuagem parecer viva. Não foi isso, porém, que me fez engolir em seco. Ele era forte e definido. Como uma estátua de bronze. Seu corpo era tão sexy que eu desejava passar minha língua por todas as partes.

— Você é tímida? Ou está apenas fingindo?

Ele retirou meus braços de sobre o peito e os segurou, erguidos. Dentro da piscina, a água tinha coberto meu corpo. Agora, contava apenas com a fina camada do vestido e, sob o olhar dele, senti-me exposta.

— Não há nada a esconder, baby. Você é sexy e linda. Amo cada centímetro de seu corpo — Sua fala tomou conta de mim de tal forma que mais uma vez enrubesci. Ele levou minhas mãos até seu abdômen firme. — Gosto de você me tocando. E isso não é só o que desejo que faça para mim.

Seus olhos encontraram os meus e não consegui evitar que minha boca ficasse seca com a ideia de tê-lo dentro de mim, de novo.

— Estou começando a achar que você é insaciável, Jett — murmurei. — Ou que você é um viciado em sexo.

— Talvez seja — ele sorriu. — Ou só esteja dizendo que não consigo ter o suficiente de você. Ele puxou minha boca para a dele e me beijou, com suavidade.

— Estava pensando que devemos deixar para lá a caminhada na praia e apenas assistir a um filme. Você percebe que nunca fizemos isso? — um sorriso de malícia surgiu em seus lábios. — No escuro, só você e eu.

— Agora parece tentador! — Gostei da ideia de ficar na escuridão com Jett e a maneira como sugeriu fez parecer que ele tinha compartilhado de meus pensamentos não muito bem comportados.

Ele segurou a porta aberta.

— Você, primeiro.

Entrei, voltando-me para ver se estava me seguindo e o percebi com os olhos colados em minhas ancas.

— Linda visão.

Sacudi a cabeça e continuei andando. Um olhar lateral em um dos grandes espelhos me lembrou de que estava horrível. Meu cabelo era uma bagunça completa. A maquiagem tinha desaparecido. No momento em que chegamos ao longo hall de entrada, já havia elaborado uma lista mental de todas as coisas que precisavam de cuidados.

Trocar-me para algo mais adequado.

Secar o cabelo.

Aplicar a maquiagem.

Até ponderei quanto tempo levaria para recuperar meu vestido com um secador de cabelo. E teria de insistir para limpar a casa, antes de irmos embora. De maneira nenhuma, poderíamos deixar pistas de nosso arrombamento e entrada pelos fundos. A última coisa que queríamos era deixar nossas impressões de DNA ou fluidos espalhados por todo canto.

— Você pode me dar vinte minutos? — perguntei, no caminho para a sala de estar.

— Dez minutos — ele beijou minha bochecha e abriu a porta. — Temos apenas mais vinte e duas horas e não estou deduzindo seus minutos de minhas horas escassas — Jett sorriu e, em seguida, bateu em meu traseiro, brincando. — Não me deixe esperando por muito tempo, mulher.

O sotaque do sul, mais uma vez.

Ri e me dirigi às escadas, mas em seguida, lembrei-me de que não era a nossa casa. Nós não fomos nem mesmo convidados. Parei no meio da escada. Jett não tinha se mexido do lugar.

— E sobre a casa? — apontei para as pegadas molhadas no chão de mármore. — Precisamos limpar tudo isso.

— Não torture sua linda cabecinha — disse Jett. — O pessoal da limpeza virá fazer uma faxina na semana que vem, para um dia de visitas de interessados. Eles vão cuidar de tudo. Além disso, Kim sabe — piscou. — E até nos deu sua bênção.

Epílogo

ERAM NOSSAS PRIMEIRAS férias juntos. Chegáramos ao exuberante resort havaiano havia três dias e mal tínhamos saído do quarto para outra coisa senão comer e dar às pobres faxineiras tempo para trabalharem.

— Pronta para uma visita à praia? — Jett perguntou.

Com a luz do luar atravessando a janela do restaurante, o rosto de Jett era só beleza e pura sensualidade.

Dei de ombros e entrelacei meus dedos aos dele.

— Parece bom. Não acho que conseguiria dormir...

— Vou ajudá-la a melhorar isso. — Jett sussurrou e me levou para fora, guiando-me pelo caminho de árvores e arbustos para a praia.

Era verdade. Desde que fui mantida refém e acordei no hospital, não conseguia dormir direito, pois o medo me mantinha acordada, o que o fez insistir comigo para tirarmos aqueles dias. Era para eu descansar, viver e esquecer. Recostei-me em seu braço, aproveitando a deliciosa sensação do som de sua voz me atravessando.

O céu estava escuro, pontilhado por milhares de estrelas. Já havia presenciado essa visão antes, mas ali parecia mais bonito do que nunca. Como se minhas más experiências me levassem a apreciar a vista com mais apuro. Ou porque sempre que Jett estava por perto o mundo parecia diferente. Sereno e colorido. Cheio de magia e mistério. Pura perfeição, exatamente como o homem que amava.

Ele abriu a jaqueta sobre a areia macia e se sentou, a água a apenas alguns centímetros de nossos pés. Em seguida, passou o braço em volta de meus ombros. Absortos em pensamentos e na presença um do outro, assistimos às ondas do oceano esparramando-se sobre a areia.

Sorri para ele e esfreguei meu rosto contra a aspereza de sua barba, desejando que pudesse recolher a magia do momento em um frasco para mantê-la para sempre guardada.

— É tão bonito aqui — murmurei, e voltei minha vista para o céu.

Ele não respondeu. Após um tempo, percebi que Jett estava me olhando, como se eu fosse a única estrela em seu céu noturno. Voltei o rosto para ele, que continuou a me apreciar, com serenidade.

Pela primeira vez, seu silêncio não me preocupou, porque as palavras não eram fortes ou expressivas a ponto de capturar a beleza do momento. Nenhuma frase podia traduzir a magnitude de meus sentimentos ou quanto desejava dividir meu futuro com ele. Nada podia exprimir quanto não queria deixá-lo partir, não ainda, não agora e, certamente, nunca mais. Era triste, porque se estivéssemos em um sonho, gostaria de nunca mais acordar.

Contudo, era a realidade e ao mesmo tempo em que ansiava me esquecer do passado, lembranças horríveis prosseguiram em minha mente. Danny. A propriedade que nunca quis, e tinha herdado. O advogado, Clarkson, que desaparecera. Neste prisma, e pela maneira como as coisas progrediam, sabia que a vida continuaria e que os pequenos momentos passados com Jett não durariam para sempre.

Como bolhas, aqueles instantes chegariam a grandes alturas até que um dia, sabia disso, estourariam, pequenas gotas que teríamos dificuldades de segurar, em queda, até que os fragmentos desaparecessem, deixando para trás nada além de uma memória efêmera. Um sonho. Suspirei com dor, lembrando-me de nunca assumir como definitivo cada minuto passado com o amor da minha vida. Porque todos passariam depressa demais. Como um piscar de olhos. Perdidos para sempre.

— Em que está pensando? — Jett perguntou. — Você tem uma expressão estranha no rosto.

Refleti por alguns segundos se lhe contava ou não, quando me lembrei do conselho de Sylvie, sobre relacionamentos e honestidade. Na serenidade da noite, com os sons suaves do oceano a nos envolver, sabia que podia confiar nele, do jeito como havia feito quando lhe contei sobre meu passado. Por confiar nele, havíamos nos tornado um só espírito, ligados de alguma maneira, como a água com a Lua. Como as marés.

— Quero guardar todas as lembranças felizes vividas com você, porque são a única coisa que me resta do passado, mas não sei como — descansei minha cabeça em seu ombro. — Vejo as estrelas no céu e elas me fazem pensar na vida. Nos muitos planos que habitam minha mente e em como possuo poucas lembranças. Independentemente de quanto tento, não consigo escolher quais quero guardar ou quais posso esquecer. Então, fiquei refletindo, qual é o propósito de criar lembranças de tantos momentos se não posso mantê-las todas comigo?

Jett respirou fundo e soltou o ar, aos poucos.

— Você não precisa se esforçar para se lembrar deles, Brooke — disse. — Os momentos que mais significam para você ficam gravados em sua mente. Eles podem ser poucos, mas são os únicos que de fato importam.

Virei-me para ele, apreciando seus belos olhos.

— Como você sabe?

Ele deu de ombros.

— Sabe por que fiz essas tatuagens?

A pergunta dele me balançou.

— Não... — admiti.

Ele levantou a camisa. Sob o luar, sua pele brilhava dourada, e as tatuagens tribais, pretas, pareciam assombrosamente belas.

— Eu as fiz para me ajudar a lembrar de todas as coisas de que não quero me esquecer — ele apontou para a que ficava na parte superior de seu ombro. — Esta me ajuda a lembrar como meu pai era duro e todas as lições que me ensinou. Ela também me faz lembrar que o verdadeiro poder não vem da submissão ou dos ganhos, mas do controle dos demônios internos. Porque nossos verdadeiros inimigos vivem dentro de nós e se alimentam das lições que não conseguimos aprender no passado — Jett pôs a camisa de volta no lugar. — Desde que consegui as tatuagens, minhas más lembranças se tornaram boas. Até valiosas.

— Talvez devesse fazer minha própria tatuagem — disse.

Ele riu e inclinou a cabeça para o lado.

— Não tenho certeza se quero ver sua pele coberta de tinta. Adoro o jeito como é agora. — Como se para provar o que acabara de dizer, roçou minha clavícula com a ponta do dedo, disparando um arrepio pela espinha.

— Você está me dizendo aquilo que não posso fazer com minha própria pele, é isso? — ergui as sobrancelhas, o que o fez rir ainda mais.

— Se estivermos falando de uma pequena... — ele apontou para meu tornozelo. — Uma pequena, que não seja perceptível, então, sinta-se livre para fazê-la. Eu também farei uma nova, em breve.

— Você nunca me disse que queria uma nova tatuagem.

— Sim, bem, não sabia, até que conheci você.

Ele me deitou de costas e se colocou em cima de mim, seus olhos verdes escuros a me apreciar. Logo abaixo, podia sentir a areia em minha pele. Estava fria, mas não desagradável.

— Sabe a sensação que você tem quando ouve uma música que lhe faz parar de andar, completamente absorvido por ela? Bem, foi assim que me senti, quando a beijei pela primeira vez. Eu soube que poderia lhe amar. Aquela noite no bar? Foi a melhor coisa que já me aconteceu e é isso que desejo colocar em minha próxima tatuagem, para me lembrar. Quero seu rosto em minha pele. Algo para olhar quando você não estiver por perto.

— De jeito nenhum — disse eu, rindo. — Você não vai fazer isso. E se terminarmos e você se arrepender?

Ele balançou a cabeça, lentamente.

— Nunca — Jett ficou tão sério que meu riso morreu na garganta. — Jamais estive tão apaixonado. E nunca ansiei ter alguém tanto quanto quero você em minha vida. Então, você está presa comigo, senhorita Stewart. Quer queira quer não.

— Espero que fique presa a você por muito tempo — murmurei. — Porque os momentos passam depressa demais.

— Não, se eu os prender — disse Jett, acrescentando baixinho: — Não, se forem reais.

Ele sorriu e, pela primeira vez, senti esperança.

— Espero que nossa criança receba seus cílios longos — disse ele, o hálito quente roçando meus lábios, enquanto suas mãos acariciavam meu rosto. — Na verdade, se tivermos uma menina, vamos chamá-la de Treasure.

Uau! Ele já havia escolhido o nome de nosso filho? Sem mim?

— Claro que não! — respondi, bufando.

— Por que não? — a mão dele se arrastou até minha coxa, parando no cóis da calça jeans. — Eu lhe disse uma vez e vou dizer de novo. Você é meu tesouro, Brooke, por isso esse nome é perfeito para ela.

— Isso é discutível — tentei afastar sua mão, mas a atitude se mostrou débil. — Além disso, o que o faz pensar que será uma menina?

— Tem de ser — Os lábios se curvaram em um canto. — Mas, na improvável hipótese de estar errado, deixarei você escolher seu nome, caso seja um menino. — Sua boca encontrou a minha e, sob as estrelas, nenhum beijo poderia ter sido mais perfeito, um momento que esperava que nunca terminasse.

A vida é incontrollável, imprevisível e uma bagunça daquelas. Sem o medo, as perdas e as escolhas erradas que fizemos, não seríamos como estávamos. Embora algumas das decisões tomadas nos tivessem magoado, as dores nos deixaram mais próximos. Sem a paixão, não teríamos nos rendido e conquistado tudo aquilo o que nunca pensei que conseguiríamos. Sem o amor de Jett, não teria aprendido o verdadeiro valor de nosso relacionamento.

Quando Jett me salvou, não salvou apenas minha vida, mas também minhas esperanças e nosso futuro. Ele me permitiu acreditar que nosso amor nunca desapareceria. Ele me deixou uma lembrança da qual não pretendo esquecer. Agora, eu estava pronta para valorizar seu amor, para sempre.

Fim

Para meus leitores: uma carta de agradecimento

HÁ TANTAS COISAS QUE DESEJO dizer no fim do livro e, em particular, desta viagem tão emocionante. Em primeiro lugar, a história de Brooke e Jett ensina que o amor, o verdadeiro amor, não pode ser quebrado. Valem a pena a dor e todas as experiências ruins que possam vir com ele.

Embora esta obra conte uma história de ficção, escrevi-a para mostrar que a vida é uma corrida desordenada, sem nenhuma garantia.

Como as resenhas são difíceis de ser encontradas e os leitores raramente as escrevem, agradeço a todos que dedicaram seu tempo para deixar suas críticas, curtas ou não.

Minha profunda gratidão vai também para os muitos blogueiros (dos quais tive o prazer de conhecer alguns) e a todos os que me apoiaram e ajudaram a espalhar as notícias sobre o livro no Facebook, no Twitter e em blogs. São pessoas simplesmente incríveis.

Agradeço ainda a minhas editoras, Shannon Wolfman e Edee Fallon, pelo trabalho árduo, com quem compartilhei um tempo maravilhoso.

E, acima de tudo, a meus leitores, que me surpreenderam com suas mensagens amáveis. Embora não possa abraçar a todos, ao menos dedico-lhes esta nota de gratidão. Obrigada por lerem e apreciarem a trilogia.

Do fundo de meu coração.

Jessica C. Reed



Conecte-se comigo, on-line:

<http://www.jcreedauthor.blogspot.com>

<http://www.facebook.com/pages/JC-Reed/295864860535849>

<http://www.twitter.com/jcreedauthor>